três
metros
acima
do céu
federico
moccia
EDITORIAL PRESENÇA

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***eLivros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O ***eLivros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***eLivros***.

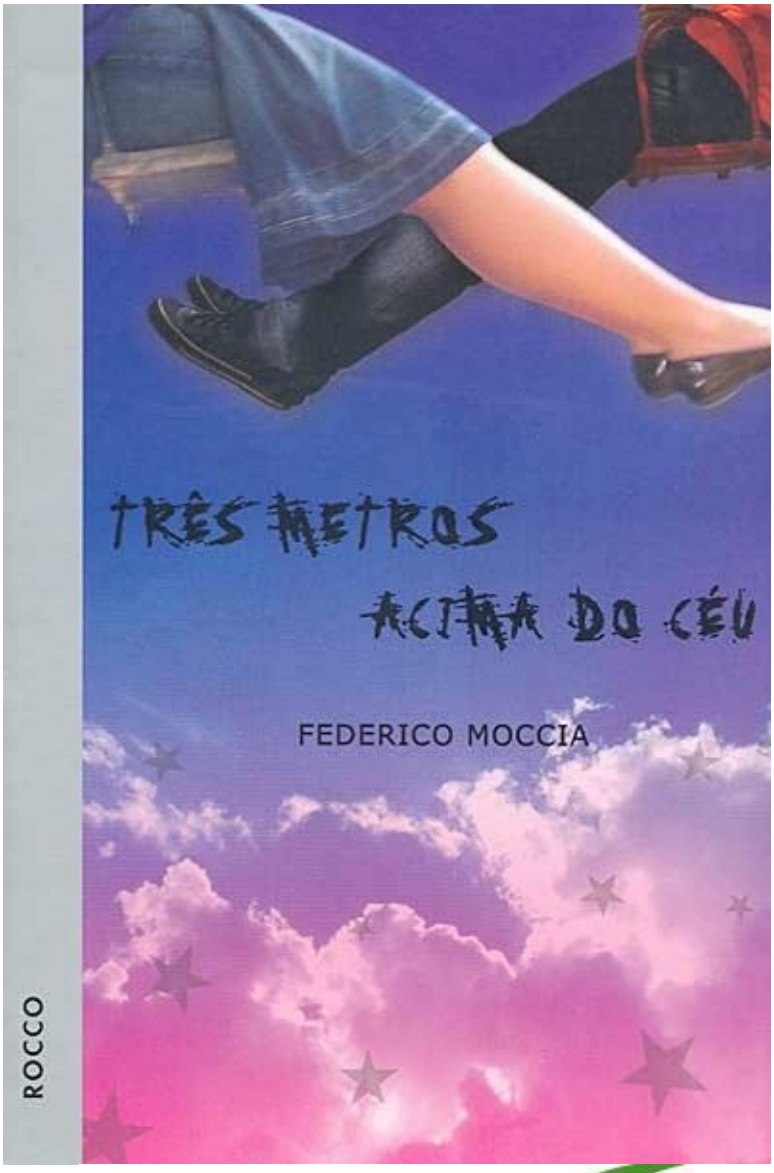
Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar ***Envie um livro*** ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, ***faça uma doação aqui*** :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.online



DIGITAL Source

http://groups-beta.google.com/group/digitalsource

Sinopse

Babi é a menina perfeita. Linda, vestida com as grifes mais caras, sempre com a maquiagem impecável e magra. A melhor aluna da classe. Bem nascida, bem criada e com excelentes modos. Patricinha? É, talvez Babi não se importasse de ser chamada assim.

Step não aparece em casa há dias. E daí? Quem se importa? Afinal, o que pode ser melhor do que uma Honda novinha, várias garotas a fim de fazer de tudo, muita cerveja, roubos, pegas de moto na Estufa e algumas brigas para acabar com a monotonia? Step é o tipo de cara que não tem mais absolutamente nada a perder, para quem o único futuro certo é a morte e qualquer coisa serve para quebrar o tédio. Ele se orgulha da alcunha de badboy.

Certa manhã, quando Babi está indo para a escola com o pai e Step volta de mais uma noitada em sua moto, seus olhares se cruzam em meio a um engarrafamento nas ruas de Roma. A partir daquele dia, suas vidas não serão mais as mesmas. Mesmo indo contra tudo aquilo que conhecem e acreditam, Babi e Step acabam desenvolvendo uma paixão avassaladora da maneira mais inesperada. Ela acaba descobrindo que seguir as regras criadas pelos outros pode ser um fardo que não precisa ser suportado. Ele percebe que o velho mote é realmente verdadeiro: sim, os brutos também amam e, quando isso acontece, pode-se arriscar tudo em nome do amor. Até mesmo uma bem construída fama de chefe de gangue.

Entre festas que varam noites, tatuagens, brigas homéricas, provas desesperadas de afeto e uma tragédia que mudará para sempre o curso dos acontecimentos, Step e Babi vivem uma história de amor, cheia de reviravoltas e

sentimentos à flor da pele, aquele tipo de paixão que só pode ser experimentada

quando se tem 17 anos e acredita-se que tudo ainda é possível.

FEDERICO MOCCIA nasceu em Roma, em 1963. Escreveu textos para

televisão e roteiros para cinema, Três metros acima do céu é seu primeiro romance.

FEDERICO MOCCIA

TRÊS METROS ACIMA DO CÉU

Digitalização: Vítor e Marcilene Chaves

Correção: Marcilene Chaves

Ao meu pai, um grande amigo com quem muito aprendi.

A minha mãe, maravilhosa, que me ensinou a rir.

"Cathia tem a mais bela bunda da Europa." A pichação em vermelho aparece

com todo o seu ostensivo descaramento numa pilastra do viaduto de Corso

Francia.

Ali perto, uma águia real, esculpida há muito tempo, certamente viu o

culpado, mas nunca irá contar. Logo abaixo, sentado como se fosse uma pequena

cria protegida pelas vorazes garras de mármore, está ele.

Cabelo curto, quase raspado, parecido ao de um fuzileiro naval, vestindo

uma jaqueta Levis escura.

Colarinho levantado, um Marlboro na boca, óculos Ray-Ban a ocultar os

olhos. Parece ser um cara mau, embora não precise dessas coisas. Tem um sorriso

lindo, mas são raras as pessoas que tiveram a chance de apreciá-lo.

No fim do viaduto, alguns carros detiveram-se ameaçadores diante do sinal.

Lá estão eles, enfileirados como se estivessem numa corrida apesar da diversidade

de modelos. Um pequeno Uno, um New Beatle, um Micra, um carrão americano

não muito bem identificado, um velho Punto.

Num Mercedes 200, um dedo fino com unhas mordiscadas empurra de leve

um CD. A voz do vocalista de uma banda de rock toma vida inesperadamente nas

caixas laterais do som Pioneer.

O carro volta a avançar acompanhando o fluxo. Ela gostaria de saber

"Where is the love.. ". Mas será que isso existe de verdade? De uma coisa, no

entanto, ela tem absoluta certeza, poderia passar muito bem sem a irmã que do
assento de trás continua repetindo sem parar: "Bota Eros, muda esse troço, quero
ouvir o Eros."
O Mercedes passa justamente quando o cigarro, já no fim, cai no chão
empurrado por um estalar dos dedos e com a ajuda da brisa. Ele desce dos degraus
de mármore, ajeita os seus jeans 501 e monta na Honda azul VF 750 Custom.
Como que num passe de mágica está entre os carros. O seu Adidas direito muda as
marchas, refreia ou deixa à solta o motor que, poderoso, empurra-o como uma
onda pelo tráfego.
O sol continua a subir no céu, é uma linda manhã. Ela está indo para o
colégio, ele ainda não foi dormir depois da noitada de ontem. Um dia normal,
como qualquer outro. Mas o sinal faz com que fiquem emparelhados. E aí o dia
deixa de ser como os demais.
Vermelho.
Olha para ela. O vidro está aberto. Uma madeixa loira-acinzentada vez por
outra esvoaça sobre o pescoço macio dela. Um perfil marcante e ao mesmo tempo
delicado, olhos azuis, suaves e serenos, ouvem a música com ar sonhador. Toda
aquela calma desperta a curiosidade dele.
— Olá!
Ela se vira e olha para ele. A janela está aberta. O rapaz sorri, parado ao lado,
sentado na moto, de ombros largos, as mãos já bronzeadas demais para aquele
começo de abril.
— Que tal dar uma volta comigo?
— Não dá. Estou indo para o colégio.
— Então não vá. Apenas finja. Pego você logo ali na frente.
— Desculpe. — O sorriso dela é fingido, forçado. — Acho que não me
expliquei direito, não estou a fim de sair com você.

— Não sabe o que está perdendo. .

— Duvido.

— Sou a solução para os seus problemas.

— Não tenho problemas.

— Quem duvida, agora, sou eu. Verde.

O Mercedes 200 dá um pulo para a frente apagando de vez o sorriso confiante dele. O pai vira-se para ela.

— Quem era o sujeito? Um amigo seu?

— Nada disso, pai, apenas um idiota. .

Depois de alguns segundos, a moto encosta de novo. Ele segura com a mão esquerda a janela e acelera de leve com a direita, só para não ter de fazer muita força para deixar-se puxar, embora aquele braço de estivador possa, sem dúvida alguma, agüentar o tranco sem maiores problemas.

O único que parece ter problemas, no entanto, é o pai.

— Que diabos esse infeliz quer fazer? Por que está chegando tão perto?

— Deixa comigo, papai. Vou cuidar dele.. Ela se vira para o desconhecido decidida.

— Olha aqui, você não tem nada melhor para fazer?

— Não.

— Então arranje.

— Já arranjei uma coisa legal.

— E o que é?

— Dar uma voltinha com você. Vamos lá, podemos dar uma esticada até a Olímpica, acelerar firme com a moto e aí pago o seu almoço antes de levar você de volta para a escola na hora da saída. Eu juro.

— Não acho que os seus juramentos valham lá muita coisa.

— É isso aí — ele diz sorrindo. — Está vendo quantas coisas você já sabe a meu respeito? Diz a verdade, já está gostando de mim, não é?

Ela dá uma gargalhada sacudindo a cabeça.

— Muito bem, já chega. — E abre um livro que tira da bolsa de couro Nike.

— É melhor eu pensar no meu único problema atual.

— Que seria?

— A prova oral de latim.

— Achei que tivesse a ver com sexo.

Ela vira o rosto irritada. Dessa vez, não sorri, nem mesmo de brincadeira.

— Tire a mão da janela.

— E aonde você quer que eu bote? Ela aperta um botão.

— Não posso dizer, o meu pai está aqui.

O vidro começa a subir. Ele espera até o último momento para tirar a mão e se soltar.

— A gente se vê.

Nem tem tempo de ouvir o seco "não" dela. Inclina-se de leve para a direita.

Troca rapidamente a marcha para enfrentar a curva e desaparece entre os carros com uma aceleração espasmódica.

Mercedes segue em frente em sua viagem, agora mais tranqüila, rumo à escola. — Você sabe quem era? — A cabeça da irmã desponta inesperada entre os dois assentos. — Chamam ele de Nota Dez.

— Para mim, não passa de um idiota.

Ela abre então o livro de latim e concentra-se no ablativo absoluto. De repente, pára de ler e olha para longe. Será que é realmente aquele o seu único problema? É claro que a insinuação daquele cara não tinha nada a ver. De qualquer maneira, nunca mais irá vê-lo. Recomeça a ler decidida. O carro vira à esquerda, para a Falconieri.

— Pois é, não tenho nenhum tipo de problema e nunca mais vou me encontrar com ele.

Na verdade, nem desconfia como está errada. A respeito de ambas as coisas.

A lua aparece alta e pálida entre os galhos mais altos de uma árvore frondosa. Os ruídos chegam aos ouvidos estranhamente amortecidos. De uma janela, ouvem-se as notas de uma música lenta e agradável. Logo abaixo, as linhas brancas da quadra de tênis relu-zem retas na alvura do luar enquanto o fundo da piscina vazia espera tristonho a chegada do verão. No primeiro andar de um palacete do condomínio fechado uma jovem loira, não muito alta, de olhos azuis e pele aveludada, olha indecisa para a própria imagem no espelho.

— Vai querer o tomara-que-caia com stretch da Onix?

— Não sei.

— E a calça preta? — Babi grita mais alto do seu quarto.

— Não sei.

— E ojuseau, pode ser?

Parada no batente da porta, Daniela está agora olhando para Babi diante das gavetas abertas e as roupas espalhadas pelo quarto numa verdadeira balbúrdia.

— Acho que vou ficar com isso. .

Daniela avança entre vários pares de tênis Superga de cores diferentes, mas todos trinta e sete.

— Não, esse não. Faço questão.

— Vou pegar assim mesmo.

Babi levanta-se num pulo, apoiando as mãos nos quadris.

— Desculpe, mas ainda nem experimentei. .

— Deveria ter pensado nisso antes. E, além do mais, vai alargar todo. — Daniela olha irônica para a irmã.

— Como é que é? Você só pode estar brincando! Lembre-se de que foi você, outro dia, que vestiu a minha saia azul e agora nem alguém com visão de raios

X consegue perceber as minhas curvas maravilhosas. .

— Não tem nada a ver! Quem deixou a saia desse jeito foi o Chicco Brandelli.

— O quê? O Chicco tentou alguma coisa e você não me contou nada?

— Não tem muito o que contar.

— Eu não diria isso, pelo jeito que esta saia...

— É só aparência. O que acha deste casaquinho azul, com a camiseta pêssego por baixo?

— Não mude de assunto. Conte o que aconteceu.

-Ah, você sabe como é.

— Não sei não.

Babi olha para a irmã menor. Não pode ainda sabê-lo. É verdade, ela não sabe. Ela não tem nada bonito o suficiente para fazer com que alguém amassasse

sua saia.

— Nada demais. Está lembrada que outro dia disse para a mamãe que ia estudar na casa da Pallina?

— Lembro, e daí?

— E daí que eu fui ao cinema com o Chicco Brandelli.

— E o que rolou?

— O filme não era nada demais e, pensando bem, ele também não.

— Tudo bem, mas vamos ao que interessa. Como foi que a saia ficou toda descosturada?

— Bom, o filme já tinha começado havia uns dez minutos e ele não parava quieto. Cheguei até a pensar: "É verdade que esse cinema não é lá muito confortável, mas acho que o Chicco está mesmo a fim de alguma coisa." E não deu outra. Só levou mais alguns segundos para ele se virar levemente de lado e passar o braço por cima do meu encosto. Que tal esse aqui? O que acha do conjuntinho verde com os botões na frente?

— Continue.

— Resumindo, logo a mão dele começou a descer do encosto e foi parar nos meus ombros.

— E você?

— Eu... nada. Não estava dando a mínima para ele. Assistia ao filme com a maior atenção. Aí, ele me puxou e me lascou um beijo.

— Um beijo, o Chicco Brandelli? Uau!

— E precisa ficar tão animada?

— Como assim? Ele é o maior gato.

— É verdade, mas ele só pensa em como é bonito... Passa o tempo todo olhando para si mesmo, procurando algum espelho... Resumindo, não demorou muito para ele se empolgar de novo. Até me comprou um Cornetto. O filme tinha ficado visivelmente melhor, talvez também por causa da parte de cima do Cornetto, aquela com a cobertura de amendoim. Estava uma delícia. Por isso, acabei baixando a guarda e ele se aproveitou para botar as mãos em lugares íntimos demais para o meu gosto. Tentei afastar aquela mão boba e ele nada, se agarrava mais ainda na sua saia azul. E foi aí que ela descosturou.

— Que nojento!

— Pois é, ele não queria me largar de jeito nenhum. E sabe então o que aquele ridículo fez?

— O quê?

— Abriu a calça, segurou a minha mão e empurrou para baixo, bem para o

pinto dele. .

— Fala sério! Esse cara é mesmo um porco! E aí?

— Então, para acalmá-lo, tive de sacrificar o meu Cornetto. Enfiei o sorvete com toda a força bem no meio da calça aberta dele. Nem imagina o pulo que ele deu! — É isso aí, maninha! É isso o que eu chamo de coração de baunilha e chocolate. .

As duas caem na gargalhada. Então, Daniela, aproveitando o clima de alegria que se criou, afasta-se com o conjunto verde da irmã.

Perto dali, sentado no confortável sofá de estampa cachemir, no escritório, Cláudio está preparando o cachimbo. Acha todo aquele ritual bastante divertido, mas, na verdade, trata-se apenas de um compromisso. Já não deixam que em casa fume os seus Marlboros. A mulher, fanática jogadora de tênis, e as filhas típicas representantes da geração-saúde, começam a gritar toda vez que acende um cigarro, de forma que achou melhor passar para o cachimbo. "Dá um toque de classe, faz com que você fique com um ar mais pensativo!" dissera Raffaella. Isso acabou fazendo com que ele pensasse no assunto. Melhor ficar com aquele pedacinho de pau entre os lábios e guardar o maço de Marlboro escondido no bolso do que brigar com ela.

Solta uma baforada enquanto zapeia os canais da tevê. Já sabe onde parar.

Algumas garotas descem por uma escada lateral cantarolando uma musiquinha idiota e balançando as tetas empinadas.

— Cláudio, você já está pronto? Ele muda imediatamente de canal.

— Claro, meu amor.

Raffaella olha para ele. Cláudio continua sentado no sofá, já não tão seguro como antes.

— Toma, acho melhor você trocar a gravata. Use essa aqui. Raffaella sai do aposento sem dar qualquer possibilidade de resposta. Cláudio desata o nó de sua

gravata preferida. Depois, aperta o botão número cinco do controle remoto. Mas,
no lugar daquelas garotas, tem de se contentar com uma pobre dona de casa que,
emoldurada dentro de um alfabeto, tenta ficar rica. Cláudio levanta o colarinho e
dedica ao novo nó toda a sua atenção.
No pequeno banheiro que separa os quartos das duas irmãs, Daniela está
exagerando com o delineador.
Babi chega perto dela.
— O que acha?
Está usando um vestido florido, leve e rosado. Aperta delicadamente a sua
cintura, deixando o resto livre e solto para acariciar o seu quadril macio do jeito que
quiser.
— E então, como estou?
-Bem.
— Mas não muito bem.
— Muito bem.
— Tudo bem, já entendi. Mas por que esse desânimo? Daniela continua
tentando traçar sem tremores a linha que deveria tornar seus olhos mais longos.
— É que não gosto da cor.
— Tudo bem, mas tirando a cor. .
— Também não morro de amores por essas alças tão largas.
— Está bem, mas fora as alças. .
— Já sabe, não gosto de flores.
— Sei, mas esqueça as flores.
— Agora sim, você está maravilhosa.
Nada satisfeita e sem ela mesmo saber o que teria gostado de ouvir como
resposta, Babi pega o vidro de Caronne que os pais compraram numa loja àofree
shop quando voltaram das Maldivas. Ao sair, esbarra em Daniela.
— Cuidado, sua desajeitada!
— Cuidado você! Não preciso de tanto tempo assim para deixar seu olho
roxo. Veja só que porcaria ficou essa maquiagem!
— É por causa de André.
— André quem?
— Palombi. Um carinha que conheci na saída do colégio. Ele estava

conversando com a Mara e a Francesca, do quarto ano. Quando elas foram embora, contei que também estudava na mesma turma que elas. Que idade você me daria, maquiada desse jeito?

— Bom, parece mais velha. Pelo menos quinze anos.

— Mas eu tenho quinze anos!

— Diminua um tiquinho aqui.. — Babi molha a ponta do indicador na boca e o massageia nas pálpebras da irmã. — Prontinho!

— E agora?

Babi olha a irmã franzindo a sobrancelha.

— Está quase com dezesseis.

— Muito pouco, ainda.

— Estão prontas, meninas?

Já perto da entrada, Raffaella liga o alarme. Cláudio e Daniela passam rápidos diante dela, a última a chegar é Babi. Entram todos no elevador. A noite está a ponto de começar. Cláudio procura ajeitar melhor o nó da gravata. Raffaella apressa-se a passar várias vezes a mão direita por baixo do penteado. Babi arruma o casaco escuro com ombreiras vistosas. Daniela limita-se a dar uma olhada no espelho, já sabendo que vai encontrar os olhos da mãe.

— Não acha que está maquiada demais? Daniela ensaia uma resposta.

— Deixa para lá, já estamos atrasados, para variar. — E, dessa vez, o olhar de Raffaella cruza no espelho com o de Cláudio.

— Fiquei esperando por vocês, ora essa! Estava pronto desde as oito!

Passam em silêncio pelos últimos andares. O cheiro do guisado da mulher do porteiro invade o elevador. Aquele sabor da Sicília mistura-se por um momento com a turma francesa de Caronne, Drakkar e Opium. Cláudio sorri.

— É a senhora Terranova. O ensopado dela é uma coisa.

— Leva cebola demais — sentencia com segurança Raffaella, que de alguns tempos para cá optou pela cozinha francesa, provocando a sincera preocupação de todos e o desespero da empregada da Sardenha.

O Mercedes pára diante da entrada do prédio.

Raffaella, com o ruído dourado das jóias que lembram datas e natais mais

ou
menos felizes, quase sempre bastante caros, senta na frente, e as filhas atrás.
— Posso saber por que não deixam a Vespa mais encostada na parede?
— Ainda mais grudada do que isso? Ora papai, você é um barbeiro..
— Não fica bem você falar assim com seu pai, Daniela.
— O que acha, mamãe, de a gente ir à escola de Vespa amanhã?
— Não acho aconselhável, Babi, ainda está muito frio.
— Mas temos o quebra-vento.
— Daniela. .
— Mas mamãe, todas as nossas amigas. .
— Ainda estou para ver todas essas amigas de vocês, com suas Vespas.
— Não seja por isso. A Marina acaba de ganhar uma motinha Peugeot
novinha em folha que, além do mais, já que você está tão preocupada, corre muito
mais do que a Vespa.
Fiore, o porteiro, levanta a barra. O Mercedes espera, como todas as noites,
o vagaroso subir daquele longo ferro com tiras vermelhas. Cláudio esboça um
cumprimento. Raffaella só pensa em encerrar a conversa.
— Se na semana que vem ficar mais quente, então voltamos a pensar no assunto.
O Mercedes sai com uma migalha de esperança a mais no assento de trás e um arranhão no espelhinho lateral direito. O porteiro volta a assistir ao seu programa na tevê.
— Ainda não me disse o que acha da minha roupa. Daniela vira-se para a
irmã. As ombreiras são um tanto largas demais e, no seu entender, Babi parece
muito séria.
— Você está maravilhosa. — Ela já tinha entendido perfeitamente como deveria tratar a irmã.
— Não é verdade. As ombreiras são muito grandes e pareço certinha
demais, como você sempre diz, sua mentirosa! Sabe de uma coisa? E vai pagar por
isto. O André nem vai olhar para a sua cara. Aliás vai olhar, sim, mas só para não
reconhecê-la com esses olhos tão pintados, e vai acabar ficando com a Giulia.
Daniela tenta retrucar, principalmente no que diz respeito à Giulia, sua pior inimiga, mas Raffaella corta logo a conversa.

— Vamos parar com isso, meninas, se não vou levar vocês de volta para casa.

— Posso dar meia-volta? — Cláudio pergunta com um sorriso, ensaiando voltar para casa. O olhar da mulher, no entanto, faz com que logo se cale.

Rápido e livre, sombrio como a noite. Luzes refletidas lampejam rápidas nos retrovisores da moto. Chega à praça, só desacelera o bastante para certificar-se de que ninguém vem da direita, para seguir então pela rua Vigna Stelluti a toda velocidade.

— Não agüento mais esperar, já faz dois dias que não nos vemos. — Uma linda morena de olhos verdes e traseiro apertado em cruéis jeans Miss Sixty sorri para a amiga, uma loirinha tão alta quanto ela, mas bem mais redondinha.

— Ora, Maddá, você sabe como é, mesmo que tenha rolado alguma coisa entre vocês não quer dizer que estejam juntos.

Montadas em suas motinhas, fumam cigarros fortes demais, tentando aparentar uma idade que na verdade não têm.

—Além do mais, soube que ele não costuma ligar para ninguém.

— Quem disse?

— Os amigos dele. Por quê? Ligou para você?

— Ligou.

— Vai ver que foi por engano.

— Duas vezes?

Sorri satisfeita ao perceber que conseguiu deixar a amiga sabi-chona de queixo caído, mostrar que não estava disposta a desistir tão fácil.

— Acho bom você não confiar muito nesses tais amigos — continua. — Já reparou na cara deles?

Ali perto, apoiados em motos tão poderosas quanto seus próprios músculos, Pollo, Lucone, Hook, o Siciliano, Bunny, Schello e mais alguns outros. Nomes improváveis que escondem histórias complicadas. Nenhum deles tem um emprego fixo. E tampouco tem muito dinheiro no bolso. Mas estão à vontade e parecem aproveitar a vida. É tudo o que querem. Além do mais, gostam de brigar e as ocasiões para isso não lhes faltam. Parados ali, na praça Jacini, encostados em suas

Harleys, nas velhas 350 Four com os quatro canos de descarga originais, ou com o

clássico silencioso quatro em um de ronco mais profundo. Sonhadas, desejadas e

finalmente conseguidas dos pais após inúmeras e incansáveis súplicas. Ou então

graças ao sacrifício da infeliz poupança de algum desavisado que deixou a carteira

no porta-volumes da Vespa ou no bolso interno de algum Henry Lloyd dando sopa

na hora do recreio.

Lá estão eles, sorrindo satisfeitos, piadistas esculturais, com as mãos pesadas

mostrando os sinais das muitas brigas. John Milius iria adorar.

Menos espalhafatosas e posudas, as garotas trocam risinhos. Quase todas

escapuliram de casa com a desculpa de uma soneca tranqüila na casa de alguma

amiga, que por sua vez também está ali, filha da mesma mentira.

Glória, a menina de fuseau azul e camiseta da mesma cor com pequenos

corações mais claros, abre-se num lindo sorriso.

— Ontem fiquei numa boa com Dario. Comemoramos os seis meses que

estamos juntos.

"Seis meses", Maddá fica imaginando. "E pensar que eu já ficaria satisfeita

com um só."

Ela suspira, então recomeça a sonhar embalada pelas palavras da amiga.

— Fomos comer uma pizza no Baffetto.

— Corta essa, eu também estava lá.

— A que horas?

— Deviam ser mais ou menos onze.

Glória odeia aquela amiga que fica se metendo no relato dela o tempo todo.

Sempre aparece alguém para cortar seu sonho.

— Então é isso. A gente já tinha ido embora. Mas vocês querem ouvir a

história ou não, afinal?

Ouve-se um coro de "sins" saindo daquelas bocas dos mais variados sabores

de batom e de brilhos roubados de vendedores distraídos ou banheiros maternos

mais fartos do que muitas perfumarias de pequeno porte.

— Numa hora, apareceu o garçom com uma dúzia de rosas vermelhas

enormes. E o Dario sorria enquanto todas as jovens na pizzaria olhavam

para mim
emocionadas e morrendo de inveja.
Quase se arrepende da frase, percebendo ao seu redor aqueles mesmos olhares.
— Não, não.. Não foi por causa do Dario Foi pelas rosas! Uma gargalhada boba faz com que se sintam novamente juntas.
— Então, ele me beijou na boca, segurou a minha mão e me deu isso. —
Glória mostra às amigas um anel fino com uma pequena pedra azulada, de reflexos
quase tão alegres quanto os seus olhos apaixonados. Murmúrios de surpresa e um
"Que coisa mais linda!" acompanham a apresentação da pequena jóia.
— Depois fomos até lá em casa e ficamos juntos. Os meus pais não
estavam, foi maravilhoso. Botei o CD de Cremonini, eu adoro. Ficamos deitados
na varanda, juntinhos, contando estrelas.
— E tinha muitas? — Madalena é, sem dúvida alguma, a mais romântica da turma. — Um montão!
Perto dali, uma versão diferente.
— O que deu em você, ontem? Parecia meio desligado...
Hook. O rapaz que usa um tapa-olho sempre preso bem firme. Longa
cabeleira encaracolada, um tanto descorada nas pontas, que poderia lembrar um
anjo barroco não fosse a sua reputação realmente infernal.
— E então, o que acabou fazendo ontem à noite?
— Nada de mais. Fui jantar no Baffetto com a Glória e aí, como os seus pais
não estavam, fomos para a casa dela e deixamos rolar. O de sempre, nada especial..
Mudando de assunto, já viram como reformaram o Panda?
Dario procura despistar mas Hook não parece disposto a largar o osso.
— Acontece o tempo todo com os lugares como esse, pelo menos a cada três ou quatro anos.. Mas explique-me antes por que não me chamaram?
— Saímos quase sem pensar no assunto, assim, de repente.
— Estranho, você não costuma fazer as coisas sem pensar duas vezes.
Tudo indica que a conversa pode acabar mal. Os outros logo percebem.
Pollo e Lucone param de chutar uma latinha amassada. Eles se aproximam
sorrindo. Schello dá uma tragada mais longa no cigarro e faz a costumeira careta.

— Sabem de uma coisa, caras, ontem o Dario e a Glorinha comemoraram seis meses juntos, e acho que ele decidiu festejar sozinho.

— Que nada.

— É mesmo? Você foi visto comendo uma pizza. E me diga uma coisa, é verdade que está a fim de abrir o seu próprio negócio?

— Pois é, andam dizendo que você está pensando em montar uma loja de flores.

— Uau! — Todos começam a cutucá-lo com palmadas e cotoveladas nas costas enquanto Hook lhe dá uma gravata e esfrega com força a sua cabeça.

— Uma florzinha, o menino...

— Me solta. . Isso dói.

E todos os outros caem em cima dele, rindo como se estivessem possuídos, quase sufocando Dario com seus músculos ana-bolizados. Então, Bunny, deixando bem à mostra os incisivos responsáveis pelo apelido, grita quase que numa inspiração súbita.

— Vamos pegar a Glória!

Os tênis Ali Star azuis, com a estrelinha vermelha no meio da rodela de borracha na altura do tornozelo, pulam da Vespa e pousam agilmente no chão.

Glória só consegue dar uns poucos passos, correndo, mas é logo agarrada pelos braços fortes do Siciliano. Os cabelos loiros do rapaz criam um estranho contraste com seus olhos pretos, com as sobrancelhas mal e porcamente remendadas, com aquele nariz mole e achatado, de frágil cartilagem há poucos meses amaciada por um soco bem dado na taberna da Fiermonti.

— Me solta, pára com isso!

Schello, Pollo e Bunny logo se aproximam. Fingem ajudar a lançar para o ar aqueles cinqüenta e cinco quilos bem distribuídos cuidando de pôr as mãos nos lugares certos.

As outras garotas também se aproximam.

— Parem com isto, deixem a Glória em paz.

— Quer dizer que acharam melhor comemorar sozinhos, não é? Agora é a nossa vez de festejar, do nosso jeito!

Voltam a jogar Glória para o ar, rindo e brincando ruidosamente.

Dario, apesar de oferecer rosas de presente e de ser um tanto menor do que os outros, consegue abrir caminho aos trancos e barrancos. Segura Glória bem na hora de ela voltar ao chão e a protege, empurrando Glória atrás de si.

— Agora chega. Já se divertiram o bastante.

— E daí? Vai tomar alguma atitude?

O Siciliano sorri e planta-se diante dele de pernas abertas. Os jeans levemente mais claros na altura dos músculos esticam-se. Glória, meio escondida atrás de Dario, só deixa entrever uma parte do rosto. Por enquanto, conseguiu segurar as lágrimas, mas agora parece até estar prendendo a respiração.

— E aí, o que é que você vai fazer? Dario fica encarando fixo o Siciliano.

— Sai da minha frente, babaca, você só sabe mesmo encher o saco.

O sorriso debochado desaparece dos lábios do Siciliano.

— O que foi que disse?

A raiva faz tremelicar os seus peitorais. Dario aperta os punhos. Um dedo perdido entre os demais estala com um baque abafado. Glória fecha os olhos,

Schello fica com o cigarro a balançar pendurado na boca. Silêncio. De repente um rugido rasga o ar. A moto de Step aparece num estrondo. A máquina volta a se levantar após inclinar na curva, para logo depois frear e parar bem no meio do grupo. — E então, caras, quais são as novidades?

Glória pode finalmente voltar a respirar. O Siciliano continua a fitar Dario com ar desafiador.

A sombra de um sorriso adia para outra hora a questão.

— Tudo na mesma, Step. Muita conversa e pouca ação.

— Está a fim de desenferrujar os ossos?

A barra de apoio se solta com o estalo de uma mola e segura a moto, fincando-a no chão. Step desmonta e tira o casaco de couro.

— Algum desafiante?

Ele se aproxima de Schello e, o abraçando, tira-lhe das mãos a Heineken que o outro acaba de abrir.

— Oi, Sche.

— Oi.

Schello sorri feliz diante daquela prova de amizade, mas o sorriso morre quando lembra da cerveja perdida.

Quando o rosto de Step baixa novamente após um longo trago, os seus olhos encontram Madalena.

— Oi.

Os lábios macios dela, um tanto rosados e pálidos, mal chegam a se mexer enquanto formulam o quase inaudível cumprimento. Os pequenos dentes, brancos e bem nivelados, iluminam-se enquanto os olhos verdes, maravilhosos, tentam inutilmente transmitir todo o seu amor. Madalena o encara, incapaz de desviar o olhar, de se mexer, de fazer qualquer coisa, de deter seu pequeno coração que, como um louco, enfrenta um solo digno da guitarra de Clapton.

— Segura.

Step tira do pulso o Daytona de pulseira metálica e o entrega nas mãos dela.

Madalena fica olhando enquanto ele se afasta e então aperta o relógio com força, levando-o ao ouvido. Escuta o leve zumbido, o mesmo que alguns dias antes ouviu embaixo do travesseiro quando ele ainda dormia e ela vivia alguns minutos da sua existência somente para observá-lo. Naquela ocasião, no entanto, o tempo parecia ter parado.

Step sobe com agilidade na marquise da rua Lazzareschi, apoi-ando-se na grade do cinema Odeon.

— E então, quem está comigo? Será que vou precisar mandar um convite impresso?

O Siciliano, Lucone e Pollo não fazem cerimônia. Um depois do outro, como macacos com casacos Avirex no lugar da pele cabeluda, galgam a grade sem maiores problemas. Alcançam a marquise com Schello fechando o grupo e arfando para recuperar o fôlego.

— Chega, para mim. Prefiro ser o juiz. — E dá um gole na Heineken que conseguiu milagrosamente não derramar durante a trabalhosa escalada,

apenas uma
brincadeira de criança para os demais, mas um verdadeiro Everest para ele.
As figuras destacam-se na penumbra da noite.
— Estão prontos? — grita Schello levantando o braço com um movimento repentino. Um esguicho de cerveja respinga logo abaixo em Valentina, uma graciosa morena que algum tempo está ficando com Gianluca, o atarracado filho do
dono de uma fábrica de gravatas.
— Merda! — desabafa, criando um inesperado contraste com o seu rosto delicado. — Preste atenção, droga!
As amigas riem enquanto enxugam os respingos de cerveja.
Quase em conjunto, uns dez corpos musculosos e bem treinados aprontam-se em cima da marquise com os braços esticados e paralelos, rostos retesados,
peitos estufados.
— Vamos lá! Um! — grita Schello, e todos os braços flexionam-se sem esforço. Silenciosos e em plena forma, baixam até o mármore frio para logo subir
de novo. Nem têm tempo para se recuperar.
— Dois! — E lá descem eles de novo, cada vez mais rápidos e decididos.
-Três! — Mais uma vez como antes. Mais depressa e com mais vontade do que antes.
— Quatro! — Os rostos que mais parecem caretas surrealistas, os narizes que descem todos juntos, marcados por pequenas e espasmódicas rugas. Descem
com rapidez e facilidade, quase alcançam o chão para logo voltarem novamente
para cima.
— Cinco! — berra Schello, dando um último gole na latinha e soltando-a no
ar.
— Seis! — Com um chute sem pulo acerta-a com precisão.
— Sete! — A latinha voa para longe e acaba caindo como uma pedra bem em cima da Vespa de Valentina.
— Você é um babaca mesmo, seu idiota! Não vou ficar aqui nem mais um minuto. — As amigas caem na gargalhada.
Gianluca, o namorado dela, pára a malhação e pula da marquise.
— O que é isso, Vale. Deixa de ser chata. — Ele a segura pelos braços e tenta detê-la. Finalmente consegue pará-la com um beijo, que acaba com a

conversa.

— Tá bom, tá bom, mas você tem de fazer com que aquele sujeito se manque.

— Oito! — Schello continua a saltitar alegre em cima da marquise agitando os braços. — Ei, turma, com a desculpa de a garota ter ficado brava um cara já desistiu, mas a competição continua.

— Nove! — Todos riem e, um tanto mais acalorados, os corpos voltam a descer. Gianluca olha para Valentina.

— Acha mesmo que vale a pena dizer alguma coisa para um sujeito desses?

— Ele segura o rosto dela entre as mãos. — Tenta entender, amorzinho. Ele não sabe o que faz. — Gianluca demonstra um razoável conhecimento da teoria, mas nenhum da prática, já que logo começa a dar uns amassos em Valentina apoiando-se na Vespa dela, bem na frente das outras garotas.

O vozeirão do Siciliano, com o sotaque particular daquela sua terra que além da pele morena também lhe deu o apelido, ecoa na praça.

— Ânimo, Schello, já estou ficando com sono!

— Dez!

Step baixa com facilidade. A curta camiseta azul deixa à mostra os seus braços. Os músculos estão inchados. O coração pulsa, poderoso, nas veias, mas com batimento ainda lento e tranqüilo. Bem diferente daquela outra vez. Naquele dia o seu jovem coração começara a bater rápido, como enlouquecido.

Dois anos antes. Bairro Fleming.

Uma tarde como qualquer outra, a não ser pela Vespa novinha, ainda amaciando antes de ser envenenada. Step está dando uma volta para testá-la. Passa diante do Bar Fleming quando alguém o chama.

— Oi, Stefano, o que está fazendo por aqui?

Annalisa, uma gracinha loira que conheceu no Piper, aproxima-se. Stefano pára. — E aí, o que está rolando?

— Nada de mais, fui estudar na casa de um amigo e já estou voltando para casa. Tudo acontece num piscar de olhos. Alguém chega por trás e tira o boné dele. — Você só tem dez segundos para sumir daqui.

Um tal de Poppy, um sujeito bem mais pesado do que ele, o está agora encarando, ameaçador. Segura o boné de Stefano, um boné que está na moda. Uma espécie de touca de abas frouxas que todos estão usando na Villa Flamínia. Colorido, feito à mão, tricotado por alguma garota. Esse foi um presente da mãe que assumiu o papel da namorada que ele ainda não tem.

— Está me entendendo? Suma daqui.

Annalisa olha ao redor e, percebendo a situação, decide se afastar. Stefano desmonta da Vespa. A turma do cara chega perto. Jogam o boné uns para os outros, rindo, até ele voltar às mãos de Poppy.

— Devolva!

— Ouviram isso? O cara está todo nervosinho. Ele deve ser da pesada.

"Devolva!" — macaqueia provocando uma gargalhada geral. — E o que você vai fazer se eu não te devolver? Vai me dar um soco? Então tente, vamos lá, me esmurre.

Poppy se aproxima com os braços baixos e a cabeça levantada. Com a mão livre aponta para o queixo.

— Vamos, acerte aqui.

Stefano o encara fixamente. A raiva faz com que já não veja mais coisa alguma. Ensaia um golpe mas mal consegue se mexer já que alguém segura o seu braço por trás. Poppy joga displicentemente o chapéu para alguém ao lado e

desfecha um murro no seu olho direito. O sangue jorra da sobrancelha de Stefano.

Depois, o bastardo que o segura por trás o empurra para frente até encostá-lo na

porta do Bar Fleming que, quando os funcionários se deram conta do que estava

acontecendo, fechou antes da hora. Stefano choca-se ruidosamente contra a grade

de metal. Logo em seguida recebe uma saraivada de murros nas costas até alguém

forçá-lo a virar-se. Acaba ficando achatado contra a porta do bar, já bastante

machucado. Tenta se defender, mas não consegue. Apoiando as mãos na grade,

Poppy segura firme a nuca de Stefano, imobilizan-do-a num aperto de aço. Passa a

golpeá-lo com violentas cabeçadas. Stefano tenta proteger-se do melhor jeito

possível, mas aquelas mãos o seguram, ele não consegue se livrar delas. O sangue

começa a escorrer pelo seu nariz, uma voz feminina grita.

— Chega, parem com isso! Vão acabar matando o garoto!

Deve ser Annalisa, fica pensando. Stefano tenta dar uns pontapés, mas não

consegue mexer as pernas. Só fica percebendo o barulho dos golpes. Quase não

doem mais. Foi aí que apareceram algumas pessoas mais velhas, alguns passantes, a

dona do bar. "Vamos, sumam daqui." Afastam os garotos aos empurrões, puxando-

os pelas camisetas, pelas jaquetas, arrancando-as deles. Stefano agacha-se devagar,

deixando escorregar as costas na porta da loja até acabar sentado no degrau. A sua

Vespa está logo ali, deitada no chão como ele. Talvez tenha ficado amassada. Que

pena! Logo ele que costuma tomar todo o cuidado ao sair do portão do prédio.

— Está muito machucado, garoto? — Uma moça bonita se aproxima do

rosto dele. Stefano acena que não com a cabeça. O boné feito pela mãe jaz

esquecido no chão. Annalisa foi embora com o resto da turma. Mas ainda

estou
com o seu boné, mamãe.
— Tome isso, beba. — Alguém chega com um copo de água. -Tente engolir devagar. Bando de vigaristas, escória das ruas, mas eu sei quem eles são, a turma de
sempre. Os pilantras que vivem zanzando por aqui, em volta do bar.
Stefano dá mais um gole. Agradece sorrindo para um cavalheiro que fica
com o copo vazio. Desconhecidos. Tenta se levantar, mas, por alguns instantes, as
pernas não parecem agüentar o seu peso. Alguém percebe e logo chega perto para
ajudar. — Você tem certeza de que está tudo bem?
— Tudo bem, eu juro.
Stefano bate nas calças. Uma pequena nuvem de poeira se ergue de suas
pernas. Enxuga o nariz com o suéter, que a essa altura está todo esfarrapado e solta
um longo suspiro. Bota o boné na cabeça e liga a Vespa.
Uma fumaceira branca e densa sai do cano de descarga. O motor afogou. A
lataria do lado direito tremelica ruidosamente. Está amassada. Engata então a
primeira e, enquanto os últimos cavalheiros se afastam, solta lentamente a
embreagem. Segue pela descida sem se virar para trás.
Lembranças.
Não muito tempo depois, ao chegar em casa, Stefano abre a porta devagar e
tenta chegar ao seu quarto passando pela sala sem chamar a atenção. Mas o
assoalho é traiçoeiro e acaba rangendo.
— É você, Stefano?
A figura da mãe aparece na soleira da porta do escritório.
— Sou eu, mãe. Vou direto para a cama. A mãe dá alguns passos.
— Não está passando bem?
— Estou bem, mãe. Está tudo bem.
Stefano tenta alcançar o corredor, mas a mãe é mais rápida do que ele. O
interruptor da sala estala, iluminando-o. Stefano pára, como que imortalizado numa
foto.
— Santo Deus! Giorgio, rápido, venha ver! — O pai corre enquanto a mãe
aproxima a mão trêmula do olho de Stefano.
— O que houve?
— Não foi nada. Levei um tombo com a Vespa. Stefano recua.

— Cuidado, mãe. Está me machucando.

O pai observa os outros ferimentos nos braços, a roupa rasgada, o boné manchado.

— Conta a verdade, levou uma surra, não foi?

O pai sempre foi um cara atento aos detalhes. Stefano conta resumidamente o que aconteceu e é claro que a mãe, não percebendo que mesmo aos dezesseis anos de idade já pode haver regras a serem respeitadas, vai logo dizendo:

— Mas por que não entregou logo o boné? Eu podia tricotar outro..

O pai, por sua vez, deixa logo de lado os detalhes para tratar de algo pior.

— Fala a verdade, Stefano, isso nada teve a ver com a política, não é?

O médico da família foi chamado e prescreveu a clássica aspirina e um bom descanso. Antes de adormecer, Stefano jura para si mesmo: nunca mais alguém levantará um dedo contra ele. Pelo menos nunca mais sairia muito machucado.

No balcão da secretaria, há uma mulher de cabelo vermelho gritante, nariz um tanto comprido e olhos esbugalhados. Certamente não pode ser considerada uma beldade.

— Oi, quer se matricular?

— Isso mesmo.

— Pois é, acho que tomou a decisão certa — diz apontando para o seu olho ainda meio roxo enquanto tira um formulário de uma gaveta. Nem mesmo é simpática.

— Nome?

— Stefano Mancini.

— Idade?

— Dezessete anos em julho, dia 21.

— Endereço?

— Rua Francesco Benziacci, 39 — e acrescenta -, 329-2714 -adiantando-se à pergunta seguinte.

A mulher levanta o rosto.

— É o telefone, não? Para o formulário. .

— Achou que eu ia pegar esses números e jogar na loto?

Os olhos esbugalhados ficam por alguns momentos fixos nele e depois voltam à matrícula.

— Cento e quarenta e cinco euros, cem para a matrícula e quarenta e cinco

de mensalidade.

Stefano bota o dinheiro em cima do balcão.

A mulher enfia as notas numa sacolinha com zíper que tranca na gaveta.

Então, depois de umedecer um carimbo numa almofada com tinta, dá um golpe firme na carteirinha. Budokan.

— O pagamento é no começo de cada mês. O vestiário fica no andar de baixo. A academia fecha às nove da noite.

Stefano guarda a carteira, com a matrícula e cento e quarenta e cinco euros a menos. — Toca, toca aqui! Duro como pedra. Cada dia melhor. Aço puro! —

Lucone, um sujeito atarracado e fortão de cara simpática, mostra o bíceps volumoso, mas não muito definido.

— É melhor você ficar calado, pois se eu te furar com um alfinete você vai sair voando por aí.

Pollo dá palmadas ruidosas nos ombros.

— Isso sim que é a parada de verdade: suor, esforço e uns bons bifes. O que você carrega no corpo não passa de água.

— Não diz besteira, cara. Logo você que não passa de um anãozinho!

— Pode ser, mas acabo de dar agora mesmo um empuxo de cento e vinte, de costas no banco! Você nunca iria conseguir!

— Você deve estar brincando. É para já! Aliás, vou dar dois, só para calar a sua boca. Olha só.

Lucone deita-se sob os pesos. Alarga os braços, segura a barra com firmeza e empurra decidido para tirá-la do suporte. Baixa-a devagar e, olhando para os halteres a poucos centímetros do queixo, dá um vigoroso empuxão forçando os peitorais.

— Um! — Então, sempre sem tirar os olhos dos pesos, apóia-os no peito e volta a empurrar para cima. — Dois! E se me der na telha posso fazer com até mais. Pollo não parece impressionado.

— É mesmo? Então experimenta agora.

Antes de Lucone conseguir apoiar novamente o instrumento no suporte, enfia uma pequena anilha de dois quilos e meio numa ponta da barra. O aparelho

começa a dobrar para a direita.

— O que pensa que está fazendo, seu idiota? Ficou maluco. .?

Lucone tenta agüentar, mas, pouco a pouco, a barra começa a baixar. Os músculos falham e, de repente, o conjunto cai pesadamente no seu peito sufocando-o.

— Tira logo esta merda daqui! — ainda consegue arfar. Pollo ri como um louco. — Se me der na telha posso fazer até com mais, não é? E agora? Só botei mais uma anilhazinha e você já pede arrego desse jeito? Vamos lá, pô, procure esticar essa banha... — grita bem na cara de Lucone. — Empurra, empurra! — e mais gargalhadas.

— Quer tirar esse troço de cima de mim? — Lucone está totalmente roxo, em parte de raiva e em parte porque está realmente sufocando.

Dois garotos menores, às voltas com um outro aparelho ali ao lado, olham para ele indecisos, sem saber o que fazer. Ao perceberem que Lucone começa a tossir e, apesar dos esforços bestiais, não consegue se livrar dos halteres, decidem ajudá-lo.

Pollo está deitado no chão, de barriga para baixo. Continua a rir como um doido, dando palmadas na madeira do assoalho. De repente, vira-se de novo para Lucone, com os olhos cheios de lágrimas, e leva um susto ao vê-lo ali, de pé bem diante dele. Os dois garotos o libertaram.

— Que diabo, como conseguiu se soltar?

Pollo sai logo em disparada, ainda rindo e tropeçando num halter esquecido no chão. Lucone sai atrás dele tossindo.

— Cala a boca, você já é um cara morto, vou fazer picadinho de você. Vou achatar a sua cabeça com uma anilha e vai ficar ainda mais baixinho do que já é.

A perseguição continua furiosa por toda a academia. Correndo em volta dos aparelhos, parando atrás das colunas, saindo novamente à toda de repente. Na tentativa de deter o amigo, Pollo joga em cima dele alguns pesos. Discos de borracha quicam pesadamente no chão, esquivados por Lucone que não se detém

diante de coisa alguma. Pollo emboca pela escada que leva ao vestiário feminino.

Aos trancos e barrancos, derruba uma garota que acaba se estatelando contra a

porta, abrindo-a. Todas as demais, nuas ao trocarem de roupas para a aula de

aeróbica, começam a gritar possessas. Lucone pára nos últimos degraus, estático

diante daquela visão de colinas macias, humanas e rosadas. Pollo volta logo atrás.

— Pô, nem dá para acreditar, esse lugar é o paraíso...

— Para o inferno, idiotas!

Uma garota só um tiquinho mais vestida do que as outras corre até a porta,

batendo-a na cara deles. Os dois amigos ficam alguns momentos em silêncio.

— Reparou nas tetas daquela no fundo, à direita?

— E o que me diz da primeira à esquerda, então? Com certeza a bunda dela não era de se jogar fora. .

Pollo fica de braços dados com o amigo, sacudindo a cabeça.

— Coisa do outro mundo, não é? Não, é claro que não jogaria fora. . Afinal não sou um frouxo como você!

Assim, depois dessa breve pausa erótica, recomeçam a perseguição.

Stefano começa a ler a ficha que lhe foi entregue por Franco, o instrutor da academia.

— Comece com quatro séries de aberturas, naquele banco. Segure pesos de

cinco quilos de cada lado, você precisa se alargar e se encher um pouco, meu rapaz.

Quanto mais sólidas forem as bases, mais poderá ser construído por cima delas.

Stefano coloca logo a mão na massa. Deita-se no banco curvo e começa. Os

seus ombros doem, aqueles pesos parecem enormes. Executa alguns exercícios

laterais, desce até tocar no chão para então subir de novo. Depois, atrás da cabeça.

Mais uma vez. Quatro séries de dez, cada dia, cada semana. Depois de um mês, já

está se sentindo melhor, os ombros já não doem, os braços se tornaram bem mais

grossos. O peito começa a tomar forma e as pernas também ficaram mais

fortes.

Muda a dieta. De manhã, um leite batido com proteínas em pó, um ovo, mais leite,

complementos de sais e vitaminas. Pouca massa no almoço, um bife mal passado,

levedo de cerveja e germe de trigo. E, à noite, a academia. Sem falta. Alternando os

exercícios, trabalhando um dia com a parte de cima e o outro com a de baixo. Os

músculos parecem desvairados. Como bons cristãos, só descansam aos domingos.

Às segundas, tudo começa de novo. Alguns quilos a mais, uma semana após a

outra, avançando devagar, um passo depois do outro, é por isso que ganhou o

apelido de Step. Tornou-se amigo de Pollo, Lucone e de todos os outros da academia.

Certo dia, depois de dois meses, aparece o Siciliano.

— Então, quem topa fazer umas flexões comigo?

O Siciliano foi um dos primeiros sócios da Budokan. É uma massa de músculos e ninguém quer medir forças com ele.

— Pô, não estou pedindo que me ajudem num assalto, só convidei para fazer algumas flexões.

Pollo e Lucone continuaram a treinar em silêncio. Com o Siciliano sempre

acaba em briga. Se você perde, ele nunca mais pára de te sacanear, se você ganha,

bem, aí nunca se sabe o que pode acontecer. Nenhum deles já tinha conseguido

levar a melhor sobre o Siciliano.

— Então, quer dizer que nessa merda de academia não tem ninguém disposto a fazer umas flexões comigo? — O brutamontes olha ao redor.

— Eu topo.

Ele se vira. Step está diante dele. O Siciliano o examina com um certo ar de desdém.

— Ok, venha comigo.

Entram numa pequena sala. O Siciliano tira o suéter felpudo deixando à mostra os enormes músculos peitorais e os braços bem proporcionados.

— Está pronto?

— Quando você quiser.

O Siciliano fica de bruços. Step se põe diante dele. Começam as flexões. Step agüenta o que pode. No fim, aos pedaços, desmorona ao chão. O Siciliano faz mais cinco, bem rápidas, depois se levanta, dá uma palmadinha nas costas de Step.

— Muito bem, garoto, nada mal mesmo. Nas últimas, você deu tudo de si.

— E dá um amigável cascudo no outro. Step sorri, não houve gozação. Todos voltam aos seus exercícios. Step massageia os músculos doloridos dos braços. Não houve história. O Siciliano é muito mais forte do que ele, é cedo demais.

Aquele dia. Só oito meses mais tarde.

Poppy e a sua turma estão diante do Bar Fleming, riem e brincam bebericando cerveja. Alguns comem pizzas vermelhas, lambendo as bordas para evitar que o tomate escorra. Outros fumam lançando baforadas no ar. Umas garotas acham graça na história contada por um sujeito que gesticula demais ao descrever a briga que teve com seu chefe: foi despedido mas finalmente conseguiu desabafar. Quebrou todas as garrafas que havia na loja, sendo que a primeira foi de forma toda especial.

— Sabem de uma coisa? Já estava de saco tão cheio que em lugar do aviso prévio dei uma garrafada na cabeça do cara.

Annalisa também está lá. Na noite da briga, não procurou Stefano, nunca mais tentou entrar em contato. Não importa. Step não pode certamente ser considerado um cara que sofre a solidão. Nunca mais teve notícia deles desde então. Depois, ficou preocupado, achou que estava na hora de ele mesmo procurá-los. — Poppy, meu amigo do peito, como vai você?

Poppy olha para aquele sujeito desconhecido que se aproxima. Há algo familiar nele, aqueles olhos, a cor dos cabelos, os traços do rosto, mas sinceramente não consegue se lembrar. Forte, braços vigorosos, ombros largos. Percebendo o seu olhar interrogativo, Step sorri, tentando deixá-lo à vontade.

— Já faz muito tempo que a gente não se vê, não é? O que tem feito?

Step passa amigavelmente o braço por cima dos ombros de Poppy.

O Siciliano, Pollo e Lucone, achando o máximo estar lá com ele, ficam no meio da turma. Annalisa ainda está sorrindo quando encontra os olhos de Step. Só ela o reconhece. O sorriso esvai-se lentamente dos seus lábios. Step desvia o olhar para dedicar-se totalmente ao amigo Poppy, que continua a encará-lo perplexo.

Desculpe, mas francamente no momento não me lembro.

— Como?! — Step continua sorrindo e mantendo o abraço, como se poderia esperar de dois velhos amigos que há muito não se vêem.

— Isso me deixa tão triste. Mas, espere, talvez se lembre disso aqui.

— Ele tira do bolso dos jeans o boné. Poppy dá uma olhada no velho trapo de lã e passa a encarar o rosto risonho do cara fortão que o segura pelos ombros.

Os olhos, os cabelos. Mas é claro! É o franguinho em quem tinha dado uma surra já faz algum tempo.

— Merda! — Poppy tenta desvencilhar-se do braço de Step, mas a mão do outro logo o segura pelos cabelos, impedindo qualquer reação.

— Memória curta, hein? E então, Poppy? — Step o puxa para si e lhe dá uma cabeçada tão bestial que o nariz é quebrado. Poppy curva-se para frente, segurando o rosto entre as mãos. Step lhe dá um pontapé no rosto, com toda a força de que é capaz. O outro quase dá um pulo e acaba esbarrando contra a grade da loja causando um estrondo metálico.

Step cai logo em cima dele detendo-o antes que caia no chão. Segura Poppy bem firme pela garganta. Solta uma saraivada de socos golpeando de cima para baixo na testa, cortando a sobrancelha, fazendo jorrar sangue dos lábios.

Dá um passo para trás e desfere um pontapé bem no meio da barriga do outro, deixando-o sem fôlego.

Alguns dos amigos de Poppy tentam intervir, mas logo são detidos pelo Siciliano.

— Calminha, fiquem quietos se não querem se machucar. Poppy está no chão, Step cobre-o de pontapés no peito, na barriga. Poppy tenta se fechar

como
um porco-espinho, cobrindo o rosto, mas Step é impiedoso. Golpeia onde quer
que haja uma abertura e depois começa a pisoteá-lo. Levanta a perna e deixa o salto
descer como um bate-estaca. Friamente e com toda a força, atinge a parte acima da
orelha, que logo se esfacela, depois os quadris, quase pulando em cima deles com
todo o seu peso. Poppy se arrasta a cada golpe, mexendo-se como um boneco. Ele
implora:
— Chega, já chega, por favor! — Quase tossindo devido ao sangue que do
nariz escorre direto pela garganta. Ele cospe o filete de baba que escorre do lábio já
totalmente aberto e sangrento. Step pára. Retoma o fôlego dando pequenos saltos,
olhando para o inimigo deitado no chão, imóvel, acabado. Depois, vira-se de
repente e cai em cima de um loirinho que está atrás dele. É o sujeito que oito meses
antes segurara-o pelas costas. Lhe dá uma cotovelada bem no meio da boca,
agredindo-o com todo o peso do seu corpo. O cara perde logo três dentes. Os dois
acabam caindo no chão. Step finca um joelho no ombro do loiro. Segurando-o,
começa a desfechar uma saraivada de socos na cara dele. Depois, o agarra pelos
cabelos e faz com que sua cabeça se choque com violência contra o chão. De
repente, dois braços vigorosos o detêm. É Pollo que o puxa para cima segurando-o
pelos sovacos.
— Chega, Step. Vamos embora, se continuar assim vai matar esse cara.
O Siciliano e Lucone também se aproximam. O Siciliano já se meteu em mais encrencas do que todos os outros.
— Vamos sair daqui. Sabe lá se algum veadinho foi chamar os tiras.
Step volta a respirar normalmente, dá uma voltinha diante dos amigos de Poppy que observam em silêncio.

— Filhos-da-puta! — diz antes de dar uma cusparada num cara que está com
um copo de Coca-Cola na mão, acertando-o bem no meio do rosto. Passa ao lado
de Annalisa e sorri para ela. Ela tenta retribuir, um tanto amedrontada, sem no
fundo saber muito bem o que fazer. Só consegue mexer o lábio superior
conseguindo apenas uma careta estranha. Step e os outros montam em suas Vespas
e vão embora. Lucone guia como um alucinado, com o Siciliano logo atrás, os dois
aos berros, inclinando-se de um lado para o outro, os donos da rua. Então,
diminuem a velocidade e ficam ao lado de Pollo, com Step atrás.
— Cara, até que você podia dar uns amassos naquela loirinha... Estava na
cara que ela estava a fim.
— Calma, Lucone. Você sempre exagera. Quer fazer tudo ao mesmo tempo.
Mais devagar, cara. É preciso saber esperar o momento certo. Tudo tem hora.
Naquela mesma noite, Step vai para a casa de Annalisa e segue o conselho de
Lucone. Várias vezes. Ela se arrepende de não o ter procurado antes, jura que sente
muito, que não deveria ter feito isso, mas que teve um montão de outras coisas em
que pensar. Nos dias que se seguiram, Annalisa liga várias vezes, mas Step está tão
atarefado que nem encontra tempo para atender ao telefone.
Uma garota que mora na vizinhança liga o microsystem.
— Cento e nove!
Schello, já bêbado a essa altura, dança em cima da marquise saltitando com
seus macios Clark de couro, suados e sem cadarços. Ele ensaia uma tentativa de
break mas acaba se dando mal. -Uhuuuuu. — Ele bate palmas com força. — Cento
e dez!
— Muita atenção, por favor, eis a situação dos mais suados. Em primeiro
lugar, temos o Siciliano. Vistosas manchas molham as suas axilas e as costas, parece
um chafariz. Cento e onze!

Step, Hook e o Siciliano estão se esforçando ao máximo. Todos conseguem se erguer, mesmo estando esgotados, acalorados e ofegantes.

— Na nossa Parada dos Suarentos temos, em segundo lugar, Hook. Como podem facilmente reparar, sua linda camiseta Ralph Lauren mudou de cor. Agora ostenta um bonito verde desbotado, ou melhor, verde molhado.

Agitando os punhos perto do peito, Schello acompanha com a cabeça a música que o DJ anunciou como o sucesso do ano: "Noites negras." Faz uma pirueta e continua:

— Cento e doze. E, é claro, no último lugar temos Step. . Quase perfeito, cabelos levemente desgrenhados, embora os use tão curtos que quase não dá para notar.. — Schello abaixa-se para olhar melhor e depois levanta-se num pulo, levando as mãos ao rosto.

— Inacreditável, pude ver uma gota de suor, mas garanto que havia só uma! Cento e treze!

Step desce, seus olhos ardem. Algumas gotas de suor escorrem pelas têmporas até esbarrar nas sobrancelhas, se espalhando como um colírio inoportuno. Fecha os olhos, os seus ombros estão doloridos, os braços inchados, as veias pulsantes. Joga o corpo para frente e volta lentamente a subir de novo.

— É isso aí!!

Step olha para o lado. O Siciliano também está conseguindo. Estica completamente os braços e o alcança. Só falta Hook.

Step e o Siciliano olham para o amigo-inimigo que sobe trêmulo e ofegante, um centímetro depois do outro, um instante depois do outro enquanto a gritaria lá embaixo fica mais ruidosa.

— Hook, Hook, Hook...!

Transtornado, Hook pára de repente, sacode a cabeça vacilando.

— Não dá, não agüento mais. — Fica um momento imóvel e esse é o seu último pensamento. Desmorona de repente, só tendo tempo para virar a cabeça.

Ouve-se o baque violento do seu peito contra o mármore.

— Cento e catorze!

Step e o Siciliano descem rápidos, só diminuindo a velocidade no fim da

flexão, para então subir cheios de agilidade como se tivessem encontrado uma nova

esperança, novas energias. Chegar sozinhos à meta. O primeiro lugar ou lugar

nenhum.

— Cento e quinze! — Baixam de novo.

O ritmo aumenta. Percebendo o drama, Schello desiste dos comentários.

— Cento e dezesseis! — Um após o outro, ele só pronuncia os números.

Depressa. Esperando que subam para anunciar o seguinte.

— Cento e dezessete! — Mais uma vez para baixo.

— Cento e dezoito! — Step acelera, bufando.

— Cento e dezenove! — Step desce e volta a subir logo em seguida. O

Siciliano o acompanha, esforçando-se, gemendo, ficando cada vez mais vermelho.

— Cento e vinte, cento e vinte e um. Incrível, galera! — Ninguém fala. Lá

embaixo, reina o silêncio das ocasiões memoráveis.

— Cento e vinte e dois. — Apenas a música do rádio serve como pano de

fundo. — Cento e vinte e três. .

O Siciliano pára no meio, começa a gritar como se algo dentro dele o

estivesse dilacerando.

Do alto de sua flexão, Step olha para ele. O Siciliano parece travado. Treme,

ofega e berra, mas seus braços nem querem saber, já não respondem mais. Solta

então um último grito, como um animal ferido do qual tiraram um pedaço de

carne. O seu recorde. E começa a descer. Perdeu. Lá embaixo, explode a gritaria.

Alguém abre uma cerveja.

— E aqui está o novo vencedor, Step!

Schello se aproxima, pronto para festejar, mas Step sacode a cabeça.

Como que obedecendo àquele gesto, o silêncio volta a reinar na praça.

Diante da marquise, no rádio, quase um sinal do destino: uma música de

Springsteen, "I'm going down". Step sorri no fundo da alma. Leva a mão esquerda

às costas e se abaixa, apoian-do-se numa mão só, gritando.

Roça no mármore, olha para ele de olhos vidrados, e então olha novamente

para cima, estremecendo, empurrando o chão apenas com a mão direita, com toda

a força, com toda a raiva. Um berro libertador explode na sua garganta.

— Valeuuu!

Aonde não chegou a força bruta, conseguiu chegar a força de vontade.

Permanece imóvel, esticado para a frente com a cabeça erguida virada para o céu,

como uma estátua uivando na escuridão da noite, contra a beleza das estrelas.

— Uhuuu — Schello grita como um alucinado. Na praça, uma explosão

geral acompanha aquele berro: ligam as motos e as Vespas, tocam as buzinas,

gritam. Pollo começa a dar pontapés na banca de jornais.

Lucone joga uma garrafa de cerveja contra uma vitrina. Luzes se acendem

nas janelas dos prédios em volta. Um alarme começa a soar ao longe. Velhas

chegam às sacadas em seus camisolões, chamam umas às outras preocupadas.

— O que está acontecendo?

Alguém grita para que se calem. Uma mulher ameaça chamar a polícia.

Como que num passe de mágica, todas as scooters se mexem. Pollo, Lucone e os

outros montam correndo, pulando no selim enquanto os canos de descarga soltam

sua fumaça esbranquiçada.

Algumas latinhas continuam a fazer barulho rolando no chão, as garotas

voltam para casa. Madalena está mais apaixonada do que nunca.

Hook se aproxima de Step.

— Puta que pariu, um desafio e tanto!

— Nada mal.

As outras scooters também chegam perto, ocupam toda a largura da rua,

sem ligar para os raros carros que passam rápidos ao lado delas buzinando. Schello

fica de pé na sua Vespa, caindo aos pedaços.

— Soube de uma festa na rua Cássia. No número 1.130. É um condomínio

fechado.

— Será que vão deixar a gente entrar?

— Conheço uma garota que mora lá — Schello garante.

— Qual é o nome dela?

— Francesca.

— Você já ficou com ela?

— Já.

— Então vão barrar a gente na certa.

Rindo, reduzem a marcha quase todos juntos. Freiam e viram à esquerda queimando pneus. Ninguém dá bola para o sinal vermelho. Então, pilotam em direção à rua Cássia a toda velocidade.

Um amplo e aconchegante apartamento com grandes vidraças que dão para a Olímpica. Bonitas pinturas nas paredes, de um tal de Fantuzzi. Quatro caixas de som nos cantos da sala espalham o som de um CD bem mixado. A música envolve alguns garotos que, conversando, acompanham o ritmo.

— Oi, Dani, quase não te reconheci.

— Ah, que é isso. Fala sério!

— Estava falando do vestido, você está linda, de verdade..

Daniela baixa os olhos para a própria saia, conhece Giulia muito bem e por um momento quase acreditou.

— Deixa disso, Giúli!

— Não precisa ficar irritada! Você está parecendo até a Bonopane, aquela chata da terceira B que já chega de manhã toda montada...

— Como é que você consegue ser sempre tão simpática?

— É por isso mesmo que somos amigas, não é?

— Eu nunca disse que era sua amiga! Giulia faz beicinho esticando o pescoço.

— Beijinho para fazer as pazes?

Daniela sorri. Está a ponto de se aproximar quando percebe, atrás dela, o Palombi.

— André!

Esquece a bochecha de Giulia esperando acertar, mais cedo ou mais tarde, a boca dele.

— Como você está?

André fica um tanto desconfortável.

— Muito bem, e você?

— Eu estou ótima.

Trocam um beijo apressado e ele segue em frente para cumprimentar alguns amigos. Giulia se aproxima e sorri ao lado de Daniela.

— Liga não, ele está só fazendo a social de sempre.

Ficam algum tempo olhando para ele. André conversa com alguns rapazes, depois se vira para ela, olha de novo e finalmente sorri. Afinal entendeu.

— Caramba! Acho que desta vez você exagerou mesmo... não te reconheci.

Babi atravessa a sala. Algumas garotas dançam sozinhas ou aos pares. Num canto, algo parecido com um DJ, na verdade um mero imitador do DJ Francesco, arrisca um rap sem muito sucesso. Uma garota pula empolgadíssima com os braços para cima.

Babi sacode a cabeça, sorrindo.

— Pallina!

Um rosto levemente arredondado, emoldurado por longos cabelos castanhos com um estranho topete meio de lado, se vira.

— Babi, uau! — Ela corre até Babi, lhe dá um beijo e a aperta com força, quase levantando-a do chão. — Tudo bem com você?

— Tudo. Você não disse que não podia vir?

— Pois é, acontece que fomos a uma festa em Olgiata, mas você nem pode imaginar que chatice! Estava com o Dema, mas não demoramos nada. E aqui estamos. Por que, não ficou contente em me ver?

— Nem pense nisso, seja bem-vinda. Estudou para a aula de latim? Lembre-se que amanhã vai ser a sua vez de responder, só falta você para completar o rodízio.

— Pode deixar, estudei a tarde inteira, depois tive de sair com a minha mãe, fomos à cidade. Olha, comprei isso, gostou? — Dando uma estranha pirueta mais digna de uma bailarina do que de uma patricinha, faz esvoaçar um lindo conjunto de cetim azul.

— Gostei. .

— Dema diz que fica muito bem em mim..

— Nem precisa dizer. Já sabe o que acho. .

— Pára com isso! Somos amigas há tanto tempo...

— Mesmo assim prefiro ficar com a minha teoria.

— Oi, Babi. — Um rapaz de aspecto simpático, de cabelo castanho encaracolado e pele clara, aproxima-se.

— Olá, Dema, tudo bem?

— Tudo. Gostou do conjunto da Pallina?

— Uma graça. Esquecendo a minha teoria, fica lindo nela. -Babi abre um sorriso. — Vou dar um abraço na Roberta, ainda não lhe dei os parabéns.
Ela se afasta. Dema a acompanha com o olhar.
— O que a Babi queria dizer com aquela história da teoria?
— Nada, sabe como ela é.. É uma mulher de mil teorias e prática nenhuma, ou quase isso.
Pallina ri e olha para Dema. Os olhos se encontram por um momento.
Tomara que, dessa vez, Babi não esteja realmente certa.
— Mexa-se, vamos dançar. . — Pallina segura Dema pela mão e o arrasta para perto da turma.
— Oi, Roby, parabéns!
— Olá, Babi, tudo bem? — As duas trocam dois beijos sinceros.
— Gostou do presente?
— Amei, juro. Exatamente o que eu queria.
— Foi o que todos nós achamos. . A idéia foi minha. Afinal, você sempre faltava às primeiras aulas, e nem dá para dizer que mora muito longe..
Chicco Brandelli aproxima-se por trás.
— O que foi que te deram?
Babi vira-se sorrindo, mas ao vê-lo muda de expressão.
— Olá, Chicco.
— Ganhei um rádio-relógio maravilhoso.
— Ah, muito bom, realmente simpático.
— Sabe, o Chicco também me deu um presente lindo.
— É mesmo? O que foi?
— Uma almofada toda rendada. Até já botei em cima da minha cama.
— Cuidado, na certa ele vai pedir para experimentar. — Babi se afasta rumo
à varanda endereçando um sorriso enigmático para Brandelli. Roberta fica olhando
para ela.
— Eu gostei mesmo da almofada. Achei linda. . Na verdade, até que gostaria
de testá-la com ele. Chicco sorri.
— Acredito, dá licença.
— Mas. . está quase na hora de servirem a massa... — grita apressadamente
Roberta na tentativa de detê-lo.
Na varanda, uma pirgula de luzes indiretas bem escondidas atrás de moitas
verdejantes, estavam dispostas poltronas macias, com almofadas claras e rendas

floridas. Um pé de jasmim sobe por uma treliça. Babi passeia sobre o chão de
lajotas. O sopro fresco da noite agita os seus cabelos, acaricia a sua pele levando
consigo um pouco do perfume da garota para deixar em seu lugar apenas alguns
leves arrepios.
— O que preciso fazer para você me perdoar?
Sorrindo para si mesma Babi fecha o casaco. Está esfriando.
— O que não deveria ter feito quando me deixou irritada. Chicco se aproxima.
— A noite está tão bonita. . seria uma pena estragá-la brigando.
— Eu adoro brigar.
— Dá para perceber.
— Mas depois também gosto de fazer as pazes... Aliás, essa é a parte de que
mais gosto. Mas, com você, não sei por que, mas não consigo perdoar.
— É porque você está num dilema. Por um lado, quer ficar comigo, por outro não. Típico! É uma coisa que acontece com todas as mulheres.
— Pois é, é justamente esse seu —todas» que estraga tudo..
— Eu me rendo.. Gostou do filme da outra noite?
— Se alguém tivesse me deixado assistir ao filme. .
— Já disse que me rendo. Só me resta, então, mandar entregar o DVD na
sua casa. Assim, você poderá ver o filme sem ninguém te incomodar. Por falar
nisso, sabe o que me contaram?
— O quê?
— Que fica muito mais gostoso com sorvete de baunilha por cima.
Rindo, Babi finge que vai lhe dar um tapa.
— Porco!
Chicco detém o braço dela no ar.
— Calma, era brincadeira. Paz?
Os seus rostos estão próximos. Babi olha bem no fundo dos olhos de Chicco: são muito bonitos, quase tão lindos quanto o sorriso dele.
— Paz. — Ela se rende.
Chicco se aproxima e a beija de leve na boca. A coisa está a ponto de começar a pegar fogo quando Babi se afasta e volta a olhar para longe.
— Que noite maravilhosa. Olha só essa lua! Chicco suspira e levanta os olhos para o céu.

Algumas nuvens sem peso navegam lentamente no azul do céu. Acariciam a
lua, iluminando-se, ficando momentaneamente leitosas.
— Bonito, não é?
Chicco responde com um mero "sim", sem na verdade apreciar realmente
toda a beleza da noite. O olhar de Babi perde-se ao longe. As casas, os telhados, os
gramados que cercam a cidade, as fileiras de pinheiros altos, uma rua comprida, os
faróis de um carro, ruídos distantes. Se só pudesse enxergar melhor perceberia
aqueles rapazes que se ultrapassam rindo e tocando as buzinas. Talvez chegasse até
a reconhecer o cara da moto. O mesmo que se segurou no seu carro naquela
manhã, quando ia para a escola. E que agora está chegando.
Chicco a envolve, passa a mão pelos cabelos dela.
— Você está linda, essa noite.
— Só essa noite?
— Sempre.
— Melhorou.
Babi se deixa beijar.
Bem longe dali, na mesma cidade.
Num impecável uniforme branco gasto e quente, um garçom gordinho
circula entre os convidados com uma bandeja de prata. Vez por outra uma mão
desponta entre os grupos que conversam e apanha algum coquetel levemente
alcoólico no qual bóiam pedacinhos de fruta. Outra, mais ligeira, põe de volta um
copo vazio. Na borda, resquícios de batom. Dá para ver perfeitamente onde a
mulher encostou a boca e que tipo de lábios ela tem. O garçom fica pensando que
seria divertido reconhecer as mulheres a partir de cada copo. Eróticas digitais de
dedos. Com esse estimulante pensamento, ele volta à cozinha onde logo esquece
essas fantasias de Sherlock Holmes. A cozinheira grita com ele dizendo que precisa

voltar logo com a bandeja dos petiscos.

— Você está linda, minha querida.

Na sala, uma mulher com o cabelo pintado em excesso, vira-se para a amiga

sorrindo, topando a brincadeira de amáveis mentiras.

— Você parece mais jovem!

— Arrumei um amante.

— É mesmo? E o que ele faz?

— É cirurgião plástico.

Ambas riem. Depois, pegando uma alcachofra frita que está ao alcance da mão, ela confessa o seu segredo.

— Fiz matrícula na academia da Barbara Bouchet.

— É mesmo? E o que está achando?

— Fantástica. Você também deveria aparecer por lá.

— Farei isso, com certeza. — E, embora ansiosa para saber o valor da mensalidade, sabe que terá de descobrir isso as suas próprias custas, no verdadeiro

sentido da palavra. Ela agarra uma mozarela frita que engole tranqüila, pois, de

qualquer maneira, não demorará a queimar aquelas calorias.

Cláudio tira do bolso o maço de Marlboro e acende um cigarro. Traga a fumaça, saboreando-a até o fim.

— Olá, sua gravata é linda!

— Obrigado.

— Fica muito bem em você, de verdade.

Cláudio mostra com orgulho a gravata bordô, depois esconde instintivamente o cigarro e procura Raffaella. Olha ao redor, cruza com alguns

rostos recém-chegados, cumprimenta-os sorrindo e, não vendo a esposa, dá uma

tragada mais tranqüila.

— Muito bonita, não é? Foi um presente da Raffaella.

Uma mesinha baixa de marfim com pequenas tigelas de prata cheias de azeitonas e pistaches. Uma longa mão de unhas bem tratadas deixa cair a casca

simétrica de um pistache.

— Estou preocupada com a minha filha.

— Por quê?

Raffaella consegue mostrar bastante interesse, o suficiente para fazer com

que Marina continue.

— Está saindo com um pilantra, um sujeito que não faz nada a não ser vadiar na rua.

— E há quanto tempo se conhecem?

— Comemoraram seis meses ontem. Soube pelo meu filho. Sabe o que ele fez, hein, sabe o que fez?

Raffaella desiste de um pistache fechado demais. Agora está realmente interessada.

— O que foi? Conte-me.

— Levou a minha filha a uma pizzaria. Onde já se viu? Uma pizzaria do Corso Vittorio.

— Bom, esses rapazes ainda não têm renda própria, vai ver que os pais...

— Concordo, mas sabe lá qual é o berço deles.. Levou uma dúzia de rosas muito mixurucas, feinhas e pequenas, daquelas que perdem todas as pétalas logo que chegam em casa. Vai ver que comprou num sinal de trânsito. Hoje de manha então perguntei a ela o que significavam aquelas rosas horrorosas e ela respondeu que eu não deveria me atrever a jogá-las fora. Pode imaginar? Mas olha só o que fiz:

quando voltou da escola já tinha dado um sumiço nelas. Contei que havia sido a Ziua, nossa empregada filipina, mas então ela começou a berrar e saiu batendo a porta na minha cara.

— Você precisa dar um tempo. Se tentar criar empecilhos vai ser pior ainda, pois é justamente aí que a Glória vai fincar o pé. Deixe o barco correr, vai ver que a coisa acaba por si só. Se o desnível entre eles for de fato tão grande.. Ela voltou para casa?

— Não, ligou para dizer que ia ficar na casa da Piristi, aquela loirinha simpática e rechonchudinha, filha da Giovanna. O pai da garota é diretor financeiro da Serfim, ela fez uma recauchutagem completa, pode se dar a esse luxo. .

— É mesmo? Nem dá para reparar..

— Estão usando essa técnica nova, repuxam por trás dos ouvidos.

Totalmente invisível. Mas e então, será que a Babi e a Glória não poderiam

sair
juntas? Eu gostaria muito.
— Claro. Falarei com a Babi para que ligue para a Glória.
Finalmente Raffaella concede-se um pistache. Está mais aberto do que os demais. Sai da casca direto para a boca e, para o pobre pistache, a troca não é nem um pouco lucrativa.
— Filippo? Raffaella disse que vai pedir à Babi para convidar a Glória para sair com a turma dela.
— Que bom, fico muito grato.
Filippo é um homem jovem, de rosto liso e descansado, e também parece estar mais interessado nos pistaches do que nos casos da filha. Dobra-se para a frente, apossando-se daquele que Raffaella já tinha escolhido como próxima vítima.
Ela observa, desconfiada, a região atrás dos ouvidos dele, procurando alguns sinais daquela inesperada juventude.
— Olá, Cláudio.
— Você está linda.
Um sorriso perfeito diz "obrigada", e roçando nele, se afasta com um alisamento de pelo menos cento e cinqüenta euros nos cabelos. Será que ela fez de propósito? Nos seus pensamentos, aquele vestido longo desaparece lentamente e ele fica imaginando o que ela deve estar usando por baixo; mas, então, fica em dúvida: haverá realmente alguma coisa a ser imaginada? Justamente naquele momento vê Raffaella se aproximando. Cláudio dá uma última tragada no cigarro e o apaga depressa no cinzeiro.
— Daqui a pouco o jogo vai começar. Procure não repetir os seus erros de sempre. Se depois de algum tempo a sua carta não chegar, faça um sinal para que eu possa pelo menos tentar ajudar.
— E se você não puder ajudar?
— Tanto faz, mas pelo menos saberei que não posso contar com você.
Cláudio sorri com compostura.

— Está bem, querida. Como você quiser. — O cigarro passou despercebido.

— A propósito, eu te disse para não fumar. Não passou não.

— Foi só um só, não faz mal..

— Um ou dez dá na mesma. . O que não suporto é o cheiro. Raffaella afasta-se para a mesa de jogo. Os demais convidados também tomam os seus lugares. Como de costume, nada escapa à sua atenção. Ao sentar-se Raffaella esquadrinha com uma ponta de desdém a mulher com o alisamento de cento e cinqüenta euros. Por um momento, Cláudio receia que a esposa também possa ler os pensamentos.

Eufórica com os seus dezoito anos e com a festa que segue em frente sem qualquer atropelo, Roberta corre para o interfone.

— Eu mesma atendo — diz para o cara que está passando com uma bandeja cheia de pequenas pizzas.

— Oi, a Francesca está por aí?

— Que Francesca?

— Giacomini, a loirinha.

— Está sim. Algum recado?

— Nenhum, desde que você abra a porta. Sou o irmão dela e preciso entregar as chaves de casa.

Roberta toca uma vez na tecla do interfone e então, por precaução, toca de novo. Vai para a cozinha, tira duas garrafas grandes de Coca-Cola do freezer e volta para a sala. Cruza com uma jovem loira que conversa com um jovem de cabelo puxado para trás com gel.

— Francesca, seu irmão está subindo.

-Ah.. — É a única coisa que Francesca consegue dizer. — Obrigada. — E, depois, fica com um ar perplexo, confusa. O rapaz com gel no cabelo perde um pouco da pose e aparenta uma leve preocupação.

— Alguma coisa errada, Francesca?

— Não, nada, a não ser que eu sou filha única.

— Aqui está — o Siciliano e Hook são os primeiros a ler a plaqueta ao lado da campainha no quarto andar -, Micchi, você disse, não é?

Schello toca a campainha.

A porta se abre quase que imediatamente.

Roberta fica parada no batente, olha para aquela turma de garotos musculosos e desgrenhados. "Estão vestindo roupas casuais demais", ela tem a bondade de pensar.

— Posso ajudar?

Schello se aproxima.

— Estou procurando Francesca, sou o irmão dela.

Como que num passe de mágica, Francesca aparece na porta, acompanhada pelo cara de gel.

— Olha, seu irmão chegou.

Roberta se afasta. Francesca encara a turma um tanto preocupada.

— E quem seria esse meu irmão?

— Eu! — Lucone levanta a mão. « Pollo também levanta a mão.

— Somos gêmeos, como no filme do Schwarzenegger. Ele é o bobão — todos riem.

— Nós também somos irmãos. — Um depois do outro, todos levantam a mão. — E nos amamos muito!

O cara de gel não está entendendo nada. Francesca leva Schello para um canto.

— O que você tem na cabeça? Chegar com este monte de gente. .

Pollo sorri ajeitando o casaco. O resultado é o pior possível.

— Essa festa parece um velório, pelo menos vamos animar um pouco isso aqui. Vamos lá, France, não precisa ficar brava.

— Não vou ficar brava, é só vocês irem embora.

— Schello, já estou de saco cheio, dá licença? — O Siciliano entra sem esperar que Francesca se afaste da porta.

De repente, o cara de gel saca o que está rolando: penetras. E, com um vislumbre de inteligência, desaparece para juntar-se aos verdadeiros convidados na sala. Francesca tenta detê-los.

— Pára, Schello, vocês não podem entrar.

— Desculpe, dá licença, desculpe..

Sem mais conversa, um depois do outro, todos entram: Hook, Lucone, Pollo, Bunny, Step e os outros.

— Vamos lá, Francesca, não fica assim não. Não vai acontecer nada demais, você vai ver. — Schel o fica de braços dados com ela. — E, afinal de contas, o que

é que você tem a ver com isto? A culpa é do seu irmão, que trouxe essa galera
toda.. — E, como que preocupado com eventuais penetras, ele fecha a porta.
O Siciliano e Hook literalmente mergulham no bufê, devoram macios
pãezinhos com salame, com a manteiga espalmada na parte de cima, mas nem
apreciam o sabor, engolem-nos sem nem mesmo mastigar. Virou quase um desafio.
E lá se vão minipizzas, canapês misturados com docinhos e bombons de chocolate.
Em certa altura, o Siciliano engasga. Hook começa a lhe dar palmadas nas costas
com toda a força. A última é tão violenta que o outro começa a tossir, cuspindo
pedaços de comida em cima da mesa. A maioria dos convidados por perto decide
de repente que está na hora de fazer dieta. Schello começa a rir adoidado e
Francesca começa a ficar seriamente preocupada.
Bunny perambula pela sala. Parece um cuidadoso antiquário: pega pequenos
objetos, os examina de perto, confere o número gravado e se são de prata os enfia
no bolso. Não demora quase nada para os fumantes terem de jogar a cinza nas
plantas.
Pollo, como um verdadeiro profissional, sai logo à cata do quarto da mãe.
Encontra. Foi sabiamente trancado. Mas esqueceram a chave na fechadura, os
ingênuos. Pollo abre a porta. As bolsas das moças foram todas deixadas ali,
enfileiradas em cima da cama. Começa a abri-las uma depois da outra, sem muita
pressa. As carteiras estão quase todas cheias, uma verdadeira festa: pessoal classudo,
não se pode negar. No corredor Hook atormenta uma amiga de Pallina com
comentários da pesada. Um rapaz, um pouco menos mauricinho do que os outros
convidados da festa, tenta lhe lembrar um ainda que vago conceito de educação. Os

dois começam a discutir. O garoto acaba levando um soco ainda mais pesado do
que os comentários que a menina recebera. Hook odeia sermões. O pai dele é
advogado, adora as palavras com a mesma intensidade com que o filho detesta a
idéia de estudar direito.
Pallina, talvez devido ao nervosismo, percebe que alguma outra coisa ruim
também está acontecendo e resolve soltar uma mentirinha, se desculpando com os
outros.
— Meu rimel escorreu, vou ao banheiro retocar a maquiagem.
O cara de gel no cabelo se afasta em silêncio, de mãos dadas com a sua
garota e com os cinco dedos de Hook estampados na cara.
Pollo joga a última bolsa na cama.
— Que pão-dura. . Tem uma bolsa dessa marca, participa de uma festa
dessas e só traz dez euros. Deve ser realmente uma pobretona!
Está a ponto de ir embora quando percebe que na poltrona ao lado,
pendurada num braço e escondida atrás de um casaco de caça, há uma bolsa. Pega-
a. É uma bela bolsa, elegante e pesada, com a correia trabalhada e o fecho formado
por duas tirinhas de couro. Se a dona se deu todo aquele trabalho para escondê-la,
deve estar bem gordinha. Pollo começa a desatar o nó amaldiçoando o seu hábito
de roer as unhas. Uma pessoa pode ser carente de afeição, é claro, ou sentir falta de
dinheiro. Mas não sofrer das duas coisas ao mesmo tempo. Consegue finalmente
desatar o nó. Naquela mesma hora a porta se abre. Pollo esconde a bolsa atrás das
costas. Uma jovem morena e risonha entra tranqüila. Ao vê-lo, pára.
— Feche a porta.
Pallina obedece. Pollo traz a bolsa para frente do corpo e começa a procurar.
Pallina demonstra uma certa reprovação. Pollo repara que ela está com os olhos
fixos nele.

— Então? O que é que você quer?

— A minha bolsa.

— E está esperando o quê? Pega logo. — Pollo aponta para a cama cheia de bolsas. — Não dá.

— Como assim?

— Um idiota está com ela.

— Ah. — Pollo sorri. Olha melhor para a garota. Até que ela fica gatinha com aquele cabelo preto jogado para trás e aquela careta estranha para mostrar que estava irritada. Está vestindo uma saia que é claramente em estilo safári. Pol o encontra a carteira e tira da bolsa.

— Aqui está. . — Ele joga a bolsa. — É só pedir..

Pallina agarra a bolsa no ar. E também começa a procurar alguma coisa dentro dela.

— Sabe que não é educado revistar a bolsa de uma garota? Sua mãe não te ensinou isso?

— Nunca falei com a minha mãe. Já você, bem que poderia ter uma conversa com a sua.

— Por quê?

— Que tipo de mãe pode deixar uma filha sair com cinqüenta euros?

— É a minha semanada.

Pollo bota o dinheiro no bolso.

— Era.

— Bom, vou ter de fazer dieta.

— Então eu lhe fiz um favor.

— Idiota!

Pallina encontra o que estava procurando e larga a bolsa.

— Quando tiver acabado, gostaria que pusesse de volta a carteira. Obrigada.

— Olha aqui, já que você vai estar de dieta, que tal comer uma pizza comigo amanhã?

— Não, muito obrigada. Quando quem paga sou eu quero pelo menos escolher a companhia. — Ela se vira em direção à saída.

— Espera aí. Pollo a alcança.

— O que foi que tirou da bolsa? Pallina põe a mão atrás das costas.

— Nada que possa te interessar. Pollo agarra Pallina com firmeza.

— Quem decide isso sou eu. Deixa eu ver!

— Me solta, seu grosso. Já pegou o dinheiro, o que mais você quer?

— Aquilo que está escondido na sua mão.

Pollo tenta segurá-la. Pallina apoia o peito contra ele afastando o máximo possível a pequena mão fechada.

— Me deixa em paz! Olha que vou começar a gritar.

— E vai ganhar umas boas palmadas.

Pollo consegue finalmente alcançar o pulso e o puxa para si. Dobra o braço com o pequeno punho fechado.

— Fique sabendo: se o abrir, nunca mais vou falar com você..

— Que medo! Nunca nos falamos antes, imagine a falta que vou sentir..

Pollo segura a mãozinha macia de Pallina e começa a empurrar com os dedos para trás. Pallina tenta resistir. Em vão. Com os olhos cheios de lágrimas, dobra o corpo para trás com o intuito de dar mais força aos pequenos dedos.

— Pare, eu estou pedindo. — Mas Pollo continua sem lhe dar atenção.

Finalmente, um depois do outro, os dedos cedem vencidos, revelando o seu segredo.

Na mão de Pallina aparece a explicação das espinhas no rosto e do seio inchado. A razão daquela irritabilidade que uma vez por mês acaba tomando conta de todas as meninas, e que, quando não chega, as torna ainda mais nervosas ou as transforma em mães. Pallina fica ali, diante dele, mortificada. Sente-se humilhada.

Pollo senta na cama e cai numa sonora gargalhada.

— Então esqueça a parada de amanhã, nada de convite para jantar. Por que o que poderíamos fazer depois? Contar piadas?

— Essa não, pode ter certeza. Não conheço imundas o suficiente para fazer um cara como você rir! E as outras, na certa, você não entenderia.

— Sabe dar as suas alfinetadas, a menina! — Pollo está surpreso.

— E, de qualquer maneira, acho que já se divertiu o bastante comigo.

— Por quê?

Pallina massageia os dedos. Pollo percebe.

— Você me machucou, não era isto o que você queria?

— Ah, esquece isso, só ficaram um pouco avermelhados. Pare de bancar a vítima, daqui a pouco nem vai se lembrar mais disso.

— Não estou falando da mão. — E sai antes de cair no choro.

Pollo fica ali, sem saber ao certo o que fazer. Só consegue pensar em guardar

a carteira no lugar e dar uma lida no caderninho de anotações que também está dentro da bolsa. Quanto a devolver os cinqüenta euros, nem pensar!

O DJ, um tipo musical de cabelo um tiquinho mais compridos do que o dos outros, se agita como um possuído só para realçar a sua pinta de artista. As suas mãos movem para a frente e para trás sobre os discos nos dois pratos, enquanto os grandes fones de ouvidos lhe permitem uma audição prévia e a possibilidade de evitar que passe algum tipo de vergonha graças a uma entrada errada.

Step perambula entre os convidados olhando ao redor. Ouve sem prestar atenção as conversas fúteis das meninas de dezoito anos: vestidos caros já vistos nas vitrines, scooters não compradas pelos pais, noivados impossíveis, traições planejadas, aspirações frustradas.

Do janelão no fim da sala, aquele que dá para a varanda, entra uma leve brisa. As cortinas enchem-se levemente e, então, quando se esvaziam, duas figuras tomam forma atrás delas. Vêem-se mãos que se movem tentando abri-las. Um rapaz bonito e elegante logo leva a melhor, encontrando a abertura certa. Logo em seguida, uma jovem aparece ao lado dele. Ri achando graça naquela inesperada dificuldade. O luar, iluminando-a por trás, torna o seu vestido transparente por um momento.

Step fica com os olhos fixos nela. A jovem mexe nos cabelos, sorri para o cara. Deixa ver dentes brancos, lindos. Mesmo de longe dá para perceber a intensidade do olhar dela. Os olhos são azuis, profundos e limpos. Step lembra-se dela, do encontro, já se conhecem. Ou talvez seja mais apropriado falar em encontrão. Os dois falam alguma coisa. Ela concorda e acompanha o rapaz até a mesa das bebidas. De repente, Step descobre que também está com vontade de tomar alguma coisa.

Chicco Brandelli guia Babi através da multidão de convidados. Roça de leve nas costas dela com a palma da mão, apreciando a cada passo o aroma do seu perfume delicado. Babi cumprimenta alguns amigos que chegaram enquanto estava na varanda. Alcançam a mesa dos sedentos. De repente, um sujeito planta-se diante de Babi. Step.

— Muito bem, vejo que seguiu o meu conselho e está tentando resolver os seus problemas — diz acenando com a cabeça para Brandelli. — Dá para ver que é a sua primeira tentativa. Bem, ele quebra o galho. Afinal, se não encontrou coisa melhor. .

Babi olha para ele incerta. Acha que o conhece, mas não sente muita simpatia. Ou será que sente? Não consegue lembrar.

Step refresca a memória dela.

— Acompanhei você até a escola, alguns dias atrás.

— Impossível, sempre vou para a escola com o meu pai.

— É verdade. Digamos que dei uma de escolta. Estava me segurando na porta do seu carro.

Babi revive a cena e olha para ele irritada.

-Já lembrou?

— Claro, você é o cara que falou um monte de besteiras. Continua o mesmo, não é?

— E deveria mudar? Sou perfeito. — Step abre os braços mostrando o físico. Babi considera que, pelo menos desse ponto de vista, ele está certo. É todo o resto que não funciona. Começando pela roupa e passando pelo seu comportamento.

— Viu? Está concordando comigo.

— Nem vou me dar ao trabalho de responder.

— Esse cara está importunando você, Babi? — Brandelli toma a infeliz decisão de se intrometer. Step nem olha para ele.

— Não, Chicco, obrigada.

— Se não estou incomodando, então quer dizer que gosta de mim.

-Você não fede nem cheira. Aliás, para ser mais exata, te acho até meio chato.

Chicco tenta acabar com a conversa dirigindo-se a Babi.

— Quer tomar alguma coisa? Step responde por ela.

— Quero sim. Me traz uma Coca-Cola. E rápido.

Chicco ignora.

— Alguma coisa, Babi?

Step olha para ele pela primeira vez.

— Já disse, uma Coca, e vê se não demora. Chicco fica parado com o copo na mão.

— Anda logo. Será que você é surdo, seu verme?

— Deixa para lá. — Babi intervém tirando o copo da mão de Chicco. — Eu mesma vou cuidar disso.

— Está vendo? Quando você é amável fica muito mais bonita.

Babi pega a garrafa.

— Toma, e cuidado para não derramar. — E joga o copo cheio de Coca na cara de Step. Ele fica todo molhado. — Bem que eu avisei para tomar cuidado.

Você realmente não passa de uma criança, nem sabe tomar um refrigerante.

Chicco começa a rir. Step lhe dá um empurrão tão violento que o faz voar para cima de uma mesinha espalhando tudo o que havia em cima dela. Depois, segura as bordas da toalha sobre a qual estão as bebidas. Puxa com força, tentando imitar o truque dos ilusionistas, mas a jogada não dá certo. Uma dúzia de garrafas voam longe investindo contra os convidados sentados nos sofás próximos. Alguns copos se quebram. Step enxuga o rosto.

Babi olha enojada.

— Você não passa de um animal.

— Isso mesmo, preciso de uma boa chuveirada, estou todo grudento. Você é a culpada e por isso irá tomar banho comigo.

Step age rápido. Segura Babi pelas pernas e sai carregando-a sobre os ombros. Babi tenta se desvencilhar, furiosa.

— Me deixa em paz. Me solta! Socorro!

Nenhum dos convidados intervém. Brandelli volta a ficar de pé e tenta detê-lo. Step lhe dá um pontapé na barriga que faz com que ele caia bem no meio de um grupinho de convidados. Schello ri como um louco, dança com Lucone dando

cascudos nos que passam por perto. Alguns reagem. Perto do DJ estoura uma briga. Roberta, preocupada, fica parada na porta olhando, pasma, para a sua sala devastada.

— Dá licença, onde fica o banheiro?

Sem nem mesmo estranhar aquele cara que carrega uma garota nas costas, indica a direção para ele.

-Ali.

Step agradece e segue em frente. Hook e o Siciliano chegam carregados de ovos e tomates. Começam a acertar nos quadros, nas paredes e nos convidados, com total imparcialidade, com força, para machucar. Brandelli se junta a Roberta.

— Onde fica o telefone?

— Ali. — Roberta aponta para o lado oposto ao do banheiro. Parece-lhe ser um guarda do trânsito que tenta dar um jeito naquele vaivém, ou melhor, naquele caos repentino que tomou conta da sua sala. Infelizmente, não tem autoridade para multar todo o mundo e expulsá-los dali. Alguém, mais sábio ou mais covarde do que os demais, aproxima-se, beijando-a.

— Até a próxima, Roberta. Muitas felicidades. Já está ficando tarde, precisamos ir.

-Ali. -Já completamente surtada, Roberta aponta para a saída pela qual, não fosse o fato de estar na sua própria casa, gostaria de fugir.

— Pare, já disse para me pôr no chão. Você vai pagar por isso...

— E quem vai me punir? Aquele cabide engomadinho que mais parece um garçom?

Step entra no banheiro e abre a porta corrediça, de acrílico opaco, do box. Babi se agarra na armação de metal na tentativa de detê-lo.

— Não, pare! Socorro! Alguém me ajuda!

Step dá um passo para trás, segura as mãos dela e as solta sem dificuldade. Babi decide mudar de tática. Tenta dar uma de simpática.

-Tá bom, tá bom, então desculpe. Agora me ponha no chão, por favor.

— O que quer dizer por favor? Você jogou um copo de Coca na minha cara e agora me diz por favor?

— Eu sei, e reconheço que estava errada, não deveria ter feito isso.

— E bota errada nisso. — Step entra no chuveiro e se ajeita bem embaixo do cano. — Mas agora é tarde. Preciso tomar uma chuveirada de qualquer jeito, senão vai até me acusar de ser pegajoso.

— Não, não. Não tem nada a ver.

Um jato de água bate bem no meio da cara de Babi, quase jogando as palavras na garganta da garota.

— Cretino! — Ela se agita tentando evitar a água, mas Step a segura firme, fazendo-a rodar para que fique toda molhada.

— Me solta, seu débil mental, me deixe sair daqui.

— Quente demais? — Sem esperar pela resposta Step mexe no regulador de temperatura que está bem diante dele. Vira-o completamente para o azul. A água torna-se imediatamente fria. Babi grita.

— É disso mesmo que a gente precisa, uma boa chuveirada gelada para dar um jeito no seu sangue esquentado. Sabia que é muito bom passar da água quente para a gelada, assim, de repente? — E leva o ponteiro novamente para o vermelho.

A água começa a fumegar. Babi grita ainda mais alto.

— Isso queima! Fecha logo essa porcaria!

— Acredite, isso é bom mesmo. Abre os poros, ajuda na circulação, chega mais sangue ao cérebro para a gente raciocinar melhor e entender que precisa tratar melhor as pessoas.. A gente precisa ser amável e, quem sabe, servir uma Coca-Cola em vez de jogá-la na cara do outro.

Nessa hora, chega Schello.

— Precisamos cair fora logo, Step. Alguém chamou a polícia.

— Como você sabe?

— Ouvi dizer. O Lucone acertou a minha testa com um ovo e eu tinha ido me limpar na outra sala. Então, peguei o cara telefonando.

Step fecha a água e coloca Babi no chão. Enquanto isso, Schello abre as gavetas embaixo da pia. Encontra alguns anéis e correntinhas, coisas sem maior importância, mas que, mesmo assim, enfia no bolso. Babi, com os cabelos completamente encharcados grudados no rosto, está apoiada na parede do box tentando se recobrar. Step tira a camiseta. Pega uma toalha e começa a se

enxugar.

Músculos abdominais perfeitos aparecem entre as dobras do tecido felpudo. A pele

lisa e esticada desliza tensa entre os degraus dos seus músculos.

Step olha para ela sorrindo.

— Acho melhor você se enxugar, senão vai acabar pegando um resfriado.

Babi levanta com a mão os longos cabelos molhados que cobrem o seu

rosto. Seus olhos aparecem: furiosos, decididos. Step finge ficar com medo.

— Calma, calma, já não está mais aqui quem falou. — E continua secando o

cabelo. Babi permanece sentada no chão. O vestido molhado ficou transparente.

Sob o tecido de flores lilás dá para perceber as rendas de um sutiã claro, talvez da

mesma cor da calcinha. Step repara.

— Então, quer ou não uma toalha?

— Vai à merda.

— Que grosseria! Como assim?... Uma boa menina como você dizendo essas

coisas! Da próxima vez que tomarmos banho juntos, me lembre de lavar antes a

sua boca. Está certo? Não se esqueça.

Step torce a camiseta e sai do banheiro após prendê-la na cintura. Babi olha-

o afastar-se. Nas suas costas ainda molhadas, pequenas gotas de água continuam

escorregando entre os feixes de músculos vigorosos e bem definidos. Babi pega um

xampu que está ali no chão e arremessa contra ele. Ao ouvir o barulho, Step abaixa-

se instintivamente.

— Agora entendo por que ficou tão irritada, esqueci de lavar a sua cabeça.

Tudo bem, vou fazer isso agora.

— Não se atreva! Saia logo daqui..

Babi fecha rápida a porta transparente do box. Step vê os pequenos dedos

dela grudados no vidro.

— Pegue! — Ele joga o xampu por cima do vão do box. — Bem, talvez

você prefira fazer isso sozinha... Como muitas outras coisas.. afinal de contas! —

Step sai do banheiro com uma risada debochada.

Ao ouvir a palavra polícia, há um corre-corre geral na sala. A briga logo acaba. Lucone, o Siciliano e Hook, com seus passados mais sombrios do que os dos outros, são os primeiros a alcançar a porta. Alguns convidados permanecem no chão, sangrando. Roberta chora num canto. Os garotos vêem um bando de trogloditas saindo às pressas vestindo seus casacos de grife, os Henri Lloyd, alguns Fay e sobretudos caros. Bunny se afasta com passo mais pesado do que de costume, deixando um ruído de prataria atrás de si. Eles correm escada abaixo, rápidos, fazendo estremecer o corrimão no qual se seguram para enfrentar melhor as curvas. Derrubam os vasos caros dos patamares elegantes. Arrebentam as caixas de correio com socos precisos, diretos, aos berros e, depois de ainda roubar alguns selins de scooters, desaparecem na noite.

— Big. — Raffaella mostra decidida as cartas no pano verde, olhando satisfeita para a adversária, uma mulher de lentes tão espessas quanto a própria lerdeza.

— Ponha na mesa, querida. .

As cartas quase lhe caem das mãos. Raffaella apodera-se delas sem piscar.

— Essa fica aqui, essa aqui e finalmente essa outra aqui. As demais, terá de pagar todas.

Faz uma rápida conta de cabeça para logo a seguir anotar o resultado parcial num caderninho. Levanta-se e se posta atrás de Cláudio tomando também conta do jogo dele e depois de algumas jogadas o convence a bater. O companheiro deles também faz gin. Raffaella anota toda alegre os pontos. Não fosse pelo under que pegou Cláudio de surpresa, teriam ganho em toda a linha. Raffaella pega as cartas e começa a embaralhar com rapidez. A mulher de óculos espessos vira a vela. Até

nisto não faz por menos. É extremamente vagarosa. Raffaella não suportaria perder, nem tanto pela contagem dos pontos, pois está bem na frente, quanto porque, nesse caso, ficaria com as cartas. Nas mesas vizinhas uma parceria que já perde há tempo demais decide se desfazer, culpando a má sorte por toda aquela série de jogadas infelizes. Mais alguém repõe o cinzeiro recém-esvaziado pela dona da casa no lugar onde estava antes, à sua direita. Um advogado serve-se de um uísque, enchendo o copo até o limite exato dos desenhos no vidro. A medida certa para ganhar continuando razoavelmente sóbrio. Alguns casais aparentemente mais apaixonados do que a maioria trocam entre si palavras carinhosas antes de retornar às cartas. Na verdade, trata-se mais de uma espécie de ritual mágico do que de um amor desinteressado.

Alguns casais já vão embora com a desculpa de ter de trabalhar bem cedo na manhã seguinte ou dos filhos que ainda não voltaram. Na verdade, ou ele não tem passado muito bem nos últimos tempos, ou ela achou o joguinho muito chato.

Entre eles também há Marina e Filippo. Despedem-se de todos agradecendo à dona da casa e mentindo sobre a maravilhosa reunião. Marina beija Raffaella e, depois, com um sorriso mais demorado do que de costume, lembra a amiga sobre a promessa secreta a respeito das filhas.

Um grupo de convidados sai do número 1.130 da Via Cássia. Comentam o que aconteceu. Um garoto parece ser aquele que tem mais coisas a dizer. E tem toda a razão, levando-se em conta o seu lábio inchado. Depois de várias perguntas inúteis e idiotas, a polícia deixou a casa de Roberta. A única que sabia de

alguma
coisa, uma tal de Francesca, ao perceber que a festa estava fora de controle, foi-se
embora apressadamente levando consigo a bolsa esvaziada e o nome dos culpados.
No caos generalizado, Palombi e Daniela sumiram com mais alguns
convidados. Babi, toda encharcada, não sabe mais onde está a irmã. Em
compensação, Roberta arranjou um short que fica muito bem nela e um casaco do
irmão no qual caberiam duas Babis.
— Deveria aparecer nas festas vestida assim mais vezes, você está realmente
uma gatinha!
— Ainda com vontade de brincar, Chicco? — Os dois saem do prédio. —
Me perdi da minha irmã e ainda estragaram o meu vestido Valentino.
Ela mostra uma elegante sacola de plástico trazendo um nome diferente
daquele do vestido ensopado, mas igualmente famoso.
— E como se não bastasse, minha mãe vai ficar uma fera se me pegar
voltando de cabelo molhado. — As mangas do casaco encobrem as suas
mãozinhas. Babi as arregaça, puxando-as até o cotovelo. Não demora nada para
elas baixarem de novo.
— Lá vem ele, aquele ali. — Oculto atrás de algumas caçambas de lixo,
Schello aponta com firmeza para Chicco Brandelli. Step observa.
— Tem certeza?
— Absoluta. Eu estava lá quando ele ligou.
Step reconhece a jovem que está com o desgraçado, embora o disfarce dela
seja perfeito. Não dá para esquecer facilmente uma garota que fez tanta questão de
tomar banho com você.
— Vamos avisar os outros.
Babi e Chicco entram numa ruela.
— Mas, afinal, como é que você não veio ajudar quando aquele débil mental
me enfiou no chuveiro?
— Eu nem sabia, naquela hora eu estava na outra sala, chamando a polícia.
— Então quer dizer que foi você.
— Pois é, a situação estava ficando fora de controle, uma pancadaria só...
Reparou no lábio de André Marinelli?

— Reparei, coitadinho.

— Coitadinho? O cara deve estar adorando! Sabe lá o que já deve estar contando por aí. Sozinho contra todos, o salvador da pátria. Conheço muito bem esse figura. Chegamos, é esse aqui.

Param diante de um carro. Os faróis piscam enquanto as portas são destravadas. Um tipo de alarme bastante comum. O mesmo não pode ser dito do BMW: último modelo, novinho em folha. Chicco abre a porta. Babi olha os detalhes internos, perfeitos, a madeira escura, os assentos de couro.

— Gostou?

— Amei.

— Vim com ele pensando em você. Alguma coisa me dizia que iria te levar em casa essa noite.

— É mesmo?

— Claro! Na verdade, foi tudo armação. Eu mesmo chamei aquela turma de débeis mentais. Fique sabendo que foi planejado para que eu pudesse ficar sozinho com você.

— Então podia pelo menos me poupar daquela história do chuveiro, porque senão agora minha roupa teria mais a ver com o momento.

Chicco ri e fecha a porta de Babi. Depois, dá a volta, entra no carro e começa a dirigir.

— Pensando bem, até que me diverti essa noite. Pelo menos aqueles babacas fizeram a coisa escapar daquele velório de sempre.

— Não acho que a Roberta pense o mesmo. — Babi coloca educadamente a sacola de plástico aos seus pés. — Destruíram a casa dela!

— Grande coisa. O prejuízo foi pequeno. É só limpar os sofás e mandar as cortinas para a tinturaria.

Um baque forte e surdo, profundo, metálico, quebrando o ar elegante e harmonioso no interior do carro.

— O que foi? — Brandelli olha pelo retrovisor. De repente, aparece o rosto de Lucone. Ele está morrendo de rir. Atrás dele, Hook fica de pé no selim da moto e dá mais um violento pontapé no carro.

— São aqueles loucos! Rápido, vamos sair daqui! — Chicco muda de marcha e acelera. As motos, mais ágeis, aumentam imediatamente a velocidade e

caem em
cima dele. Babi, preocupada, vira-se para olhar. Estão todos lá, Bunny, Pollo, o
Siciliano, Hook, com suas motos poderosas, e no meio Step. A jaqueta de couro
enche-se de vento abrindo-se e mostrando o seu peito nu. Step sorri para ela. Babi
volta a olhar para a frente.
— Chicco, corra o máximo que puder, estou com medo!
Chicco não responde e continua dirigindo, pisando no acelerador pela
descida da rua Cássia, no frio da noite. Mas as motos estão lá, bem ao lado do
carro, não há como deixá-las para trás. Bunny acelera, Pollo estica a perna e, com
um pontapé, arrebenta o farol. O Siciliano dá um pontapé na porta esquerda
deixando-a toda amassada. As motos brincam a toda, aproximando-se e depois se
afastando do carro, golpeando-o com força. Ruídos surdos e impiedosos chegam
aos ouvidos de Chicco.
— Merda, estão acabando com o carro!
— Nem pense em parar, Chicco, se não quer que acabem com você.
— Não, mas posso dizer alguma coisa. — Ele aperta o botão do vidro
elétrico, baixando-o pela metade. — Ouçam, rapazes — grita enquanto tenta
manter a calma e, ainda mais, a direção. – Esse carro é do meu pai e se.. — Uma
cusparada acerta Chicco bem no meio da cara.
— Uhuuu, bem no alvo, cem pontos! — Pollo fica de pé atrás de Bunny,
levantando os braços em sinal de vitória.
Chicco, desesperado, enxuga-se com um pedaço de camurça mais caro e
verdadeiro do que o das luvas de Pollo. Babi olha enojada aquele escarro teimoso
que náo quer desgrudar e aperta o botão fechando novamente o vidro antes de a
mira de Pollo acertar mais alguma coisa.
— Tente chegar ao centro da cidade, quem sabe encontremos algum carro
da polícia.
Chicco joga a camurça para trás e continua a guiar. Ouvem mais ruídos de

lataria amassada e lanternas quebradas. Cada um deles, pensa, são centenas de euros

de prejuízo e longos sermões do pai. Então, tomado por uma raiva repentina,

começa a rir como um louco, tomado por uma crise histérica.

— É guerra que eles querem? Então é isso mesmo que vão ter! Vou matar todos eles, vou esmagá-los como ratos!

Chicco dá uma guinada no volante, o carro derrapa para a direita e depois para a esquerda. Babi se agarra no apoio da porta apavorada. Step e os outros, ao

ver o carro que se joga contra eles, abrem caminho freando e trocando de marcha

ao mesmo tempo.

Chicco olha pelo retrovisor. A turma continua ali, atrás dele, coladinha.

— Estão com medo, não é? Muito bem, segurem essa! Chicco pisa violentamente no freio. O ABS responde logo. O carro quase pára de repente. As

motos que seguem pelas laterais desviam e conseguem evitá-lo. Schello, que está

bem no meio, tenta freiar mas a sua scooter antiga, com os pneus carecas, derrapa e

acaba se estatelando contra o pára-choque. Schello rola no chão. Chicco sai novamente em disparada numa nuvem de borracha queimada. As motos, que agora

estão à frente do carro, saem depressa do caminho para não ser atropeladas. O

pessoal pára no intuito de socorrer Schello.

— Que filho-da-puta! — Schello se levanta, as calças estão rasgadas na altura

do joelho direito. — Vejam só o que ele fez.

— Isso não é nada. Do jeito que você voou, pode até se considerar sortudo. Só arranhou o joelho.

— Não dou a mínima para o joelho, o filho-da-mãe estragou a Levi's que acabei de comprar.

Todos riem achando graça, aliviados com o amigo que não perdeu a vida nem a vontade de brincar.

— Uhuuu, acabei com eles, consegui passar a perna naqueles babacas!

Chicco bate feliz as mãos no volante. Dá mais uma olhada no retrovisor do carro. Só uma viatura ao longe. Fica mais tranqüilo.

— Os caras sumiram. Aqueles merdinhas. — Ele pula no assento. — Consegui!

Logo, se lembra de que Babi está ao seu lado.

— Tudo bem com você? — E fica novamente sério, mostrando-se preocupado.

— Mais ou menos, obrigada. — Babi solta o apoio na porta voltando a sentar normalmente. — Mas agora gostaria de voltar para casa.

— Vou te levar agora.

Chicco pára um momento ao chegar a uma rua preferencial e depois segue pela ponte Mílvio. Chicco olha de novo para ela. O cabelo molhado desce até os ombros, os olhos azuis continuam fixos na estrada, ainda um tanto apavorados.

— Sinto muito. Ficou com medo?

— Bastante.

— Gostaria de tomar alguma coisa?

— Não, obrigada.

— Eu, no entanto, prefiro parar um pouquinho.

— Como quiser.

Chicco dá meia-volta. Encosta bem ao lado do chafariz na frente da igreja, joga um pouco de água na cara para livrar-se dos últimos possíveis resquícios da cusparada de Pollo. Depois, deixa o vento fresco da noite passar pelo rosto ainda molhado, acalmando-se— Ao abrir os olhos, voltou à dura realidade. O seu carro, ou melhor, o carro do pai.

— Puta merda! — murmura. Aparentando indiferença, dá a volta, controla os prejuízos, tira pedaços de lanternas quebradas ainda pendurados. As portas estão todas amassadas, as laterais riscadas. Em alguns pontos estão faltando lascas inteiras de tinta metalizada. Faz uma espécie de orçamento mental. Por volta de mil euros. Se por acaso se candidatasse como participante daquele programa em que é preciso adivinhar o preço não iriam aceitá-lo nem mesmo na platéia. Olha para Babi com um sorriso amarelo.

-Pois é, vai precisar de alguns consertos, tem alguns arranhões.

Mal consegue acabar a frase. Uma moto azul-escura, que o seguiu até ali com

os faróis apagados, pára com estrondo ao lado dele. Chicco nem chega a virar-se

por completo antes de receber um empurrão que o joga no capô, amassando-o. Ao

orçamento devem juntar-se pelo menos mais quinhentos euros. Step investe contra

ele com todo o seu peso, dando-lhe uma saraivada de violentos socos no rosto,

procurando acertar a boca, conseguindo.

Os lábios começam imediatamente a sangrar.

— Socorro! Socorro!

— Que isso lhe sirva de lição, para da próxima vez você aprender a ficar de

bico calado, seu verme nojento, seu merdinha fedorento! — E lá vão murros, um

depois do outro, fazendo com que a cabeça de Chicco bata no capô, causando

danos cada vez mais visíveis. Além do lanterneiro, o pai terá agora de pagar também o dentista.

Babi desce do carro e, num ímpeto de raiva, começa a agredir Step com

socos e pontapés, golpeando-o na cabeça com a bolsa de plástico onde guardou o

vestido.

— Deixe o Chicco em paz, seu covarde! Pare com isso!

Step se vira e afasta Babi com um violento empurrão. Ela recua, tropeça no

meio-fio perdendo o equilíbrio e acabando no chão. Step fica um momento

olhando para ela. Chicco aproveita para tentar entrar no carro. Step, no entanto, é

mais rápido.

Joga-se contra a porta prendendo o outro pelo peito. Chicco berra de dor.

Step começa a esbofeteá-lo. Babi levanta-se dolorida e também começa a gritar em

busca de ajuda. Justamente naquele momento passa um carro. São os Accado.

— Olha, Filippo! O que está havendo? Ora, aquela é Babi, a filha da Raffaella!

Filippo freia e desce do carro, deixando a porta aberta. Babi corre para ele

gritando.

— Faça alguma coisa, rápido. Eles estão se matando! Filippo investe contra Step, segurando-o por trás.

— Chega, pare com isso! — Ele o envolve e o leva para longe. Chicco, finalmente livre, massageia o peito dolorido e depois, apavorado, sobe no carro e foge em disparada.

Step, tentando se soltar do aperto do senhor Accado, dobra-se para frente e joga a cabeça com força para trás. Acerta-o bem no meio da cara. Os óculos do senhor Accado voam para longe e se quebram, exatamente como seu septo nasal que começa a sangrar. Filippo cambaleia, com as mãos no nariz, sangrando, sem saber para onde ir. Agora, mais uma vez míope, quase chora, aturdido pela dor.

Marina corre para ajudar o marido.

— Seu pilantra, marginal, sem-vergonha! Não se aproxime, não se atreva a tocar nele!

Tocar nele? Como podia saber que o doido que ousou atacá-lo por trás era um velho? Step olha em silêncio para aquela mulher aos gritos.

— Entendeu, seu vagabundo? E não pense que vai ficar por isso mesmo! — Marina ajuda o marido a entrar no carro, liga o motor e se afasta com alguma dificuldade. Ela não costuma dirigir, apenas em raras ocasiões, quando acontece algo fora do comum. Como agora. O marido não recebe cabeçadas na rua todos os dias. Babi planta-se diante de Step.

— Você não passa de um animal, de um calhorda que dá nojo! Não respeita nada nem ninguém.

Ele a encara sorrindo. Babi sacode a cabeça.

— E deixe de me olhar com essa cara de bobo.

— Posso saber o que quer de mim?

— Nada, absolutamente nada. O que se pode querer de um animal? Bateu num senhor, numa pessoa mais velha.

— Antes de mais nada quem me atacou foi ele e, depois, como eu podia saber que era um velho? E digo mais. Pior para ele que decidiu se meter onde não

foi chamado.

— Então é isso! Qualquer um que se mete na sua vida recebe logo um soco na cara ou é agredido com cabeçadas! Cala boca, garoto. Fala sério, você deveria estar envergonhado! Até óculos, ele usava, olha. . — Babi apanha no chão o que sobrou da armação. -Você conseguiu quebrar tudo. Está feliz agora? Sabia que bater em alguém de óculos é crime?

— Não mete essa! Já estou cansado dessa história dos óculos. Quem foi que inventou essa babaquice? — Step se aproxima da moto e senta no selim. — Com certeza deve ter sido algum covarde procurando desculpas, alguém que usa óculos justamente por causa disso e sai por aí contando vantagens. — Step liga a moto. —

Até a próxima, então.

Babi olha ao redor. Ninguém à vista, a praça está deserta.

— Como assim, até a próxima?

— Como quiser. Até nunca mais, então. Babi bufa, irritada.

— E eu? Como é que vou voltar para casa?

— Isso não é problema meu. Podia pedir carona àquele seu amigo. .

— Impossível, você o agrediu e ele teve de fugir.

— Culpa minha?

— E de quem mais pode ser, então? Chega de conversa, deixa eu sentar na garupa. — Babi se aproxima da moto e levanta a perna para sentar atrás. Step solta a embreagem. A moto dá um pequeno pulo para a frente. Babi olha para ele com raiva. Step se vira para encará-la. Babi tenta de novo, mas Step é mais rápido e a moto volta a avançar alguns metros. — Fique parado, garoto. Eu, hein, parece doido..

— Não é bem assim, queridinha. Eu sou um animal, um calhorda que te dá nojo, e agora quer pegar carona comigo? Com alguém que não respeita nada nem ninguém? Nada disso.. Fácil demais! É preciso ter coerência neste mundo, coerência. — Step olha para ela com expressão debochada. — Com certeza,

você
não pode pegar carona com um sujeito desses.
Os olhos de Babi ficam finos como lâminas, destilando ódio. Então, começa a caminhar decidida pela rua Farnesina.
— Estou certo, não acha?
Babi não responde. Step ri com seus botões, acelera e a alcança. Caminha ao
lado dela, sentado na moto.
— Desculpe, mas é por você mesma que faço isto. Vai ver que depois acaba se arrependendo. . Muito melhor você não mudar de idéia. Eu sou um animal e
você volta para casa a pé. Concorda comigo?
Babi continua calada, atravessa a rua mantendo o olhar fixo na rua. Sobe na calçada. Step faz o mesmo. Levanta-se em cima dos pedais para amortecer o
choque.
— Claro... — Ele continua a acompanhá-la com a moto. — Se me pedir desculpas e engolir o que disse, se admitir que estava errada. . Então não tem
problema. . Posso levar você para casa, por que, nesse caso, vai haver coerência.
Babi atravessa mais uma vez a rua. Step vai atrás. Acelera de leve encostando
nela, puxa-a pelo casaco.
— E então? Não é difícil, olha, repete comigo: peço perdão... Babi lhe dá uma cotovelada, livra-se dele e começa a correr.
— Que maneiras mais horrorosas! — Step acelera e logo a alcança. — Quer dizer que prefere ir a pé até a sua casa? Por falar nisso, onde você mora? Longe?
Ah, já entendi, está querendo emagrecer. Acho até que você tem toda razão. Não
foi nada fácil te carregar até o chuveiro. — Step segue em frente, sorrindo. — E,
além do mais, se formos fazer outras coisas é melhor você perder alguns quilinhos. . Não é que eu esteja disposto a enfrentar uma tarefa como essa todos os
dias. Sabe de uma coisa? Já entendi você. Você é o clássico tipo que gosta de ficar
por cima, não é? Então é bom mesmo emagrecer um pouco, senão vai me

esmagar.

Babi não agüenta mais. Pega uma garrafa que desponta de uma lixeira e joga-

a tentando acertá-lo. Step freia rápido e se abaixa, desviando para o outro lado. A

garrafa passa alguns centímetros acima dele mas o motor desliga e a moto se

inclina. Step faz força para segurar o guidom e consegue detê-la antes que bata no

chão. Babi começa a correr depressa. Step perde algum tempo para ligar o motor

novamente.

Bem naquela hora, surge de uma travessa lateral um babaca louro a bordo de

um carro bem velho. Vê que Babi corre sozinha e encosta nela.

— Olá, minha linda, quer uma carona?

— Olá, seu merdinha, quer um soco na cara?

O sujeito olha para Step que de repente enfiou-se entre eles. Compreende

que mais do que uma paquera ali só pode arranjar uns bons tabefes. Vai embora

virando a cabeça indignado.

O sujeito no carro levanta o braço direito de forma não muito bem definida,

tentando fingir superioridade e não admitir que tinha se dado mal. Step espera que

se afaste e então vai atrás de Babi, cortando-lhe o caminho.

— Vamos lá, suba. Já chega dessa história.

Ela tenta passar na frente dele. Step a força contra a parede. Babi tenta

passar por trás. Step a segura pelo casaco.

— Já disse, suba!

Step puxa Babi com raiva. Ela afasta o rosto, apavorada. Ele observa aqueles

olhos límpidos e profundos que o observam com medo. Solta-a lentamente e então

sorri.

— Suba logo, vou te levar para casa, senão, pelo jeito com que as coisas

estão indo, parece que hoje vou precisar brigar com meio mundo.

Em silêncio, sem nada mais a dizer além de seu endereço, Babi senta atrás

dele. A moto sai veloz, com raiva, aos pulos. Babi instintivamente o abraça. Sem

querer, suas mãos acabam por baixo do casaco. A pele dele é fresca, o corpo quente
no frio da noite. Babi sente escorregarem sob os seus dedos músculos bem
definidos. Alternam-se perfeitos a cada movimento dele, por menor que seja. O
vento escorre sobre seu rosto, o cabelo molhado ondeia no ar. A moto se inclina,
ela o aperta com mais força e fecha os olhos. O coração começa a disparar.
Pergunta a si mesma se é apenas pelo medo. Ouve o barulho de alguns carros.
Estão agora numa rua mais movimentada, já não faz tanto frio. Ela vira o rosto e o
apoia nas costas dele, sempre sem olhar, deixando-se ninar por aquele sobe e desce,
por aquele ronco poderoso que ouve embaixo de si. Depois, não há mais nada.
Apenas o silêncio.
— Bem, eu poderia continuar assim durante a noite inteira. Aliás, poderia até
me aprimorar, encontrar novas posições.
Babi abre os olhos e reconhece as lojas fechadas ao redor, as mesmas que
tem visto todos os dias durante os seis últimos anos, desde que foram morar ali.
Desce da moto. Step respira fundo.
— Até que enfim, estava me sufocando!
— Desculpe, estava com medo. Nunca tinha andado na garupa de uma
moto! — Há uma primeira vez para tudo.
Bem naquela hora, um Mercedes pára ao lado deles. Raffaella desce
correndo. Não acredita nos seus olhos.
— Babi, já cansei de dizer que não quero vê-la andando na garupa. E além
do mais, o que está fazendo com essstcabelo molhado?
— Bem.. para dizer a verdade. .
— Deixe que eu explique, madame. Eu não queria acompanhá-la, não é
verdade? Diga para a sua mãe que eu não queria. Mas ela insistiu tanto... Pois
acontece que o cavalheiro que estava com ela, um sujeito com um BMW lindo, mas
todo amassado, acabou fugindo.
— Fugindo? Como assim?

— Isso mesmo. Ele deixou a sua filha no meio da rua! Sujeitinho miserável. .

— Que absurdo.

— Pois é! Mas eu lhe garanto, madame, dei a maior bronca no sujeito, uma bronca e tanto, não é verdade, Babi?

E, murmurando para que só a menina o ouça, ele diz:

— Sabe de uma coisa. . Babi? Até que eu gosto do seu nome.

— Deixa para lá, mamãe. A gente pode falar sobre isso mais tarde, está bem?

Cláudio baixa o vidro elétrico.

— Oi, Babi.

— Oi, pai.

Step também o cumprimenta.

— Boa-noite! — Ele acha graça daquela estranha reunião familiar. Raffaella,

por sua vez, não vê graça nenhuma.

— O que houve com você? Cadê o meu Valentino? Babi levanta o braço mostrando a sacola.

— Está aqui.

— E a sua irmã? Como é que não está com ela?

Naquela mesma hora, Daniela chega. Desce do carro com Palombi, que a acompanhou.

— Oi, mãe. Nem termina a frase. Raffaella lhe dá um bofetão bem no meio da cara.

— Que isso sirva de lição para que nunca mais saia de perto da sua irmã.

— Mas você não pode imaginar o que aconteceu, mamãe. Chegou uma turma de penetras e. .

— Cale-se.

Daniela apalpa em silêncio a bochecha. Palombi, seguindo ele também a ordem de Raffaella, volta para o carro e vai embora. Step liga o motor e se aproxima de Babi.

— Agora posso entender o seu péssimo gênio. Não é culpa sua, é coisa hereditária.

Ele engata a primeira e com um "Até mais" bastante abusado desaparece na noite. Babi e Daniela sobem no carro. O Mercedes entra no condomínio e passa

diante da portaria. Fiore gostou muito mais daqueles cinco minutos do que de

assistir a um Big Brother inteiro. Mais tarde, enquanto se despem, Daniela

desculpa-se com a irmã por ter estragado a saia emprestada.

— Foi o Palombi, ele me beijou! — Mas o seu orgulho satisfeito é cortado de cara por um sonoro bofetão.

Quando se fazem certas confidencias a uma irmã é preciso se certificar de que os pais já estão dormindo. Raffaella, de tão nervosa que estava, iria levar algum tempo antes de adormecer. Nessa noite, não são poucas as pessoas que não dormem. Algumas passam a noite no hospital, outras têm pesadelos. Entre elas, Chicco Brandelli. Ele imagina todas as soluções possíveis, deixar o carro na rua, levá-lo às escondidas para o lanterneiro na manhã seguinte ou jogá-lo num barranco denunciando o seu roubo. No fim chega à única solução possível. Não há solução. Terá de enfrentar o pai, exatamente do mesmo jeito com que Roberta enfrentou os pais dela naquela noite. Babi está na cama, transtornada com tudo o que aconteceu. Pensa que a culpa só pode ser daquele débil mental, aquele babaca, aquele animal cafona, violento e malcriado, aquele idiota metido a besta e abusado.

Mas, pensando melhor, percebe que nem sabe qual é o nome dele.

Dois raios de sol atravessam o quarto. Sobem pelas bordas da cama, iluminam os cabelos dourados, os braços descobertos. Babi abre os olhos ao cálido toque do novo dia. O despertador ainda não tocou. Puxa a colcha até o queixo.

Demora-se mais um pouco de olhos fechados, com as mãos na barriga, sem mexer com as pernas, imóvel. De repente, o despertador toca. Irritante e insistente, só anunciado por um pequeno estalo. Babi espreguiça-se com uma certa irritação, estica o braço procurando às apalpadelas o despertador na mesinha-de-cabeceira.

Esbarra em Sidarta, de Hesse, num livro de Yourcenar abandonado pela metade e em Bailo difamiglia. Encontra e desliga o despertador. Liga então o rádio.

Já está
sintonizado e, como todas as manhãs, Branko está lendo o horóscopo.
— Gêmeos. Mais um dia sem mudanças significativas. A lua passa pelo seu signo. A sua influência poderá ser motivo de algum nervosismo.
"Grande coisa. Já mal consigo agüentar o papai normalmente, só faltava agora a influência da lua!"
— Câncer. Para os nascidos sob este signo. . — Deixa para lá, sem prestar muita atenção nas palavras. Quem é de Câncer? Pallina? Não, nasceu em maio.
Maio deve ser Touro, ou Peixes. Não, Peixes é março.
Fecha lentamente os olhos e adormece de novo. Entrega-se, assim, àquela espécie de torpor leve e agradável, ainda quentinha e atordoada, recém-chegada de
sabe-se lá qual outro mundo. Mas, então, sem ela mesma saber ao certo a razão,
acorda de repente, talvez tenha sido um barulho ao longe, um perfume diferente,
uma sensação de responsabilidade. Arregala apressadamente os olhos e se vira
rapidamente para o despertador. O ponteiro marca sete e Vinte. Ainda bem. Só se
passaram alguns poucos segundos, mas por algum motivo, pareceram uma eternidade.
— Virgem. Para os nascidos nesse período. . — Babi vira-se para o rádio particularmente interessada. É o signo dela. Seis de setembro. — A passagem de
Vênus poderá trazer momentos de particular felicidade para os namorados.
"Namorados? Esquece! Antes de mais nada, tenho de encontrar a pessoa certa. Não um carinha que foge me deixando no meio da rua." Sai da cama e logo
ouve ruídos no quarto ao lado. Corre para o banheiro, mas Daniela é mais rápida e
consegue fechar a porta bem na cara da irmã.
— Pare com isso, Dani, me deixe entrar, já é mais de sete e meia. .
— Para você tomar posse da pia como sempre? Nem pensar!
— Não seja teimosa, vou dividir a pia com você. Daniela abre a porta, Babi entra. — Não lhe bastaram os tabefes que levou ontem à noite? Daniela responde
à irmã com uma careta. Elas se alternam lavando-se uma depois da outra

por
partes, sem falsos pudores e, principalmente, em silêncio. Babi costuma ser
intratável, antes de tomar o café da manhã, exatamente como a mãe. Mas Daniela
ainda tenta.
— O que achou do cara que te trouxe para casa ontem? Gostou dele?
Babi sai-se com uma espécie de grunhido. Não pode responder pois está
escovando os dentes. Olha para a irmã pelo espelho, com olhos transtornados,
então enxágua apressadamente a boca.
— Se gostei? Nem pense nisso, está louca? Como poderia gostar de um
sujeito desses, um animal? Sabe o que ele fez ontem à noite? Com a turma dele
acabou com o carro do Brandelli e depois, como se isso não fosse suficiente,
começou a dar uma surra no Chicco. Então, apareceu por acaso o senhor Accado
que tentou separá-los e aquele porco bateu nele também. Como acha que eu
poderia gostar de um cara que usa a cabeça para machucar os outros em vez de
pensar?
— Pode ser, mas nós achamos ele o máximo!
— Vocês? Vocês quem?
— Eu, Giúli, Giovanna, Stefania. .
— Pois é, quatro garotinhas debilóides, fanáticas por caras como ele, que
adoram aquela história do bom de briga, do valentão idiota. Queria saber qual é a
graça de sair por aí quebrando tudo, fazendo baderna e batendo nas pessoas.
.
— Ele e os amigos pegam um montão de meninas bonitas. Trocam de
namorada o tempo todo.
— Posso imaginar que tipo de garotas elas são!
— Algumas são gente muito fina. A própria Glória, filha dos Accado, sai
com Dario, um dos amigos do Step.
— Step?
— É, Stefano Mancini, o que te deu carona. Eu e Giulia costumamos
chamá-lo de Nota Dez, mas todos os outros o chamam de Step.
— Step? Passo? Poderia dar muitos, um depois do outro, e se jogar no rio.
Vamos lá, anda logo, não quero ouvir os gritos do papai dizendo que vai se

atrasar
por nossa causa.
Babi volta para o quarto e começa a se vestir, depressa. O uniforme está ali,
em cima da cadeira. Preparou tudo de véspera, embora já fosse muito tarde. Virou
hábito. Veste a camiseta azul-clara e a saia.
Step. Que nome mais idiota. Combina com ele, afinal. Babi entra na cozinha.
— Oi, mamãe.
Babi dá um beijo no rosto da mãe. Como de costume, repara no sabor de leite do creme Revlon que ela usa.
— Olá, Babi.
Ali está Raffaella, tomando o seu café puro, sem açúcar. Os olhos sem maquiagem e cheios de sono ainda não se acostumaram com a claridade. A
cozinha, com efeito, está mergulhada na penumbra. Babi senta diante dela. Daniela
também chega e pega uma cadeira ao lado da irmã. Babi enche a xícara de café com
leite e derrama nela umas gotas de adoçante.
Daniela também faz o mesmo, mas em lugar do adoçante, usa açúcar comum. Cada uma com seus hábitos, o seu lugar, a sua xícara.
— Mãe, será que poderia comprar aqueles pudins da Danone, os de leite e arroz com sabor de chocolate? São ótimos!
Daniela olha para Babi em busca de um apoio que não consegue.
— E para mim, mãe, precisa comprar mais biscoitos integrais, que estão acabando.
— Se não botarem na lista, não comprarei coisa nenhuma. Daniela se levanta
e acrescenta os pudins e os biscoitos dietéticos da irmã à lista das compras na
prateleira.
— Fique sabendo, Daniela, que se deixar vencer o prazo de validade mais uma vez, você mesma vai pagar.
— O que é isso, mãe?
— Acontece que tive de jogar fora os iogurtes de fruta de que você tanto gostava.
— Bom-dia para todos! Como vão as minhas maravilhosas mulheres? —
Cláudio beija as filhas. Também toma o seu costumeiro lugar ao lado de Raffaella.

— Muito mal. Não entendo por que de manhã a gente sempre tem de perder tempo com toda esta conversa boba e inútil. Vamos estabelecer uma regra. De manhã ninguém fala. — Raffaella toma mais um gole de café e se levanta. — Muito bem, vou voltar para a cama. Verei vocês duas na saída do colégio. Por falar nisto, avisem a Giovanna que hoje não estou a fim de esperar. Diga que eu avisei que se ela não aparecer logo, vou embora. — Dá um beijo no rosto de Cláudio e com um "Até mais, querido!" volta para o quarto.

Cláudio pega a cafeteira. Abre-a e olha para dentro.

— Será possível que nunca me deixam um pouco de café? — Ele fecha ruidosamente a pequena tampa de metal. — A mesma história, todas as manhãs. Não dá para acreditar!

Babi pega a cafeteira.

— Quer que prepare mais, papai?

— Não tenho tempo, vou tomar no bar, como sempre. Ninguém nunca pensou em usar uma cafeteira maior?

Daniela coloca as xícaras na pia.

— Acontece que não temos, pai.

— Vamos comprar, então.

Daniela bota na frente dele a lista das compras.

— O que é isso?

— Escreva aí. Mamãe não quer se lembrar de nada. Se quisermos alguma coisa, teremos de botar por escrito.

Cláudio tira o papel das mãos de Daniela. Lê e, embaixo de "biscoitos dietéticos" com o nome de Babi escrito ao lado, entre parênteses, escreve, "cafeteira para vinte xícaras" e coloca entre parênteses: "Cláudio, que nunca consegue tomar café em casa."

— Pronto! — Ele fecha a esferográfica e a joga na rmesa. Depois, levanta derrubando o banquinho no qual, como de hábito, sua perna acabou ficando presa.

— Ao diabo com esses banquinhos! — E sai deixando a porta da casa aberta atrás de si. Daniela e Babi se entreolham.

— Só espero que consiga manobrar o carro direito. Parece mais nervoso do

que de costume.

— Deve ser a influência da lua. Hoje ela passa pelo signo dele. Mas, de qualquer maneira, ande logo.

— Claro, é muito fácil falar para eu andar logo, mas sempre quem tem de lavar a louça sou eu.

— É mesmo? E quem foi que pôs a mesa ontem à noite? Hein? Quem foi?

Babi pega a mochila com os livros e sai. Parece que Branko acertou na mosca. Por isso, enquanto desce as escadas, tenta lembrar do próprio horóscopo.

O que dizia a lua? Isso mesmo, cuidado com possíveis encontros.

No pátio da escola, sentadas ao longo de uma comprida mureta de mármore sob um velho salgueiro, algumas garotas copiam apressadas os deveres de casa.

— O que está escrito aqui? Igual. .?

— X menos um! Será possível que nem copiar você consegue?

— Do jeito que você escreve!

— Só faltava essa! Você nem faz os seus deveres e ainda se queixa de como eu escrevo? É realmente o cúmulo!

— Lá vem a Catinelli.

Pallina fecha o caderno de matemática e corre ao encontro da Catinelli com mais algumas moças, todas possíveis candidatas à sabatina de latim.

— Vamos lá, Alê, nos dê logo a versão de latim, o sinal já vai tocar. —

Todas as garotas ficam paradas ao redor de Catinelli.

— Não, nada feito.

— Nada feito? Como assim?

— Estão surdas? Não gosto da idéia de copiarem a minha versão. Estou sendo clara? Não entendo por que vocês mesmas não podem traduzir o texto por

conta própria, como todo o mundo.

Pallina se aproxima.

— Deixa disso, Alê. Você sabe, hoje a Giacci vai me chamar na certa, e à Festa também.

Uma garota da turma, com o uniforme mais descuidado do que as demais, assim como as notas, concorda com um sinal da cabeça.

— Vamos lá, nos dê a versão, senão estamos fritas!

— Por favor, Pallina, não insista.

— O que foi, Pallina? No que está insistindo?

— Oi, Babi. A Alê não quer nos emprestar a versão dela. Você fez?

Durante alguns momentos, Catinelli deixa de ser o centro das atenções.

— Não, só fiz metade. E, além do mais, nem tenho certeza se está tudo certo. O negócio é que eu já fui chamada. Pelo que sei, hoje deve ser a sua vez e da Sílvia Festa, depois, recomeça o rodízio. Quem tirou notas baixas geralmente é chamada primeiro.

Catinelli tenta sair de fininho. Pallina a segura pelo casaco.

— Ouviu? Vamos lá, não nos deixe na mão!

— Não entendo por que não fazem o mesmo que a Giannetti. Depois de fazer o dever, ela me telefona e comparamos as versões... Assim ela confere a dela e, no dia seguinte, se sai bem. Vocês nem se esforçam, nunca vão aprender coisa nenhuma. .

— Deixe isso conosco. Na verdade, o latim não serve para nada. Afinal, vai ou não nos dar a versão?

— Já disse que não. Peçam à Giannetti. Pallina bufa.

— Se formos esperar por ela!.. Sempre chega bem em cima da hora. . Só faltam cinco minutos para o sinal tocar. Passa logo para cá, pelo menos hoje. . É a última vez, juro.

— É o que vocês sempre dizem. Não, dessa vez esse papo não cola.

Catinelli se afasta.

— Veja só que sem-vergonha. E ainda é feia como um demônio. Deve ser por isso que é tão azeda. Nunca tem nenhum cara interessado nela. Claro! Pelo menos a gente se diverte e tem sempre alguém nos paquerando.

Sílvia Festa se aproxima de Pallina.

— Pode ser, mas não acho que a minha mãe vá gostar muito do três que a Giacci vai nos dar por não termos feito a versão.

— Fiquem com a minha. — Babi tira da mochila o caderno de latim e o abre na última página. — Pelo menos poderão dizer que tentaram. Só traduziram metade, mas é melhor do que nada. Digam que pararam em esperavisse. É um verbo que não sei mesmo de onde saiu. Na verdade tentei encontrá-lo no livro por mais de quinze minutos. Aí, fiquei de saco cheio e decidi fazer um lanche. Um

iogurte diet, sem açúcar, horrível. Quase tão azedo quanto a Catinelli.

Todas riem.

Pallina pega o caderno e apóia-o na mureta. A versão fica exposta para as outras. — Seja como for, é verdade. Estudar engorda. Sempre soube disso. Se tivesse ido para a escola de línguas agora estaria com quatro quilos a menos. —

Pallina começa a copiar imitada por Sílvia e algumas outras meninas, todas possíveis vítimas da terrível Giacci.

Das grandes vidraças da sala dá para ver alguns jardins não muito longe dali.

Alguns meninos de roupas iguais brincam correndo pelo gramado. A professora ajuda uma criança que, ao cair, sujou de verde o jaleco branco. Os raios do sol iluminam as carteiras. Babi olha para as companheiras de turma sem prestar muita atenção. A Benucci agüentou menos do que de costume. Fica lá, com as mãos embaixo da carteira, remexendo na sua pizza vermelha. Tira um pedaço e com os dedos sujos de tomate leva-o depressa à boca. Depois, começa a mastigar, fingindo indiferença, de boca fechada e o olhar vago fixo na professora, como se não estivesse fazendo nada demais. Por alguns momentos, Babi presta atenção nas explicações da Giacci. Uma jovem mulher do século XIX, que mesmo não sabendo cavalgar, decidiu montar a cavalo. E caiu. Babi não acompanhou o bastante para saber se ela se machucou mais ou menos gravemente. A única coisa que sabe é que algum idiota, na certa alguém sem idéias, foi bastante imbecil para transformar a queda numa espécie de romance.

— Pois bem, a composição lírica A Luigia Pallavicini caduta da cavallo é para segunda-feira, a outra coisa certa é que terão de ler o poema.

O sinal toca. Giacci fecha a chamada de italiano.

— Vou até a sala dos professores pegar a chamada de latim. Não

aproveitem
a minha ausência para fazer bagunça.
Todas as meninas se levantam das carteiras. Antes de a professora sair, três
delas conseguem a permissão para ir ao banheiro. Na verdade, só uma precisa ir lá
por razões fisiológicas. As outras duas entram no mesmo cubículo para
compartilhar felizes o seu vício, um agradável Merit, sem dar a mínima para todos
aqueles que consideram esse o mais prejudicial dos cigarros.
A Giacci chega. As jovens voltam todas aos seus lugares. Ouvem
atentamente as explicações sobre a métrica latina. Algumas delas marcam os
acentos e copiam a frase escrita no quadro negro. Outras, mais preocupadas com a
sabatina, preferem dar uma última lida na versão.
A Benucci mais uma vez não resiste. Volta a desembrulhar a pizza. Duas
garotas atrás dela mascam um chiclete de hortelã. Tentam disfarçar o cheiro da
nicotina. Mais outra no fundo da sala presta tranqüilamente atenção. O banheiro
aliviou sua dor de barriga.
— Então é isso. Para quarta-feira que vem, da página 242 até a 247.
Tradução e leitura em métrica com conhecimento perfeito das regras de
acentuação.
Babi toma nota dos deveres para quarta-feira. Então, quase sem querer,
folheia o caderno de anotações de trás para a frente. Imagens coloridas e cheias de
mensagens desfilam diante dos seus olhos. Festas, aniversários, frases divertidas da
Pallina, notas tiradas em várias matérias. Opiniões sobre filmes vistos no cinema,
amores possíveis, impossíveis, passados.
"Marco, amo você." Ela fica olhando para aquela frase escrita em vermelho,
ali, no final da página, acompanhada por um pequeno coração. Novembro. Isso
mesmo, novembro. Estava loucamente apaixonada.
Novembro. Um ano antes.
— Alguma coisa para mim, mamãe?
— Sim, tem uma carta para você na cozinha. Deixei em cima da mesa.

Babi corre logo para a cozinha, encontra a carta. Reconhece a letra e abre o envelope feliz. Já estão juntos há quatro meses. O seu namoro mais longo. Melhor dizendo, na verdade é o seu único namoro. Lê a carta.

Querida Babi,

Nesse dia tão importante (o descobrimento da América? Mais do que isso! O primeiro homem na lua? Muito mais! A inauguração do Gilda? Estamos chegando lá!). Calma garota, estou brincando! Nesse dia em que festejamos quatro meses juntos, decidi transformá-lo para você numa data especial, feliz, maravilhosa, romântica. Está pronta? Tire a Vespa da garagem e saia.

Pois começou a sua "caça ao tesouro". "Tesouro" no sentido de amor. Justamente aquilo que eu sinto por você.

Marco.

P.S. A primeira dica é: "Há um parque aonde você sempre vai, mas quase nunca a noite. On the leftfica a terceira tree, que em inglês sabe o que é. Se por ali cavar, na certa alguma coisa irá encontrar. Certo? Então vá!"

Babi guarda a carta e fica pensando. O parque deve ser o Villa Glori, onde costuma correr. Em inglês? Acha que sou analfabeta? Muito fácil, é a terceira árvore à esquerda, logo depois da entrada.

— Mãe, vou sair.

— Aonde vai?

— Preciso entregar uma coisa à Pallina. Babi veste o casaco de pele.

— Quando acha que estará de volta?

— Na hora do jantar. Ficarei estudando com ela. Raffaella pára na porta da cozinha.

— Conto com você. Não se atrase!

— Se houver alguma mudança de planos, eu ligo.

Babi sai apressada e então, pára, e volta atrás. Dá um beijo rápido no rosto da mãe e sai correndo. Ao chegar ao pátio abre vagarosa e silenciosamente a porta da garagem. Tira a Vespa para depois afastar-se sem ligar o motor, aproveitando a

descida. Mas bem na hora em que vai virar na primeira curva, olha para cima.

Raffaella está na sacada. Os seus olhares se cruzam.

— O ônibus demora demais.

— Leve pelo menos o cachecol.

— O colarinho do casaco já é suficiente. Juro que não estou com frio.

Tchauzinho!

Babi engata a segunda. A Vespa dá um leve solavanco e logo o motor pega.

Babi baixa a cabeça chegando quase a encostar no guidom que fora levantado por

Fiore. Percorre todo o Corso Francia e chega ao Villa Glori. Deixa a Vespa

encostada e entra correndo no parque. Algumas mulheres estão passeando com

crianças. Jovens atletas se empenham no cooper. Babi se aproxima da terceira

árvore à esquerda. Embaixo, perto das raízes, há uma pequena moita. Ela afasta a

ramagem. Encontra uma sacola de plástico que agarra sem pensar. Volta até a

Vespa com ar de feliz cumplicidade.

Quando abre o saco, encontra um lindo cachecol de cashmere azul e uma

mensagem:

Acho que você não tem nenhum cachecol, pois nunca a vi usando! Vive de

garganta irritada e não pára de tossir. Agora está bem agasalhada para ir até a sede

da RAI. Um grande cavalo de pedra está por lá. O que você esta esperando? Mexa-

se! Quando chegar, mais alguma coisa vai encontrar.

Babi monta na Vespa e sorri com aquela brincadeira romântica. Envolve o

pescoço com o cachecol. É quente e macio. Um belo presente, sem dúvida alguma.

E útil também, considerando o frio. A mãe tem razão. Marco é realmente um amor,

embora seja meio destrambelhado. E se outra pessoa tivesse encontrado a sacola?

Babi teve sorte. Liga a Vespa e sai à toda rumo à praça Mazzini. Pára diante de um

pequeno pátio cercado por uma grade alta. Babi desce da Vespa e passa pelo

portão. O porteiro olha para ela com curiosidade, mas logo se concentra

num
cavalheiro de maleta que lhe pede informações. Babi aproveita a ocasião para se
aproximar do cavalo. Na barriga, com giz branco, ela vê uma seta que aponta para
baixo. Marco deve ter ficado louco. Babi olha melhor. Há outro embrulho, que ela
também apanha depressa. O porteiro não percebeu nada. Dessa vez, encontra um
par de óculos Ray-Ban, lindos, último modelo, pequenos e retangulares.
Obviamente há mais uma mensagem. A etapa seguinte é um endereço. Rua Cola de
Rienzo, 48. A Vespa sai mais uma vez a toda, não apenas graças ao motor
envenenado para andar mais depressa, mas também devido à curiosidade crescente
de Babi.
A menina chega ao novo destino. É uma loja. Ela fica um tanto desnorteada.
Uma loja de roupas íntimas. Os seus conjuntinhos de algodão branco tão simples
sempre foram comprados pela mãe. Babi entra indecisa. Olha a sua volta. Uma
jovem vendedora está guardando alguns conjuntos de cetim cinzentos recém-
chegados. Babi volta a ler a última linha da mensagem.
Se o seu nome proferir, coisas novas irá vestir.
A vendedora se aproxima.
— Posso ajudar?
— Acho que sim, sou Babi Gervasi.
— Ah, sim, claro.
A moça abre-se num simpático sorriso.
— Estávamos à sua espera. — Ela se coloca atrás do balcão. -Aqui está.
Pode escolher um deles, aquele que você mais gostar. -A vendedora coloca diante
dela três conjuntos, todos de cetim. O primeiro é composto por uma só peça,
preto, com desenhos transparentes na frente e alcinhas finas. O segundo, rosa
pálido, é formado por duas peças com desenhos transparentes um pouco mais

claros. O último é cor de ameixa, de alças muito finas e a calcinha tem as bordas

rendadas. Babi fica olhando cada um, sem coragem de levantar a cabeça. Ficou sem

jeito. A vendedora percebe e procura ajudá-la.

-Acho que este seria o mais apropriado para a senhorita. — Ela pega a parte

de cima do conjunto rosa pálido para mostrá-la. — A sua pele é tão clara, vai ficar

muito bem com ele.

Babi levanta timidamente os olhos.

— Sim, também acho. Então pode embrulhar. Obrigada. Babi se afasta do

balcão esperando que a prestativa vendedora volte com o embrulho. Olha ao redor.

Um frio manequim veste um conjunto extremamente sexy. Babi imagina a si

mesma usando aquilo. O conjunto parece quase normal, depois daquela escolha

dramática.

— Senhorita? — Babi vira-se para a vendedora. — Pois é, o rapaz que veio

aqui, que afinal creio seja o seu namorado. .

— Isso mesmo, de certa forma.

— Disse que, após escolher o conjunto, a senhorita teria de usá-lo.

— Mas eu. .

— Também disse que do contrário eu não poderia de jeito nenhum lhe dar o

novo recado. Foi o que ele falou.

— Entendi. Obrigada.

Babi pega o conjunto rosa e se encaminha para o provador. Através da

cortina, a vendedora entrega a sacola da loja.

— Fique com isto, poderá guardar seu conjunto velho aqui dentro.

Babi faz a troca. Depois, se olha no espelho. A vendedora estava certa. Fica

realmente linda com aquelas duas peças. Um pensamento passa pela sua cabeça. O

que será que a mãe vai dizer ao encontrar uma coisa dessas na pilha de roupa suja

para lavar? Melhor contar que foi Pallina que lhe deu de presente. Assim, só de

brincadeira. Quem sabe com Cristina e alguma outra amiga. Babi veste a roupa e sai

do provador. A vendedora confia nela. Sem olhar dentro do envelope

entrega a
nova mensagem Com ar sonhador, a vendedora a acompanha com o olhar
enquanto se afasta. É bonita o bastante para que alguém também faça com ela o
mesmo tipo de brincadeira divertida. Talvez naquela mesma noite se queixe com o
namorado, acusando-o de não ter imaginação. Mas é melhor não perder muito
tempo. Certas loucuras só têm graça até uma certa idade.
Babi leva alguns minutos para entender o novo recado. Acaba indo para o
Due Pini. No pequeno jardim perto da escola há um banco no qual ela e Marco
ficaram namorando algumas vezes. Embaixo do assento, encontra um bilhete da
Loteria de Agnano e mais outra mensagem. A caça continua. Vai a uma pequena
joa-lheria no centro onde tem de cantar uma musiquinha diante de alguns clientes.
Uma vendedora lhe entrega lindos brincos de turquesa e mais uma mensagem. Um
casaco e uma saia bordô esperam por ela na Benetton. O recado seguinte a leva até
a rua Veneto onde, após resolver um quebra-cabeça, recebe um lindo par de
sapatos combinando com o vestido. A caça leva-a então de volta à rua Vigna
Stelluti. A velha florista à direita antes da praça lhe entrega uma bonita orquídea e
mais uma mensagem. No bar Euclide, ali perto, já deixaram pago para ela o seu
doce preferido. Enquanto come a fatia de torta de fruta com creme, a moça da
caixa entrega o último recado:
Já mordiscou o seu doce predileto mas algo ainda lhe falta. Se não estiver
cansada demais, volte aonde tudo começou para acabar com essa carência.
Babi engole o último pedaço de torta, aquele com uma uva. Limpa a boca e
sai. Liga o motor e vai descendo pela Vigna Stelluti.
Se a mãe pudesse vê-la agora na certa não a reconheceria. Está usando um
lindo casaco bordô, elegantes sapatos de pelica, os pequenos Ray-Ban que estão na

moda, aqueles maravilhosos brincos de turquesa, uma orquídea nos cabelos, com
um bilhete de potencial riqueza no bolso, o bilhete da loteria. Se pudesse vê-la, no
entanto, Raffaella só poderia ficar feliz. Babi tem agora um cachecol quente de
cashmere em volta do pescoço. A Vespa vira na praça Euclide e pára diante da Villa
Glori. Justamente onde a caça começou. Reconhece o carro esporte azul. Entra
correndo. Marco está lá, apoiado numa árvore. Babi vai ao encontro dele e o
abraça. Marco tira de trás das costas uma rosa que até então mantivera escondida.

— Para você, meu amor. Feliz quarto mês.

Babi olha para a rosa, feliz, e então se joga mais uma vez nos braços dele,
beijando-o com paixão. Está caidinha mesmo. E como poderia não estar depois
daquilo tudo? Marco se afasta um pouco, sempre segurando Babi pelos ombros.

— Deixa eu olhar para você. Está realmente linda. Superelegante. E quem
foi que escolheu todas essas coisas bonitas? — Marco ajeita o cachecol azul em
volta do pescoço dela. Babi olha para ele com os seus grandes olhos, tão azuis
quanto a lã do cachecol.

— Você, meu amor.

Marco a abraça. Dirigem-se para a saída.

— Você se importa em deixar a sua Vespa aqui?

— Por quê? Aonde vamos?

— Podemos tomar alguma coisa e depois, quem sabe, jantar juntos.

— Preciso avisar a minha mãe.

Babi entra no GT. Marco coloca prestativamente a trava na roda dianteira da
Vespa. Depois, também entra no carro e se afasta rápido no trânsito da tarde. Babi
liga para a mãe. Estão jogando cartas na casa dos Bonelli. Raffaella está tão
entregue ao carteado que mal presta atenção nas palavras da filha. Vai comer uma

pizza. Marco vai com ela, mas obviamente há todo um grupo de amigos. Vai deixar
a Vespa na casa da Pallina. Irá buscar no dia seguinte.
Marco lhe deu um cachecol de presente. Talvez seja justamente essa última notícia que deixa Raffaella feliz. Babi pode ir.
Jantam no Matriciano, uma pizzaria na rua dos Gracchi in Prati, um local bastante famoso, que é freqüentado por gente conhecida.
Falam da caça ao tesouro. Babi conta que se divertiu muito. Adorou tudo, as
amigas vão morrer de inveja. Marco procura disfarçar, mas não consegue esconder
o orgulho que sentte ao pensar no assunto.
Brinca com o fato de ter ido a Villa Glori preocupado com a idéia de ela não
ter entendido alguma mensagem e nunca mais aparecer por lá. Babi finge ficar
ofendida. Marco sorri para ela. Babi passa uma das mãos pelos cabelos. Ele segura a
outra mão dela e a acaricia. Chega um ator famoso acompanhado por uma linda
jovem ainda desconhecida. Não vai demorar para ela aparecer nas bancas muito em
breve, pelo menos nas páginas da Novella 2000, a julgar pelo seu comportamento.
Um garçom cumprimenta o ator e encontra logo uma mesa para o casal. Babi
repara nele. Vira-se algumas vezes para olhar e conta para Marco. Ele aparenta
receber a notícia com indiferente descaso e serve-lhe um copo de vinho. A maioria
das pessoas presentes se esforçam para assumir a mesma postura de Marco. Alguns
poucos, não resistindo, viram-se para olhar o ator. Outros o cumprimentam, orgulhosos de poder demonstrar que são amigos dele. O ator retribui os
cumprimentos, para em seguida cochichar com a bonita jovem que não faz a
menor idéia de quem sejam aquelas pessoas. Ela dá uma risada quase sincera. Pode
ser que se torne, de fato, uma boa atriz. Muitos continuam a jantar como se

o
vissem todos os dias. Na verdade, não dá para entender todo esse sucesso do
Matriciano. As pessoas vão lá para encontrar personagens famosos e aí, quando
eles chegam, fazem de conta que nem repararam neles.
Mais tarde, Marco e Babi dão uma esticada até o centro da cidade. Entram
no Giolitti e tomam um sorvete. Ela quase briga com o garçom para conseguir uma
cobertura dupla de creme chantilly. Marco paga uma quantia extra para contentá-la.
Sempre conversando sobre o sorvete, o garçom, o Giolitti e a cobertura dupla de
chantil y, chegam quase sem se dar conta à casa de Marco. Abrem a porta devagar
para não acordar os pais. Andam na ponta dos pés até o quarto dele. Fecham a
porta e, um pouco mais tranqüilos, ligam o rádio bem baixinho. Um beijo doce os
leva para a cama. Uma sensual voz feminina anuncia mais uma música romântica na
Tele Radio Stereo. A luz do luar entra atrevida pela janela. Babi deixa-se acariciar
naquela penumbra mágica. Lentamente, Marco retoma o vestido que lhe deu de
presente. Ela fica de calcinha e sutiã. Ele a beija entre o pescoço e os ombros,
afagando seus cabelos, apalpando seu seio e a pequena barriga macia. Depois,
levanta a cabeça e olha para ela.
Babi está embaixo dele, observando seus movimentos tímida e um tanto
amedrontada. Marco sorri. Os dentes aparecem brancos na penumbra.
— Tinha certeza de que iria escolher este conjunto. Você está linda.
Babi entreabre os lábios, Marco inclina-se sobre ela beijan-do-a. Delicada e
imóvel, ela aceita o beijo. Naquela noite, parece que a Tele Radio Stereo decidiu
transmitir as músicas mais fantásticas que já foram compostas. Ou, pelo menos,
assim parece a eles. Marco é doce e parece apaixonado. Ele insiste

longamente para
conseguir algo mais. Mas não adianta. Só tem a chance e o prazer de ver Babi sem
sutiã, nada mais. Mais tarde, a leva para casa. Acompanha-a até a porta e lhe dá um
beijo cheio de ternura, escondendo aquela estranha mágoa. Depois, volta guiando
rápido na noite. Lembra-se daquela música de Battisti que fala que uma garota é
como uma torta com creme de chantilly. Uma garota feliz porque não foi comida.
"Pois é, praticamente igual a Babi. Eu só consegui uma colherada". Fica
pensando na caça ao tesouro, no montão de dinheiro que gastou. No tempo que
levou para inventar mensagens românticas. Nos lugares que escolheu e em tudo
mais. Então dá meia-volta e decide ir ao Gilda. Mais um pensamento tira dele
qualquer resquício de escrúpulo. Como se não bastasse, Babi conseguiu até o
sorvete com cobertura dupla de chantilly.
Lembranças...
De repente, há um estranho silêncio na sala. A turma parece ficar imóvel,
suspensa no ar. Babi olha para as garotas ao seu redor, suas amigas. Simpáticas,
antipáticas, magras, gordas, bonitas, feias, graciosas. Pallina. Algumas dão uma
folheada rápida nos livros, outras dão mais uma lida nos deveres, preocupadas.
Uma delas, particularmente nervosa, massageia os olhos e a testa. Algumas chegam
até a curvar-se de lado tentando se esconder. Chegou a hora da sabatina. A
professora percorre com o indicador a lista dos nomes. Isso não passa de
encenação. Ela já sabe onde parar.
— Giannetti! — A moça se levanta deixando na carteira suas esperanças e
um pouco da sua energia.
— Festa. — Sílvia também pega o caderno. Conseguiu copiar a versão bem
em cima da hora. Avança entre as duas fileiras de carteiras, chega até a Giacci e

entrega o dever. Volta para o seu lugar perto da porta, ao lado da Giannetti. As
duas entreolham-se desconsoladas, tentando trocar algum ânimo diante daquele
triste destino comum. A professora levanta a cabeça da chamada e olha em volta.

Algumas garotas encaram aquele olhar para mostrar que estão tranqüilas e seguras.

Uma delas, blefa ostensivamente, quase oferecendo-se. Todos os corações pisam
um pouco no acelerador.

— Lombardi.

Pallina levanta-se. Olha para Babi. Parece dar um último adeus a amiga e se
encaminha para a mesa, já condenada a uma nota baixa.

Pallina se ajeita entre a Gianneti e Sílvia Festa, que a recebe com um sorriso
e murmura um "vamos ver se a gente se ajuda" que faz cair Pallina no mais negro
desespero. A primeira a ser interrogada é Giannetti. Traduz um pedaço da versão
tropeçando em alguns acentos. Tenta desesperadamente encontrar palavras que em
italiano expressem bem a idéia. Nunca encontra um maldito verbo do qual deriva
um difícil pretérito perfeito. Adivinha quase por acaso o particípio futuro, mas
nunca acerta no gerúndio. Sílvia Festa mostra-se um tanto indecisa na primeira
parte da tradução, a mais fácil. Não acerta um verbo, nem ao menos chega perto.

Acaba praticamente admitindo que colou o dever. Conta então uma estranha
história sobre a mãe que não está passando lá muito bem, como, aliás, ela mesma
naquele momento. Acerta de forma inesperada a declinação de um substantivo da
terceira parte. Pallina parece estar num enterro. Coube-lhe a terceira parte da
versão, a mais difícil. Consegue lê-la depressa, sem errar um acento sequer. Mas

então pára. Tenta uma arriscada tradução da primeira frase, mas um acusativo no lugar errado está criando uma interpretação imaginosa demais. Babi olha preocupada para a amiga. Pallina não sabe o que fazer. Do seu lugar, Babi abre o livro. Lê o trecho da versão. Controla a frase traduzida corretamente no caderno da colega c.d.f. Chama então a atenção da amiga com um leve assobio. Com ar de chateada condescendência, Giacci olha pela janela à espera de respostas que não chegam.

Babi se estica na carteira e, escondida pela colega da frente, repassa à melhor amiga a tradução perfeita do trecho. Pallina lhe sopra um beijo na palma da mão para então repetir, na ordem exata, tudo aquilo que Babi acabou de cochichar.

Ouvindo de repente as palavras certas no lugar certo, Giacci vira-se para a turma.

Tudo aquilo é bom demais para ser verdade. Na sala, tudo voltou ao normal. As moças estão todas nos devidos lugares, imóveis. Babi, novamente sentada com as costas retas na cadeira, olha para a professora com expressão ingênua e inocente.

Pallina, quase desafiando a sorte, sorri.

— Desculpe, senhorita, por um momento fiquei um pouco confusa e engasguei, mas isso acontece até mesmo com as melhores alunas, não é?

Após a tradução, costuma haver uma sessão de perguntas sobre os verbos, e Pallina sente-se mais à vontade. O pior já passou. Giacci sorri.

— Muito bem, Lombardi. Faça então o favor de traduzir mais um trecho, digamos até habendam.

Pallina é mais uma vez tomada pelo mais negro desespero. O pior ainda não passou. Mas, por sorte, Giacci volta a olhar pela janela. Babi lê a tradução da nova frase e espera alguns segundos. Está tudo bem. Estica-se mais uma vez para dar a dica à amiga. Pallina dá uma olhada na Giacci e depois vira-se para Babi

pronta para
repetir a brincadeira. Mas bem naquela hora a profffessora também se vira
lentamente. Debruça-se na mesa e pega Babi em flagrante. Com a mão em volta da
boca, e quase sentindo que foi descoberta, Babi volta a se endireitar na cadeira de
repente. Vê a professora. Os olhares das duas se cruzam entre os ombros de
algumas estudantes imóveis. Giacci sorri, satisfeita.
— Muito bem, muito bem! Temos uma jovem realmente preparada nessa
turma. Gervasi, já que parece saber tudo, venha até aqui traduzir o resto da versão.
Sentindo-se culpada, Pallina interrompe Giacci.
— Desculpe, professora, mas foi minha culpa. Fui eu que pedi ajuda para a
Babi. — Muito bonito, Lombardi, aprecio a franqueza. Muito nobre da sua parte.
E claro que ninguém duvida que a senhorita não sabe coisa alguma. Mas, agora,
gostaria de ouvir a Gervasi. Aproxime-se, por favor.
Babi se levanta sem sair da carteira.
— Professora, não estou preparada.
— Tudo bem, mas venha mesmo assim.
— Não me parece haver motivo para ir até a sua mesa para repetir as
mesmas coisas. Não estou preparada. Desculpe, mas não me foi possível estudar.
Pode lançar um zero na chamada.
— Muito bem. Que tal uma nota dois? Está feliz agora?
— Quase quanto a Catinelli quando não deixa a gente copiar os deveres dela!
— Todas as garotas riem. Giacci bate na mesa.
— Caladas! Gervasi, me traga o seu caderno. Quero ver se vai continuar
levantando a crista depois da nota que terá de trazer de volta assinada. E também
quero saber se sua mãe vai gostar disso.
Babi leva o caderno até ela e a professora escreve algo depressa, com raiva e
o devolve.
— Amanhã, quero ver isso assinado.
Babi fica pensando que há coisas piores na vida, mas talvez seja melhor não
fazer muito alarde desse pensamento. Volta em silêncio para o seu lugar.

Sílvia

Festa leva um cinco, uma nota que pode até ser considerada boa levando em conta seu despreparo. Talvez Giacci tenha premiado suas desculpas. Mas até nesse assunto deve tentar melhorar. Com todos aqueles ataques, a mãe dela vai acabar morrendo.

Pallina volta à carteira com um bonito quatro que não tem absolutamente nada de nobre. Giannetti consegue a duras penas chegar à uma nota mediana. Ao lhe dar a nota, Giacci a brinda com um provérbio latino. A garota faz uma careta, gaguejando que não sabe muito bem o que aquilo quer dizer. A verdade é que ela não entendeu nem uma única palavra. Mais tarde, Catinelli, sua companheira de carteira, traduz para ela. É a história macabra de um caolho que é feliz por viver num mundo de cegos. Babi abre o caderno nas últimas páginas. Junto da lista com o nome das colegas em ordem alfabética, botou algumas folhas onde anota o nome de todas aquelas que foram chamadas. Marca na página do latim os nomes de Giannetti, Lombardi e Festa com mais uma bolinha. Com a Sílvia, completa-se o segundo rodízio de sabatinas. Babi também faz um sinal ao lado do próprio nome.

A primeira a ser chamada no novo rodízio. Nada mal começar com um dois. Ainda bem que as outras notas estão boas. A média geral deve continuar pelo menos acima de seis. Fecha o diário. Uma colega sentada na cadeira ao lado lhe passa um bilhete. Babi esconde depressa o papel. Giacci está escolhendo uma nova versão para a semana que vem. Babi lê o bilhete.

Amei, amei de montão! Sinto orgulho em ter uma amiga como você. Você é

o máximo.

P.

Babi sorri, compreende logo a quem aquele "P" se refere. Vira-se para

Pallina, fica olhando para ela. Aquela garota é mesmo gente boa! Guarda o bilhete

dentro do caderno e então, de repente, lembra-se da anotação da professora. Sem

demora, lê o que a Giacci escreveu.

Mui prezada senhora Gervasi,

Sua filha compareceu à aula de latim totalmente sem preparo. Como se isto já não

bastasse, ao ser interrogada, respondeu deforma impertinente. Desejo que fique a par desse

comportamento.

Cordialmente, Professora A. Giacci.

Babi fecha o caderno. Olha para a professora. É realmente uma desgraça.

Depois, pensa na mãe. Uma nota de censura, veja só! A história vai render

horrores. Vai ter de ficar de castigo e sabe lá mais o quê. De uma coisa pode ter

certeza. A mãe nunca irá dizer: "Amei, amei de montão, Babi, você é o máximo."

Um pastor alemão corre depressa na praia com um pedaço de pau na boca.

Junta as pernas para separá-las logo a seguir, quase roçando na areia, deixando uma

nuvem de grãos atrás de si. Alcança Step. Deixa que lhe tire da boca o pedaço de

pau todo babado. Depois, se deita com a cabeça apoiada nas patas anteriores juntas

e esticadas no chão. Step finge jogar o pau para a direita e o cão logo pula, mas,

então, percebe que foi enganado. Step ensaia a brincadeira mais uma vez.

Finalmente, lança o pau bem longe, na água. O cão sai atrás. Mergulha no

mar sem hesitar. Avança de cabeça erguida entre pequenas ondas e uma leve

correnteza. O pedaço de pau bóia ali perto. Step se senta e fica olhando. O dia está

lindo. A praia ainda está vazia. De repente, um barulho inesperado. Um clarão que

incomoda. O cão desaparece. A água também, e o mar, as montanhas ao

longe, os
morros à direita, a areia.
— Que diabo está acontecendo?
Step se vira na cama cobrindo o rosto com o travesseiro.
— Que merda de invasão é esta?
Depois de levantar a veneziana, Pollo abre a janela.
— Puxa vida, que fedor! Melhor arejar um pouco. Pega, trouxe uns sanduíches. — Pollo joga na cama um embrulho verde do Euclide. Step fica sentado, se espreguiçando.
— Quem abriu a porta, a Maria?
— Ela mesma. Está preparando o café.
— Que horas são?
— Mais de dez. Step se levanta.
— Que diabo, não podia me deixar dormir mais um pouco? Step vai ao banheiro. Levanta a tampa que bate contra os ladrilhos com um estalo. No outro
aposento, Pollo abre o Corriere dello Sport e levanta a voz.
— Precisa me levar até a oficina do Sérgio. Ele ligou avisando que a minha moto está pronta. Viu que o Lazio confirmou o Stam, o zagueiro do Manchester. E
o Jaap. Esse cara é uma rocha.
Pollo começa a ler uma matéria e logo repara que Step não dá sinal de parar de urinar.
— Como é que é, bebeu um rio inteiro?
Step puxa a descarga e volta ao quarto. Pega o embrulho do Euclide. Depois,
vai para a cozinha com Pollo atrás. A cafeteira ainda fumegante está apoiada numa
bandejinha de madeira. Ao lado, há um pequeno bule com leite quente, enquanto o
frio, do tipo integral, continua na embalagem de papelão azul.
Maria, a empregada, é uma mulher pequena de uns cinqüenta anos. Ela sai do cubículo ao lado onde acabou de passar a roupa.
— Está vendo esse cara, Maria? — Step aponta para Pollo. — Seja o que for
que ele faça ou diga, nunca mais deve entrar aqui antes das onze.
Maria parece um tanto preocupada.
— Eu disse que o senhor queria dormir. Mas sabe o que ele respondeu? Que se eu não abrisse, ia derrubar a porta.

Step olha para Pollo.

— Foi isso que você disse para a Maria?

— Para ser franco... — Pollo sorri com cara de idiota. Step finge estar zangado.

— Você falou uma coisa dessas? Está querendo assustar a Maria. .? — Step agarra de repente o pescoço atarracado do Pollo, segurando-o sob o braço e imobilizando a cabeça do amigo. — Então foi isso que você disse, não é? Quer dar uma de nazista na minha casa? Agora então agüente! — Ele pega o bule com o leite fervendo e o aproxima do rosto de Pollo.

Pollo sente o calor e começa a gritar de forma exagerada.

— Pare com isso Step, está me machucando, merda. Step aperta com mais força. — E ainda fala palavrões! Esse cara deve estar louco de verdade. Peça imediatamente desculpas a Maria. Vamos lá, peça desculpas.

Maria está realmente preocupada. Step aproxima ainda mais o bule do rosto de Pollo.

— Ai, ai! Você me queimou. Desculpe, Maria. Peço-lhe humildes desculpas.

Maria sente-se culpada por tudo aquilo.

— Solte o rapaz, Step. Acho que me confundi. Ele não disse que ia arrebentar a porta. Devo ter entendido errado. Pois é, agora me lembro, ele disse que ia voltar mais tarde. Foi isso mesmo o que ele disse.

Step solta Pollo. Os dois amigos se entreolham e caem na gargalhada. Maria não está entendendo mais nada. Depois de um tempo, Step volta a ficar sério.

— Tudo bem, Maria. Obrigado. Acontece que este cara precisa mesmo de uma boa lição. Pode ir para o quarto, agora. E fique tranqüila, vou cuidar pessoalmente para que ele se comporte melhor.

Maria continua olhando para Pollo, arrependida. Os seus olhos parecem dizer que teria preferido evitar que se chegasse tão longe.

Pega então as roupas que acabou de passar e as leva para o quarto. Step a observa, achando graça. Depois, vira-se para Pollo.

— O que deu em você? Não tem nada melhor para fazer do que apavorar a minha empregada?

— Ela não queria me deixar entrar.

-Tudo bem, mas será que você não podia pedir por favor? Em vez disso, vai logo dizendo que arrebenta a porta? Da próxima vez, vou queimar essa sua carranca feia de verdade.

— Me dê as chaves, então!

— Só se for para você limpar a casa toda logo que eu sair!

— Não fale isso nem de brincadeira. . Acha mesmo que eu poderia fazer uma coisa dessas?

— Não, talvez não. Mas, na dúvida, acho melhor não te dar essa chance.

— Que miserável! Devolva logo os meus sanduíches.

Step sorri e faz sumir imediatamente um deles, enfiando todo o pão na boca de uma vez só. Pollo abre o jornal e faz cara de ofendido. Step enche sua xícara com café e, em seguida, acrescenta leite quente e frio. Depois, olha para Pollo.

— Quer um cafezinho?

— Quero sim, obrigado — responde com fingido desinteresse. Ainda não está disposto a dar o braço a torcer. Step serve uma xícara.

-Tudo bem, vou tomar uma chuveirada e depois levo você até a oficina.

Pollo beberica o café.

— Só tem um probleminha. Preciso de duzentos euros.

— Como assim? E toda aquela grana que você surrupiou ontem à noite?

— Tinha um montão de dívidas. Precisei pagar a quitanda, a tinturaria, e também o dinheiro que devia ao Fúrio, aquele do totó.

— E ainda se mete com esse tipo de gente, logo você que nunca tem um euro no bolso?

— Por isso mesmo. Fico tentando arrumar uma bolada. De qualquer maneira, guardei cento e cinqüenta euros para a moto.

Mas o Sérgio ligou avisando que precisou trocar o outro pistom e também os rolamentos e todo o resto. Sem contar a troca de óleo e outras coisas de que nem me lembro. Resultado: quatrocentos euros. Porra, eu preciso da moto. Hoje à noite vai rolar corrida. Você vai?

— Não sei. Mas, agora, precisamos descolar os duzentos euros.

— Pois é. Senão não vamos a lugar nenhum.

— Você não vai a lugar nenhum. — Step sorri e vai para o quarto de Paolo, o irmão. Começa a remexer entre os suéteres. Abre as gavetas do armário. Passa,

então, para a mesinha-de-cabeceira. Pol o fica olhando do batente da porta. Controla o corredor. Step percebe.

— Que diabo pensa que está fazendo aí parado com essa cara de bobo? Vai ficar de vigia ou vem logo me ajudar?

Pollo não perde tempo. Vai para o outro lado da cama. Abre a gaveta da outra mesinha.

— Sujeito precavido, o seu irmão, hein? — Ele olha para Step. Está com uma caixinha de camisinhas na mão e um sorriso safado na cara.

— Muito precavido! Tão precavido que já não deixa nem meio euro de bobeira por aí!

— Bem, até que faz sentido, depois de todas as vezes que fizemos a limpa no quarto dele.. — Pollo bota no bolso três camisinhas antes de pôr a caixinha de volta. Apesar de tudo, é um cara otimista. Step continua procurando qualquer possível esconderijo.

— Nada feito, não tem porra nenhuma por aqui. E eu não tenho nem um centavo para te emprestar.

Maria passa carregando alguns moletons e camisetas de Step na mão direita e as camisas primorosamente passadas de Paolo na esquerda.

Pollo aponta para ela com a cabeça.

— Que tal pedir a ela?

— Nem pensar! Ainda estou lhe devendo o dinheiro das revistas da semana passada.

— O que vamos fazer, então?

— Estou pensando. O Siciliano e o resto da turma estão mais duros do que a gente, deles é melhor esquecer. A minha mãe viajou.

— Para onde?

— As Canárias, acho, ou as Seychelles, sei lá. E mesmo que estivesse por aqui, francamente não ia adiantar nada.

Pollo concorda. Conhece muito bem o relacionamento entre Step e a mãe.

— E que me diz do seu pai? Ele não poderia emprestar?

Step pega uma camiseta recém-passada e a coloca sobre a cama, onde já separou uma cueca preta e os jeans.

— Vou almoçar com ele hoje. Ligou ontem avisando que queria falar comigo. Já sei o que vai dizer. Vai querer saber daquele lance de faculdade e tudo mais. E aí, como é que eu fico? Em vez de responder vou pedir duzentos

euros

dizendo que o Pollo precisa buscar a moto dele? Não acho uma boa idéia. Maria!

— Step grita e a mulher aparece no vão da porta. — Viu o meu casaco azul?

— Qual, Stefano?

— O parecido com o verde tipo militar, só que azul. Comprei outro dia.

Lembra os da polícia.

— Ah, já entendi. Botei na entrada, no armário do seu irmão. Achei que era

dele. Step sorri. Ia ser uma piada ver Paolo com uma roupa daquelas. Coisa do

outro mundo. Ele e os seus ternos passeio completo. Step vai para o corredor.

Abre o armário. Lá está o casaco. Fácil de se encontrar. E o único entre todos

aqueles casacos xadrez e os ternos cinza.

Step aproveita para revistar ali também. Nada feito. Ele volta para o quarto.

Pollo está na cama, com a carteira aberta nas mãos. Controla mais uma vez as

finanças à espera de um milagre que não aconteceu. Fecha o velcro desconsolado.

— E então?

— Ânimo, acho que encontrei a solução.

Pollo olha para o amigo ficando novamente animado.

— E qual seria?

— Quem vai pagar tudo é o meu irmão.

— E por que cargas d'água ele iria nos dar o dinheiro?

— Porque vou chantagear aquele mané. Pollo fica mais tranqüilo.

— Ah, é claro! — Afinal de contas, para ele, chantagear um irmão seria a

coisa mais natural do mundo. Por um momento, chega a desejar não ser filho

único. Paolo, o irmão de Step, está no escritório. Em seus trajes elegantes, sentado

à uma mesa igualmente elegante, controla alguns papéis do senhor Forte, um dos

clientes mais importantes da sociedade de consultoria financeira e tributária onde

trabalha. Paolo formou-se com louvor na Bocconi, voltou para Roma e logo

encontrou um ótimo emprego como assessor financeiro. Afinal de contas,

tem o
canudo do famoso ateneu milanês. E o pai, com todas as suas amizades, também
ajudou. Mas conseguiu manter-se no cargo e ganhar a estima de todo o
departamento graças ao seu próprio valor. A bem da verdade, no entanto, não se
pode esquecer que aquela firma nunca despediu ninguém.
Uma jovem secretária, com uma camisa de seda cor de creme talvez um
tanto transparente demais para aquele mundo de impostos e descontos fiscais, onde
a transparência nem sempre é bem-vinda, entra na sala de Paolo.
— Sim? — Paolo pára de examinar os documentos a fim de dedicar
primeiramente toda a atenção ao sutiã da secretária para só depois ouvir aquilo que
ela veio dizer.
— O seu irmão está aqui com um amigo. Mando entrar? Paolo não tem
tempo para inventar uma desculpa. Step e Pollo já invadiram a sala.
— Claro que manda entrar, porra, sou o irmão dele! O sangue sempre fala
mais alto, senhorita. Nós dividimos tudo, entendeu. Tudo. — Step segura o braço
da secretária dando a entender a remota, mas não descartável possibilidade de o
irmão e aquela jovem compartilharem algo mais do que os documentos e agenda de
compromissos. — Por isso, sou sempre bem-vindo, não é, maninho?
Paolo concorda.
— Claro.
A secretária olha para Step. Embora acostumada a tratar com cavalheiros
mais velhos, formais e ardilosos, o trata com todo o respeito.
— Desculpe, eu não sabia.
— Pois agora já sabe. — Step sorri. A secretária vira os olhos para o braço
que Step ainda segura.
— Posso ir agora?
Paolo, que apesar dos óculos novos nada percebeu, dá licença para que saia.
— Sim, claro, senhorita. Pode ir.
Quando ficam sozinhos, Step e Pollo sentam nas duas poltronas de couro
giratórias diante da mesa de Paolo. Step quase se deita e dá um impulso com o pé.
— Cara, você sabe escolher mesmo as secretárias. — Step dá uma volta

completa e fica novamente diante do irmão. — Fala a verdade, já comeu, não é?

Ou então tentou mas ela não topou. Nesse caso, eu despediria, você não tem nada

a perder.

Paolo olha irritado para o irmão.

— Será possível, Step, que eu tenha de repetir sempre as mesmas coisas?

Não poderia dizer menos palavrões quando está aqui? E se comportar de um jeito

mais civilizado? Eu trabalho aqui. Todos me conhecem.

— Como assim? O que foi que eu fiz? Fiz alguma coisa errada, Pollo?

Vamos, diga para ele que não fiz nada errado.

Pollo olha para Paolo tentando assumir uma expressão convincente.

— É verdade, ele não fez nada. Paolo suspira.

— Não adianta falar com vocês, as palavras entram por um ouvido e saem

pelo outro. Como ontem à noite. Já cansei de dizer para não fazer barulho quando

chega de madrugada. E você fez uma verdadeira balbúrdia.

— Espera aí, maninho. Desculpe mas quando voltei estava com fome.

Queria que eu fosse dormir sem comer? Só preparei um bife, ora essa.

Paolo sorri com ironia.

— Não estou lhe pedindo para não comer. O problema está na forma como

você prepara a comida, na forma de você fazer qualquer coisa, aliás. . Sempre com

estrondo, batendo a porta da geladeira, fechando ruidosamente as gavetas, não

dando a mínima para o fato de eu estar dormindo porque precisava levantar cedo

na manhã seguinte! E por que deveria se importar? Você só acorda na hora que

bem quiser.. Mudando de assunto, sei que hoje você vai almoçar com o papai.

Step senta direito.

— Por quê? Falaram de mim?

— Não, só que ele me contou. Acaba de ligar. Como é que íamos falar de

você? Eu nunca sei o que faz na vida. — Paolo olha melhor para o irmão. — Só sei

que se veste muito mal, com esses casacos escuros, tênis e jeans. Faz tanta questão

de parecer um marginal?

— Eu sou um marginal.

— Pare com esta bobagem, Step. Mas, antes, me diga por que veio aqui. Falo

sério... Algum problema?

Step se vira para Pollo depois olha novamente para o irmão.

— Nada sério, só preciso de trezentos euros.

— Trezentos euros? Ficou maluco? Acha que o dinheiro nasce em árvore?

— Tudo bem, então me dá duzentos.

— Nem pensar, não vou lhe dar absolutamente nada.

— Então é assim? — Step se debruça sobre a mesa. Paolo, assustado, recua.

Step sorri para ele. — Calma, irmãozinho, eu nunca iria machucá-lo, você sabe

disto. — E aperta o interfone ligado com a secretária. — Senhorita, pode vir aqui,

por favor?

A secretária nem repara na voz diferente.

— Já estou indo.

Step se esparrama novamente na poltrona, sorrindo para Paolo.

— E aí, maninho? Se não me der logo os duzentos euros, quando a sua secretária chegar vou arrancar a calcinha dela.

— O quê? — Paolo não tem tempo de dizer mais nada. A porta se abre. A secretária entra.

— Diga, doutor.

Paolo tenta encontrar uma saída.

— Não foi nada, senhorita. Pode ir. Step se levanta.

— Espera aí, garota. Só um momentinho. — Ele se aproxima da secretária.

A jovem fica encarando os três em silêncio, sem saber exatamente o que fazer.

Aquela situação é bem diferente das tarefas que está acostumada a desempenhar. A

secretária olha interrogativamente para Step.

— O que foi?

Step continua sorrindo.

— Gostaria de saber quanto custou a calcinha que você está usando.

A secretária fica sem graça.

— Francamente. . Paolo se levanta.

— Já chega, Step! Pode ir, senhorita. . Step segura-a pelo braço.

— Só mais um momento, por favor. Paolo, dê logo a Pollo o que

combinamos, e aí a senhorita poderá ir!

Paolo tira a carteira do bolso interno do casaco, puxa algumas notas de cinqüenta euros e as entrega raivosamente para Pollo, que conta o dinheiro e acena para o amigo dizendo que está tudo ok. Step solta a secretária com um sorriso.

— Muito obrigado, a senhorita é realmente o máximo de eficiência. Sem a sua ajuda, nunca teríamos resolvido esse caso.

A secretária se afasta, irritada. Não tem nada de boba, e não acha a menor graça em sair por aí contando quanto custa a sua roupa íntima. Paolo se levanta da poltrona e dá a volta na mesa.

— Muito bem, já conseguiram o dinheiro. Agora sumam daqui que já encheram a minha paciência. — Está a ponto de empurrá-los mas, pensa melhor.

Opta pelo ataque verbal. — Continue assim, Step, e acabará se encrencando de vez!

Step olha para o irmão.

— Deve estar brincando. . Encrencado? Eu nunca estou encrencado. Eu e a encrenca somos duas coisas que nunca se encontraram.

O dinheiro é para um amigo meu, um sujeito que está com um probleminha, só isso. — Ao ser mencionado, Pollo sorri para o amigo, cheio de gratidão. — E, além do mais, com que cara você ia ficar diante do Pollo? São apenas duzentos euros. Até parece que pedi sei lá o quê! Vamos virar a página e esquecer o assunto.

Paolo senta na borda da mesa.

— Não sei como, mas as nossas conversas sempre acabam como se eu tivesse feito algo errado..

— Não diga isso! Quem sabe de tanto ficar neste escritório, cuidando de todo esse dinheiro, você tenha pego uma espécie de doença e já não consiga dar ou emprestar mais nada?

— Quer dizer que foi um empréstimo?

— Claro, sempre te devolvi tudo, não é? — Paolo não parece muito convencido. A coisa não é bem assim. Step faz de conta que não é com ele. — Para que se preocupar, então? Também devolverei esse dinheiro. Não fique

assim,

anime-se. Saia mais para se divertir. Está tão pálido. . Que tal dar uma volta de

moto comigo?

Num impulso de simpatia, Paolo tira os óculos.

— O quê? Nunca. Nem pensar. Prefiro morrer. Por falar em morrer, cruzei

com um sujeito que chegou bem perto disso. Ontem à noite fui ao Tartarughino e

sabe quem estava lá?

Step ouve sem prestar atenção. Nunca poderia se interessar por alguém que

freqüenta o Tartarughino. Mesmo assim, decide contentar o irmão. Afinal de

contas, ele acabou de lhe dar duzentos euros.

— Quem?

— Giovanni Ambrosini.

Step tem uma espéce de estremecimento. Um repentino aperto nas

entranhas que o deixa furioso, mas esconde seus sentimentos.

— É mesmo?

Paolo continua a contar.

— Estava com uma bela mulher, bem mais velha do que ele. Quando me

viu, olhou logo em volta, preocupado. Parecia assustado. Acho que tinha medo de

você também estar lá. Então, quando teve certeza de que você não estava, ficou

mais calmo. Chegou até a sorrir para mim, se é que podemos chamar de sorriso

aquela careta esquisita. O maxilar dele nunca mais voltou para o lugar. Você sabe

disso muito bem. Afinal, por que surrou o Giovanni daquele jeito? Você nunca me

contou..

É verdade, pensa Step. Ele não sabe. Nunca soube de nada. Step segura

Pollo pelo braço e se dirige para a saída. Então, vira-se para trás. Encara o irmão

sentado na mesa, com aqueles óculos redondos, o cabelo de corte caro, sem um

único fio fora do lugar, vestido de forma impecável com a camisa passada do jeito

que ele mesmo ensinou à Maria. Não, nunca iria saber. Step sorri.

— Quer saber por que dei uma surra no Ambrosini?

— Gostaria muito.

— Porque ele dizia o tempo todo que eu devia me vestir melhor.

Saem assim como entraram. Rindo abusados. Com aquela ginga debochada dos malandros. Passam ao lado da secretária. Step diz alguma coisa. A moça fica olhando para ele. Step e Pollo entram no elevador. Chegam ao térreo. Step cumprimenta o porteiro.

— Olá, Martinelli. Que tal nos arranjar um cigarrinho? Martinelli tira do bolso um maço todo amassado, barato. Dá um peteleco com o polegar embaixo do maço, fazendo pular alguns cigarros. Pollo e Step saqueiam o pacote. Tiram mais do que deviam. Então, sem esperar que o porteiro ofereça o fogo, vão embora.

Martinelli olha para Step. Que diferença do irmão. O doutor sempre diz obrigado, agradece por qualquer coisa.

Naquela mesma hora, o interfone toca. E justamente do escritório do irmão de Step. Martinelli aperta a tecla.

— Pode falar, doutor Mancini.

— Pode subir um momento até aqui, por favor?

— Claro, já estou a caminho.

— Muito obrigado.

Martinelli pega o elevador e sobe ao quarto andar. Paolo está esperando na entrada.

— Faz favor, Martinelli, vamos entrando. — Logo a seguir, Paolo faecha a porta. O porteiro fica de pé diante dele, meio constrangido. Paolo senta. — Fique à vontade, Martinelli. Escolha uma poltrona. — Ele senta na poltrona na frente de Paolo, bem na beiradinha, com todo o respeito, quase receoso de ocupar espaço demais.

Paolo cruza as mãos. Sorri para o porteiro, que retribui, embora esteja visivelmente perturbado. Não consegue imaginar o motivo daquele encontro. Fez algo errado? Meteu-se sem querer onde não devia? Paolo suspira. Parece decidido a

acabar com o mistério.

— Ouça, Martinelli, preciso de um favor seu. — O porteiro volta a sorrir, aliviado. Fica mais calmo e senta-se mais à vontade na poltrona.

— Pode falar, doutor. Farei tudo o que o senhor quiser, se possível.

Paolo se apoia no encosto.

— Nunca mais deixe o meu irmão entrar nesse prédio. Martinelli arregala os olhos.

— Como é que é, doutor? Preciso realmente barrá-lo? E o que é que vou dizer? O sujeito vai ficar uma fera, seria preciso ter um Tyson, lá na portaria.

Paolo olha com mais atenção para aquele senhor tranqüilo, para suas roupas cinzentas que combinam com a cor dos cabelos e de toda uma vida. Imagina Martinelli detendo Step na entrada. "Desculpe, mas são as ordens. O senhor não pode entrar." O bate-boca, Step fica alterado. Martinelli levanta a voz. Step que se rebela. Martinelli o empurra para fora. Step o segura pelo casaco, encosta-o na parede e, depois, seguramente, o resto que ele já conhece tão bem.

— O senhor está certo, Martinelli. Foi uma péssima idéia. Esqueça, eu mesmo cuidarei do assunto. Falarei com ele lá em casa.

O porteiro se levanta.

— Faria qualquer coisa para o senhor, eu juro, mas isso, francamente. .

— Não precisa se desculpar, o senhor está certo. O erro foi meu, em pedir. Mas, mesmo assim, obrigado. Muito obrigado.

Martinelli sai do escritório, pega o elevador e volta ao térreo. Correu o maior risco. Como é que ia deter aquela fera? Tira o maço do bolso. Decidiu festejar o perigo evitado fumando um cigarrinho. Ainda bem que o doutor é uma pessoa legal. Não tem nada a ver com o irmão. Step lhe surrupiou meio maço de cigarros e nem disse obrigado. Nunca.

E ainda dizem que os porteiros têm uma vida fácil. Martinelli suspira e acende um MS.

No quarto andar, Paolo olha pela janela. Está experimentando uma estranha

sensação de contentamento. Afinal de contas, fez uma boa ação. Salvou a vida do

Martinelli. Volta a sentar. Bem, não vamos exagerar. Poupou-lhe um monte de

encrencas. A secretária chega com vários calhamaços.

— Aqui estão os documentos que o senhor pediu..

— Obrigado.

A secretária fica olhando para ele por um momento.

— Sujeito estranho, aquele seu irmão. O senhor não se parece nem um pouco com ele.

— Devo entender isso como um elogio? A secretária mente.

— Sim, de certa forma. Espero que o senhor não saia por aí perguntando às moças quanto custaram as calcinhas delas...

Paolo dá um sorriso meio forçado.

— Isso eu garanto.

Embora sem óculos não enxergue lá muita coisa, os seus olhos acabam

inevitavelmente sobre a camiseta transparente. A secretária percebe, mas não toma

nenhuma atitude.

— Pois é, o seu irmão pediu para eu lhe dizer que o senhor é bondoso

demais comigo, que não deveria ter pago e deixar que ele fizesse uma certa coisa.

— De repente, a secretária se mostra muito curiosa. — Se não for atrevimento de

minha parte. . posso saber do que se tratava?

Paolo olha para a secretária. Para aquele bonito corpo. A saia justa e

impecável que encobre as pernas bem torneadas. Talvez o irmão estivesse certo.

Imagina a secretária meio despida, com Step que arranca a calcinha dela. Fica

excitado.

— Nada, senhorita. Foi apenas uma brincadeira.

A secretária vai embora, um tanto decepcionada. Paolo só tem tempo de botar os óculos para focalizar o lindo traseiro que se afasta quase profissionalmente.

Que idiota! Deveria ter deixado. No caso de Step não lhe devolver aquele

dinheiro, esse vai ser realmente o pior negócio dos últimos tempos. Bem, o pior

não. O pior mesmo coube ao senhor Forte. Confiou os seus problemas

fiscais a um

administrador que ainda tem de resolver os seus próprios problemas familiares.

Não dá para passar a manhã inteira discutindo com o irmão e ainda acabar pagando

para que ele não tire a calcinha da secretária.

Com um vago sentimento de culpa e frustração, Paolo volta a examinar os

papéis do senhor Forte.

Lá está Sérgio, o mecânico, dentro da pequena oficina na ruela estreita. Veste

um macacão azul com o retângulo branco, verde e vermelho da Castrol nas costas.

Não dá para entender se está sendo patrocinado pelas corridas feitas vários anos

antes ou por todas as trocas de óleo que faz nas motocas. De qualquer maneira,

toda vez que lhe trazem uma moto, seja qual for o problema, depois de testá-la ele

sempre acaba dizendo a mesma coisa.

— Precisa de uns retoques, e no fim de uma boa troca do óleo. Mariolino, o

ajudante, é um rapaz de aparência meio apagada.

Para ele, Sérgio é um gênio, um ídolo. O deus dos motores. Durante o

trabalho, Mariolino sempre costuma ouvir o disco Io tu noi tutti, do Battisti.

Quando na música "SI, viaggiare" chega o trecho que diz "aquele grande gênio do

meu amigo, ele saberia o que fazer, no minímo, saberia como consertar, regularia o

teu mínimo ajeitando o carburador", Mariolino abre um grande sorriso.

— Pô, esse cara está mesmo falando em você, não é?

Sérgio continua a trabalhar passando a mão no cabelo, tornando-o ainda

mais gorduroso.

— Bem, está na cara que essa música não pode ser sobre você, que com uma

chave de fendas na mão só sabe dar prejuízo.

Uma velha Free azul empurrada por um garoto de óculos pára diante da

oficina. Os dois chegaram ao seu destino. A Free está com a roda posterior travada.

O rapaz tira os óculos e enxuga o rosto suado. Sérgio dá uma olhada na scooter.

Seguro e decidido, desmonta as placas que protegem o chassi. Não fosse pelo fato

de não usar luvas e de ter as mãos todas sujas de graxa, pareceria um cirurgião.

Pensando bem, um bom cirurgião tampouco escolheria um ajudante chamado

Mariolino. O garoto fica parado, olhando preocupado o vagaroso trabalho de

dissecção de sua Free. Como um parente assistindo a alguém da família que está

sendo operado, mas muito menos preocupado com a gravidade da doença do que

com o custo material da operação.

— Precisa trocar a transmissão. O negócio não vai ser brincadeira.

A moto de Step freia diante da oficina. Um último rugido do motor deixa

bem claro que aquela 750 não precisa de cuidado nenhum. Sérgio enxuga as mãos

com um trapo.

— E aí, Step, o que você manda? Algum problema?

Step sorri e dá uma afetuosa palmada no tanque da Honda.

— Essa moto não conhece o significado da palavra problema. Viemos

buscar a sucata do Pollo.

Enquanto isso, Pollo se aproxima de sua moto. A velha Kawa 550. O trágico

"caixão de defunto".

— Está tinindo. Tive de trocar os pistons e todo o bloco do motor, mas usei

algumas peças usadas. — Sérgio menciona alguns trabalhos mais baratos. — E

depois terminamos com uma boa troca de óleo. — Pollo olha feio para o

mecânico. Com ele não cola. Sérgio sabe disso e nem tenta. — Mas esse serviço é

de graça. Cortesia da casa.

Um ano antes, Sérgio tivera uma violenta discussão com eles e aprendera a

tratar com os dois.

Em plena primavera, Step leva à oficina a Honda recém-com-prada para a

primeira revisão.

— Também quero que dê uma olhada na lanterna lateral, que está meio

solta. . Alguns dias depois, Step volta para pegar a moto. Paga a conta sem discutir,

inclusive a troca completa do óleo. Mas, quando testa a moto, descobre que a
lanterninha continua vibrando. Step volta com Pollo e se queixa do problema.
Sérgio garante que cuidou do assunto.
— Mas, se quiser, é claro, eu conserto de novo. Só que terá de marcar outra
hora e, obviamente, pagar pelo meu serviço. — E, como se não bastasse, Sérgio
comete um erro colossal. Aproxima-se de Step e lhe dá uma palmada nas costas e,
pior, sai com uma frase realmente infeliz. — E sabe lá como é que você guia. Vai
ver que é por isso que o farol se soltou novamente.
Step já não vê mais nada. Juntamente com Pollo, a moto é a única coisa
realmente importante para ele. E, além do mais, odeia quem não sabe falar sem
encostar nos outros.
— Pode ser, é muito fácil quebrar as peças laterais de uma moto. Fique
olhando. .
Step chega ao fim da fila de motos paradas diante da oficina. Dá um violento
pontapé na primeira. Uma Honda 1000 vermelha e pesada desmorona sobre a
moto ao lado, uma 500 Custom em perfeitas condições. Ela também cai, sobre uma
Suzuki 750 que esmaga uma pequena e leve SH branca. Motos caras que estão na
moda, scooters novas ou de modelo mais antigo rolam umas por cima das outras
com um terrível ruído de ferragem, empurradas ao chão por aquela onda destrutiva,
num assustador e caro efeito dominó. Sérgio tenta detê-las sem sucesso. Step sorri.
— Viu como é fácil? — E, antes de Sérgio poder dizer qualquer coisa,
continua. — Se não consertar logo a minha moto, vou botar fogo na sua oficina.
Em menos de uma hora o farol fica cem por cento. Nunca mais balançou.
Step, obviamente, não pagou nada.
O garoto aguarda meio desanimado num canto, olhando para sua Free de

motor aberto. Sérgio entra para buscar as chaves da Kawa de Pollo.

—Tudo bem, garoto, deixa comigo. Vamos ver o que podemos razer. —

Essa última frase deixa o rapaz ainda mais preocupado, desconfia que sua Free já

esteja em fase terminal.

— Quando acha que vai ficar pronta?

— Amanhã mesmo.

O garoto de óculos parece ficar animado com a notícia. Afasta-se feliz com

um sorriso meio idiota estampado no rosto. Sérgio entrega as chaves a Pollo. De

repente, a Kawasaki volta a rugir. A fumaça sai poderosa pelos canos de descarga.

A rotação sobe rápida. Pollo acelera umas duas ou três vezes e aí sorri feliz. É

realmente uma criança. O sorriso fica mais apagado quando Sérgio apresenta a

conta. Mas já esperava por isso. O motor fundiu e trocar os pistons e tudo mais

não é brincadeira. O dinheiro de Pollo é a conta exata. Sérgio bota as notas no

bolso. Sem passar o recibo, é claro.

— Tome cuidado, Pollo. É como se estivesse amaciando novamente. Vá com calma.

Pollo logo solta a manivela do acelerador.

— Merda, é isso mesmo. Já ia esquecendo. Hoje à noite tem a corrida e eu

continuo sem moto. Todo este corre-corre não adiantou porra nenhuma. — Pollo

olha para Step. — Mas você bem que poderia. .

Sabendo aonde Pollo quer chegar, Step corta logo a conversa do amigo.

— Não precisa dizer mais nada. Nem pensar. Ninguém bota a mão na

minha moto. Posso emprestar qualquer coisa, mas não a minha moto. Dessa vez,

vai ter de ficar olhando, ok?

— Grande coisa!

— Pode ficar torcendo por mim. Essa noite, vou correr. Sérgio olha para os dois com inveja.

— Estão falando sério? Vão para a Estufa?

— Por que não vem conosco? Combinamos a hora e podemos ir juntos.

— Não posso. Por falar nisso, Siga ainda continua lá?

— Claro, em todas as corridas.

— Digam que mando lembranças. Fiz com que ele ganhasse um bom dinheiro. .

— Como quiser. Se mudar de idéia, sabe onde nos encontrar. Pollo e Step se despedem engatando a primeira. Pollo acelera várias vezes devagar para esquentar o motor. Então, ao ouvir aquele bonito ronco profundo e seguro, se curva sobre a moto e sai levantando a roda dianteira. Step faz o mesmo e afasta-se, acelerando pela rua principal, na cola do amigo. Sérgio volta para a oficina. Fica olhando para as velhas fotos penduradas na parede. A sua moto, as corridas. Ninguém podia com ele. Agora os tempos mudaram, já se passaram muitos anos, é tarde demais.

Lembra-se do que certa vez um amigo lhe disse: "Crescer quer dizer não chegar mais aos duzentos." Talvez seja verdade. Ele cresceu. Agora tem responsabilidades.

Uma família e também um filho. Sérgio se aproxima do velho aparelho de som no balcão sujo de óleo. Bota mais uma vez o CD. Só tem aquele. Já faz muitos anos que escuta as mesmas músicas.

"Quem sabe, talvez meus pais não desejassem um filho diferente", fica pensando.

Olha para Mariolino. Está lá, em cima do pequeno motor que ficou aberto no meio da oficina. Não se trata apenas de uma questão de células, pensa Sérgio.

Mariolino se vira para ele.

— O que há de errado nessa Free, afinal?

— Veja bem, meu rapaz, acontece que o garoto de óculos é um idiota. Essa Free não tem porra nenhuma de errado. A roda está travada, mas é só mexer na alavanca do câmbio automático e fazer uma boa troca de óleo para ela voltar a andar chispando como um estilhaço.

Mariolino se curva sobre a Free. Demora alguns minutos antes de encontrar

a pequena alavanca. Sérgio sacode a cabeça. É isso mesmo, quando você tem um filho pára de ir a duzentos por hora. Quando o filho é Mariolino, pára de ir para qualquer lugar. Sérgio veste o casaco por cima do macacão. Decide arriscar e sair de qualquer maneira.

— Volto logo.

Mariolino olha para ele preocupado.

— Aonde vai, pai?

-Vou comprar O melhor de Battisti. Saiu hoje. Está na hora de mudar de CD. Na praça Euclide, diante da saída do colégio Falconieri, há uma série de carros estacionados em fila dupla. Atrás deles, outros motoristas cheios de compromissos e sem filhas que estudem naquela escola, não param de tocar suas buzinas: o costumeiro terrível concerto pós-moderno.

Alguns rapazes montados em suas scooters Peugeot e SH 50 param bem diante da escadaria. Raffaella também chega nessa mesma hora. Encontra uma brecha do outro lado da rua, em frente ao posto, logo antes da igreja, e mete-se nela com seu Peugeot 205 quatro portas. Palombi a reconhece mas, lembrando da noite anterior, acha melhor sair de fininho.

Junta-se ao grupo de garotos aos pés da escadaria. Assunto em pauta: a festa da Roberta e os vários penetras. Alguns contam a própria versão dos fatos. Devem estar dizendo a verdade, a julgar pelas marcas da surra que levaram. Pelo menos demonstram que estiveram lá e apanharam. Pouco importa que o resto seja mera invenção. Brandelli junta-se à turma.

— E aí, Chicco, como vai?

— Muito bem — responde com uma descarada mentira. O amigo, no entanto, acredita nele. Nessa altura, Chicco já se tornou um mestre no que diz respeito a mentiras. Recorreu a todos os tipos naquela manhã, quando o pai

viu em
que condições estava o BMW. Pena que o pai não tenha sido tão crédulo quanto o
amigo. Não acreditou nem de longe na história do roubo e, quando Chicco decidiu
finalmente contar a verdade, ficou ainda mais furioso. Pensando bem, na verdade,
toda aquela história é realmente absurda. Os próprios caras são absurdos,
reconheceu Chicco. Destruir o carro daquele jeito. Embora o pai não acreditasse,
Chicco iria mostrar para ele. Está determinado a encontrar aqueles marginais,
descobrir o nome deles e mandar prendê-los. É isso mesmo que ele vai fazer! Pois,
mais cedo ou mais tarde, irá encontrá-los.
Chicco fica pálido de repente. Seus desejos acabam de ser satisfeitos. Mas ele
não parece ficar muito feliz com isso. Step e Pollo aparecem à toda velocidade na
rua, com suas motos inclinando na curva. Reduzem a marcha e ultrapassam,
rápidos, um carro. Depois, param a alguns metros de Brandelli. Antes de Step
poder reconhecê-lo, Chicco dá meia-volta, monta na Vespa, o único veículo de que
agora dispõe, e se afasta sem demora. Step acende um dos cigarros arrancados de
Martinelli e vira-se para Pollo.
— Você tem certeza de que é aqui?
— Absoluta. Li no caderninho dela. Marcamos um encontro para almoçar
juntos. — Mas que cara de pau! Não tem um tostão no bolso e ainda banca o
generoso!
— O que mais quer de mim? Trouxe até o café da manhã para você. Então,
pára de chatear.
— Grande coisa! Dois miseráveis sanduichezinhos. .
— Miseráveis? Multiplica por trinta e vai ver o dinheirão que vai dar no fim
do mês. De qualquer maneira, não se preocupe, foi ela quem convidou. Não vou
precisar pagar nada.

— Cara de sorte! Quer dizer que encontrou uma patricinha que te banca.

Como é que ela é?

— Bonitinha. Achei até simpática. Meio estranha, talvez.

— Disso não tenho dúvidas. Deve ser bastante estranha se decidiu sair com você e ainda bancar as despesas. Ou então feia de doer! — Step cai na gargalhada.

Toca o sinal da última aula. Aparecem algumas garotas no alto da escadaria.

Estão todas mais ou menos com o mesmo uniforme. Loiras, morenas, mas poucas ruivas. Descem saltitando, correndo, sozinhas, em grupo. Conversam. Algumas estão alegres pelas notas recebidas. Outras, intratáveis pelo mesmo motivo.

Algumas olham para o futuro cheias de esperança pensando no namorado que acabam de conquistar, outras naquele com quem brigaram, mas que esperam fazer as pazes. Outras, mais feinhas, olham em volta para ver se o bonitão está por lá, aquele de que todas gostam, as deslumbradas. Aquele que na certa vai acabar ficando com uma garota de outra turma. Algumas delas, que vão à escola de scooter, acendem um cigarro. Daniela desce depressa os últimos degraus e corre para encontrar Palombi. Raffaella vê a filha e buzina. Faz um gesto intimando que entre logo no carro. Daniela olha para ela e depois se aproxima de Palombi, dando-lhe um beijo apressado no rosto.

— Preciso ir. Minha mãe está esperando. Vai me ligar de tarde? Ligue para a minha casa, porque lá o meu celular não pega. .

— Tudo bem. Como vai a bochecha?

— Melhor, muito melhor! Mas preciso ir andando. Não gostaria de ter uma recaída.

As outras turmas vão sendo liberadas. Finalmente, chega a vez do último ano.

Babi e Pallina aparecem na escadaria. Pollo dá uma palmada no ombro de Step. — Lá vem ela.

Step olha para cima. Vê algumas garotas mais velhas descerem as escadas.

Entre elas, reconhece Babi. Vira-se para Pollo.

— Qual delas?

— A de cabelos pretos, soltos, a baixinha.

Step volta a olhar. Deve ser a garota que está ao lado de Babi.

Não sabe bem por quê, mas fica contente em saber que Babi não é a doidinha que além de almoçar com Pollo, ainda vai pagar a conta.

— É, até que ela é gatinha. Eu conheço a que está com ela.

— Sério? Como isso rolou?

— Tomamos banho juntos, ontem à noite.

— Até parece..

— Juro. Pergunte para ela.

— Imagina se vou dizer uma coisa dessas!. . Como é que é? Chego lá e pergunto: você tomou banho com o Step, ontem? Fala sério!

— Então eu mesmo pergunto.

Pallina está imaginando várias maneiras possíveis para que Babi apresente o bilhete da Giacci para Raffaella quando vê Pollo.

— Meu Deus, não!

Babi se vira para a amiga.

— O que foi?

— O cara que me roubou o dinheiro da semana está logo ali.

— Quem é?

— Aquele lá embaixo. — Pallina aponta para Pollo. Babi olha naquela direção. Pollo está em pé e ao lado, montado em sua moto, está Step.

— Ah, meu Deus, não!

Pallina encara a amiga, preocupada.

— O que foi? Roubou o seu dinheiro também?

— Não, mas o amigo dele, o que está sentado na outra moto, me arrastou para o chuveiro!

Pallina faz que sim com a cabeça, como se sujeitos que revistam as bolsas das meninas e as levam para o chuveiro fossem a coisa mais normal do mundo.

— Estou entendendo... Você não me contou!

— Queria esquecer essa história. Vamos embora.

Descem decididas os últimos degraus. Pollo vai até Pallina. Babi deixa que se entendam e marcha, pisando duro, até onde está Step.

— Posso saber o que está fazendo aqui? O que quer, afinal?

— Calma, calma! Antes de mais nada, esse lugar é público, e, de qualquer

maneira, só vim acompanhar o Pollo, que vai almoçar com aquela ali.

— Acontece que "aquela ali" é a minha melhor amiga. E, por sua vez, o Pollo é um ladrão, já que roubou o dinheiro dela.

— Acontece que Pollo é o meu melhor amigo e não é ladrão. -Step a provoca. — Quem convidou foi ela, que, além do mais, é quem vai pagar. Mas afinal, por que você é tão azeda? Está se remoendo só porque eu não vou te levar para almoçar? É só pedir que eu levo, ora essa. Desde que você pague, é claro. .

— Engraçadinho!

— Então vamos fazer o seguinte: amanhã você traz o dinheiro, raz reserva em algum lugar bacana e eu venho te buscar. Está bem assim?

— Imagine se eu vou sair com você!

— Bom, ontem você saiu, e até ficou bem grudada.

— Idiota.

— Suba logo. Vou te levar para casa.

— Retardado.

— Será possível que você só sabe xingar? Uma boa menina como você, de uniforme, que estuda toda comportada na Falconieri e que depois se porta desse jeito! Você tem de concordar comigo, isso não fica nada bem!

— Babaca.

Pollo se aproxima no momento exato para ouvir esse elogio.

— Vejo que estão ficando amigos. Então, também vão almoçar com a gente? Babi olha para a amiga, pasma.

— Pallina, escutei direito? Você vai almoçar com esse ladrão?

— Bom, pelo menos recupero alguma coisa. Vai ser por conta dele!

Step se vira para Pollo.

— Covarde!. . Você disse que ela é quem ia pagar. Pollo sorri para o amigo.

— Isso não deixa de ser verdade. Você sabe muito bem que eu nunca minto. Ontem tirei o dinheiro dela e agora vou pagar o almoço com ele. Quer dizer, de certa forma, a conta é dela. Mas, e vocês? Vão com a gente ou não?

Step olha para Babi com uma confiança arrogante.

— Sinto muito, mas não vai dar. Combinei almoçar com o meu pai. Não fique triste. Que tal amanhã?

Babi tenta se controlar.

— Nunca!

Pallina senta na garupa da moto de Pollo. Babi observa, amargurada. Acha aquilo tudo uma traição. A amiga tenta acalmá-la.

— Até mais tarde, está bem, vou passar na sua casa. Babi se vira para ir embora. Step a detém.

— Espere um momento, não quero passar por mentiroso. Diga para eles que ontem tomamos uma chuveirada juntos. .

— Vê se me esquece! Step sorri para Pollo.

— É a maneira dela de dizer sim!

Pollo sacode a cabeça e sai com Pallina. Step fica olhando para Babi que atravessa a rua. Ela anda decidida. Um carro tem de frear para não atropelá-la. O motorista buzina irritado. Sem nem mesmo se virar, ela entra no carro.

— Oi, mãe. — Babi beija Raffaella.

— Tudo bem na escola?

— Tudo — mente. Tirar dois em latim e ainda levar um bilhete no caderno não é exatamente o que se poderia chamar de tudo bem.

— Pallina não vem?

— Não, vai voltar sozinha. — Babi pensa na amiga, que vai almoçar com aquele sujeito, Pollo. Que coisa mais absurda. Raffaella buzina, impaciente.

— Mas afinal, o que a Giovanna está esperando? Daniela, eu bem que lhe disse para avisá-la.

— Lá vem ela, mãe.

Giovanna, uma jovem loira de aspecto meio lerdo, atravessa lentamente a rua e entra no carro.

— Desculpe o atraso.

Raffaella fica muda. Engata a primeira e sai com um tranco. A violência da partida já diz tudo. Daniela fica olhando pela janela. Sua amiga Giulia está na frente do colégio conversando com Palombi. Daniela fica uma fera. "Como é que pode? Toda vez que gosto de alguém, lá vem a Giulia com essa conversa mole. Até ontem parecia detestar o Palombi, e agora lá está ela, toda derretida."

Giulia reconhece o Peugeot. Dá um adeusinho para Daniela e acena com a mão para dizer que vai ligar de tarde. Parece que faz de propósito. Daniela retruca com um olhar de ódio e não responde. Depois, vira-se para a irmã.

— O Step veio buscar você, Babi?

— Não.

-Ué, vi vocês dois conversando.

— Ele apareceu por acaso.

— Podia ter pego uma carona, então. Lá vem ele!

Naquele exato momento, Step passa a toda ao lado da Peugeot com sua moto. Raffaella dá uma guinada repentina, assustada. Sem motivo. Step nunca iria bater no carro dela. Sempre calcula a distância milimetricamente.

A Honda 750 inclina-se umas duas ou três vezes tirando finos dos outros carros. Depois, Step, de RayBan negro em cima dos olhos, vira de leve a cabeça e sorri. Tem certeza de que Babi está olhando para ele. E, de fato, ela está. Step reduz a velocidade e, sem respeitar o sinal vermelho, pega a rua Siacci a toda. Um carro que vinha da direita buzina com toda a razão. O guarda de trânsito não tem tempo para anotar o número da placa. A moto desaparece, deixando para trás outros carros. Raffaella pára no sinal e vira-se para Babi.

— Se porventura se atrever a sair de moto com aquele sujeito, nem sei o que vou fazer com você. Viu como ele guia? Estou falando sério, Babi, não quero que saia com esse elemento.

Talvez a mãe esteja certa. Step guia como um louco. Mesmo assim, na noite de ontem, sentada na garupa, na noite, de olhos fechados, em silêncio, ela não teve medo. Até que gostou daquela corrida. Babi abre o saco de papel e tira um pedaço macio de pizza branca. Não é sempre que a gente pode controlar os próprios desejos. Então, num impulso de total transgressão, decide que aquele é o momento certo. — Mãe, hoje tirei uma ótima nota.

Step pega uma cerveja e liga a televisão. Sintoniza o canal dez. Na MTV está passando um antigo videoclipe do Aerosmith: "Love in an elevator." Steven Tyler é recebido num elevador por uma gata espacial. Tyler, com uma cara dez mil vezes

melhor do que a do Mike Jagger, aprecia a garota como ela merece. Step pensa no
pai sentado diante dele. Será que ele também está apreciando? O pai pega o
controle remoto na mesa e desliga a televisão. Como Paolo, ele não sabe apreciar as
coisas bonitas.
— Já não nos vemos há três semanas e você fica vendo TV? Vamos
conversar, certo?
Step dá um gole na cerveja.
— Por mim, tudo bem. Do que quer falar?
— Gostaria de saber o que decidiu fazer.
— Não sei.
— Como assim, não sabe?
— Isso mesmo, ainda não sei.
A criada chega com a entrada. Coloca a massa no centro da mesa. Step olha
para a tevê desligada. Será que Steveh Tyler já deu a cambalhota com que termina o
clipe? Cinqüenta e cinco anos e ainda daquele jeito. Um físico excepcional, em
plena forma. Uma verdadeira força da natureza. Olha para o pai. Tem dificuldade
até em botar o espaguete no prato. Step tenta imaginá-lo alguns anos antes, dando
uma cambalhota. Não dá. É mais fácil que Paolo consiga alguma coisa com a
secretária.
O pai passa a bandeja de massa. Temperada com farinha de rosca e
enchovas. Justamente do jeito de que ele gosta, como a mãe sempre fazia. Não tem
um nome particular. É espaguete com farinha de rosca, só isso. Mesmo que haja
enchovas. Step se serve. Lembra de todas as vezes em que comeu naquela casa,
àquela mesma mesa, com Paolo e a mãe. Costumavam servir mais um pouco de
molho num pequeno prato de louça. Paolo e o pai nunca aceitavam, ele ficava
sempre com tudo. A mãe começava servindo-lhe mais uma colherzinha. Depois,

sorria e acabava derramando o molho todo no seu prato de massa. Era sua comida
preferida. Será que o pai fez de propósito? Acha melhor não falar sobre isso. Nesse
dia, o pratinho extra não está lá. Assim como faltam muitas outras coisas. O pai
limpa educadamente a boca com o guardanapo.

— Viu? Fiz a massa de que você gosta. O que achou?

— Gostei muito, papai. Estava ótima.

— Nada mal, devo dizer.

— Talvez só precisasse de um pouco mais de molho. Dá para Pedir outra cerveja?

O pai chama a criada.

— Não quero bater sempre na mesma tecla, mas por que ainda não se matriculou na universidade?

— Não sei. Estou pensando nisso. Depois, vou escolher a faculdade.

— Que tal direito? Ou economia, como o seu irmão? Depois, quando você se formar eu poderia ajudá-lo a arrumar um emprego.

Step fica se imaginando vestido como o irmão, naquele mesmo escritório,
cercado de documentos. Com a secretária dele. Esse último pensamento até que lhe
agrada. Depois, pensa melhor. Afinal de contas, pode perfeitamente convidá-la para
sair e continuar sem fazer porra nenhuma.

— Não sei, não acho que nasci para isso.

— Não fale assim. Você sempre foi um bom aluno. Acho que se sairia bem. Terminou a escola com nota final setenta. Não foi tão mal assim.

Step toma a cerveja recém-chegada. Teria sido ainda melhor se não tivesse
havido todo aquele problemaço. Depois da encrenca nunca mais quis saber de
coisa nenhuma. Nunca mais abriu um livro para estudar.

— O problema é outro, papai. Já lhe disse, não sei. Quem sabe depois do verão. Por enquanto prefiro mesmo não pensar no assunto.

— E o que tem vontade de fazer, no momento? Paolo contou que sai por aí quebrando tudo. Vive na rua, sempre chega tarde..

— Mas que diabo o Paolo pode dizer sobre mim? Ele não sabe de nada!

— Mas eu sei. Talvez tivesse sido melhor você servir o exército. Lá, iam dar
um jeito em você.

— Era só o que me faltava!

— Bom, se lhe consegui uma dispensa só para você arrumar pancadaria na rua, então era melhor você servir.

— Mas quem disse que fico brigando por aí.. o que deu em você, pai, ficou maluco?

— Não, apenas assustado. Lembra o que o advogado disse depois do processo? Você precisa tomar cuidado. A partir de agora, qualquer queixa, qualquer coisinha de nada que aconteça, passa automaticamente a vigorar a decisão do juiz.

— Claro que lembro, você já repetiu isso pelo menos mil vezes. Por falar nisso, tem visto o advogado?

— Tenho. Na semana passada fui pagar a última parcela dos honorários dele. O pai fala com um tom grave, quase que para salientar que deve ter sido uma quantia bastante considerável. Nisso, ele é realmente igualzinho a Paolo, só sabem ficar contando dinheiro. Step decide deixar para lá.

— Ele ainda usa aquela gravata horrorosa?

— Não, conseguiu arrumar uma ainda mais feia.

O pai sorri. A linha dura de nada adianta com Step.

— Não acredito, impossível! Com todo o dinheiro que lhe demos. . — Step percebe a mancada. — Desculpe papai, que você lhe deu, até que poderia comprar pelo menos uma gravata bonita.

— Se for por isso, ele poderia renovar todo o guarda-roupa... A criada leva os pratos e volta com a refeição principal. Um espesso bife malpassado. Ainda bem que essa comida não traz nenhuma lembrança para Step. Ele olha para o pai. Ali está, dobrado sobre o prato, cortando a carne. Tranqüilo. Nada a ver com aquele dia. Faz muito tempo, aquele dia terrível.

Mesma sala. O pai anda de um lado para o outro, agitado.

— Como assim "Porque tinha vontade! Porque me deu na telha!"? Mas então você é um animal, uma fera, um bicho desprovido de inteligência. Tenho um filho que não passa de um louco furioso, um criminoso descontrolado. Você acabou com aquele rapaz. Está entendendo? Podia matá-lo. Ou será que

nem isso

você Percebe?

Step está sentado, cabisbaixo, calado. O advogado intervém.

— É inútil chorar sobre o leite derramado, doutor Mancini. Não adianta

repreender o rapaz. Acredito que ele teve motivos Para fazer aquilo, embora não

queira contar.

— Que seja, advogado, mas então diga o senhor mesmo. O que Vamos

fazer?

— Para planejar a defesa antes de irmos para o tribunal, precisamos

descobrir o que realmente aconteceu.

Step levanta a cabeça. Mas que diabo está dizendo? O que ele sabe? O

advogado olha para Step com compreensão e se aproxima.

— Deve ter havido uma razão para aquilo, Stefano. Alguma ofensa no

passado. Um atrito. Alguma coisa que o rapaz disse, algo que fez com que.. Vamos

lá, o que foi que desencadeou a sua raiva?

Step olha para o advogado. Usa uma horrível gravata de losangos cinzentos

sobre um fundo prateado. Ele se vira para a mãe. Está sentada numa cadeira, num

canto da sala. Elegante como sempre. Fuma um cigarro, tranqüila. Step desvia

novamente o olhar, baixando a cabeça. O advogado observa a cena e fica pensativo

por alguns momentos. Depois, vira-se para a mãe de Step e sorri diplomaticamente

para ela.

— Madame, a senhora sabe por acaso se o seu filho já teve alguma coisa a

ver com aquele rapaz? Se eles já tiveram algum atrito no passado?

— Não sei, advogado, mas não creio. Nem sabia que os dois se conheciam.

— Minha senhora, Stefano terá que depor no tribunal. Foi denunciado.

Haverá um juiz, uma sentença. Considerando as lesões daquele rapaz, a punição

será severa. Se não tivermos argumentos a favor de Stefano. . uma prova, qualquer

coisa por menor que seja, seu filho terá problemas. Problemas sérios.

Step continua cabisbaixo. De olhos fixos em seus joelhos. Nos seus jeans.

Ele fecha os olhos. "Meu Deus, mamãe, por que não diz a verdade? Por que não

me ajuda? Eu amo você. Por favor, não me abandone." Ao ouvir as palavras da
mãe, Step sente um aperto no coração.
— Sinto muito, advogado. Não tenho nada a dizer. Não sei de nada. Acha
que se soubesse de alguma coisa, se pudesse de alguma forma ajudar o meu filho,
não faria isso? E agora me desculpem, preciso ir. — A mãe de Step se levanta.
O advogado fica olhando enquanto ela sai da sala. Depois, faz uma última
tentativa com Step.
— Stefano, tem certeza de que não tem nada a dizer?
Step nem responde. Levanta-se sem olhar para ninguém e vai até a janela.
Olha para fora. Aquele último andar bem em frente ao dele. Pensa na mãe. E
naquele instante odeia-a com a mesma intensidade com que sempre a amou. Fecha
os olhos. Uma lágrima escorre pelo seu rosto. Não consegue detê-la e sofre mais do
que nunca, por sua mãe, por aquilo que ela está deixando de fazer, por aquilo que
fez.
— Quer um cafezinho, Stefano? — Step pára de olhar pela janela e se vira.
Mais uma vez, na mesma sala. Agora o pai está ali, calmo, com uma xícara nas
mãos. — Obrigado, pai. — E engole o líquido depressa. — Preciso ir. A gente se
fala na semana que vem.
— Tudo bem. Promete que vai pensar na história da universidade?
Na entrada, Step já está vestindo o casaco.
— Prometo.
— Vê se liga para sua mãe de vez em quando. Ela disse que não fala com
você há séculos!
— Tenho sempre tanta coisa para fazer, papai.
— É só um telefonema, o que pode demorar?
— Está bem, vou ligar. — Step sai apressado. O pai fica sozinho na sala.
Aproxima-se da janela e olha para fora. As janelas da cobertura bem diante do seu
prédio estão fechadas. Giovanni Ambrosini se mudou, assim, de uma hora para a

outra, exatamente como mudou as vidas deles. Não há como ficar zangado com o
filho.

No elevador, Step acende o último cigarro de Martinelli. Olha-se no espelho.

Acabou. Esses almoços o deixam morto. Quando as portas de aço se abrem, Step,
que está com a cabeça bem longe dali, quase tem um troço.

A senhora Mentarini, uma moradora do prédio de cabelos precariamente pintados e nariz encurvado, está diante dele.

— Olá, Stefano. Tudo bem com você? Há tanto tempo não o vejo!

Ainda bem, pensa Step. Ter de encarar um monstro daqueles todos os dias poderia fazer mal à saúde. Lembra Steven Tyler e a mulher espacial que entra no
elevador. Ele, no entanto, tem de se contentar com a senhora Mentarini. Injustiças
do mundo. Afasta-se sem cumprimentar a mulher. Joga fora o cigarro no pátio
interno. Dá uma corridinha rápida e se joga para a frente, apoiando as mãos no
chão. Nem dá para comparar, suas cambalhotas são muito melhores. Mas afinal de
contas, Steven Tyler já está com cinqüenta e cinco anos, e ele só com dezenove. O
que será da sua vida dali a trinta anos? De uma coisa ele tem certeza. Não será um
consultor financeiro.

Pallina, com um moletom azul da mesma cor do elástico que prende seu cabelo, corre quase quicando nos Nike claros.

— Então, não quer saber como foi?

Babi, com uma calça escura de cintura baixa, uma camiseta que traz a palavra
"Dança" escrita na parte da frente e uma faixa rosa que lhe prende o cabelo, olha
para a amiga.

— Como foi?

— Ora, se perguntar desse jeito eu não conto.

— Então não conte.

Continuam correndo em silêncio, mantendo o mesmo ritmo.

Pallina acaba não agüentando.

-Tudo bem, já que faz tanta questão, vou contar de qualquer maneira. Achei extremamente divertido. Nem pode imaginar para onde me levou.

— Não posso mesmo.

— Vamos lá, não seja antipática!

— Não posso aceitar certas amizades, só isso.

— Ora, só saí com ele uma vez, não é o fim do mundo!

— Como quiser, mas espero que seja a última.

Pallina fica um momento calada. Um rapaz com uma roupa de ginástica impecável passa na frente delas. Olha para as duas. Embora estivesse esgotado, controla o cronômetro que traz numa das mãos fazendo pose e acelera, desaparecendo pela trilha.

— Resumindo, fomos almoçar num lugar simpaticíssimo perto da rua Cola di Rienzo. Acho que é rua Crescenzio, ou alguma outra travessa. Chama-se La Pirâmide.

Babi não se mostra particularmente interessada. Pallina continua contando, já um pouco mais ofegante.

— O mais divertido é que cada mesa tem um telefone.

— Grande coisa! Não vejo nada demais.

— Você está sendo muito chata! Estes telefones têm um número que vai, veja só, de zero a vinte.

— Como é que você sabe?

— Está escrito no cardápio.

— Ah, quer dizer que lá também tem comida! Pensei que estivessem na Companhia Telefônica!

— Escuta aqui, se quiser que eu conte, vê se fecha essa boca de encalhada.

— Como é que é? — Babi arregala os olhos fingindo espanto. -Encalhada, eu? Logo eu que sou a mais paquerada da Falconieri? Reparou em como o cara que acabou de passar olhou para mim? Ou você acha que ele estava com os olhos arregalados por sua causa?

— Claro!

— Só reparou que éramos duas porque você estava correndo bem na frente dele. — A única coisa que corre, aqui, é o suor pelas minhas costas, e isso não tem nada de incrível. A gente não podia descansar um pouco naquele banco e

conversar
como gente normal?
— Nem pensar. Eu continuo correndo. Preciso perder pelo menos dois
quilos. Se quiser me acompanhar, seja bem-vinda. Se não, ligo o meu Sony e sigo
em frente sozinha. Tenho até o último CD do U2.
— O Sony? Desde quando você tem?
— Desde ontem!
Babi levanta o moletom mostrando o discman compatível com MP3 da Sony
preso na cintura. Pallina não acredita no que está vendo.
— Como é que pode? Ainda tem CD e rádio. Onde foi que arrumou? Ainda
nem está à venda na Itália.
— Quem trouxe foi a minha tia. Voltou ontem de Bangcok.
— Fantástico.
— Está vendo? Não me esqueci de você. — Babi mostra a Pallina dois
fones. — Se tivesse realmente pensado em mim teria pedido dois aparelhos.
— Você só abre a boca para dizer besteira! Eu tinha pedido dois, mas o
dinheiro da minha tia acabou e só deu para comprar um. Mas não se preocupe.
Esse tem dois fones e, afinal, sempre corremos juntas.
Pallina sorri para a amiga.
— Isso mesmo. Babi fica séria.
— Tudo bem! Mas vai ou não vai acabar essa história do telefone que se
come? Pallina e Babi olham uma para a outra e aí caem na gargalhada. Dois rapazes
cruzam com elas. Vendo as duas tão alegres, as cumprimentam animados. A
coragem deles, no entanto, de nada adianta. Pallina recomeça a contar sua história.
— Então, cada número corresponde a uma mesa mas ninguém sabe a qual.
Quer dizer que você disca um número de zero a vinte e outra mesa responde, sem
que você saiba qual. Você pode, por exemplo, discar dezoito e aí responde alguém
na outra sala. Pode falar com essa pessoa, contar piadas, descrever você mesma
inventando que é muito mais bonita do que é ou, como no meu caso, muito menos.
Deu para entender?

Babi olha para a amiga levantando a sobrancelha. Pallina faz de conta que não repara.

— Se estiver sozinha ou com alguma amiga pode marcar encontros, bancar a boba. O que você acha? Não é o máximo?

Babi sorri.

— É, parece bastante divertido. Bem sacado mesmo. Pallina muda de expressão.

— É claro que se ligar algum babaca. .

— Como assim? O que houve?

— Você sabe. . A massa tinha acabado de chegar. Nós dois pedimos ambos penne aWarrabbiata. Nem vou te contar como estava picante, uma ardência. . E, além do mais, estava quente. Eu soprava em cima para esfriar e, enquanto isso, conversava com Pollo. Aí, toca o telefone. Pollo vai atender, mas eu sou muito mais rápida do que ele, pego o aparelho e digo: "Secretária do doutor Pollo." Sou sempre muito simpática, você sabe disso. — Pallina faz uma careta. Babi sorri. Até que a história começou a ficar interessante.

— E então? Conte logo.

— Nem pode imaginar o que o cafona do outro lado da linha me disse.

— O que foi?

— Ele demora um pouco para falar, mas logo manda essa: "A secretária do senhor Pollo? Então vou enfiar tão fundo em você que vai até roçar na sua garganta."

— Delicado, muito britânico.

— Pois é, muito delicado. Bati o telefone na cara dele e devo ter ficado sem dúvida toda vermelha. O Pollo perguntou o que haviam dito, mas eu não queria contar. Estava chateada, hiper sem graça. Sabe então o que ele fez? Segurou o meu braço e me levou entre as mesas do restaurante. Achou que, fazendo isso, o fino cavalheiro iria ter algum tipo de reação. .

— Entendo, mas como é que o cara ia saber que você era a garota que atendeu?

— Ele sabia, ele sabia muito bem. .

— Como?

— Porque eu era a única garota no restaurante. Babi balança a cabeça.

— Belo lugar para ir almoçar. A única garota com todos aqueles tarados que ligam para falar besteira. . Mas e então, o que aconteceu depois?

— Aconteceu que um cara me viu e começou a rir. O Pollo agarrou o garoto, enfiou o focinho dele no prato e derramou cerveja na sua cabeça!

— Bem feito, assim ele aprende a não dizer certas coisas!

— Não sei não... Acho que não entendeu nada.

— Como assim?

— Porque quando Pollo foi pagar..

— Ah, sim, claro, com o seu dinheiro...

— Pare com isso. . Um cara baixinho, mas forte, chega perto de mim e diz: "Já vai? Espero que não tenha ficado ofendida. Eu só estava brincando. ." O cafona era esse. Entendeu? O outro coitado não tinha nada a ver com a história. .

— Contou isso para o Pollo?

— Está brincando? Aí ele batia nesse também!

— Mas precisava contar sobre esse engano! Esses sujeitos se comportam como juizes! Condenam, batem e ainda cometem erros. A coisa mais triste é que provavelmente você deve estar achando tudo isso engraçado.

Agora, Babi está realmente séria. Pallina percebe. Ficam algum tempo correndo em silêncio para recuperar o fôlego. Então, Pallina fala novamente. Dessa vez ela também está séria.

— Não sei dizer se achei graça. Só sei que foi uma sensação nova para mim, algo que nunca experimentei antes. Senti uma tranqüilidade.. uma segurança... Eu sei, Pollo foi lá, bateu no cara errado, mas me defendeu, está me entendendo? Ele me protegeu.

— É mesmo? Muito bonito. Mas diz uma coisa. . quem vai protegê-la dele?

— Você, ora essa!

— Pode esquecer. Não quero ver o Pollo nem aquele amigo dele, nem pintados na minha frente. De jeito nenhum.

— Então acho que a gente também não vai se ver.

— Como assim?

— Decidi namorar com o Pollo. Babi pára de repente.

— Não! Você não pode fazer uma coisa dessas comigo!

Pallina continua correndo. Sem se virar, faz sinal para a amiga acompanhá-la.

— Vamos lá, corra, não faça assim. Sei que ficou feliz. Talvez bem no fundo,

mas ficou feliz.

Babi recomeça a correr. Aumenta o ritmo até alcançar a amiga.

— Estou pedindo, Pallina, diga que é brincadeira.

— Nada disso. E estou gostando horrores.

— Mas como pode?

— Não sei, só sei que estou gostando.

— Mas o cara roubou o seu dinheiro.

— Devolveu pagando o almoço.

— E daí? É como se você tivesse pago!

— Melhor assim, quer dizer que fiquei com ele porque tinha vontade, e não

por obrigação. Normalmente, quando você sai com um rapaz que oferece pizza e

tudo mais, depois você quase se sente na obrigação de dar um beijo nele. Dessa

vez, foi por livre e espontânea vontade.

Babi fica algum tempo calada. Então, se lembra de uma coisa.

— Contou para o Dema?

— Claro que não.

— Vai ter que contar.

— Vou ter, vou ter. . Vou contar quando me der na telha. .

— Acho melhor contar logo. Se ele souber por qualquer outra pessoa vai sofrer muito. Está apaixonado por você.

— Não é verdade. Você é que enfiou isso na cabeça.

— É verdade e você sabe muito bem. Por isso, assim que chegar em casa, a primeira coisa que você vai fazer é ligar para ele.

-Se tiver vontade, ligo. Se não, fica por isso mesmo.

— Sabe de uma coisa? Ainda bem que a minha tia trouxe só um Sony. Você não merece. — Babi começa a correr mais depressa.

Pallina faz um esforço para não ficar para trás.

— Fique sabendo que, se eu quiser, posso arrumar um Sony com o Pollo.

— Claro, ele vai roubar o meu!

Pallina dá uma risada. Babi continua chateada. Pallina dá um enpurrão na amiga. — Deixa para lá, não vamos brigar por causa disso. Sei que você é

minha
amiga. Hoje até se sacrificou por mim, lá na sala. Como é que a sua mãe reagiu ao
saber da nota?
— Melhor do que eu quando soube do Pol o!
— Está achando tão ruim assim?
— Uma verdadeira tragédia!
— Olha só, você não conhece o Pollo. Ele é um cara cheio de problemas. Não tem dinheiro, o pai o trata muito mal. E também é simpático, comigo é realmente um amor, sério.
— E com os outros? Não se importa com o comportamento dele com os outros? — Talvez melhore.
Babi acha que não adianta. Quando Pallina bota uma coisa na cabeça, não tem jeito.
— Tudo bem, chega. Vamos esperar para ver.
— Essa é a Babi que eu gosto! — Pallina sorri. — Prometo que assim que chegar em casa ligo para o Dema.
Bom, pelo menos isso Babi conseguiu.
Babi e Pallina continuam correndo em silêncio, para recuperar o fôlego.
Chegam à praça onde ficam os aparelhos de ginástica. Algumas crianças descem
gritando pelos escorregas. Mães ansiosas acompanham de perto, prontas para
socorrer os pequenos naqueles mergulhos de camikazes. Um bonito rapaz, alto e
loiro, e uma menina um pouco mais baixa tentam executar alguns exercícios nas
barras. Babi e Pallina passam perto deles. Ao vê-las, o rapaz pára e olha para as
duas. — Babi!
Babi se vira. É Marco. Já faz mais de oito meses que não se vêem. Pallina
também pára. Babi fica vermelha. Está constrangida. Mas, estranhamente, seu
coração não começa a bater adoidado como de costume. Marco a beija no rosto.
— Tudo bem com você? — Babi recupera o controle.
— Tudo, e com você?
— Sem problemas. Essa aqui é a Giorgia. — Marco aponta para a garota.
Babi a cumprimenta e, estranhamente, não esquece o nome dela na mesma

hora
como costuma fazer quando lhe apresentam alguém. Pallina também cumprimenta
os dois, mas percebe-se claramente que teria preferido evitar aquele encontro.
Marco começa a falar as mesmas coisas de sempre. Frases já ouvidas. Liguei para
você. Você sumiu, nunca mais me procurou. Encontrei uma amigo seu, ou uma
amiga. O que está fazendo agora? Ah sim, as provas finais do ensino médio. Vê se
passa com uma nota bem alta, não me decepcione! Uma tentativa de bancar o
simpático. Babi quase não ouve. Lembra dos momentos passados com ele, o amor
que sentia, a decepção, as lágrimas. Que sofrimento! E, ainda por cima, por um
sujeito como aquele. Observa Marco melhor. Ele engordou. Os cabelos estão sujos.
Parecem mais ralos. E que olhos apagados! Um ser vazio, sem vida. Como pôde
gostar tanto dele? Dá uma olhada na garota. Nem merece ser levada em
consideração. A indiferença, uma coisa terrível. Despedem-se assim, depois de
conversar por cinco minutos sem dizer realmente nada. A conexão mágica foi
destruída. Babi recomeça a correr. Pergunta a si mesma aonde foi parar todo aquele
amor. Como é que pode? Não sentir mais nada... E pensar que era tão grande.
Ajeita os fones do Sony. O U2 toca o mais recente sucesso. Babi aumenta o
volume. Olha para Pallina. Ela sorri carinhosa, com seu rabo-de-cavalo dançando
ao sabor do vento. Passa os outros fones para a amiga. Ela merece. Babi não sabe,
mas, no fundo, foi salva por ela.

Um ano antes.

— Babi, Babi. — Daniela bate na porta do banheiro gritando.

Mas a irmã não ouve. Está no chuveiro e, ainda por cima, o rádio perto está tocando bem alto uma música do U2 do verão passado. Malmente, Babi escuta alguma coisa. Como uma batida furiosa que não combina com o ritmo do baterista.

Fecha a água e, pingando, estica o braço e baixa o volume.

— O que foi?

Do lado de fora, Daniela suspira.

— Até que enfim, já estou batendo há um tempão! Pallina no telefone.

— Diga que estou no banho. Ligo de volta daqui a cinco minutos.

— Ela disse que é muito urgente. Babi bufa.

— Tudo bem, Dani. Pode trazer o telefone?

— Já está aqui. — Babi abre a porta e Daniela lhe entrega o aparelho sem fio. — Não demore. Estou esperando uma ligação da Giulia. Babi enxuga a orelha antes de encostá-la no fone.

— O que há de tão urgente?

— Nada, só queria dar um oi. O que você está fazendo?

— Estou no chuveiro. Será possível que você sempre liga quando estou tomando banho?

— Mas não ia sair com Marco?

— Não. Hoje ele vai repassar a matéria na casa de um amigo. Daqui a dois dias tem prova de biologia.

Pallina fica alguns momentos calada. Decide não dizer nada.

— Ótimo, então daqui a dez minutos estou passando por aí. Babi pega uma pequena toalha e começa a enxugar o cabelo.

— Não dá.

— Não dê uma de difícil. Vamos comer uma pizza.

— E se depois o Marco ligar? Ele desligou o telefone dele, precisa de concentração para estudar. .

— Mande a Dani dizer para ele ligar mais tarde, ou então que ligue para o seu celular. Vamos lá, a gente volta cedo!

Babi tenta rebater. Mas todas as suas desculpas — cansaço, deveres de casa ainda por fazer e uma incrível vontade de ficar em casa diante da televisão de robe

e camisola — são inúteis. Não demora para ela estar sentada na Vespa atrás de

Pallina, que guia como uma doida no trânsito das nove.

Babi ainda está de cabelo molhado, usa um moletom azul com a inscrição "Califórnia" e parece meio chateada.

— Você ainda vai me deixar doente.

— Ora, o clima está tão ameno!

— Estava falando de como você guia. Pallina freia e vira à direita em Ponte Milvio. Babi se aproxima do rosto de Pallina para ser ouvida.

— Que caminho está fazendo?

— Por quê?

— Não estamos indo ao Baffetto?

— Não.

— O que houve?

— Precisamos mudar de vez em quando. Você está ficando metódica, Babi. Sempre no Baffetto, sempre oito em latim, sempre tudo igual! Por falar nisso, você

está com quem, agora?

— Como assim, com quem estou? Com o Marco, ora essa. Babi olha atônita

para Pallina. Não sabe por quê, mas acha que a amiga não gosta do Marco.

— Veja bem, Babi, até nisso você está sendo muito quadrada. Deveria arranjar outro.

— Fala sério. Eu sou louca por ele!

— Não vamos exagerar..

— Sério, Pallina. Para mim, é importante!

— Como pode ser tão importante se só está com ele há seis meses?

— Não tem nada a ver. O que importa é que estou hiperapai-xonada, talvez porque esse seja meu primeiro namoro sério.

Pallina reduz as marchas com raiva. "Pois é, o primeiro namoro sério e logo com aquele verme", ela pensa. Depois, engata a terceira e entra na praça Mazzini.

Reduz de novo e vira à direita, Babi se segura na cintura dela enquanto embocam à

toda pela ter-Ceira travessa, a da Nuova Fiorentina. Fábio, o filho do dono, está a

porta. Ao vê-las, vai logo até as duas. Gosta muito de ambas, na verdade, tem uma

queda por Babi, embora tenha sempre mantido a coisa em segredo. Fábio as

leva
para a fileira de mesas à direita da caixa logo depois da entrada. Um garçom chega
com os cardápios. Pallina, no entanto, já sabe o que vai comer.
— O calzone deles é fantástico! Tem de tudo: queijo com ovos, mozarela e pedacinhos de presunto. Inesquecível!
Babi examina o cardápio para ver se há alguma coisa menos prejudicial para
a sua dieta. Mas Pallina é convincente.
— Dois calzonis, então, e duas cervejas médias claras. Babi olha para a amiga
um tanto preocupada.
— Cerveja também? Quer me ver imensa de gorda?
— É só hoje. Essa noite, precisamos festejar.
— Festejar o quê?
— Já faz muito tempo que não saímos juntas.
Babi teve de concordar com ela. De uns tempos para cá, as poucas vezes que
saiu foi sempre com Marco. Fica contente em estar ali, naquele momento, com a
amiga. Pallina está mexendo nos bolsos do casaco. Finalmente, encontra uma
travessa com lantejoulas e pedrinhas em forma de coração que trespassa no cabelo
e prende uma mecha rebelde.
O seu bonito rosto aparece em todo o seu frescor. Babi sorri para ela.
— Uma graça, esse seu pente. Fica muito bem em você.
— Gostou? Comprei na Bruscoli, na praça Carli.
— Vai ficar chateada se eu também comprar? Quem sabe escolha um modelo um pouco diferente. Eu tinha um parecido, mas perdi.
— Que nada, estou acostumada com isso! Sou uma garota que cria
tendências. Sabia que quando entro nas lojas eles já me dão tudo de graça? Basta
que eu use. Já decidi, a partir de amanhã vou querer comissão.
Elas riem. Enquanto isto chegam as cervejas. Babi fica olhando. São enormes.
— E essa aqui seria a média? Imagina a grande.. Pallina levanta o seu caneco.
— Chega de reclamar. — Choca sua cerveja com força contra a de Babi.

Alguns respingos espumosos acabam molhando a mesa. -A nossa liberdade.

— Liberdade momentânea. . — corrige Babi.

Pallina esboça um sorriso e quase diz: "Que seja." As duas bebem. Babi é a primeira a pedir arrego. Ao chegar a um quarto do caneco é forçada a parar. Pallina continua mais um pouco, tragando uma boa metade.

— Ahhh. . — Pallina bota o caneco na mesa. — Caiu bem, era disso mesmo que eu precisava. — Limpa a boca esfregando-a violentamente com o guardanapo.

Às vezes, gosta de bancar a garota durona.

Babi pega um pãozinho. Tira um pedaço levemente torrado e começa a comê-lo aos pedacinhos. Depois, olha ao redor no restaurante. Grupos de rapazes conversam animados enquanto cortam em pequenos triângulos uma pizza com tomate. Garotas requintadas obstinam-se a comer com o garfo até as azeitonas. Um jovem casal conversa alegremente enquanto espera a comida. Ela é uma bonita moça de cabelos escuros não muito longos. Ele lhe serve amavelmente um copo de vinho. Está de costas. Babi não sabe exatamente por quê, mas tem a impressão de conhecê-lo. Um garçom passa por perto. O rapaz o detém. Pergunta que fim levaram as suas pizzas. Babi vê o rosto dele. É Marco. O pãozinho se quebra em suas mãos enquanto alguma outra coisa se quebra dentro dela. Lembranças, emoções, momentos lindos, doces frases murmuradas começam a voltar à mente de Babi num atropelo de ilusão. Ela fica branca. Pallina percebe.

— O que houve?

Babi não consegue falar. Aponta para o fundo da sala. Pallina se vira. O garçom está se afastando de uma mesa. Pallina o vê. Marco está lá, sorri para uma garota sentada diante dele. Acaricia a mão da menina, confiante na chegada das pizzas e ainda mais naquilo que a noite promete. Pallina se vira de novo para Babi.

— Que filho-da-puta. Que se dane se é clichê, mas os homens realmente são

todos iguais! Prova de biologia, não é? E está estudando o quê, agora, anatomia? —

Em silêncio Babi inclina a cabeça Para baixo. Uma lágrima ingênua escorre pelo seu

rosto. Pára um momento no queixo, indecisa. Então, empurrada pela dor, dá um

Pulo no vazio.

Pallina olha para a amiga com pesar.

— Desculpe, não era minha intenção. — Ela tira uma bandana colorida do

bolso da calça e entrega para a amiga. — Pegue, não é lá muito apropriada para a

situação, talvez seja alegre demais, mas é melhor do que nada.

Babi dá uma estranha risada que quase lembra um soluço. Então, enxuga as

lágrimas e respira fungando. Os seus olhos úmidos, levemente vermelhos, voltam a

olhar para a amiga. Babi dá outra gargalhada que na verdade continua a soar como

pranto. Pallina afaga o queixo da amiga livrando-o de mais uma lágrima indecisa.

— Não chore, aquele verme não merece. Onde é que vai encontrar outra

como você? Quem deveria chorar é ele. Não sabe o que está perdendo. Está

condenado a sair para sempre com mulheres como aquela.

Pallina se vira mais uma vez olhando para a mesa de Marco. Babi faz o

mesmo. Mais uma fisgada lhe aperta o estômago. A caça ao tesouro. Os passeios na

Villa Glori, os beijos ao entardecer, trocas de olhares profundos e os "te amo".

Imagens suavemente delicadas se desfazem, escorraçadas por um vento de tristeza.

Babi tenta sorrir.

— Não é tão feia assim, afinal.

Pallina sacode a cabeça. Babi é realmente incrível, até mesmo numa situação

como essa não consegue deixar de ser sincera. Babi pega a cerveja e dá um longo

gole. Em seguida, quase joga o caneco na mesa e limpa violentamente a boca com o

guardanapo, imitando Pallina.

— Meu Deus, que ódio!

— Muito bem, é assim que eu gosto! Precisamos encontrar um jeito de punir

esse idiota! — Pallina brinda com a amiga e as duas acabam a cerveja com um

longo e sofrido trago. Babi, um tanto confusa por não estar acostumada a beber,

sorri decidida para a amiga.

— Você está certa, ele precisa pagar! Tenho uma idéia. Vamos falar com o

Fábio! Marco ri divertido enquanto serve à moça um copo de Galastro gelado.

Pode não saber escolher um vinho, mas é especialista em como conquistar uma

mulher.

A Nuova Fiorentina pode ficar orgulhosa daquela noite. Nunca teve um

garçom mais gracioso. Uma garçonete, para sermos mais precisos. Babi avança

entre as mesas com as pizzas nas mãos. Não tem a menor dúvida. A de mozarela

sem enchovas é para Marco. Quantas vezes já ouviu o pedido dele. E quantas vezes

ele já cortou com amor um pedacinho para ela experimentar.

Mais uma fisgada. Melhor não pensar no assunto. Olha para trás. Fábio e

Pallina estão perto da caixa. Sorriem incentivando a amiga de longe. Babi respira

fundo. Está meio confusa. A cerveja era boa e está ajudando-a a chegar até a mesa

de Marco.

— Essa aqui é para a senhorita. — Babi coloca a pizza branca com presunto

e pouco azeite diante da garota que olha para ela sem entender. — E esta é para

você, seu verme!

Marco nem tem tempo de ficar surpreso. A mozarela sem enchovas vai parar

na cabeça dele com todo o tomate, enquanto a massa quente se transforma num

incômodo chapéu, queimando o couro cabeludo. Fábio e Pallina explodem numa

salva de palmas à qual se junta todo o restaurante. Babi, levemente bêbada, faz uma
mesura para agradecer. Depois, se afasta de braços dados com Pallina,
acompanhada pelos comentários divertidos dos presentes e pelo olhar surpreso da
garota, que continua sem entender nada.
Voltam de Vespa, em silêncio. Babi fica bem agarrada em Pallina. Mas não é
por medo. Agora há muito menos movimento nas ruas. Com a cabeça apoiada no
ombro da amiga, olha as árvores que desfilam diante dela, as luzes brancas e
vermelhas dos carros ao longe. Um ônibus laranja passa perto delas. Babi fecha os
olhos. Um arrepio toma conta dela, mas logo se esvai. Nem com frio, nem com
calor, sente-se sozinha. Caladas o tempo todo, chegam até em casa. Babi salta da
Vespa.
— Obrigada, Pallina.
— Obrigada por quê? Eu não fiz nada.
— A cerveja estava ótima. — Babi sorri. — Amanhã, na escola, vou pagar o
seu lanche. Precisamos festejar.
— Festejar o quê?
— A liberdade completa.
Pallina abraça a amiga. Babi fecha os olhos. Não consegue evitar um soluço.
Solta-se, então, e se afasta depressa. Pallina a vê subir os degraus quase correndo e
sumir atrás do portão. Liga a Vespa e desaparece na noite. Mais tarde, enquanto se
despe, Babi tira o dinheiro do bolso dos jeans. Quando enfia a mão para ver se
ainda sobrou alguma coisa, fica surpresa. Entre tantas lágrimas, aparece um sorriso.
Lá está o pequeno pente de Pallina com as lantejoulas e as pedrinhas em forma de
coração. Deve ter feito isso enquanto estavam abraçadas.

Um pequeno presente para reanimá-la, para fazê-la sorrir. Conseguiu. Pallina é uma amiga e tanto. O coitado do Marco, por sua vez, não estava com sorte. Se tivéssemos ido ao Baffetto como de costume, nunca teríamos pego aquele babaca.

Babi escova os dentes. Que coisa mais estranha, decidir ir à Nuova Fiorentina logo hoje. Babi se enfia sob os lençóis. Pois é, Marco estava realmente com azar e tomara que continue assim pelo resto da vida.

Pallina vira para a direita. Decide dar um pulo na casa do amigo Dema.

Um gato atravessa a rua. Nem repara se é preto. Pallina não acredita no azar.

Prefere mil vezes a pizza do Baffetto ao calzone da Nuova Fiorentina. Nada no mundo a faria mudar de idéia. Mas, naquela noite, quando Fábio ligou avisando que o namorado de Babi estava no restaurante dele com outra garota, não teve a menor dúvida. Estava esperando por uma chance dessas havia muito tempo. Sabia coisas demais a respeito de Marco. E não podiam ser apenas boatos. Se contasse, Babi na certa não iria acreditar. Ou talvez sim, quem sabe. E isso deixaria as coisas entre as duas bem esquisitas. Melhor que o destino leve toda a culpa. Pallina chama Dema no interfone. Uma voz cheia de sono responde:

— Alô, quem é?

— Pallina. Missão cumprida.

— Flagraram o cara?

— É claro! Como um rato com o queijo na boca, ou melhor, como um verme com pizza na cabeça.

— Como assim? O que aconteceu?

— Se descer eu te conto.

— E como foi que a Babi aceitou a coisa?

— Não muito bem. .

— Espere, já vou descer.

Pallina puxa o cabelo para trás. Por um momento, sente saudade do pequeno pente. Coitada da Babi, mas, de qualquer maneira, é melhor assim. Pode ser que sofra por algum tempo, mas melhor agora do que mais tarde. Depois de ficar mais envolvida. Não demoraria a reencontrar a costumeira alegria. O sorriso de uma amiga vale muito mais do que um pente, muito mais do que uma pizza Margherita.

Mesmo que do Baffètto.

Ainda no chuveiro, Babi penteia o cabelo cheio de condicionador. A rádio 103.10 toca os mais recentes sucessos americanos. Anastácia subiu para o terceiro lugar. Babi joga a cabeça para trás embalada por aquela música lenta embaixo do chuveiro. Uma enxurrada de água leva consigo o condicionador, que escorrega pelo rosto acariciando os traços, as saliências macias. Alguém bate na porta.

— Telefone, Babi. — A voz é de Daniela.

— Já vou. — Ela se enrola rapidamente numa toalha e abre a porta. Daniela entrega o telefone sem fio.

— Vê se não demora. Estou esperando um telefonema do André. Babi se fecha novamente no banheiro e senta na tampa macia do vaso.

A voz de Pallina ressoa.

— Estava embaixo do chuveiro?

— Claro, onde mais eu poderia estar quando você liga! O que há de tão urgente?

— Pollo acaba de me ligar. Disse que gostou muito de sair comigo. Pediu desculpas por aquilo que aconteceu no restaurante e quer me ver. Perguntou se essa noite quero ir com ele às corridas.

— Que corridas?

— Essa noite vão todos para a Olímpica com as motos para fazer uns pegas. Velocidade, sobre uma das duas rodas. Lembra do que a Francesca contou depois de ir lá? Parece que é o máximo. Ela até deu uma de cinturada. .

— Cinturada?

— Pois é, eles chamam assim as meninas que montam na garupa, porque

usam um cinto duplo para ficarem presas em quem está dirigindo. A regra é que
devem ficar viradas para trás.
— Viradas para trás? Será que você ficou louca, Pallina? Quase me arrependo do sacrifício que fiz. .
— Sacrifício? Que sacrifício?
— A nota e tudo o mais, ora essa!
— Essa história está rendendo demais, pare com isso!
— Acontece que estou de castigo e até segunda não posso sair.
— Tudo bem, eu não estou pedindo que vá comigo. Só queria um conselho. O que me diz, devo ir?
— Ir ver os que correm é ainda mais idiota do que correr com a moto. Mas, você é quem sabe.
— Talvez você esteja certa. Mais uma coisa, contei para Dema que estou com Pollo. Satisfeita?
— Satisfeita? Eu não tenho nada a ver com isso. Ele é seu amigo e só achei que se acabasse sabendo por outra pessoa podia ficar chateado...
— Eu sei, eu sei. Mas, mesmo assim, ele ficou muito satisfeito. Pareceu até contente. Está vendo? Você estava errada. Ele não está apaixonado por mim.
Babi se aproxima do espelho embaçado. Tira um pouco de vapor com a toalha. Aparece sua imagem um tanto chateada, com o telefone na mão. Às vezes,
Pallina é realmente uma chata.
— Melhor assim, então, não acha?
— Sabe de uma coisa? Você me convenceu. Decidi não ir às corridas.
— Isso mesmo! A gente se fala mais tarde.
Babi sai do banheiro. Passa por Daniela e devolve o telefone. A irmã menor não faz comentários, mas parece chateada, demonstrando que a irmã demorou
demais. Babi vai para o quarto e começa a secar o cabelo. Daniela entra com o
telefone.
— Dema. Nem preciso dizer que continua valendo o que já te disse antes.
Babi desliga o secador e pega o telefone.
— Oi Dema, como você está?
— Muito mal.
Babi ouve em silêncio. Até parece que Unemoz ne per sempre, a música do Eros, foi escrita para ele. "Gostaria de poder me lembrar de você assim. ."

Mas assim como, se ele não tem nada para se lembrar? Babi acha melhor não falar a respeito. Ainda mais porque Dema dispara uma rajada de perguntas.

— Como é que pode? Depois do tempo todo que fiquei atrás dela, ela decide se meter com esse cara? Quem é ele, afinal de contas?

— O nome dele é Pollo, só sei isso.

— Que droga de nome! O que a Pallina espera encontrar nele? É um sujeito violento, um daqueles marginais que apareceram na festa da Roberta no outro dia!

Tanta gente por aí e a Pallina foi se apaixonar logo por ele!

— Não diria que está apaixonada, Dema. . Está gostando!

— Nada disso, está apaixonada. Ela mesma contou!

— Você sabe como a Pallina é exagerada, não é? Você a conhece melhor do que eu. Essa noite queria ir às corridas na Olímpica e só levou cinco segundos para mudar de idéia. Está vendo como ela é? Quem sabe não demore para perceber o erro que cometeu e volte atrás? Não fica assim, Dema, dê um tempo.

Dema fica calado. Acreditou nessas palavras, ou pelo menos quis acreditar.

Coitado, pensa Babi. Ainda bem que não estava apaixonado!

— Você deve estar certa. É, pode ser isso mesmo.

— Você vai ver, Dema. É só uma questão de tempo.

— Só espero que não leve tempo demais. — Ele tenta fazer graça. — Por falar nisso, Babi, não conte para Pallina que telefonei.

— Pode ficar tranqüilo!

— Valeu mesmo — desligam. Daniela entra no banheiro.

— Quer dizer que a Pallina ficou com o Pollo, que loucura! E Dema, obviamente, deve estar um trapo!

— Pois é, coitado, está atrás dela há um tempão.

— Não tem a menor chance! É o clássico amigo das mulheres. Depois dessa dura conclusão, Daniela afasta-se com o telefone, mas nem chega a sair do banheiro, já que ele toca de novo.

-Alô? Sim, já vou chamar. Babi, por favor, tente não demorar.

— Quem é?

— Pallina.

— Vou tentar. — Babi pega o aparelho.

— Já terminou com o Pollo?

— Claro que não!

— Pena..

— Com quem estava falando? Estou tentando ligar há um tempão.

— Com o Dema. Ele está na pior.

— Não me diga!

— Pois é. Ficou arrasado! O coitado pediu para não te contar que ele ligou.. Então já sabe, faz de conta que não toquei no assunto.

— Talvez fosse melhor não dizer que fiquei com o Pollo.

— Nem pense nisso, Pallina. Acabaria sabendo pelos outros e ficaria ainda pior. — Podia pelo menos adiar ao máximo.

— Adiar coisa nenhuma. Não devia ficar com o Pollo, só isso.

— Vou fazer de conta que não ouvi. Decidi, aliás, que na vida é muito mais divertido bancar a debilóide. .

— Como assim?

— Vou assistir às corridas.

Babi balança a cabeça. Os cabelos, nessa altura, estão secando sozinhos.

— Que bom, então divirta-se.

— Pollo ligou. Daqui a pouco vem me buscar. Mas o que você acha, na sua opinião eu devo mostrar que estou me divertindo ou bancar o tipo que olha a corrida sem achar a mínima graça?

— Isso já é demais para Babi. Ela não agüenta mais.

— Olhe aqui, Pallina, você pode ir aonde quiser. Pode ir às corridas, pode montar nas motos, pode empinar numa roda só com todos os marginais do mundo, mas pare de encher o meu saco!

Pal ina cai na gargalhada.

— Está certo. Mas ainda preciso de mais um favor. Já que não sei a que horas acabam as corridas, disse para minha mãe que vou dormir na sua casa.

— E se ela ligar?

— Imagina. Ela nunca dá a mínima para o que eu faço. . Mas é melhor você deixar as chaves embaixo do capacho, no lugar de sempre.

— Tudo bem.

— Vê se não esquece. Coitado do Dema. Acha que devo fazer alguma coisa?

— Olha, Pallina, acho que hoje você já fez bastante estrago. Babi desliga.

Daniela quase arranca o telefone das mãos dela.

— Ainda bem que pedi para você não demorar!

— O que eu podia fazer? Ouviu o desastre que aconteceu, não é? Só te peço uma coisa: não conte para ninguém esta história do Pollo e da Pallina, está certo?

— Claro. Para quem eu poderia contar? O telefone toca de novo. É Giulia.

— Posso saber quem ficou entalado no seu aparelho?

— Oi, Giuli, foi a minha irmã, desculpe.

Daniela vai para o seu quarto. Mal tem tempo de fechar a porta atrás de si para ir logo contando.

— Você não vai acreditar, Giulia. A Pallina resolveu namorar com o Pollo!

-Não!

— Juro. O Dema ficou arrasado, mas, por favor, não conte isso para ninguém!

— Claro, nem precisa dizer. — Giulia ouve o resto da história já pensando no que Giovanna e Stefania vão achar daquilo.

Babi sai do quarto. Está usando um robe rosa macio e, por baixo, o pijama de moletom azul. Nos pés, pantufas bem quentinhas. Depois do banho, recuperou-

se do cansaço da corrida, mas não está nem um pouco alegre. Essa noite, a dieta só

permite uma maçã verde. Passa pelo corredor e, justamente na mesma hora, ouve o

barulho de chaves na fechadura da porta. Seu pai.

— Papai! — Babi corre ao encontro dele.

— Babi.

Está furioso. Ela pára.

— O que houve? Não me diga que não estacionei a Vespa direito e não conseguiu entrar na garagem..

— Estou pouco me importando com a Vespa! Hoje os Accado vieram me ver. Ao ouvir o nome dos Accado, Babi fica branca. Como pôde não pensar nisto antes? Deveria ter contado aos pais tudo o que aconteceu.

Raffaella, que acabou de lavar duas maçãs verdes preparando, assim, o jantar,

entra na sala.

— O que os Accado queriam? O que houve? E o que a Babi tem a ver com isso?

Cláudio olha para a filha.

— Não sei. Diga você mesma, Babi.

— Eu? Nada!

Daniela aparece no batente da porta.

— Isso mesmo, ela não tem nada a ver com essa história! Raffaella vira-se para a filha mais nova.

— Calada! Ninguém pediu a sua opinião. Cláudio pega a filha pelo braço.

— Acho que você não tem culpa, mas o sujeito que estava com você tem muito a ver com o que houve! Accado foi parar no hospital. Está com o septo nasal quebrado em dois lugares. O osso recuou, o médico disse que bastava mais meio centímetro para perfurar o cérebro.

Babi fica calada. Cláudio olha para ela. A filha está transtornada. Ele solta o braço dela.

— Não sei se entendeu, Babi, mais meio centímetro e Accado morria. .

Babi engole em seco. Já está sem fome. Nem mesmo a maçã ela quer.

Raffaella olha preocupada para a filha, e, vendo-a tão perturbada, assume um tom calmo. — Babi, por favor, quer contar para a gente exatamente o que aconteceu?

A menina levanta os olhos claros. Estão apavorados. É como se visse a mãe pela primeira vez naquele dia. Começa com um "Nada, mamãe", mas continua contando tudo. A festa, os penetras, Chicco que chama a polícia, os caras que fingem fugir, mas que, em vez disso, esperam por eles na rua. A perseguição, o BMW destruído. Chicco que pára, o rapaz da moto azul que lhe dá uma surra, Accado que intervém e o sujeito que bate nele também.

— Quer dizer então que o Accado deixou você sozinha com aquele marginal? Com aquele animal raivoso, sem levar você junto com ele quando foi embora?

Raffaella está chocada. Babi não sabe o que dizer.

— Talvez tenha pensado que era um amigo meu, sei lá. Só sei que depois da pancadaria, todos fugiram e eu fiquei sozinha com ele.

Cláudio balança a cabeça.

— Claro que o Accado fugiu. Corria o risco de morrer sangrando, com aquele nariz quebrado. De qualquer maneira, o rapaz está acabado. Filippo o denunciou. Só vieram falar comigo no escritório, hoje, por mera educação.

Disseram que agora a coisa vai ser decidida na justiça. Querem saber o nome do

rapaz. Como é que ele se chama?

— Step.

Cláudio olha para Babi sem entender.

— Step?

— Isso mesmo, Step é o nome dele. Pelo menos, é assim que os outros o chamam.

— É americano?

— Que nada, pai! — Daniela intervém. — É o apelido.

— Mas esse rapaz deve ter um nome, afinal.. — Cláudio encara as filhas.

— Claro, só que eu não sei. — Babi sorri. Cláudio perde mais uma vez a paciência.

— E como é que eu vou dizer aos Accado que a minha filha sai com alguém

do qual nem sabe o nome?

— Eu não saio com ele. Estava com Chicco... já expliquei.

— É verdade, mas voltou de moto com esse outro — Raffaella intervém.

— Eu já disse, mamãe. Se Chicco e os Accado fugiram, como é que ia voltar

para casa? Ia ficar andando na rua, de noite? Ia voltar sozinha? Até que tentei. Mas

fui logo incomodada por um caipira num Golf caindo aos pedaços, e então deixei

que o tal de Step me desse uma carona.

Cláudio não acredita no que está ouvindo.

— Só falta eu ainda ter de agradecer ao sujeito!

— Não podemos fazer um papelão desses, estão me entendendo? —

Raffaella encara as filhas furiosa. — Quero saber o quanto antes o nome desse

rapaz. Estou sendo clara?

Babi se lembra daquela manhã, quando falou com Daniela. Ainda era cedo, estava meio sonolenta, mas não tem dúvidas.

— Dani, você sabe o nome dele. Diga logo!

A irmã olha para Babi, chocada. Será que ficou maluca? Dizer? Entregar o

Step? Lembra-se daquilo que ele fez com Brandelli e de muitas outras coisas de que

ouviu falar. Iriam acabar com a sua Vespa, iriam bater nela, violentá-la. Haveria

coisas escritas terríveis nos muros da escola, acusando-a de um monte de coisas imundas que ainda nem fez. Denunciá-lo? Só basta um segundo para perder a memória.

— Mãe, a única coisa que sei é que se chama Step. Babi avança contra a irmã.

— Mentirosa! Não passa de uma mentirosa! Eu não me lembro, mas hoje de manhã você disse o nome dele. Você e as suas amiguinhas conhecem esse cara muito bem.

— Do que é que você está falando?

— Sua covarde, não quer dizer porque está com medo! Sabe perfeitamente como ele se chama.

— Não sei, não.

— Claro que sabe!

Babi pára de repente. É como se alguma coisa tivesse estalado na sua mente.

Agora se lembra.

— Stefano Mancini. Esse é o nome dele. E o apelido é Step. — E olha para a irmã citando as palavras dela. — "Eu e as minhas amigas o chamamos de Nota Dez." — Muito bem, Babi. — Cláudio tira do bolso um papelucho onde costuma tomar nota de tudo. Escreve o nome antes de poder esquecê-lo. Fica irritado.

Acabou de ler alguma coisa que deveria ter feito, mas agora é tarde.

Daniela olha para a irmã.

— Você acha que é durona? Nem passou pela sua cabeça o que irão fazer com você, não é? Vão destruir a sua Vespa, vão lhe dar uma surra, vão pichar as paredes da escola com o seu nome.

— Grande coisa, a Vespa já está mesmo um caco. Duvido que escrevam alguma coisa nos muros porque não acho que algum deles saiba escrever. E se quiserem me machucar, papai está aqui para me defender, não é pai?

Ela se vira para o pai. Cláudio pensa no Accado, na dor que deve ter sentido quando quebraram o seu nariz.

— Claro, Babi, os pais estão aqui para isso.

Pergunta a si mesmo quanta verdade existe naquela afirmação. Bem pouca,

talvez. Mas funcionou assim mesmo. Babi está agora mais tranqüila, vai para a

cozinha. Pega sua maçã verde e a lava de novo. Depois, segurando-a no ar pelo

pedacinho de caule ainda preso no alto da fruta, começa a rodá-la. Cada volta, uma

letra. Quando o caule se quebra, eis a inicial de alguém que está pensando em você.

A, B, C, D. O caule se solta com um estalo.

Letra D. Quem conhece com o nome começando com D?

Ninguém, não se lembra de ninguém. Ainda bem que não foi S. O caule não

costuma agüentar tanto. Mas, mesmo que tivesse saído aquela letra, não ficaria

muito preocupada. Não está com medo.

Babi passa pela mãe, que sorri para ela. Raffaella acompanha com o olhar a

filha que se afasta. Está orgulhosa. Babi puxou a ela, não é como Daniela. O medo

da caçula, no fundo, tem uma razão de ser. Daniela puxou ao pai. Cláudio ajeita o

terno cinza em cima da cama.

— Querida, comprou a cafeteira grande?

— Não, esqueci.

Raffaella se tranca no banheiro.

"Como é que pode", pensa Cláudio, "até escrevi na lista das compras."

Decide não fazer comentários, justificando dessa forma ainda mais o caráter de

Daniela. Cláudio escolhe uma camisa e a joga na cama. Depois, coloca sua gravata

preferida por cima. Quem sabe esta noite consiga usá-la.

Os pais saem frisando como de costume que não devem abrir a porta para

ninguém. Logo em seguida, Babi desce de robe e, sem que ninguém veja, esconde

as chaves sob o capacho do portão. Sabe lá onde Pallina está a essa hora. Vendo

corridas na Olímpica. Cada um com seus gostos. .

Daniela está no corredor. Enquanto fala com André Palombi pelo telefone,

rabisca num papel com a caneta os nomes deles cercados por pequenos

corações.

Como ela não respondia, André fica curioso.

— O que está fazendo, Dani?

— Nada.

— Ora, estou ouvindo uns barulhos.

— Estou escrevendo.

— Escrevendo o quê?

— Nada demais — mente. — Estou desenhando.

— Já sei. Quer dizer que você desenha enquanto fala comigo. .

— Nada disso. Entendi tudo o que você falou.

— Então repita.

— Às segundas, quartas e sextas você vai à academia, às terças e quintas para

a aula de inglês. — Daniela bufa.

— A que horas? Daniela pensa.

— As cinco.

— Às seis. Está vendo que não estava prestando atenção?

— Estava sim, só que não me lembrei. E você? Entendeu agora por que eu não podia falar?

— Os seus pais estavam aí, se despedindo.

— Pois é, foi por isso que eu estava cochichando. E você não entendia.

— Como podia entender se você não falava direito.

— Como ia falar, com os meus pais aqui do lado? Você é uma verdadeira piada! Tenho uma idéia. Precisamos encontrar uma senha para quando não podemos falar.

— Como o quê?

— Vamos pensar..

— Poderíamos dizer o nome da minha escola de inglês.

— Como ela se chama?

— Está vendo que não me escuta? British.

— British, gostei!

Babi passa no corredor e pára diante da irmã.

— Será possível que você viva pendurada no telefone? Daniela não responde. Decide aproveitar logo a nova palavra.

— British.

André fica um momento sem entender.

— O que houve? Não pode falar?

— Óbvio! Ia dizer British para quê, então? Assim, sem motivo? Foi para isto

que escolhemos esse código, não foi?

— Está bem, mas como podia saber que logo agora você não podia falar?

— Devia saber. Eu disse British.

— Eu sei, mas pensei que talvez você quisesse ver como a parada funciona.

A conversa não propriamente metafísica é subitamente interrompida pela voz inflexível de uma gravação da companhia telefônica.

— Atenção. Ligação urbana urgente para o número. . Daniela e André ficam

em silêncio. Esperam pelo primeiro algarismo que irá decidir qual dos dois é o mais

procurado. "3. . A voz de Daniela cobre a gravação.

— É para mim. Deve ser a Giulia!

— A gente se fala depois?

— Claro. Te ligo logo depois que terminar. British! — André ri. Nesse caso, o código quer dizer algo como "Gosto de você".

— Eu também — desligam.

Babi olha para a irmã. Não é típico dela obedecer tão depressa.

— Está chegando uma ligação urgente.

— Então é isso. Sabia que era impossível você desligar só porque eu pedi.

Devem ser os nossos pais querendo dar algum recado. Eles devem estar superirritados por encontrar a linha sempre ocupada.

— Que nada! Deve ser a Giulia. Tínhamos combinado de nos falar novamente essa noite.

Ficam então esperando em silêncio ao lado do telefone, prontas para pegar o

aparelho no primeiro toque. Como duas concorrentes num concurso de televisão

onde ganha quem aperta primeiro o botão para dar a resposta certa. O telefone

toca e Daniela é mais rápida.

— Giulia? — resposta errada. — Ah, sim, desculpe, ela já vai atender. É para

você. Babi arranca o telefone das mãos de Daniela.

— Alô, quem é?

A sensação de satisfação torna-se, de repente, um imenso constrangimento.

É a mãe de Pallina.

— Vê se não demora, tá? — Daniela sorri.

Babi tenta acertar a irmã com um pontapé. Daniela se esquiva. Ela se concentra no telefonema.

— Boa-noite, como vai a senhora?

Babi ouve a voz da mãe de Pallina que, obviamente, quer falar com a filha.

— Para dizer a verdade ela está dormindo. — E, resolvendo se arriscar mais do que nunca, completou. — Quer que a chame? -Babi fecha os olhos e aperta os lábios à espera da resposta.

— Não, não precisa. Posso deixar o recado com você. Ainda bem.

— Consegui marcar o exame de sangue para amanhã de manhã. Por isso, ela não pode comer nada quando acordar. Passarei para buscá-la lá pelas sete horas. Se a gente chegar cedo, ela só vai perder a primeira aula.

Babi já está mais tranqüila.

— Sem problema, de qualquer maneira, a primeira aula é de religião.. — Ela considera que para a amiga a matéria é completamente inútil. Entre mentiras e namorados violentos a alma de Pallina já se perdeu por completo.

— Então já sabe, Babi. Não a deixe comer.

— Pode deixar. A senhora não precisa se preocupar.

Babi desliga. Daniela se aproxima com a intenção de se apoderar mais uma vez do telefone.

— Conseguiu safar-se, não é?

— Quem se safou foi a Pallina. Se a mãe dela descobrir, isto é problema delas. Não quero nem saber!

Babi tenta logo ligar para o celular de Pallina. Nada feito, está desligado.

Claro! Ela está dormindo lá e na casa de Babi ele não pega. E de que adianta ligar?

Melhor esquecer e não pensar mais no assunto.

Babi prepara um chá de camomila. Duas fatias de limão, uma dose de adoçante e lá está ela no sofá, com as pernas dobradas para trás e os pés enfiados embaixo de uma almofada, onde está mais quentinho. Fica olhando a tevê. Daniela, obviamente, liga de novo para André, conta a história de Pallina, o telefonema da mãe, o blefe de Babi e muitas outras coisas que eles acham extremamente divertidas. Na televisão da sala, Babi zapeia. Um programa sobre civilizações

antigas, uma história de amor mais contemporânea, um show de perguntas difíceis demais. Babi fica algum tempo no sofá, pensativa. Não, realmente não sabe a resposta. A voz de Daniela ressoa no corredor alegre e animada. Palavras de amor misturam-se suavemente com risadas espontâneas. Babi desliga a tevê. Pallina vai chegar, sem dúvida, antes das sete.

— Boa-noite, Dani.

— Boa-noite. — Daniela sorri para a irmã.

Babi nem tenta pedir para a irmã não manter o telefone ocupado. Não adiantaria. Escova os dentes. Bota na cadeira o uniforme para o dia seguinte, apronta a mochila e se enfia na cama. Reza uma oração olhando para o teto. Está meio desligada. Finalmente, apaga a luz. Vira-se na cama à espera do sono. Nada feito. E se Pallina decidir ir direto para a escola? Pode-se esperar tudo dela. É bem capaz de passar a noite fora e ir à Falconieri na moto de Pollo enquanto a mãe vem buscá-la aqui em casa. A Pallina anda completamente maluca! Não podia ser uma namorada igual às outras? Podia ficar duas horas pendurada no telefone, como Daniela, e tudo estava resolvido. O único prejuízo, no caso, seria uma conta mais salgada no fim do mês. Mas não, ela precisa ir às corridas. Quer bancar a mulher do valentão. Que idiotice, Pallina! Sai da cama e se veste depressa. Apenas um suéter felpudo e os jeans. Depois, entra no quarto de Daniela e pega os tênis Superga azuis. Passa pela irmã que, obviamente, continua pendurada no telefone.

— Vou avisar Pallina.

Daniela olha para ela, sem acreditar no que ouviu.

— Vai para a Estufa? Vou com você.

— Para a Estufa? Estou indo até a Olímpica. Onde fazem os pegas.

— Pois é, a Estufa.

— Como assim?

— Tem esse nome por causa das flores que colocam pelo caminho, para todos aqueles que morreram durante os pegas.

Babi passa a mão na testa.

— Era só o que faltava. . A Estufa!

Pega o casaco pendurado na entrada e já vai sair. Daniela segura a irmã.

— Por favor, Babi, me deixa ir com você!

— Mas o que está havendo? Ficaram todas malucas? Você, eu e Pallina passeando na Estufa. Quem sabe a gente também dê uma corridinha de moto, que tal? — Se você for de cinto, eles mesmos escolhem você e te levam na garupa.

Vamos lá, pegue o meu... Já pensou, você dar uma de cinturada?

Babi pensa no chá de camomila que tomou antes de ir para a cama. O troço era para deixá-la calma, para não ficar nervosa. Adiantou alguma coisa? Puxa para cima a gola do casaco. Tem a impressão de estar diante da câmara de um programa de perguntas feito especialmente para ela. O que está tentando fazer? Por que está indo até a Estufa, entre ramalhetes de flores para os que morreram? Na mesma reta onde turmas de inconseqüentes correm o risco de morrer também? A resposta parece fácil. Que é avisar Pallina para que volte antes das sete. A Pallina que gosta de freqüentar lugares absurdos, a Pallina que não sabe nada de latim. A Pallina que ela gosta de ajudar mesmo quando isso lhe custa uma nota ruim e um bilhete no caderno. Pois é, está indo por causa de sua amiga Pallina, ou, pelo menos, é disso que quer ficar convencida.

— Daniela, já estou cansada de repetir. Desligue esse telefone. — E sai correndo, com o pequeno pente de lantejoulas no cabelo e o coração que bate estranhamente apressado.

Há muita gente ao longo da ampla rua que faz uma grande curva. Alguns

jipes Patrol de portas abertas disparam músicas a todo o volume sem parar. Alguns garotos de cabelos loiros descoloridos, com camisetas e bonés americanos, de corpo malhado e poses ensaiadas, bancam os surfistas geração-saúde bebericando cerveja. Perto dali, num fuscão conversível, uma outra turma bem mais realista espalha em volta o cheiro da maconha.

Ainda mais adiante, alguns cavalheiros em busca de uma noitada cheia de aventuras se aglomeram em torno de um Jaguar. Ao lado, um casal de amigos observa aquele absurdo carrossel. Scooters sobre uma roda só, motos que passam chispando como trovões, freadas e espasmos de motores, garotos que desfilam em Pé sobre os pedais para ver se há conhecidos por perto, outros que cumprimentam os amigos.

Com sua pequena Vespa envenenada, Babi enfrenta a subida suave. Ao chegar no alto da ladeira, fica sem palavras. Uma multidão de buzinas diferentes, das mais graves às agudas, ressoa, descontrolada. Motores trovejantes gritam uns para os outros, rugin-do. Faróis com luzes multicoloridas iluminam o ambiente como uma imensa discoteca.

Numa pequena clareira há uma daquelas barraquinhas móveis que vendem sanduíches e bebidas geladas. Está faturando horrores. Babi pára ali em frente levantando o cavalete da Vespa. Bota o cadeado. Uma Free sobre uma roda só chispa ao lado dela, tão perto que a menina quase perde o equilíbrio. Um rapazola de uns quinze anos no máximo recai sobre a roda dianteira com uma gargalhada escrachada. Freia derrapando de lado e sai novamente no sentido contrário.

Empina mais uma vez, de pernas meio abertas, um tanto desequilibrado.

Babi olha ao redor, irritada. Depois, recomeça a caminhar. Acaba

trombando
com um sujeito com o cabelo penteado para trás emplastado com gel, casaco preto
de couro e brinco na orelha direita. Parece estar com pressa.
— Olha por onde anda!
Babi pede desculpas. Pergunta mais uma vez a si mesma o que diabo está
fazendo ali. Anda mais um pouco e vê Glória, a filha dos Accado. Está sentada no
chão, em cima de um casaco de brim. Dario, o namorado, está ao lado dela. Babi se
aproxima.
— Oi, Glória.
— Oi, como você está?
— Tudo bem.
— Já conhece Dario?
— Já nos vimos por aí. — Babi e o namorado de Glória trocam um sorriso
tentando lembrar onde e quando. — Sinto muito por aquilo que aconteceu com o
seu pai.
— É mesmo? Eu não dou a mínima. Foi ele que pediu. Assim aprende a não
botar o nariz onde não é chamado. Ele adora ficar se metendo em tudo, sempre
tem alguma babaquice para dizer. Finalmente encontrou alguém que soube mostrar
qual é o lugar dele.
— Mas é o seu pai!
— É, mas também é um saco.
— Concordo. — Dario acende um cigarro. — Aliás, agradeça ao Step por
mim. Sabe que o pai da Glória não me deixa nem entrar na casa deles? Tenho
sempre de ficar esperando na rua, quando saio com a Glória. Não que me importe
muito, não faço a mínima questão de me encontrar com ele, mas é uma questão de
princípio, não?
Babi fica se perguntando a que raio de princípio ele se refere. Dario passa o
cigarro para Glória.
— Claro que se fosse eu que tivesse dado aquela cabeçada no porco seria

melhor ainda.

Dario cai na gargalhada.

Glória dá uma tragada e sorri para Babi.

— E aí? Decidiu ficar com o Step?

— Eu? Está louca? Tchauzinho, preciso encontrar a Pallina. Babi se afasta.

Não é só a Glória. Os dois são pirados. Uma filha feliz porque o pai levou uma

cabeçada. O namorado dela infeliz por não ter sido ele a dar a porrada. Coisas do

outro mundo. Logo depois, atrás de uma rede furada, ela vê Pollo. Está sentado

numa poderosa moto e conversa alegremente com uma jovem que abraça entre as

pernas. A jovem usa um boné azul com as letras NY bordadas na frente. Os

cabelos pretos presos em rabo-de-cavalo saem entre o fecho e a borda do chapéu.

Veste um casaco de mangas brancas de plástico como qualquer típica gatinha

americana. O cinto duplo, o collant azul-escuro e os tênis Superga da mesma cor

tornam-na um pouco mais italiana. A garota desvairada que ri e mexe alegre a

cabeça para beijar Pol o de vez em quando é Pallina. Babi se aproxima, Pallina a vê.

— Olha só que surpresa! — Pallina corre para a abraçar a amiga. — Fico feliz por você aparecer.

— Eu não, nem um pouco. Espero aliás poder ir embora o mais rápido possível.

— Então, o que está fazendo aqui? Assistir às corridas não é coisa de débil mental?

— Pois é, é o seu caso. A sua mãe ligou!

— E o que você disse?

— Que você estava dormindo.

— Ela acreditou?

— Acreditou.

— Ainda bem. — Pallina respira aliviada.

— Pois é, mas disse que amanhã de manhã vai passar lá em casa bem cedo porque você precisa fazer o exame de sangue e vai perder a primeira aula.

— Uhuuu! — Pallina pula de alegria, mas seu entusiasmo, no entanto, logo

acaba. — A primeira aula de amanhã é religião, não é?

-É.

— Que saco! Ela não podia marcar para sexta-feira, quando a primeira aula é

de italiano?

— Só sei que vai passar às sete, volte antes disso. .

— Já que você está aqui, fique com a gente! — Pallina segura a amiga pelo braço e a arrasta até Pollo. — A que horas acha que isso aqui vai acabar?

Pollo sorri para Babi que olha para ele, conformada.

— Cedo, dentro de duas horas no máximo. E depois vamos todos comer uma pizza, que tal?

Pallina olha para a amiga toda empolgada.

— Vamos lá, não seja careta! — diz enquanto Pollo sorri e acende um cigarro. -Anime-se, Step também está aqui.. Vai ficar feliz em saber que você veio.

— Que pena que não compartilho a mesma opinião! Vou voltar para casa.

Vê se não demora. Não quero me encrencar com a sua mãe por sua causa!

Babi repara numa placa no chão, na beira da estrada. É de madeira e no centro aparece a foto de um garoto ao lado de um círculo metade branco e metade

preto. O símbolo da vida. Aquela mesma vida que ele já perdeu. E as palavras: "Era

veloz e forte, mas com ele o Senhor não se portou como verdadeiro cavalheiro.

Não quis lhe dar a revanche. Assinado, Os amigos."

— Grandes amigos, vocês são! E ainda querem bancar os poetas! Prefiro ficar sozinha do que ter amigos como vocês, que me ajudam a cometer o suicídio.

— Que merda veio fazer aqui se não tem nada que te agrade? — pergunta Pollo jogando o cigarro fora.

— Será possível que não consegue se dar bem com ninguém? -Babi ouve uma voz conhecida. — Que mulherzinha difícil!

É Step. Está parado diante dela com seu sorriso atrevido.

— Acontece que me dou muito bem com todo o mundo. Nunca me meti em nenhuma briga até agora, em toda a minha vida, talvez por estar acostumada a

lidar com um certo tipo de pessoas. Mas a qualidade dos meus conhecidos tem

piorado muito nos últimos tempos, talvez por culpa de alguém.. – Ela olha

com
raiva para Pallina, que levanta os olhos para o céu, bufando.
— Já sei, já sei. Não importa o que aconteça, a culpa sempre acaba sendo minha. — E eu não estou aqui só para te dar um recado?
— Como assim? Não veio para me ver? — Step se planta diante dela. — Tenho certeza de que veio para me ver correr..
Ele aproxima perigosamente seu rosto do dela. Babi se distancia.
— Nem sabia que você estava aqui. — Ela fica vermelha.
— Sabia, sabia sim. Seu rosto está vermelho como um pimentão. Viu? Não pode mentir para mim. .
Babi fica em silêncio, fula da vida com aquela vermelhidão e com o coração
que, desobediente, bate acelerado. Step se aproxima lentamente. O seu rosto está
mais uma vez perto demais do de Babi. Ele sorri para ela.
— Não entendo por que fica tão preocupada. Está com medo de quê?
— Medo? Eu, com medo? E com medo de quem? De você? Você não me assusta nem um pouco. Só me dá vontade de rir. E quer saber mais? Hoje entreguei
você. — Dessa vez, é ela quem se aproxima, desafiadora, do rosto de Step. — Está
me entendendo? Disse que foi você que atacou o senhor Accado. Aquele senhor
que levou uma cabeçada sua. Dei o seu nome. Imagine então como você me assusta. .
Pollo desmonta da moto e se aproxima ameaçadoramente de Babi.
— Sua filha-da. . Step o segura.
— Calma, Pollo, calma.
— Calma uma ova, Step! Essa vagabunda acabou com você! Depois daquilo
que já aconteceu, mais uma denúncia e você vai ter que pagar por tudo de uma vez
só. Vai direto em cana, ninguém vai te livrar da cadeia dessa vez.
Babi fica muda. Isso ela não sabia. Step acalma o amigo.
— Não se preocupe, Pollo. Não vou acabar na cadeia. Acho que no máximo vou ter que depor no tribunal. — Ele se vira para Babi. — O que realmente
importa é aquilo que será dito durante o processo, quando você for chamada para
testemunhar contra mim. Nesse dia, nem tocará no meu nome, tenho certeza

disso.

Dirá que não fui eu. Que não tenho nada a ver com o caso.

Babi o encara, desafiadora.

— É mesmo? Você tem certeza?

— Claro.

— Vai me ameaçar?

— Nem penso nisso. Só que quando formos ao tribunal você estará tão apaixonada por mim que vai fazer de tudo para me salvar.

Babi fica um momento em silêncio, depois cai numa ruidosa gargalhada.

— Você deve estar louco, se realmente acredita numa coisa dessas. Nesse dia direi claramente o seu nome. Eu juro.

— É melhor não jurar — sorri Step, seguro.

De repente, ouve-se um assobio longo, decidido. Todos se viram. E Siga. No meio da rua aparece um homem atarracado, de uns trinta e cinco anos. Usa um casaco de couro preto. Merece o respeito de todos, ainda mais porque dizem que ali embaixo esconde um facão. Levanta os braços. É o sinal. A primeira corrida, a das cinturadas. Step se vira para Babi.

— Quer vir comigo?

— Está vendo? Não há dúvidas, você é louco.

— Não, a verdade é outra. Acho que você está com medo.

— Não estou com medo!

— Então pede emprestado o cinto de Pallina, vamos!

— Não acho graça nessas coisas de débeis mentais.

Uma SH azul pára diante deles. É Madalena. Cumprimenta Pallina com um sorriso até que vê Babi. As duas garotas se entreolham, gélidas. Madalena levanta o casaco. — Me leva com você, Step? — Ela mostra o cinto duplo.

— Claro, garota. Tranca a SH.

Madalena lança um olhar satisfeito para Babi, depois passa diante dela para deixar a SH ali por perto. Step se aproxima de Babi.

— Pena, você ia gostar. Às vezes, o medo é realmente um bicho de sete cabeças. Não te deixa viver os momentos mais maravilhosos. É como uma maldição, se você não consegue vencê-lo.

— Eu já disse, não estou com medo. Ande, vá logo disputar a sua corrida,

se
faz tanta questão.
— Vai torcer por mim?
— Vou voltar para casa.
— Não pode. Depois do assobio ninguém pode se mexer. Pallina chega perto.
— É isso mesmo. Vamos lá, Babi, fique comigo. Depois podemos voltar juntas. Babi concorda. Step se aproxima e, com um movimento repentino, rouba a bandana que ela usa no lugar do cinto. Babi não é rápida o suficiente para detê-lo.
— Devolva logo!
Tenta recuperar o pedaço de tecido. Step segura-o bem alto com o braço.
Babi tenta, então, acertá-lo no meio do rosto, mas Step é mais rápido. Agarra a mão dela no ar e a aperta com força. Os olhos azuis de Babi ficam úmidos. Está doendo.
Mas, orgulhosa como ela só, não solta um gemido. Step percebe e afrouxa o aperto.
— Nunca mais faça isso. — Ele solta Babi e monta na moto. Naquela mesma hora, chega Madalena. Ela senta na garupa de costas para Step, como manda o regulamento, e vai logo ajeitando o cinto duplo. A moto dá um pulo e ela mal tem tempo de prender as tiras no último buraco. Madalena põe as mãos para trás para segurar-se nos quadris dele. Aí levanta o rosto. Lá está Babi, observando.
As duas jovens trocam entre si um último olhar.
Step empina a moto. Madalena fecha os olhos apertando-se ainda mais contra ele. O cinto não cede nem um milímetro. Step volta a ficar sobre duas rodas e acelera para ocupar o meio da rua onde haverá a corrida. Levanta o braço direito.
No seu pulso, resplandecente e provocadora, esvoaça a bandana de Babi.
De repente, três motos surgidas do nada emparelham-se na estrada. Todas elas têm uma garota sentada ao contrário. As cinturadas olham ao redor. Uma multidão de rapazes e garotas está diante delas. Olham achando aquilo

divertido.

Algumas pessoas na platéia as conhecem e apontam para elas, gritando os seus nomes. Outros as cumprimentam agitando os braços para atrair a atenção. Mas as cinturadas, no entanto, não respondem. Estão todas de braços para trás, segurando com força no rapaz que comanda a moto, à espera do pulo inicial que indica a partida. Siga recebe as apostas. Os cavalheiros do Jaguar são os que apostam mais alto. Um deles escolhe Step. Outro, o cara ao lado, o da moto multi-colorida. Siga junta o dinheiro e enfia-o no bolso da frente do casaco. Depois levanta o braço direito e bota o apito na boca. Há um momento de silêncio. Os garotos nas motos estão todos olhando para a frente, prontos para a partida. As cinturadas estão na garupa, viradas para trás de olhos fechados. Todas, menos uma. Madalena quer aproveitar ao máximo o momento. Adora as corridas. Os motores rugem. Três pés esquerdos fazem os cavaletes estalarem. Três primeiras marchas são engatadas ao mesmo tempo. Estão prontos. Siga baixa o braço e apita. As motos dão um tranco para a frente, ficando todas numa roda só quase ao mesmo tempo, velozes e trovejantes. Cada cinturada se aperta ao seu homem. Viradas de rosto para o chão, vêem o asfalto correr debaixo delas, duro e terrível. Prendendo o fôlego, o coração a mil, o estômago embrulhado. Puxadas por trás a cem, cento e vinte, cento e quarenta quilômetros por hora. O primeiro à esquerda perde o controle. Desce sobre a roda dianteira batendo no chão com um baque surdo que exige um grande esforço dos amortecedores. A forquilha treme, mas nada acontece. O que

está ao
lado dele força demais o acelerador. A moto fica quase na vertical e a garota, agora
com o nariz bem perto do chão, começa a gritar. O rapaz, talvez mais assustado do
que de costume porque ela é sua namorada, desacelera até a moto voltar
suavemente à posição normal. Aquela Kawasaki monstruosa de mais de trezentos
quilos plana delicadamente, baixa o focinho até pousar no chão como um pequeno
avião sem asas. Step continua em frente, maneirando no freio e no acelerador. A
moto, que avança mantendo sempre a mesma inclinação, parece imóvel, presa a um
fio transparente que a segura na escuridão da noite. Assim, ela voa, como se
estivesse pendurada nas estrelas. Madalena olha o asfalto que escorre, as listras
brancas quase invisíveis que se misturam umas com as outras naquele chão
cinzento, como um mar sem ondas, liso e macio, que passa rápido e silencioso bem
diante dos seus olhos. Step chega em primeiro lugar entre os gritos dos amigos
presentes e a felicidade do cavalheiro que apostou nele, nem tanto pelo dinheiro
ganho, mas sim por ter vencido o amigo que o levou àquele lugar.
Dario, Schello e alguns outros logo correm para dar os parabéns. Um braço
fraternal não-identificado estica-se no meio do grupo para oferecer uma cerveja
ainda gelada. Step pega a lata sem pensar duas vezes e dá um longo gole antes de
passá-la para Madalena.
— Você foi muito bem, nem se mexeu. É mesmo uma ótima cinturada.
Madalena toma um gole da cerveja, desce da moto e sorri.
— Tem horas em que é preciso ficar parada e outros em que é bom saber rebolar. Estou aprendendo, não acha?
Step também sorri. A garota é realmente o máximo.
— Isso mesmo, está aprendendo.
Olha para Madalena enquanto ela se afasta. Além de tudo, não é nem um pouco de se jogar fora.

Pollo se aproxima e sobe na garupa da moto de Step.

— Vamos lá, porra! Vamos logo ver com o Siga quanto é que você ganhou!

— Não muito. Eu era o favorito!

— Merda, nem vale mais a pena apostar em você! Deveria perder alguma corrida, só para tornar as apostas mais interessantes. Que tal ter uma queda espetacular na primeira corrida, e aí a gente aposta tudo na sua moto e na última rodada você vence? Clássico, não é? Como os boxeadores dos filmes americanos.

— É uma idéia legal, mas só vou encenar um tombo se for na sua moto!

— Nada feito! Acabo de dar uma geral nela.

— Step! Step! — Ele se vira. É Pallina. Ela está em pé na mureta perto da rede. — Muito bom! Você foi fantástico!

Step sorri. Então, vê Babi ao lado dela. Levanta o braço direito mostrando a bandana azul.

— Foi apenas sorte! — Babi grita de longe.

Step engata a primeira e, com Pollo atrás, finge que vai atropelar o pessoal que está ao redor. A platéia se afasta e ele vai receber o merecido prêmio.

Madalena pára diante de Babi e Pallina. Leva na garupa uma garota loira e muito acima do peso. Apesar da gordinha estar com os pés levemente apoiados no chão, a roda posterior da moto parece quase não agüentar o peso. Madalena masca um Trident de boca aberta.

— Não é só sorte. É principalmente coragem, estômago forte. Mas, afinal, o que é que duas mimadinhas como vocês estão fazendo aqui?

A gorda na garupa ri.

— Pois é, e, além do mais, como é que circulam por aí sem uniforme? Não são duas daquelas idiotas da Falconieri? Aliás Puteronieri.. Não é assim que chamam a escola de vocês? Dizem que por lá só dá putinha!

Pallina ajeita o boné.

— Escute aqui, sua baleia, você tem alguma coisa contra a gente? Se está remoendo alguma coisa, diga logo e não obrigue a gente a perder tanto tempo.

Madalena desliga a scooter.

— Acontece que você está usando o cinto duplo e isso não é permitido.

— Quem disse?

— Eu estou dizendo. Por que não participou, então?

— Porque o meu homem não correu. Eu só corro com Pollo. Para sua

informação — Pallina encara a garota obesa atrás de Madalena -, eu estou com

Pollo. A gorda faz uma careta. Está fingindo desprezo. Pallina falou de propósito,

pois sabe que ela está a fim de Pollo.

— E essa? — Madalena aponta para Babi. — O que ela está fazendo aqui?

Nem está usando o cinto. Ninguém lhe contou que esse lugar é reservado para as

cinturadas? Ou corre, ou se manda.

Babi se vira para Pallina, suspirando.

— Só quero saber agora quem vai ser a idiota.

— O que foi que disse? — Madalena fecha a cara.

— Eu disse que estou esperando a minha vez. — Babi sorri. Madalena permanece impassível. Talvez não tenha ouvido direito. Babi abre o casaco de

Pallina. — Vamos, me dê o cinto.

— O quê? Você só pode estar brincando!

— Sério, entregue logo para mim. Se é realmente tão emocionante, quero experimentar. — Babi desata a fivela. Pallina a segura.

— Olha, se botar o cinto e depois alguém a escolher, terá de correr. Uma vez apareceu uma garota que só usava cinto duplo por achar bonito. Pois é, mandaram a menina subir na moto e ela teve de correr de qualquer maneira.

Babi olha para a amiga curiosa.

— E então? O que aconteceu?

— Nada, nem caiu. Não aconteceu nada com ela. Acho até que você conhece. É a Giovanna Bardini, da Segunda E.

— Quem, aquela idiota? Então quer dizer mesmo que qualquer uma pode fazer isso.

Pallina entrega o cinto.

— É, mas não sei se reparou.. Agora Giovanna só usa suspensórios.

Babi olha para ela. Pallina faz uma careta maliciosa e as duas caem na gargalhada. Na verdade, só estão tentando amenizar a pressão do momento.

Madalena e a amiga observam com a cara amarrada. Babi veste o cinto.

— Legal! Agora, até eu sou uma cinturada.

Um brutamonte com uma aparência assustadora freia bem diante delas. Tem a parte baixa da cabeleira praticamente raspada e o pescoço taurino desponta

atrevido de um casaco militar com abas laranja.

— Vamos lá, cinturada, suba. Aqui atrás! Babi aponta para si mesma,

incrédula.

— Está falando comigo?

— Com quem mais poderia estar falando? Mexa-se, que a corrida já vai começar. Tudo bem, Madá?

Ótimo, além do aspecto assustador, o boçal tem mais uma vantagem. É amigo da Madalena. Babi se aproxima de Pallina.

— Até já, então. Lá vou eu. Depois eu te conto.

— Ah, claro.

Pallina pára diante dela, preocupada.

— Olha, Babi, desculpa.

— Relaxa, não tem nada a ver. Acho que dar uma de cinturada deve ser um barato. Quero experimentar. Juro!

Pallina abraça a amiga e murmura no ouvido dela.

— Você é o máximo!

Babi sorri e se dirige para o boçal da moto. De repente, lembra de uma frase que ouviu naquela mesma manhã e tinha lhe rendido uma nota maravilhosa em latim. Será que dá azar? Maldita toda essa história da Pallina, das cinturadas e da vontade de ser o máximo.

O brutamonte acelera mostrando que não vê problemas em esbanjar gasolina. Babi, por sua vez, tem dificuldades para se sentar de costas na moto. O boçal resolve ajudar. Babi solta o cinto e o cara o pega, passa-o em volta da cintura e devolve para ela. Babi mal consegue afivelá-lo no último buraco. Para completar, ele ainda é gordo. Como se não bastasse, Madalena dá uma palmada com força no casaco do fortão.

-Pisa fundo. Estou torcendo por você! — Depois sorri para Babi. — Vai se divertir, tenho certeza. Danilo empina como ninguém.

Babi não tem tempo para responder. O cara solta a embreagem e dá um tranco para frente. Danilo! Eis a quem se referia o D da maçã! D, de Danilo. Ou pior, de destino. A moto freia. Babi acaba se chocando contra os ombros de Danilo. — Fica fria, mocinha.

A voz quente e profunda do cara, que no entender dele deveria acalmá-la, surte o efeito contrário. "Minha nossa", pensa Babi. "Fica fria, mocinha."

Deve ser
um pesadelo. O cinto duplo que aperta a cintura dela. Logo Babi, que nem gosta de
cintos, nem quando eles estão na moda. Deve estar pagando seus pecados, imagina.
Um sujeito com um tapa-olho e uma moto amarela pára ao lado deles, à esquerda.
Hook. Já o conhece de vista, da praça Euclide. Atrás dele, uma jovem de cabelo
crespo e lábios carregados demais de batom. Está toda feliz como cinturada. A
moça a cumprimenta. Babi não responde. Sua garganta está seca. Vira-se para o
outro lado. Um bonito rapaz alto, de cabelo mais comprido do que os demais, com
uma pluma de pássaro como brinco, alinha-se à sua direita. O tanque da sua moto
está enfeitado com um desenho exclusivo: um pôr-do-sol que resplandece nas
ondas de uma praia. Um surfista, na certa. E o surfe é, sem dúvida, uma coisa
muito menos perigosa do que dar uma de cinturada. Logo abaixo do desenho está
escrito: "O Baila. ." Babi se estica, mas não consegue ler mais. O resto da
mensagem está encoberta pelos jeans 501 do cara. Ele tira do bolso do casaco um
pedaço de papel, levanta-se nos pedais, se aproximando do retrovisor. Vira o
espelho para cima. Babi vê o reflexo da lua. Ela olha para o tanque. Agora a
mensagem está inteiramente visível: "O Bailarino." Claro, já ouviu falar nele. Dizem
que é um drogado. O Bailarino derrama o conteúdo do pequeno envelope no
espelho. O ingênuo luar é coberto pela brancura de um pó menos inocente. O
Bailarino dobra-se para a frente. Enrola uma nota de dez euros e aspira. A lua volta
imediatamente a ser refletida. Ele passa o dedo no espelho, tira as últimas migalhas

daquela felicidade artificial e esfrega-as nos dentes. Sorri sem nenhum motivo visível. Quimicamente feliz. Acende um cigarro. A jovem atrás dele tem os cabelos presos por uma faixa e parece não ter percebido coisa alguma. Mas pede um cigarro. "Isso não vale. Não se pode correr drogado. É contra o espírito esportivo.

De qualquer forma, se depois lhe fizerem um exame antidoping, vão descobrir. Mas do que estou falando? Isso aqui não é uma corrida de cavalos! Aqui, tudo é ilegal.

Até a droga é permitida. Corre-se a cento e cinqüenta numa roda só com uma pobre coitada atrás. E a pobre coitada sou eu."

Fica com vontade de chorar. Tudo culpa da Pallina! Step acaba de embolsar os seus quinhentos euros quando Pollo lhe dá uma cotovelada.

— Olha só quem está lá. — Pollo aponta para as motos prontas para dar a partida. — Aquela ali na moto do Danilo não é a amiga da Pallina?

Step focaliza. Não é possível. É a Babi.

— Ela mesma. — Ele agita o braço com a bandana e grita o nome dela. Ela ouve. É Step. Reconhece-o, lá no fundo, bem diante dela. Está acenando.

"Está com a minha bandana", sussurra para si mesma. "Eu lhe peço, Step, me tire daqui, me ajude. Step, Step!" E solta a mão para pedir que ele se aproxime.

Na mesma hora, Siga apita. O público explode num grito. É quase um trovão. As motos pulam para a frente, rugindo. Babi segura-se novamente em Danilo, apavorada. As três motos empinam. Babi está agora de cabeça para baixo. Tem quase a impressão de estar no chão. Vê o asfalto passar rápido embaixo dela. Tenta gritar enquanto o motor urra e o vento desgrenha seu cabelo. Nenhum som sai de sua boca. O cinto aperta com força a barriga dela. Está com vontade de vomitar.

Fecha os olhos. Pior ainda. Acha que vai desmaiar. A moto continua correndo numa roda só. A roda dianteira baixa um pouco. Danilo acelera. A moto empina

mais uma vez, Babi acaba ficando ainda mais perto do asfalto. Acha que vão virar.

Um toque no freio e a moto volta a descer, suave. Agora está melhor. Babi olha ao

redor. A platéia já não passa de um borrão distante, colorido, um tanto desbotado.

Em volta, tudo é silêncio. Só o vento e o barulho das duas outras motos. O

Bailarino, à direita, vem logo atrás deles. Seus cabelos longos esvoaçam no vento

enquanto a roda da frente parece estar quase imóvel no ar. Hook ficou um pouco

mais longe.

Danilo está ganhando. Ela está ganhando. Madalena está certa. "Empina

como ninguém." Babi está tonta. Ouve um barulho à direita. Ela se vira. O

Bailarino dá uma reduzida para, a seguir, acelerar mais. A moto empina de forma

brusca. Um toque mais forte no freio. A roda dianteira baixa depressa demais. A

moto quica no chão, o Bailarino tenta segurá-la. O guidom escapa de suas mãos. A

moto dobra à esquerda com uma guinada e volta para a direita, derrapando. O

Bailarino e a garota na garupa são jogados para longe por aquele cavalo de motor

descontrolado. Ainda presos, acabam no chão. O cinto que os une arrebenta, mas

continuam rolando juntos por mais algum tempo, arranhando-se, rico-cheteando

de um lado para o outro da estrada. A moto, agora à solta, continua veloz a sua

corrida até cair de lado. O monstro de metal desliza no asfalto, quica faiscando e

levanta vôo. Capota várias vezes até dar uma espécie de cambalhota e passar por

cima de Babi, na escuridão da noite. Dá um pulo para o céu de pelo menos cinco

metros, com o farol ainda aceso, ilumina tudo em volta, desenha um arco de luz.

Finalmente, com um último estrondo de ferragem retorcida, desmorona,

espatifa-
se, deixa atrás de si um rastro de peças metálicas e cacos coloridos. Pequenas
faíscas de fogo acompanham o que restou da moto, cada vez mais fracas, até o fim
da sua corrida. Hook e Danilo param. O grupo, ao longe, fica um momento em
silêncio, mas depois todos se agitam para socorrer o casal. Nas Vespas, SH 50,
Peugeots roubadas, motos de poucas ou muitas cilindradas, Yamahas, Suzukis,
Kawasakis, Hondas.
Um exército de motos se aproxima ruidosamente. Todos querem chegar
logo ao local do acidente. O Bailarino se levanta. Arrasta-se sobre uma só perna. A
garota, inchada e ferida, aparece com os jeans rasgados e um dos joelhos
sangrando. Uma visível elevação na parte de cima do casaco assinala o ombro
deslocado, enquanto um filete de sangue escuro desce da sua testa, escorrendo pelo
pescoço. O Bailarino olha para a moto destroçada. Curva-se para acariciar o tanque.
Uma parte da praia foi arrancada. O surfista desapareceu, levado pela onda muito
mais dura do asfalto em brasa.
A garota está deitada no chão. O braço direito está torcido de forma inatural.
Está quebrado. Chora devido ao susto, soluça descontrolada. Babi livra-se do cinto
duplo. Desce da moto. Dá alguns primeiros passos incertos. Não consegue se
firmar sobre as pernas de tanta emoção. Avança na multidão. Não conhece
ninguém. Ouve os lamentos da jovem deitada no chão. Procura Pallina. Num certo
momento, ouve outro apito. Mais longo. O que significa? Outra terrível corrida está
para começar? Não entende. A turma começa a correr em todas as direções. O
pessoal empurra. Duas scooters quase a atropelam. Ouvem-se sirenes.

Alguns carros aparecem não muito longe dali. Em cima deles, luzes azuis piscam sem parar. A polícia. Era só o que faltava. Precisa alcançar sua Vespa. Em volta, há um corre-corre generalizado. Alguns garotos gritam, outros esbarram perigosamente em quem tenta correr. Perto dali, uma menina cai da moto. Babi começa a correr.

Mais carros da Guarda Municipal cercam o local. Lá está ela. Vê a sua Vespa parada ali em frente, ao seu alcance. Está salva. De repente, alguma coisa a segura pelos cabelos. Um policial. Ele a puxa com força, fazendo com que caia no chão, arrancando algumas mechas loiras do cabelo dela. Babi grita de dor enquanto escorrega no asfalto. De repente, o policial a solta. Um pontapé bem no meio da barriga o forçou a largar a presa. E Step. O guarda tenta reagir. Step lhe dá um empurrão tão violento que joga o outro no chão e ajuda Babi a se levantar, faz com que ela suba na garupa da moto dele e sai em disparada. O policial se restabelece, entra num carro dirigido por um colega e parte em perseguição. Step evita facilmente as pessoas e as motos detidas na blitz. Alguns fotógrafos que haviam sido avisados da operação já estão no local e tiram fotos. Step empina e acelera.

Supera mais um policial que gesticula inutilmente para mandá-lo parar. O local está uma loucura de flashes. Step apaga as luzes e se curva em cima do guidom. O carro com o policial machucado contorna o grupo de fotógrafos e, com a sirene ligada, está logo no encalço de Step.

— Cubra a placa com o pé.

— O quê?

— Cubra o último número da placa com o pé.

Babi estica a perna direita tentando ocultar a placa. Escorrega duas vezes.

— Não consigo.

— Deixa para lá. Será possível que você não saiba fazer nada?

— Acontece que nunca precisei fugir numa moto. E, com certeza, teria preferido evitar dessa vez também.

— Queria que eu te deixasse nas mãos daquele guarda? O cara ia acabar com você. Step reduz a velocidade e vira à direita. A roda traseira derrapa de leve no asfalto. Babi aperta-se nele e grita.

— Freia!

— Está brincando? Se os caras nos pegam agora vão levar a minha moto.

O carro da polícia entra derrapando na ruela continuando a perseguição.

Step parece voar pela descida. Cento e trinta, cento e cinqüenta, cento e oitenta. .

Ouve-se a sirene ecoar ao longe. Estão se aproximando. Babi pensa naquilo que a mãe disse. "Não se atreva a montar na moto com aquele rapaz. Veja só como guia. .

É um perigo." Ela estava certa. As mães sempre estão certas. Principalmente a dela.

— Mais devagar! Não quero morrer! Já posso imaginar as manchetes nos jornais de amanhã. "Jovem morre ao ser perseguida pela Guarda Municipal." Mais devagar, por favor.

— E como é que vai ler os jornais se estiver morta?

— Pare, Step! Estou com medo! Eles podem atirar.

Step reduz mais uma vez e vira à esquerda. Embocam por uma ruela deserta perdida no meio do mato. Há algumas chácaras cercadas por muros altos e arame farpado. Só precisam de alguns segundos. Step freia.

— Desça, rápido! Espere por mim sem sair daqui. Voltarei logo que conseguir me livrar deles.

Babi desmonta com um pulo. Step sai de novo a toda. Ela se encolhe contra o muro no recuo do portão da casa. Bem na hora. O carro da polícia aparece. Passa derrapando diante da chácara e logo some na perseguição. Babi tampa os ouvidos e fecha os olhos para não ouvir o grito lancinante da sirene. O carro

desaparece ao
longe, atrás daquela pequena lanterna vermelha. É a moto de Step que, de faróis
apagados e, agora, sozinho, corre veloz na escuridão da noite.
Pollo pára com a moto diante do condomínio de Babi. Pallina desce e
procura o porteiro.
— Babi já voltou?
Fiore, meio sonolento, demora algum tempo para reconhecer a garota.
— Oi, Pallina, é você. Não, ela saiu de Vespa mas ainda não voltou.
Ela volta para Pollo.
— Nada feito.
— Não se preocupe, se a Babi estiver com Step está segura. Pode ter certeza
de que não vai demorar para chegar. Quer que eu fique com você?
— Não, vou entrar. Pode ser que ela esteja encrencada e telefone para casa.
É melhor que tenha alguém para atender. — Pollo liga a moto. — O primeiro a
saber de alguma coisa liga.
Pallina lhe dá um beijo e sai correndo. Passa embaixo da cancela e começa a
subir a ladeira do condomínio. No meio do caminho vira-se. Pollo acena para se
despedir. Ela lhe manda um beijo soprando na palma da mão, para então
desaparecer nas escadas à esquerda. Pollo engata a primeira e se afasta. Pallina
levanta o capacho. As chaves estão lá, como combinado. Demora algum tempo até
encontrar as do portão. Sobe até o primeiro andar e abre a porta devagar. Ouve
uma voz no corredor que reconhece. É Daniela. Está falando ao telefone.
— Dani? Onde estão os seus pais?
— Pallina? O que está fazendo aqui?
— Responda. Onde eles estão?
— Saíram.
— Muito bem, então desligue. A linha não pode ficar ocupada.
— Mas estou falando com o André. Cadê a Babi? Estava procurando por
você. — É por isso mesmo que precisa desligar. Vai ver que ela quer falar com a
gente. Quando a vi pela última vez, estava na moto com Step, fugindo da

polícia.

— Não?!

— Isso mesmo!

— Essa minha irmã é demais!

A poeira acabou assentando. Nuvens baixas e cinzentas bóiam no céu, ocultando a lua. Só silêncio ao redor. Nenhuma luz, a não ser por uma lâmpada amarelada presa ao muro de uma casa, ao longe. Babi sai do vão do portão. Sente o cheiro do estrume espalhado pelo mato. Uma brisa leve acaricia as folhas das árvores. Está sozinha e perdida. Dessa vez, é verdade. Está com medo. Lá no fundo, à direita, pode ouvir cavalos relinchando. Estalagens esquecidas na escuridão da periferia. Caminha na direção da luz amarelada. Avança lentamente junto ao muro, apoiando numa das mãos, tentando ver onde coloca os pés entre a vegetação que invade aquela rua poeirenta. Será que existem cobras por ali? Uma antiga lembrança de um livro de ciências naturais a tranqüiliza. As cobras não costumam sair de noite. Mas os ratos, sim. Deve estar cheio deles. Os ratos mordem. Lendas urbanas. Lembra-se de alguém, um amigo de outra pessoa, que foi mordido por um rato. Não demorou nada para morrer. Lepto sei lá o quê. Terrível.

Tudo culpa da Pallina. De repente, um ruído à esquerda. Babi pára. Silêncio. Um galho é quebrado. Algo se move no escuro, arfando entre os arbustos e correndo rápido na direção dela. Um grande cão de pêlo escuro surge, rosnando, das moitas à sua frente. Babi pode vê-lo avançando veloz, latindo na noite. Ela dá meia-volta e começa a correr. Escorrega no cascalho. Levanta-se, tateia no escuro, avançando sem saber o caminho. O cão vem atrás. Aproxima-se, ameaçador, cada vez mais

perto. Rosna e late, enfurecido. Babi alcança a cerca de madeira. Há uma abertura lá no alto. Enfia uma mão, depois a outra. Segura-se até encontrar um apoio para os pés. Direito, esquerdo e aí para cima. Pula no escuro, evitando por um triz as presas brancas e afiadas. O cão bate na cerca com um baque surdo. Começa a correr de um lado para o outro rosnando, tentando inutilmente alcançar sua presa. Babi se levanta. Machucou as mãos e os joelhos ao se jogar no escuro. Caiu em cima de alguma coisa mole e morna. Lama. Uma gosma que escoa devagar sobre o casaco e os jeans. Pelas mãos doloridas. Tenta se mexer. As pernas afundam até os joelhos.

O cão continua correndo do outro lado da cerca. Babi só espera que não haja nenhuma passagem. Ouve o animal latir cada vez mais raivoso por não poder alcançá-la. Bom, melhor a lama do que as mordidas. Então, de repente, Babi sente um cheiro acre, talvez com um toque um tanto adocicado. Leva uma das mãos até o rosto para cheirar. De súbito, o campo parece envolvê-la por completo. Minha nossa, estrume! A troca já não parece mais tão conveniente.

Pallina passa pelo portão segurando-o devagar para que não se feche.

Depois, tira as chaves do bolso, se curva, levanta o capacho e coloca o chaveiro de novo no lugar combinado. Babi ainda não ligou. Mas, desse jeito, pelo menos, não vai precisar tocar a campainha para entrar em casa. Nesse exato momento, ouve o barulho de um carro. Um Mercedes 200 aparece na curva do jardim. Os pais de Babi. Pallina solta o capacho e alcança o portão. Deixa que bata atrás dela. Sobe as escadas correndo, entra na casa e fecha a porta.

— Anda, Dani, os seus pais estão chegando.

Daniela está na cozinha, entregue ao costumeiro ataque de fome das duas da madrugada. Dessa vez, terá de jejuar. Bate a porta da geladeira. Corre para o quarto e se tranca dentro dele. Pallina vai para o quarto de Babi e se enfia na cama de roupa e tudo. O coração está a mil por hora. Fica atenta. Ouve o barulho da porta da garagem. Não falta muito. Ela distingue na penumbra do quarto o uniforme deixado na cadeira. Babi ajeitou tudo antes de sair. Toda certinha, a coitada da amiga. Dessa vez, ela está realmente encrencada. Se Pallina soubesse onde Babi acabou se metendo, não perderia a oportunidade de zombar dela. Dessa vez, Babi está mesmo na merda, e não só em sentido metafórico.

Pallina puxa os lençóis até o queixo e vira-se para a parede enquanto uma chave vira, barulhenta, dentro da fechadura.

Step desce pela rua que margeia o rio Tibre, ultrapassa em zigue-zague dois ou três carros, depois engata a terceira e acelera. A polícia continua atrás dele. Se conseguir chegar à praça Trilussa está feito. Pode ver no espelho a viatura que se aproxima perigosamente. Dois carros à sua frente. Step reduz a velocidade e acelera logo em seguida. Terceira. A moto avança com um tranco. Passa por um triz entre os dois veículos. Um dos carros desvia, apavorado. O outro continua, imperturbável, no meio da rua. O idiota do motorista não se deu conta de nada. A polícia passa abrindo totalmente para a direita. As rodas se chocam ruidosamente contra o meio-fio. Step já pode ver a praça Trilussa diante dele. Reduz mais uma vez, fechando o carro de um imbecil. Dessa vez, o cara sonolento pisa no freio. Na altura do chafariz, Step desvia para o beco entre as duas ruas ao longo do

Tibre.

Depois, passa no meio das baixas pilastras de mármore. A Guarda Municipal freia violentamente para não bater nelas. A polícia não tem como passar. Step acelera.

Conseguiu. Os dois policiais descem do carro. Só têm tempo de ver um casal de namorados e alguns rapazes que sobem apressados na estreita calçada abrindo caminho para aquele louco com a moto de faróis apagados. Step mantém a velocidade por mais algum tempo. Ele olha o retrovisor. Atrás dele tudo está em paz. Só alguns carros ao longe. O trânsito noturno. A perseguição acabou. Liga as luzes. Só falta ser parado por causa disso.

Cláudio abre a geladeira e toma um copo de água.

Raffaella segue em frente, rumo aos quartos. Antes de dormir, sempre dá um beijo de boa noite nas filhas, em parte por hábito, em parte para se certificar de que estão em casa. Essa noite nem devem ter saído. Mas nunca se sabe. Melhor controlar. Entra no quarto de Daniela. Caminha sem fazer barulho, com todo o cuidado para não tropeçar no tapete. Apoia a mão na mesinha-de-cabeceira.

Encosta a outra na parede. Se inclina para a frente devagar e roça os lábios no rosto dela. Está dormindo. Raffaella se afasta na ponta dos pés. Fecha a porta. Daniela se vira lentamente até ficar apoiada no cotovelo. Agora é que o bicho vai pegar.

Raffaella baixa silenciosamente a maçaneta e abre a porta de Babi. Pallina está na cama. Vê o facho de luz vindo do corredor que vai se desenhando devagar na parede, aumentando. Seu coração começa a bater mais rápido. E se agora eles descobrem, o que é que eu vou contar? Pallina continua imóvel, virada para a parede tentando não respirar. Ouve o barulho de colares. Deve ser a mãe de

Babi.

Raffaella se aproxima da cama, inclina-se lentamente para a frente. Pallina reconhece o perfume. É ela mesma. Segura a respiração e então percebe os lábios beijando seu rosto. É o beijo delicado e afetuoso de uma mãe. É verdade. As mães são todas iguais. Preocupadas e bondosas. Mas será que as filhas também são idênticas? Assim espera. Raffaella ajeita a colcha, cobre-a cuidadosamente com o lençol. Depois, pára de repente. Pallina fica imóvel, esperando. Será que desconfiou de alguma coisa? Percebeu que não era Babi que estava ali deitada? Ouve um leve rangido. Raffaella curvou-se. Pode ouvir a respiração morna dela muito perto, perto demais. Então, ouve os passos ligeiros que se afastam pelo tapete. A fraca luz do corredor desaparece. Silêncio. Pallina se vira lentamente para a frente. A porta está fechada. Já passou. Pode respirar aliviada. Debruça-se da cama. Por que a mãe de Babi se curvou? Por que ela fez aquilo? Os seus olhos acostumados com a escuridão logo encontram a resposta na penumbra do quarto. Aos pés da cama, perfeitamente juntas, estão as pantufas de Babi. Raffaella colocou-as no devido lugar, em perfeita ordem. Prontas para acolher na manhã seguinte os pés da filha ainda quentes de sono. Pallina fica imaginando se a mãe dela também faria uma coisa dessas. Não, nem pensaria nisso. Houve noites em que ficou à espera de um beijo. Esperou em vão. A mãe e o pai voltaram tarde. Ouviu-os conversar, passar diante do seu quarto e seguir em frente. Depois, o estalido. A porta do quarto deles que se fechava. E, com ela, as esperanças de Pallina que se esvaeciam. Pois é, são

duas mães diferentes. Sente estranhos arrepios por todo o corpo. Não, mesmo
assim não gostaria de ter Raffaella como mãe. Além do mais, não gosta do perfume
dela. É adocicado demais.
Step avança na estrada de terra. Ao chegar diante da porteira onde deixou
Babi, freia levantando uma nuvem de poeira. Olha em volta. Ela não está lá. Toca a
buzina. Nenhuma resposta. Desliga a moto. Experimenta gritar.
— Babi.
Nada. Desapareceu. Está a ponto de ligar novamente a moto quando, de
repente, ouve um barulho à direita, atrás da paliçada.
— Estou aqui.
Step olha entre as tábuas de madeira escura.
— Onde?
— Aqui! — Uma mão desponta num vão entre duas estacas.
— O que você está fazendo aí?
Step vê os grandes olhos azuis de Babi. Brilham solitários acima da mão dela,
entre as duas tábuas. Refletem a fraca luz do luar e parecem assustados.
— Saia daí, Babi.
— Não posso, estou com medo!
— Medo? Medo de quê?
— Tem um cachorro enorme, ali, e está solto, sem focinheira.
— Onde? Não estou vendo cachorro nenhum.
— Mas eu vi.
— Está tudo bem, ele deve ter ido embora.
— Mesmo assim, não posso sair.
— Por quê?
— Estou com vergonha.
— Vergonha do quê?
— Esqueça. Não estou com vontade de contar.
— O que é isso menina? Ficou maluca? Bom, para mim já chega. Vou ligar o
motor e dar o fora.
Step liga a moto. Babi bate nas tábuas com as mãos.
— Não, espere.
Step desliga de novo.
— E aí?

— Vou sair, mas promete que não vai me gozar?

Step olha para aquela estranha madeira de olhos azuis e apoia a mão direita sobre o coração.

— Prometo.

— Olha lá. . Você prometeu..

— Isso mesmo, prometi.

— Posso confiar?

— Claro.

Babi enfia as mãos na abertura tomando cuidado para não se ferir com as farpas. Solta um "ai" abafado. Step sorri. Não teve cuidado suficiente. Babi está em cima da paliçada. Ela começa a descer desajeitada. Finalmente dá um pulo. Step vira o guidom da moto iluminando-a com os faróis.

— Mas o que houve com você?

— Para fugir do cachorro tive de pular a cerca e caí.

— Caiu numa poça de lama?

— Quem me dera... é estrume. Step cai na gargalhada.

— Não me diga. . Estrume!. . Não é possível.. Não dá para segurar, é muito engraçado! — Dobra-se de tanto rir.

— Você prometeu que não ia rir.

— Eu sei, mas isto é demais. Estrume! Não dá para acreditar. Você coberta de estrume. Isso é o máximo... É demais!

— Eu sabia que não podia confiar. As suas promessas não valem nada.

Babi se aproxima da moto. Step pára de rir.

— Calma aí! O que pensa que vai fazer?

— Como assim? Vou subir na moto, ora.

— Nem pensar! Não vai subir na minha moto suja desse jeito.

— E o que você quer que eu faça? Que tire a roupa?

— Isso é com você. Só sei que ninguém vai emporcalhar a minha moto.

Estrume, ainda por cima! — Step cai novamente na gargalhada. — Demais! Acho que isto vai me matar de tanto rir..

Babi olha para ele, exausta.

— Você está brincando, não é?

— De jeito nenhum. Se quiser, empresto o meu casaco para você se cobrir. Mas livre-se dessa porcaria. Senão, atrás de mim você não senta.

Babi está roxa. Bufa furiosa ao passar perto dele. Step provoca e tampa o nariz. — Minha nossa.. Que fedor..

Babi lhe dá um empurrão e se coloca atrás da moto, perto do farol.

— Olha aqui, Step, eu juro, se virar a cabeça enquanto tiro a roupa, pulo em cima de você de roupa estrumada e tudo.

Step fica imóvel, olhando para a frente.

— Está certo. Avise quando quiser o casaco.

— Estou falando sério. Eu não sou como você. Costumo cumprir as minhas promessas.

Babi tenta se assegurar de que ele não se mexeu e só então tira lentamente o suéter felpudo, com todo o cuidado para não se sujar. Não tem quase nada por baixo. Lastima que, devido à pressa, não tenha vestido uma camiseta. Olha de novo para Step.

— Não se vire!

— Sou uma estátua!

Babi se dobra. Tira os sapatos. Tudo acontece numa questão de segundos.

Step é extremamente rápido. Vira o retrovisor esquerdo para enquadrá-la. Babi se levanta. Não percebe nada. Dá mais uma olhada para ver se ele manteve a palavra.

Tudo bem, Step não se virou. Na verdade, ele está olhando para ela às escondidas.

A imagem de Babi está refletida no pequeno espelho. Ela usa um sutiã de renda transparente e os seus braços estão tremendo de frio. Step sorri.

— Falta muito? Ande logo!

— Estou acabando. Não se vire!

— Pode deixar, mas vê se não demora.

Babi desabotoa os jeans e, tentando sujar-se o mínimo possível, dobra o corpo devagar, baixando a calça até os pés já descalços sobre os seixos poeirentos e frios. Step mexe no espelho acompanhando-a com o olhar. Os jeans revelam lentamente pernas lisas e pálidas na indecisa luminosidade da noite. Step cantarola You can leaveyour hat on imitando a voz de Joe Cocker.

— Muito melhor do que Nove semanas e meia. .

Babi se vira na mesma hora. Seus olhos iluminados pela luz fraca do farol cruzam o olhar folgado de Step, que sorri malicioso no espelho.

— Não me virei. Mantive a palavra.

Babi se livra rapidamente dos jeans e senta atrás dele de calcinha e sutiã.

— Seu porco miserável, seu babaca! Você não presta! — Ela bate em Step sem parar, atingindo os ombros, o pescoço, as costas, a cabeça. Ele se curva para a frente, tentando evitar como pode aquela saraivada de pancadas.

— Pare! Agora chega! O que eu fiz de errado? Dei uma olhadinha, mas não me virei. Não quebrei a promessa. Se não parar agora não vou te dar o casaco.

— Como é que é? Não vai dar? E eu vou esfregar os meus jeans na sua cara, quer ver?

Babi começa a puxar o casaco dele pelas mangas.

— Está bem, está bem! Mas agora chega, calminha! Pare com isso, pode pegar. Step estica os braços para trás facilitando a tarefa e liga a moto. Babi lhe dá mais um soco.

— Seu porco! — Ela veste apressadamente o casaco tentando cobrir-se o máximo possível, sem muito sucesso. Ambas as pernas ficam de fora, inclusive a bainha rendada da calcinha.

— Pô. . Sabe que você até que não é nada mal? Deveria cuidar um pouco mais da higiene. . Mas tem uma bela bundinha. . verdade.

Babi tenta acertar a cabeça dele. Step escapa facilmente da pancada, rindo.

Engata a primeira e parte. Depois, finge cheirar o ar.

— Você também está sentindo esse fedor?

— Olhe para a frente, seu idiota!

— Parece estrume. .

Nesse momento, o pastor alemão pula de trás de uma moita. Corre para eles latindo. Step aponta para o bicho com os faróis da moto. O cão fica por um momento ofuscado. Seus olhos vermelhos faiscam raivosos no escuro. As presas aparecem brancas e afiadas, rosnando.

Tudo acontece muito depressa. Step reduz a velocidade e logo acelera novamente, desviando do cachorro. O animal começa a persegui-los. Ele pula com a boca aberta ao lado da moto, quase encostando em Babi. Ela grita. Levanta as pernas nuas agarran-do-se com forças nos ombros de Step. O cão não

conseguiu
mordê-la por um triz. A moto ganha velocidade. Primeira. Segunda. Terceira. A
toda pela noite. O cão corre atrás deles com raiva, antes de começar a ficar pouco a
pouco para trás. Como um desabafo, continua a latir de longe. Acaba sendo
envolvido por uma nuvem de poeira e trevas, finalmente sumindo do mesmo jeito
com que aparecera. A moto continua sua corrida na úmida friagem dos campos
verdejantes. Já não precisa correr em disparada. Babi mantém as pernas em volta da
cintura de Step. Step passa a mão na pele macia.
— Foi por pouco, não é? Essas coxas bonitas correram o risco de acabar
mal! Quer dizer que a história do cachorro era verdade..
Babi tira a mão dele de sua perna e a empurra para o lado.
— Não toque em mim. — Ela se afasta o máximo possível e volta a colocar
os pés nos pedais, fechando o casaco. Step encosta de novo a mão na perna dela.
— Já te disse para manter essa mão longe de mim! — Babi volta a afastá-la.
Step sorri e troca de mão. Babi também afasta a outra.
— Essa também não pode?
— Entre o cachorro atrás de mim e o porco na minha frente, não sei qual é
o pior! Step ri, sacode a cabeça e acelera.
Babi se encolhe no casaco. Que frio! Que noite! Que confusão de merda!
Maldita Pallina. Os dois voam na noite. Finalmente chegam sãos e salvos ao
condomínio. Step pára diante da cancela. Babi se vira para Fiore e o cumprimenta.
O porteiro a reconhece e os deixa entrar. A moto passa o mais rápido possível, sem
esperar que a cancela acabe sua corrida para cima. Fiore não pode deixar de reparar
nas belas pernas de Babi que despontam friorentas do casaco de couro. O que um
porteiro tem de agüentar! Na época dele nenhuma moça ousaria sair com uma
minissaia daquelas. Babi vê a porta da garagem fechada. Os pais já voltaram. Um

perigo a menos. O que iria inventar se a surpreendessem numa hora daquelas na

garupa de Step e, ainda por cima, só de calcinha e sutiã? Melhor nem pensar nisso,

afinal sua imaginação tem limites. Ela desce da moto. Tenta se cobrir o máximo

possível com a jaqueta. Não tem jeito. Mal chega a alcançar a renda da calcinha.

— Bom, obrigada por tudo. Vou jogar a jaqueta pela janela, tudo bem?

Step olha para as pernas de Babi. Ela se encolhe instintivamente. A jaqueta desce um pouco, mas o resultado ainda deixa a desejar. Step sorri.

— Quem sabe a gente se vê por aí, um dia desses. Estou vendo que você tem argumentos bastante interessantes.

— Acho que já te disse que você é um porco, não é?

— Creio que sim.. Mas, e então? Passo para te buscar amanhã à noite, está bem?

— Esquece. Não agüentaria mais uma noite como essa.

— Por quê? Não se divertiu?

— Muito! Eu dou uma de cinturada todos os dias. Sempre sou perseguida

pela polícia, pulo de motos em movimento bem no meio do nada, fujo de cães

raivosos e, como toque final, mergulho no estrume, fico um tempinho aproveitando o banho de beleza e depois volto para casa de calcinha e sutiã.

— Com a minha jaqueta por cima.

— Ah, claro... Já ia esquecendo.

— E principalmente esqueceu de dizer uma coisa...

— O quê?

— Que fez isso tudo por mim.

Babi olha para ele. Que figura! Tem um sorriso lindo. Pena que seja todo

errado. Quer dizer, no caráter. Quanto ao físico, não há do que reclamar. Muito

pelo contrário. Decide sorrir. Não precisa fazer muito esforço.

— Isso mesmo, você está certo. Bom, então tchau.

Babi se vira para ir embora. Step segura a mão dela. Dessa vez, com doçura.

Ela ensaia alguma resistência, mas relaxa. Step puxa-a para si, aproximando Babi da

moto. Olha para ela. Seus longos cabelos estão desgrenhados, empurrados para trás

pelo vento frio da noite. Ela toda está com frio, aliás. Seus olhos intensos expressam bondade. É bonita. Step deixa escorregar uma mão por debaixo da jaqueta. Babi arregala os olhos, um tanto assustada, nervosa. Sente a mão dele subir, estranhamente quente. Subindo pelas costas. Pára no fecho do sutiã. Babi leva rapidamente a própria mão às costas para deter a dele. Step sorri.

— Você é uma ótima cinturada, sabia? Tem muita coragem. Acho que realmente não tem medo de mim. Vai me denunciar, então?

Babi acena que sim.

— Sério?

Ela continua balançando a cabeça afirmativamente. Step a beija no pescoço várias vezes, com delicadeza.

— Jura?

Babi volta a assentir e fecha os olhos. Step continua a beijá-la. Sobe, passa os lábios no frescor do rosto dela, sentindo as orelhas geladas. Um sopro quente e excitante provoca um arrepio em Babi, lá embaixo. Step se aproxima da margem rosada dos lábios. Ela suspira, trêmula, e abre a boca, pronta para receber o beijo dele. Então Step se afasta. Babi fica um momento assim, de boca aberta, de olhos fechados, sonhando. De repente, os abre. Step está diante dela, de braços cruzados.

Sorri e balança a cabeça.

— Babi, Babi. Assim não dá. Sou um porco, um animal, uma fera, um marginal. Você fala, fala, mas acaba me dando mole. . deixando até eu te beijar.

Está vendo? Não é coerente!

Babi enrubesce de raiva.

— Você é realmente um merda!

Ela volta a acertá-lo com uma saraivada de socos. Step tenta se proteger enquanto ri.

— Sabe do que você me lembra? De um peixinho dourado que eu tinha quando era criança. Fica aí, de boca aberta, sem ar. . igualzinho a ele quando escorregava para fora da pia na hora de trocar a água do aquário. .

Babi o acerta com um tapa.

-Ai! — Step apalpa a bochecha achando graça. — Pare com isso! Está tudo errado! Saiba que com a violência não vai conseguir nada. Não é o que você me diz o tempo todo? Não pense que batendo em mim vai ganhar um beijo. Talvez, se prometer que não vai me denunciar..

— Vou denunciar sim! Pode ter certeza disso. Você vai ver! Juro, acabará na cadeia. — Já te disse que é melhor não jurar.. nunca se sabe o que pode acontecer

nessa vida.

Babi se afasta depressa. A jaqueta levanta revelando um traseiro bem torneado coberto por uma calcinha clara. Ela tenta escondê-lo desesperadamente enquanto enfia a chave errada na fechadura do portão.

— Olha aqui, vou querer a minha jaqueta agora mesmo. Babi o encara com raiva. Tira a jaqueta e a joga no chão. Fica de calcinha e sutiã, no frio, com os olhos cheios de lágrimas. Step olha para ela satisfeito. Tem um corpinho e tanto, nada mal mesmo. Ele apanha a jaqueta e a veste. Babi amaldiçoa as chaves. Onde se meteu a do portão?

Step acende um cigarro. Talvez não beijá-la tivesse sido um erro. Não faz mal, haverá outras ocasiões. Babi finalmente encontra a chave, abre o portão e entra. Step se aproxima.

— E então, peixinho, não vai dar um beijo de despedida? Babi quase bate o portão na cara dele. Através do vidro, Step não pode ouvir o que ela diz, mas pode facilmente ler os lábios dela. Está dizendo, ou melhor intimando, que ele vá para um determinado lugar. Step continua a olhar enquanto ela se afasta. Quer dizer, se aquele lugar for tão bonitinho quanto ela, bem que gostaria de visitá-lo.

Babi abre a porta de casa devagar, depois fecha-a atrás de si sem fazer barulho. Atravessa o corredor na ponta dos pés e entra no seu quarto. Salva! Pallina liga a luz da mesinha-de-cabeceira.

— É você, Babi! Ainda bem, estava tão preocupada! Mas o que está fazendo desse jeito? Step tirou a sua roupa?

Babi tira uma camisola de uma gaveta.

— Acabei indo parar num monte de estrume! Pallina cheira o ar.

— Dá para sentir. Você nem imagina o susto que levei quando vi aquela moto voar. Por um momento pensei que fosse você. Foi muito maneiro. Você foi corajosa. Demos uma lição naquelas escrotas, não é? Por falar nisso, que fim levou

o meu cinto duplo?

Babi lança um olhar aniquilador.

— Pallina, nunca mais me fale em cintos, Pollos, corridas ou coisas parecidas. Estou sendo clara? E vou dizer mais, é melhor você ficar calada, senão te expulso da cama e você vai ter que dormir no chão. Melhor ainda, vou te expulsar de casa!

— Você nunca faria isso!

— Quer experimentar?

Pallina olha para ela. Decide que não é hora de colocar a amiga à prova. Babi dirige-se ao banheiro.

— Babi?

— O que foi?

— Diz a verdade, você se divertiu à beça com o Step, não é? Babi suspira.

Não tem jeito. Pallina é irrecuperável.

Step pula por cima do portão, atravessa o jardim sem fazer barulho.

Aproxima-se da janela. A veneziana está levantada. Talvez ela ainda não tenha chegado. Bate com a ponta dos dedos no vidro. A cortina clara se abre. O rosto sorridente de Madalena aparece na penumbra. A menina solta a cortina e abre logo a janela.

— Oi, o que houve com você?

— Fui perseguido pela polícia.

— Está tudo bem?

— Tudo. Só espero que não tenham anotado a placa.

— Apagou os faróis?

— Claro.

Madalena recua. Step escala o peitoril com agilidade e entra no quarto.

— Não faça barulho. Os meus pais acabaram de voltar. Madalena tranca a porta, depois pula na cama. Com um arrepio, enfia-se embaixo dos lençóis.

— Brrr. . que frio! — A menina sorri para ele. Tira a camisola e deixa-a cair nos pés de Step. A pálida luz do luar entra pela janela. Dá para ver claramente os seus pequenos seios perfeitos na penumbra. Step tira o casaco. Por um momento,

parece sentir o cheiro do campo. Um cheiro estranho. Parece misturado com algum
perfume vago. O pensamento logo desaparece da sua mente. Despe-se e entra
debaixo dos lençóis. Deita ao lado de Madalena. Ela o aperta com força. Step logo
desliza as mãos pelo corpo dela, acaricia-lhe as costas, os quadris. Voltando a subir,
pára entre as pernas. Ao seu toque, Madalena suspira e o beija. Step já está se
insinuando quando ela o detém. Aproxima-se da mesinha. Encontra o aparelho de
som no escuro. Aperta a tecla retv. Faz voltar para trás uma fita. Um estalido indica
que voltou ao início. Madalena aperta o play.

— Isso!

Ela volta para os braços de Step.

— Pronto. — Madalena beija-o com paixão. Das caixas de som saem as
notas graves de Ti sposerò perché. A voz de Eros acompanha suavemente os
suspiros dos dois.

É verdade. Talvez Madá seja realmente a mulher certa. A garota sorri. Entre
o frescor dos lençóis, diz num quase sussurro:

— Esse é um daqueles momentos em que é preciso saber se mexer. . não é?

— É sim.

Step beija um dos seios de Madá. Tem certeza. Ela é a mulher certa para ele.

Mas, de repente, lembra qual é o estranho perfume que exalava da sua jaqueta. É
Caronne. E também lembra a quem ele pertence. E, por um momento, no escuro
daquele quarto, já não tem tanta certeza.

Um som insistente. O despertador.

Pallina desliga. Desce da cama sem fazer barulho e veste a roupa. Olha para
Babi. Ela se mexe, mas continua dormindo tranqüila, de barriga para cima. Pallina
se aproxima da pequena prateleira de madeira presa à parede onde a amiga guarda
os CDs. U2, Ali Saints, Robbie Williams, Elisa, Tiziano Ferro, Cremonini,

Ma-
donna. Precisa de alguma coisa realmente especial. Lá está ele. Regula o volume
para não acordar a casa inteira e bate de leve na tecla play. Settemila caffe. Britti
começa a cantar suavemente. O som está na medida certa. Babi abre os olhos. Vira-
se no travesseiro ficando de barriga para baixo. Pallina sorri para ela.
-Oi.
Babi vira-se para o outro lado. Sua voz chega um tanto abafada.
— Que horas são?
— Cinco para as sete. Pallina chega perto e dá um beijo no rosto de Babi.
— Amigas?
— Só com pelo menos um cornetto de chocolate do Lazzareschi.
— Não dá tempo, daqui a pouco minha mãe vai chegar, preciso fazer o
exame. — Então nada de fazer as pazes.
— Você foi o máximo ontem.
— Já te disse que não quero falar sobre esse assunto. Pallina abre os braços.
— Tudo bem, como quiser. O que vou dizer à sua mãe se a encontrar
enquanto saio?
— Bom-dia.
Babi sorri e puxa o cobertor para cima do rosto. Pallina pega a mochila com
os livros e bota nas costas. Está feliz, fizeram as pazes. Babi é realmente o máximo,
ainda mais agora, que é uma cinturada. Pallina fecha devagar a porta atrás de si,
atravessa rápido o corredor, na ponta dos pés. A porta de casa ainda está trancada.
Faz estalar a fechadura e, logo quando está a ponto de sair, ouve uma voz atrás
dela. — Pallina!
É Raffaella, num robe rosa, de cara lavada, um tanto pálida e,
principalmente, surpresa. Pallina decide seguir o conselho de Babi e com um
"Bom-dia, dona Raffaella" desaparece escadas abaixo. Sai do prédio e chega à
portaria. Sua mãe ainda não chegou. Senta na mureta para esperar. O sol morno
sobe lentamente diante dela, o dono do posto de gasolina tira os cadeados

das
bombas, alguns homens saem apressados do jornaleiro ali em frente, levando
embaixo do braço o peso de notícias mais ou menos catastróficas.
Em plena luz do dia, já não tem mais dúvidas. Não gostaria de jeito nenhum
de ter Raffaella como mãe, embora ela seja realmente muito mais pontual do que a
dela. Babi entra no banheiro. Cruza com o próprio rosto no espelho. Já teve dias
melhores. Com toda a certeza dar uma de cinturada não ajuda em nada, pelo menos
no caso dela. Abre a torneira da água fria, deixa-a correr por algum tempo e depois
lava vigorosamente o rosto.
Daniela aparece atrás dela.
— Conte tudo! Como é que foi? Que tal a Estufa? É mesmo tão divertida
como dizem por aí? Encontrou alguma amiga minha?
Babi pega a pasta de dente e começa a espremer o conteúdo do fundo da
embalagem, tentando cancelar a marca de polegar que Daniela deixou bem no meio
do tubo.
— É uma idiotice. Um bando de babacas que arriscam a vida de forma
estúpida, mesmo sabendo que muita gente já morreu por causa dessas corridas
idiotas. — E tinha muita gente? O que eles fazem? Para onde vão depois? Viu que
maneiro, as cinturadas? Elas são corajosas, né? Eu nunca conseguiria. .
— Eu consegui.
— Como é que é? Você? Uau! Minha irmã é uma cinturada!
— Não tem nada demais, acredite, mas agora preciso me arrumar.
— Sempre a mesma coisa! Não tem graça nenhuma em ter uma irmã mais
velha que sai de fininho e nunca conta nada. Mas pode deixar. Já combinei com o
André e na semana que vem nós também vamos lá. E se me der na telha, também
vou dar uma de cinturada! — Daniela sai bufando do banheiro.
Babi não pode deixar de sorrir. Acaba de escovar os dentes e pega a escova
de cabelo. Não tem jeito. Dani conseguiu se vingar mais uma vez. Alguns longos

fios de cabelos negros repousam imóveis e emaranhados entre as cerdas. Babi os
puxa com a mão para jogá-los no vaso. Ela dá a descarga e começa a se pentear.

Daniela reaparece atrás da porta.

— Onde guardou o tênis que te emprestei ontem à noite?

— Joguei fora.

— O quê? Jogou fora os meus Superga novos?

— Já ouviu, joguei fora. Acabaram no estrume e ficaram tão estragados que
não tive escolha. Ainda mais porque se não tirasse a roupa suja, Step não me trazia
para casa.

— Você acabou no estrume e depois o Step te trouxe em casa. E quando foi
que você deu uma de cinturada?

— Antes.

— Atrás do Step?

— Não.

Descalça, Daniela acompanha a irmã até o quarto dela.

— Afinal, Babi, conte logo o que aconteceu!

— Olha Dani, vamos fazer o seguinte, se a partir de hoje você limpar a
nossa escova depois de pentear o cabelo, daqui a alguns dias eu te conto tudo,
combinado?

Dani bufa.

— Combinado. — E volta para o seu quarto.

Babi veste o uniforme. Não vai contar coisa nenhuma, sabe muito bem
disso. Talvez nos primeiros dias Daniela limpasse a escova, mas não duraria. É mais
forte do que ela.

Raffaella entra no quarto de Babi.

— Pallina dormiu aqui?

-Dormiu.

-Onde?

— Na minha cama.

— Não é possível! Quando vim beijá-la, ontem à noite, você estava sozinha.

— Ela chegou mais tarde. Não podia ficar em casa porque a mãe dela tinha
convidados.

— E por onde andou antes?

— Sei lá!

— Babi, não quero ficar responsável por ela também. Já pensou se acontecesse alguma coisa com ela enquanto a mãe acreditava que a filha estava aqui? — Você está certa, mãe.

— Da próxima vez que ela precisar dormir aqui, quero ser informada antes.

— Mas eu avisei, antes de você ir para a casa dos Pentesti, não se lembra?

Raffaella fica alguns momentos pensativa.

— Não, não me lembro.

Babi sorri ingênua, como quem diz "não tenho culpa". Afinal, sabe muito bem que a mãe não poderia lembrar. Ela nunca tinha dito nada daquilo.

— Não gostaria de ter uma filha como Pallina. Sempre solta pela noite, fazendo sabe-se lá o quê. Não gosto dessa moça, acho que ela vai se dar mal, você vai ver.

— Nada disso, mamãe, ela não faz nada de mal. Só gosta de se divertir, mas garanto que é uma boa menina.

— Pode ser, mas prefiro você.

Raffaella sorri e acaricia o queixo da filha antes de sair do quarto. Babi também sorri. Sabe como lidar com ela. De uns tempos para cá, no entanto, está contando mentiras demais. Melhor parar. Coitada da Pallina, mesmo quando não tem nada a ver com a história acaba sendo culpada. Decide perdoá-la. Claro, antes de mais nada é preciso resolver o problema do envolvimento com Pollo, mas cada coisa no seu devido tempo. Babi veste a saia. Pára diante do espelho, puxa para trás os cabelos, deixando o rosto livre, e segura-os com dois pequenos grampos laterais.

Fica assim, olhando para si mesma, enquanto Zinga Ro Felice toca no CD player.

Babi dá-se conta de como se parece com a mãe. Pois é, mesmo que descobrisse tudo aquilo que armou, Raffaella nunca iria trocá-la por Pallina: há semelhanças demais entre mãe e filha.

É um daqueles casos raros em que, mesmo sem se darem conta, todos

concordam entre si.

Os raios do sol entram alegres pela janela da cozinha. Babi acaba de comer os seus biscoitos integrais e toma a última gota de café com leite que deixou de propósito na xícara. Daniela cava o pudim até o final. Sua colherzinha agita-se nervosa dentro da embalagem plástica, tentando alcançar o último pedacinho de chocolate birrento que se escondeu naquela fenda lá no fundo. Raffaella comprou quase tudo o que havia sido escrito na lista. Cláudio está feliz. Talvez um horóscopo favorável, mas com certeza o desejado café que finalmente conseguiu tomar ajudou a melhorar seu humor. Nem precisou gastar com a cafeteira maior.

— Babi, hoje está fazendo um lindo dia. O sol brilha... e nem deve estar fazendo muito frio. Já falei com a sua mãe e estamos de acordo. Mesmo que tenha tirado aquela nota. . hoje podem ir à escola de Vespa!

— Obrigada papai, vocês são uns amores. Mas, para dizer a verdade, depois da conversa do outro dia pensei melhor, e acho que afinal você está certo. De manhã, ir à escola juntos, eu, você e Dani, tornou-se quase um ritual, uma cerimônia de todas as manhãs. E, além do mais, podemos conversar, é uma maneira gostosa de começar o dia.

Daniela não acredita no que está ouvindo.

— Espere aí, Babi, vamos de Vespa. Com papai conversamos o tempo todo, estamos com ele na hora do jantar, domingo de manhã...

Babi segura o braço dela apertando-o com mais força do que de costume.

— Não, Dani, é realmente melhor assim, vamos com o papai. — Ela aumenta a pressão. — E também deve lembrar do que te falei ontem à noite. Não estou passando muito bem. A partir da semana que vem talvez a gente possa ir de Vespa, já estará mais quente.

Aquele último aperto já não deixa dúvidas. É uma mensagem. Daniela não é desprovida de intuição, pelo menos não totalmente.

— Isso mesmo, pai, Babi está certa. Vamos com você! Cláudio toma o

último gole de café na maior felicidade. É bom ter duas filhas assim. Nem todos
têm a chance de se sentir tão amados.
— Tudo bem, meninas, então vamos sair logo para não chegarem atrasadas na escola. — Cláudio vai buscar o carro na garagem enquanto Babi e Daniela esperam diante do portão.
— Demorou a entender, hein? O que queria que eu fizesse? Quebrasse o seu braço? — Poderia ter contado logo, ora essa!
— Como é que ia saber que iam nos deixar ir de Vespa?
— Mas o que você tem contra ir para a escola de Vespa?
— Fácil, porque não tenho.
— Não tem a Vespa? O que houve? Não saiu com ela ontem à noite?
— Saí.
— E então? Também acabou no estrume e jogou fora?
— Não, deixei na Estufa e quando voltamos não estava mais lá.
— Não acredito!
— Estou falando sério.
— Não posso acreditar! A minha Vespa!
— Sua Vespa! Até parece. Fui eu quem ganhei de presente.
— Eu sei, mas quem sempre pagava os consertos e todas as peças para ela andar mais depressa? Quem mandou trocar o cano de descarga? No ano que vem papai e mamãe vão te dar um carro e ela passaria a ser minha. Não dá para acreditar.
Cláudio pára em frente às duas e baixa o vidro elétrico.
— O que aconteceu com a sua Vespa, Babi? Não está na garagem.
Daniela fecha os olhos. Agora não tem mais jeito, precisa se conformar.
— Nada, pai, só guardei atrás do prédio, no pátio. Você está sempre dizendo que ela atrapalha na hora de manobrar o carro. Achei melhor deixar lá fora.
— Você só pode estar brincando! Ponha de novo no lugar. Poderiam roubar. Fique sabendo que sua mãe e eu não temos a menor intenção de comprar outra. Vá logo botar na garagem. Aqui estão as chaves.
Daniela senta no banco detrás enquanto Babi se afasta fingindo procurar no molho a chave certa. Ao chegar ao pátio, ela começa a pensar. E agora? Preciso achar a Vespa até a noite. Caso contrário, terei de encontrar outra saída. Essa

Pallina! Foi ela quem arranjou todo esse problema e agora é Babi quem vai ter de

resolver o caso. Ela ouve o barulho do Mercedes que se aproxima de marcha a ré.

Corre para a garagem. Encosta apressadamente na porta. Bem em cima da hora. O

carro pára bem diante dela. Babi finge estar trancando a garagem e volta sorrindo

para o carro.

— Pronto, botei no lugar. — Ela se considera uma atriz de primeira, mas é melhor encontrar a Vespa o quanto antes. Enquanto entra no carro, tem a impressão de estar sendo observada. Olha para cima. Está certa.

O rapaz que mora no segundo andar está na janela. Deve ter visto tudo. Ou melhor, não viu nada, e por isso mesmo está olhando perplexo. Babi sorri para ele

tentando tranqüilizá-lo, mas dá para ver que o garoto não ficou lá muito convencido.

O Mercedes se afasta. Babi devolve as chaves ao pai sorrindo.

— Deixou bem encostada no muro?

— Grudada. Não vai atrapalhar. — Babi se vira para Daniela. A irmã está sentada de braços cruzados e cara amarrada.

— Pega leve, Dani. Podemos ir à escola de Vespa na semana que vem!

— Assim espero.

Na saída do condomínio, o Mercedes pára diante da cancela que começa a subir lentamente. Cláudio cumprimenta o porteiro que lhe faz sinal para esperar um

momento. Sai da guarita com um embrulho na mão.

— Bom-dia, doutor. Deixaram isso para a Babi.

Babi pega o embrulho, curiosa. O carro arranca devagar enquanto o vidro volta a se fechar. Daniela se debruça no banco da frente para ver. O próprio Cláudio não esconde uma certa curiosidade. Babi sorri.

— Alguém quer um pedaço? É um cornetto de chocolate do Lazzareschi.

Babi oferece o cornetto.

— Pai? — Cláudio sacode a cabeça negativamente.

— Dani?

— Não, obrigada. — Vai ver que ela esperava que o embrulho trouxesse alguma notícia da "sua Vespa".

— Melhor para mim. Vou comer tudo sozinha. Não sabem o que estão perdendo... — Pallina é realmente um amor. Sempre sabe como ser

perdoada.

Agora só é preciso encontrar a Vespa antes das oito.

As garotas conversam alegremente na entrada da escola à espera do sinal.

Babi e Daniela saltam do carro e se despedem do pai. O Mercedes se afasta no

trânsito da praça Euclide. Um grupo de meninas logo se junta ao redor delas.

— Babi, é verdade que ontem você foi à Estufa e correu como cinturada?

— É verdade que teve de fugir da Guarda Municipal?

— Um policial te agarrou pelos cabelos, Step derrubou o cara e vocês dois fugiram na moto dele, não foi?

— É verdade que duas pessoas morreram?

Daniela ouve aquilo pasma. Então a Vespa não foi sacrificada à toa. Aquilo é

a glória. Babi não pode acreditar. Como é que elas já sabem de tudo? Não propriamente de tudo. Ainda bem que a história do estrume, ao que parece,

continua em segredo. É salva pelo sinal. Enquanto sobe as escadas, responde

vagamente a algumas perguntas das amigas mais simpáticas. Precisa se conformar.

Pelo menos nesse dia é uma celebridade. Daniela lhe dá um tchauzinho toda derretida.

— Até a hora do recreio, Babi! — Inacreditável.

Desde que vão à escola juntas é a primeira vez que ela fala isso. Vê Daniela

se afastando com algumas amigas. Todas zanzam em volta dela martelando-a com

perguntas. Ela também está aproveitando o seu momento de fama. Nada mais justo

afinal, pois acabou perdendo os seus tênis Superga. Babi só espera que a irmã não

fale a respeito do estrume.

Um jovem padre que vem de uma paróquia ali perto está sentado à mesa. É

a primeira aula, a de religião. A diversão preferida é deixá-lo sem jeito com

perguntas sobre sexo e as relações antes do casamento. Citam sem a menor inibição

exemplos concretos e fatos acontecidos com terríveis e misteriosas amigas, que no

fim são quase sempre elas mesmas. Na prática, aquele tempo de religião acabou se

transformando numa verdadeira aula de educação sexual, única matéria em que
todas elas poderiam tirar uma boa nota.
O padre tenta se esquivar de uma pergunta muito direta sobre sua vida antes
de vestir a batina. Abre a Bíblia cortando de uma vez por todas o grande interesse
que se criou acerca dos seus improváveis pecados. Babi dá uma olhada na agenda.
A aula seguinte é de grego.
A Giacci vai tomar a lição. O último trimestre antes das provas finais está
terminando. A partir daí, nada mais de sabatinas. Controla as bolinhas. Só faltam
três para completar a rodada. As "sortudas" fadadas a sofrer. Babi lê os nomes.
Novamente a Festa. Coitada. Essa está sendo uma semana e tanto para ela. Babi se
vira. Sílvia segura o rosto com as mãos e olha para a frente. Babi a chama
baixinho. Ela percebe.
— Que foi?
— Já sabe que a Giacci vai tomar a sua lição na aula de grego?
— Sei. — Sílvia esboça um sorriso depois tira das costas da companheira da
frente o livro que apoiou nelas. É a gramática grega. -Estou repassando a matéria.
Babi sorri. De qualquer maneira, não pode ajudar muito. Talvez fosse
melhor ela confiar mais na aula de religião. Na verdade, só um milagre poderia
salvá-la. O sinal toca. O jovem padre vai embora. Leva consigo uma maleta escura,
de couro, e todo um mundo de dúvidas. Se por acaso cometeu algum pecado
quando jovem, o seu passo demonstra claramente que elas, as moças em geral, nada
tiveram a ver com aquilo.
-Oi, Babi!
— Oi, Pallina, tudo bem?
Pallina põe a mochila com os livros em cima da carteira de Babi.
— Tudo, a não ser pelo fato de que me tiraram quase um litro de sangue!
— E aí, como foram os exames?

Pallina enrola a manga do uniforme azul para mostrar o braço pálido.

— Olha. — Ela mostra o esparadrapo de bordas levemente avermelhadas,

sujo de sangue. — E isso não é nada. Para encontrar aveia aquele médico idiota

teve que furar várias vezes. Duas horas. Ficou cutucando o meu braço e dando

petelecos para "fazer a veia pular", como ele disse. Mas tenho certeza de que o cara

fez isso só para me machucar. Ele me detesta. Esse babaca me odeia desde a

primeira vez em que fui ao consultório dele. Depois, começou a falar sem parar.

Típico, para eu não pensar mais na agulha. Disse que tenho veias nobres, sangue

azul, que devo ser uma princesa! E, quando eu menos esperava, enfiou no meu

braço todo aquele canudo. Foi aí que ele viu a princesa. Soltei bem um "puta

merda". .

— Pallina!

— Você tem mais modos, eu sei. Minha mãe me deu um bofetão na boca. .

Não sei se machucou mais ela ou o médico. Odeio...

Quando você fica com aquele pavor da dor física a única coisa que deseja é o

silêncio total, mas eles não entendem. Só para dar uma idéia, na hora de sair ele

ainda quis bancar o engraçadinho com a minha mãe.

Pallina imita o tom do médico.

— "De uma coisa podemos ter certeza, minha senhora, com essas veias vai

ser muito difícil que a sua filha consiga se drogar." Pior do que isso é impossível,

fiquei com vontade de vomitar. A única vantagem da história toda foi que minha

mãe me levou para tomar café no Euclide. Comi uma torta com chantilly realmente

divina! Por falar nisto, recebeu o meu presente?

— Recebi, obrigada!

— Estou perguntando porque aquele seu porteiro tem cara de quem sempre

adivinha o que há dentro de um embrulho. Pior do que uma máquina de raio X...

Dá para ver que ainda estou meio transtornada por causa do exame?

— Bastante.

— Então ele não comeu o cornetto do Lazzareschi?

— Não — Babi responde sorrindo.

— Perdoada?

— Quase.

— Como assim? Queria dois cornettos.

— Não, mas você precisa encontrar a minha Vespa até as oito.

— A sua Vespa? E como é que eu vou fazer isto? Sabe lá onde ela está agora. Quem ficou com ela? Como é que eu vou descobrir?

— Isso é com você. Não é a mulher que sempre sabe tudo, que está por dentro das coisas? Afinal, você é a garota do Pollo. Eu só sei de uma coisa, quando

o meu pai voltar hoje à noite a Vespa precisa estar na garagem do meu prédio..

— Lombardi! — A Giacci está na porta. — Queira ir para o seu lugar, por favor.

— Imediatamente, professora. Desculpe, estava querendo saber o que foi dito na aula de religião.

— Duvido.. De qualquer maneira faça o favor de sentar. -Giacci aproxima-se da mesa. Pallina pega a mochila com os livros.

Babi detém a amiga por um instante.

— Tive uma idéia, não precisa mais encontrar a minha Vespa, pelo menos por enquanto.

Pallina sorri.

-Ainda bem. Seria impossível! Mas no que está pensando? O que vai dizer a seu pai quando ele voltar e não encontrar a Vespa na garagem?

— Ele vai encontrar.

— Como?

— Muito fácil. Vai ser a sua Vespa.

— A minha?

— Claro. Para ele são todas iguais, nunca vai perceber.

— Mas como é que eu...

— Lombardi!

Pallina não tem tempo de replicar.

— Essa aula de religião deve ter sido extremamente interessante. Mas voltando a nós, venha logo me mostrar a justificação pela sua falta.

Pallina joga a mochila nas costas e dá uma última olhada em Babi.

— Depois a gente conversa.

Pallina chega até a mesa. Tira a agenda da mochila e abre nas páginas das justificações. A Giacci tira a agenda das mãos dela, lê e assina.

— Quer dizer que fez exames, não é? Você precisa mesmo é de uma transfusão de cultura e não de coleta de sangue.

A Catinelli, como a puxa-saco de plantão, ri ao ouvir a piada. Mas seu desempenho é tão fraco que até a Giacci demonstra irritação diante daquele fingimento.

— Acho que há mais alguém que deve mostrar a agenda assinada. — Giacci olha irônica para Babi. — Não é verdade, Gervasi?

Babi se aproxima com a agenda já aberta e a anotação assinada. Giacci confere.

— Então, o que foi que sua mãe achou?

— Estou de castigo. — Não é verdade, mas tanto faz dar mais essa satisfação para a professora.

E, com efeito, a Giacci cai direitinho.

— Fez ela muito bem. — E se vira para a turma. — É importante que os seus pais possam apreciar o trabalho desenvolvido pelos professores e que os apoiem sem reservas. — Todas parecem mais ou menos concordar. — A sua mãe, Gervasi, é uma mulher muito compreensiva. Sabe perfeitamente que estou fazendo isso pelo seu bem. Tome. — Giacci devolve a agenda. Babi volta ao seu lugar.

Estranha maneira de querer o meu bem, um dois em latim e um bilhete de censura.

O que teria feito, então, se me odiasse? A Giacci tira da sua velha bolsa de camurça os deveres de grego dobrados no meio.

Ela abre os papéis em cima de sua mesa causando um ruído atrevido que dispersa pela sala a mágica dúvida. Será que conseguiram pelo menos a nota mínima?

— Vou logo adiantando que foi um verdadeiro massacre. Só lhes resta esperar que o grego não seja sorteado na prova final.

Estão todas muito tranqüilas. Já sabem que a língua morta escolhida vai ser latim. Fingem ignorar. Na verdade, aquela poderia ser perfeitamente uma turma de

atrizes. Papéis dramáticos, a julgar pelo desempenho.

— Bartoli, três. Simoni, três. Mareschi, quatro. — Uma depois da outra as meninas vão buscar as provas com as notas em conformado silêncio.

— Alessandri, quatro. Bandini, quatro e meio. — É uma espécie de cortejo fúnebre. Todas voltam ao próprio lugar e logo desdobram o papel para entender a razão de todas aquelas marcas vermelhas, um trabalho quase sempre inútil, como aliás todas as tentativas malsucedidas de traduzir o texto.

— Sbardelli, quatro e meio. — Uma garota se levanta fazendo o sinal de vitória. E, para ela, é isso mesmo. Sempre tira quatro e aquele meio ponto a mais é uma verdadeira façanha.

— Carli, cinco. — Uma menina pálida, de óculos espessos e cabelo oleoso, desde sempre acostumada a tirar pelo menos sete, parece estar a ponto de desmaiar.

Deixa a cadeira e avança lentamente para a mesa perguntando a si mesma o que pode ter dado errado. Pertence à turminha das CDF e nunca dá cola a ninguém.

— Anda logo! — sussurra Pallina quando a coitada passa ao seu lado. A Giacci entrega a prova à Carli, que parece realmente sentida.

— O que houve? Não estava passando bem? Ou será que essa turma de analfabetas conseguiu contagiar até você?

A garota esboça um sorriso. E com um tímido "Pois é, não estava me sentindo muito bem" volta ao seu lugar. Uma coisa é certa: agora está passando mal mesmo. Ela, a Carli. Aquela das versões impossíveis, tirar cinco. Abre a prova. Dá uma lida rápida e logo encontra o trágico erro. Dá uma palmada nervosa na carteira. Como pôde trocar as bolas daquele jeito? Leva as mãos à cabeça sinceramente desesperada. A felicidade da turma está nas alturas.

— Benucci, cinco e meio. Salvetti, seis. — O pior passou. As que até então não foram chamadas já sabem que podem contar pelo menos com a nota mínima.

A Giacci entrega as provas em ordem crescente, a partir das piores até chegar lentamente à nota mínima seis, e aos raros sete e oito. Aí pára. Nunca deu uma nota

maior. E o próprio oito é quase um acontecimento.

— Marini, seis. Ricci, seis e meio. — Algumas meninas esperam tranqüilas por suas notas, já acostumadas a ficar entre as melhores. Para Pallina, no entanto, trata-se de um verdadeiro milagre. Não acredita em seus próprios ouvidos. Ricci seis e meio? Quer dizer, então, que tirou pelo menos essa nota, talvez mais. Já imagina chegar em casa na hora do almoço e dizer à mãe "Tirei sete em grego". A pobre mulher vai desmaiar. A última vez que tirou sete foi em história, numa prova sobre Colombo. Sempre gostou muito de Cristóvão, desde que viu um retrato num livro em que aparecia com uma bandana vermelha no pescoço. Um verdadeiro líder. Explorador, decidido, um homem de poucas palavras. E, afinal de contas, o primeiro a ir para a América. Quem lançou essa moda de Estados Unidos foi ele. E, pensando bem, existe até uma vaga semelhança entre ele e Pollo.

— Gervasi, sete. — Pallina sorri contente pela amiga.

— Anda, Babi. — A amiga se vira e retribui o sorriso. Dessa vez, finalmente, não precisa sentir-se culpada por tirar uma nota melhor do que Pallina.

— Lombardi. — Pallina pula da carteira e ruma veloz para a mesa. Está eufórica. Sabe que é pelo menos um sete.

— Lombardi, quatro. — Pallina fica sem palavras.

— Sua prova deve ter ficado entre essas por engano — desculpa-se a Giacci com um sorriso hipócrita. Pallina pega a prova e volta cabisbaixa para a carteira.

Por um momento, chegou a sonhar. Como teria sido bom tirar sete. Senta. A Giacci olha para ela sorrindo, aí recomeça a dizer as notas das últimas provas. Fez de propósito, a filha-da-mãe. Pallina tem certeza disso. A raiva enche seus olhos de lágrimas. Que inferno! Como pôde ter caído nessa? Sete numa versão de grego, impossível. Devia ter compreendido logo que havia alguma coisa errada.

Ouve um
murmúrio à direita. Vira-se. É Babi. Pallina tenta sorrir sem muito sucesso e acaba
fungando. Babi lhe mostra um lenço. Pallina acena com a cabeça e a amiga dá um
nó no pedaço de tecido e o joga para ela. Pallina pega no ar. Babi debruça-se na
carteira e cochicha.
— Sua chorona! Deveria dar uma de cinturada. Aí, todo o resto ia parecer
brincadeira para você.
Pallina dá uma gostosa gargalhada. A Giacci olha para ela irritada. Pallina
levanta a mão pedindo desculpas. Ela assoa o nariz e aproveita o lenço diante do
rosto para levantar o dedo médio. Algumas garotas ali perto percebem o gesto e
também riem discretamente.
A Giacci dá um soco na mesa.
— Silêncio! Vou começar a sabatina. Ela abre a chamada.
— Salvetti e Ricci.
As duas garotas vão até a mesa, entregam os cadernos e ficam no paredão, à
espera do fuzilamento de perguntas. A Giacci examina novamente a chamada.
— Servanti.
Francesca Servanti levanta da cadeira atônita. Não devia ser a vez dela. A
professora deveria chamar Salvetti, Ricci e Festa. Todas sabiam. Aproxima-se da
mesa em silêncio e entrega o caderno tentando esconder o desespero que, na
verdade, é bastante evidente.
Está sem preparo nenhum. A Giacci pega os cadernos e os empilha alisando
as bordas com ambas as mãos.
— Muito bem, com vocês estamos terminando a rodada de sabatinas e aí
poderemos deixar o grego de lado. Vamos nos dedicar ao latim pois, fique entre
nós, é a matéria que quase certamente será escolhida. .
Que novidade, pensa a maioria das meninas. Somente uma tem outra
preocupação. Sílvia Festa. Por que a Giacci não a chamou? Por que não está sendo
interrogada no lugar da Servanti, como era de se esperar? Será que a

professora está
tramando alguma coisa? Afinal, a sua situação não é das melhores. Já tirou dois
cinco e não viria absolutamente ao caso piorá-la. Mas a Giacci não pode estar
errada. Ela nunca erra. É uma das regras de ouro da Falconieri.
Sílvia Festa precisa ser interrogada mais uma vez, coisa à qual aliás tem direito. Chama discretamente a atenção de Babi.
— Sinto muito, não sei o que dizer. Para mim, também era a sua vez de ser chamada.
— Quer dizer que a Giacci se enganou?
— Pode ser, mas sabe como ela é. Acho melhor não dizer nada.
— Sei, mas se eu não for chamada corro o risco de não ser admitida aos exames finais.
Babi abre os braços.
— Não posso fazer nada. . — Ela realmente sente muito.
A sabatina começa. Sílvia mexe-se nervosa na carteira. Não sabe o que fazer.
Afinal, decide tomar uma atitude. Levanta a mão. A Giacci percebe.
— Sim, Festa. O que há?
— Desculpe, não queria incomodar, mas acredito ter sido interrogada somente duas vezes. — Silvia sorri tentando disfarçar que deste jeito está acusando
a professora de estar errada. A Giacci bufa.
— É fácil controlar. — Ela pega dois cadernos para ajudar na pesquisa.
Parece que está brincando de batalha naval. — Festa. . Festa. . Aqui está. Foi
interrogada no dia dezoito de março, obviamente com nota insuficiente. Satisfeita?
Por falar nisso — Giacci dá uma olhada nas demais notas -, não creio que será
admitida às provas finais.
Um quase inaudível "obrigada" sai da boca de Sílvia. Com uma irritação visível, a professora recomeça a sabatina. Babi dá mais uma olhada na agenda.
Dezoito de março. Justamente a data em que Servanti foi chamada. Não há sombra
de dúvida. A Giacci confundiu as bolas. Mas como provar? É a sua palavra contra a

da professora. Isso na certa pode significar mais um bilhete de censura para seus

pais. Coitada da Festa, é realmente azarada. Desse jeito vai acabar perdendo o ano.

Folheia as páginas das outras matérias. Dezoito de março. Uma quinta-feira.

Também dá uma olhada nas aulas seguintes. Que coisa estranha. Naquele dia, Festa

não foi interrogada em nenhuma outra matéria. Pode ser uma mera coincidência,

mas talvez não. Babi se debruça por cima da carteira.

— Sílvia.

— Que foi? — Ela está um trapo. É compreensível, coitada.

— Deixa eu ver a sua agenda?

— Por quê?

— Preciso dar uma olhada numa coisa.

— O quê?

— Depois vai saber. . Passe logo para cá.

Por um momento, uma imperceptível chama de esperança brilha nos olhos

de Sílvia. Ela entrega a agenda. Babi vai depressa para as últimas páginas. Sílvia olha

mais animada. Babi sorri. Vira-se para ela, devolvendo a agenda.

— Está com sorte! — diz.

Sílvia esboça um sorriso. Ainda não está muito certa disso. De repente, Babi

levanta a mão.

— Queira desculpar, professora. . Giacci se vira para ela.

— O que foi, Gervasi? Você também não foi interrogada? Hoje vocês estão realmente insuportáveis, senhoritas!... Então?

Babi se levanta. Permanece por um momento em silêncio. Todos os olhos

estão fixos nela. Sobretudo os de Sílvia. Babi olha para Pallina. Ela também, assim

como as outras alunas, aguarda curiosa. Sorri para ela. Nada mais justo, pois a

Giacci deve ter colocado de propósito a prova de Pallina entre as que tiraram sete.

— Sou forçada a dizer, professora, que a senhora cometeu um engano.

Um cochicho geral espalha-se pela sala. Parece que as garotas estão ficando loucas. Babi continua tranqüila.

Giacci fica vermelha de raiva, mas consegue se controlar.

— Caladas! Então, Gervasi, onde é que eu estaria errada?

— No dia dezoito de março a senhora não pode ter interrogado Sílvia Festa.

— Claro que interroguei, está escrito bem aqui na minha chamada. Pode ver:

dezoito de março, nota insuficiente para Sílvia Festa. Sou obrigada a pensar que a

senhorita tomou gosto pelos bilhetes para casa.

— Aquela nota é de Francesca Servanti. A senhora confundiu os nomes e

atribuiu-a a Sílvia Festa.

A Giacci parece explodir de raiva.

— É mesmo? Sei que toma nota de tudo na sua agenda. Mas é a sua palavra

contra a minha. E se eu digo que naquele dia interroguei a Festa, quer dizer que

ninguém vai dizer o contrário.

— Acontece que eu digo. A senhora cometeu um erro. No dia dezoito de

março não pode ter chamado Sílvia Festa.

— Então diga por quê!

— Porque naquele dia Sílvia faltou à escola.

Giacci fica branca como um fantasma. Pega a chamada e começa a folhear as

páginas anteriores, possessa. Vinte, dezenove, dezoito de março. Confere as faltas

com desespero. Benucci, Marini e, então, lá está. Giacci parece murchar na cadeira.

Encolhe-se prostrada, não conseguindo acreditar no que leu. Festa. Aquele nome

escrito por ela mesma, com letras de fogo. A prova do seu erro. A sua vergonha. A

professora olha para Babi. Está aniquilada, um farrapo. Babi senta-se devagar.

Todas as meninas estão com os olhos fixos nela. Um murmúrio começa a se

espalhar entre as carteiras.

— É isso aí, Babi, muito bem. — A garota faz de conta que não está

ouvindo. Mas as palavras chegam aos ouvidos da Giacci como terríveis agulhas de

gelo que a ferem profundamente, que a achatam sob o peso daquela derrota. O

papelão diante da turma. Da sua turma. E, então, as frases carregadas,

arrastadas,

que mal consegue pronunciar pois parecem agigantar o seu erro.

— Servanti, volte ao seu lugar. Aproxime-se, Festa.

Babi baixa os olhos para a carteira. A justiça foi feita. Depois, levanta

lentamente o rosto. Olha para Pallina. Seus olhares cruzam-se e mil palavras voam

silenciosas entre as carteiras. A partir de hoje, a Giacci também pode errar. A

lendária regra de ouro estilhaçou-se em mil pedaços como um frágil bibelô que as

mãos inexperientes de uma jovem criada deixaram cair ao chão. Mas Babi não vê

qualquer patroa a repreendê-la. Para onde se vira, só vê os olhos felizes das colegas,

cheios de orgulhosa admiração pela coragem por ela demonstrada. E, então, olha

para mais longe, e aquilo que vê a amedronta. Giacci está olhando fixamente para

ela. O seu olhar inexpressivo tem a dureza da pedra cinzenta na qual foi gravada a

duras penas a palavra ódio. Por um momento, Babi lastima não ter estado errada.

Meio-dia. De short e camiseta, Step entra na cozinha para tomar café..

— Bom-dia, Maria.

— Bom-dia. — Maria pára imediatamente de lavar a louça. Sabe que Step

não gosta daquele barulho quando se levanta. Step tira do fogo o bule com o café e

o do leite. Logo que senta à mesa, a campainha começa a tocar frenética. Step leva a

mão à testa.

— Mas que merda. .

Com pequenos passos rápidos, Maria corre para a porta.

— Quem é?

— Pollo. Pode abrir, por favor?

Lembrando o dia anterior, Maria se vira para Step com ar interrogativo. Step

faz que sim com a cabeça. Maria abre a porta. Pollo entra correndo. Step está

enchendo uma xícara de café.

— Nem pode imaginar, Step... Rolou uma parada maneiríssima, um negócio
incrível!
Step levanta a sobrancelha.
— Trouxe os sanduíches?
— Não, não vou trazer mais já que você não sabe apreciar. Veja isso. — Ele mostra o II Messaggero.
— Já tenho o jornal. — Step aponta para o La Repubblica em cima da mesa.
— Maria trouxe para mim. E, por falar na Maria, você nem a cumprimentou.
Pollo vira-se para ela entediado.
— Oi, Maria. — Ele abre o jornal e o escancara em cima da mesa. — Tá vendo? Olha só que máximo essa foto!... Você saiu no jornal..
Step olha a página do noticiário local. Lá está ele. Aparece com Babi na garupa enquanto empinam com a moto diante dos fotógrafos. Perfeitamente reconhecíveis, ainda bem que foram fotografados de frente. Não dá para ver a
placa, senão ia ser o fim. Está tudo ali. As corridas, os nomes de alguns detidos, a
blitz da polícia, a descrição da fuga.
— Viu? Agora você é uma lenda, Step! Quem me dera eu ter uma matéria como essa.
— Você não empina como eu. Cara, é uma foto e tanto! Reparou como a Babi saiu bem?
Pollo faz uma careta. Babi não é propriamente o seu ideal de mulher. Step levanta o jornal com ambas as mãos e admira a foto, deliciado.
— Não há o que dizer.. a minha moto é realmente bonita! -exclama enquanto pergunta a si mesmo se Babi já viu o jornal. Não, certamente não. —
Pollo, precisa levar-me para um certo lugar. Senta aí. Toma um cafezinho enquanto
vou me arrumar. -Step sai. Pollo senta no lugar dele. Olha para a foto. Recomeça a
ler o artigo. Leva a xícara à boca. Que porcaria! Pois é, Step toma café sem açúcar.
A voz de Step chega molhada e amortecida do chuveiro.
— A que horas fecham as lojas? — Pollo derrama a terceira colherada de açúcar no café e olha para o relógio.

— Daqui a menos de meia hora.

— Merda, não temos tempo a perder. — Pollo experimenta o café. Agora sim! Acende um cigarro. Step aparece na porta. Veste um roupão e está secando o cabelo com uma pequena toalha. Aproxima-se de Pollo e dá mais uma olhada na foto. — Como se sente, agora que é amigo de uma lenda?

— Não vamos exagerar..

Step tira a xícara das mãos dele e toma um gole de café.

— Que merda! Como é que pode gostar de uma parada tão doce? Horrível! Não é à toa que você está engordando! Quantas colheradas botou?

— Não sou gordo. Sou forte.

— Vamos lá, Pollo, agora que está namorando precisa voltar à academia, fumar menos, fazer dieta. Se não ela vai acabar largando você! As mulheres são terríveis, mal você se acomoda e elas se mandam. Agora, então, depois dessa foto, você também vai precisar virar notícia.

— Para sua informação eu já apareci no jornal e antes de você. Com a galera da torcida organizada do Lazio. Uma foto em primeiro plano que ficou muito maneira. Eu estava de lenço na cabeça e com os braços levantados, como um verdadeiro chefe de arquibancada.

— Não é isso, precisa entender que chefe de torcida organizada não está mais na moda. O que é maneiro agora é ser malandro, marginal. . Por isso, escreveram a matéria sobre mim. O que acha, será que dá para pedir uma graninha ao Messaggero. Exploração de imagem, não é isso? — Step vai vestir a roupa. Pollo acaba o café e se levanta passando a mão na barriga. Step está certo. A partir de segunda-feira vai voltar à academia. Não dá para explicar, mas quase tudo recomeça às segundas.

Pollo espera na avenida Angélico, na moto parada, apoiada no cavalete. Step sobe na garupa com um pulo.

— Vamos lá... Mas devagar, porque coloquei a parada entre a gente.
— Quanto foi que pagou?
— Vinte e dois euros.
— Caramba! Para onde, agora?
— Praça Jacini.
— Fazer o quê?
— A Babi mora lá.
— É mesmo? E você ainda diz que nunca tinha visto essa menina antes?
— Nunca.
— Que coisa estranha é a vida!
— Como assim?
— Pois é, uma garota que nunca viu antes e, de repente, passa a vê-la todos os dias. — Estranho mesmo.
— Mais estranho ainda se, depois de passar a ver a garota direto começa também a dar presentinhos para ela.
Step da um peteleco no pescoço descoberto de Pollo.
— Ai, isso dói!
— Já acabou? Está parecendo um daqueles motoristas de táxi que enchem o saco e falam o tempo todo enquanto te levam para algum lugar. Só falta o chiado do rádio!
Pollo começa a guiar alegremente e imita a estática do rádio.
— Shhh. Praça Jacini para Pollo 40, praça Jacini para Pollo 40. Step dá outro peteleco e começa a enchê-lo de palmadas na cara, nas bochechas, na testa. Pollo continua a imitar o rádio-táxi berrando a plenos pulmões.
— Praça Jacini para Pollo 40, praça Jacini para Pollo 40. Continuam assim, berrando e rindo, avançando em zigueza-gue entre os carros em volta, que freiam assustados. Encostam num táxi de verdade. Pollo grita na janela.
— Praça Jacini para Pollo 40. — O motorista leva um susto tão grande que quase tem um troço, mas mesmo assim não diz nada. A moto se afasta. O sujeito levanta a mão apontando para eles e sacode a cabeça. Está na cara que o seu ídolo deve ser Sordi, e não De Niro. Step e Pollo passam perto de uma guarda de trânsito. Quase roçam nela, sorrindo, mexendo na sua saia. Pollo chega a botar a

língua para fora. Ela nem tenta tomar nota da placa. O que iria escrever na multa?

O código de trânsito nada diz a respeito de cantadas, nem mesmo das mais pesadas

como aquela.

— Praça Jacini para Pollo 40, chegamos! — A moto de Pollo pára diante da entrada do condomínio de Babi.

Step cumprimenta o porteiro que retribui e o deixa passar. A moto segue

pela rampa. Fiore olha aqueles dois imbecis um tanto perplexo. Pollo se vira para

Step.

— Então já esteve aqui. O porteiro te reconheceu.

— Nunca. Os porteiros são todos iguais, basta que você cumprimente e eles deixam entrar! Pare aqui e espere por mim. — Step pula da moto.

Pollo acelera antes de desligar.

— Não demore. O troço do pagamento está correndo. .

— O taxímetro.

— O nome não importa. Anda logo senão vou embora. Step encontra o nome no interfone e toca a campainha.

— Quem é?

— Encomenda para Babi.

— Primeiro andar.

Step sobe. Uma criada gorda está na porta.

— Bom-dia. Preciso deixar isso para Babi. Tome cuidado. É frágil.

Uma voz chega do fundo do corredor.

— Quem é, Rina?

— Um garoto com um pacote para Babi.

Raffaella se aproxima observando o rapaz na porta. Ombros largos, cabelo

curto, aquele sorriso. Ela parece se recordar daquele rapaz, embora não se lembre

de onde.

— Bom-dia, madame, como vai a senhora? Trouxe isso para Babi. É só uma

besteirinha. Pode entregar para ela quando voltar do colégio?

Raffaella ainda está sorrindo. Mas, de repente, a ficha cai. O sorriso se apaga.

— Você é Stefano Mancini, o rapaz que deu uma cabeçada no senhor Accado.

Step não esperava por essa.

— Não sabia que era tão famoso.

— E de fato não é. Não passa de um pilantra. Os seus pais sabem o que aconteceu?

— Aconteceu alguma coisa?

— Entraram na justiça contra você.

— Não faz mal, estou acostumado — sorri. — E, além do mais, sou órfão.

Raffaella fica por um momento sem jeito. Não sabe se deve acreditar ou não.

— Seja como for, não quero que fique zanzando por aí com a minha filha.

— Para dizer a verdade é ela quem sempre aparece onde eu estou. Mas, tudo bem, isso não me incomoda. E, por favor, não dê uma bronca na Babi, ela não merece, afinal, é compreensível.

— Não para mim. — Raffaella encara Step com firmeza, tentando deixá-lo constrangido. Não consegue. Ele sorri.

— Não entendo qual é o motivo, mas as mães nunca gostam muito de mim. Mas agora desculpe, madame, preciso realmente ir. O táxi me espera. Está custando um dinheirão.

Step desce as escadas, pula os últimos degraus bem a tempo de ouvir a porta bater com força. Aquela mulher se parece com Babi de forma impressionante. O mesmo corte dos olhos, os traços do rosto. Mas Babi é mais bonita. Espera também que seja menos esquentada. Lembra a última vez que estiveram juntos.

Não, infelizmente, elas são parecidas até nisso. Por um momento, deseja revê-la.

Pollo parece estar pendurado na buzina.

— Quer se mexer? Que merda está fazendo aí, com essa cara de babaca?

Step sobe na garupa.

— Será possível? Até como taxista você é nojento!

— Nojento é você! Estou esperando há quase uma hora. O que houve?

— Fiquei conversando com a mãe dela. — Um pensamento passa de repente pela cabeça de Step. Ele levanta os olhos. E, de fato, justamente como imaginara, lá está Raffaella olhando pela janela. Dá um pulo para trás para não ser

vista, mas já é tarde. Step lança um sorriso descarado de despedida para Raffaella,

que fecha a janela com raiva enquanto a moto desaparece na curva. Pollo pára

diante da cancela. Step cumprimenta o porteiro. É melhor que naquele condomínio

pelo menos ele seja amigável.

— Falou com a mãe dela? E conversaram sobre o quê? — perguntou Pollo.

— Nada de mais, tivemos uma pequena discussão. Na verdade, ela me adora. — Cuidado, Step.

— Cuidado com o quê?

— Com tudo! É a clássica história que acaba mal.

— Como assim?

— Você leva presentes. . fala com a mãe dela. Nunca fez isso antes. Gosta tanto assim dessa tal de Babi?

— Não é de se jogar fora.

— E a Madá?

— Não tem nada a ver. A Madá é outro lance.

— Está a fim de se amarrar na Babi?

— Pollo!

— O que foi?

— Já soube que ontem mataram um cara perto da sua casa?

— Não estou sabendo de nada. O que aconteceu?

— Cortaram a garganta do maluco. — Step agarra de repente o pescoço de Pollo e aperta. — Era um motorista de táxi abelhudo demais.

Pollo tenta escapar mas é inútil. Decide então sair pela tangente e recomeça a

brincar, imitando os chiados do rádio.

— Pollo 40, mensagem recebida. Shhhh. Pollo 40, mensagem recebida. —

Mas não se sai tão bem quanto antes. Agora a voz dele está um tanto esganiçada.

Que coisa mais detestável, aquele rapaz. Raffaella abre o estranho canudo.

Um pôster. Reconhece Stefano na moto, com a roda dianteira levantada. Mas quem

está sentada na garupa é a sua filha. É Babi. Quem tirou a foto? A imagem está

meio esponjosa. Parece uma foto de jornal. Em cima, à esquerda, há algo escrito à

mão, com caneta hidrocor: "Casal lendário!" O autor deve ser aquele rapaz.

Embaixo à direita, por sua vez, aparece uma inscrição impressa: "A foto dos fugitivos." O que isso significa?

— Madame, ligação para a senhora. Seu marido. -Alô, Cláudio?

— Raffaella! — Ele parece bastante perturbado. Já viu o // Messaggero de hoje? Na crônica local há uma foto de Babi..

— Não, ainda não li. Vou comprar logo.

— Alô? Raffaella? — A mulher já desligou. Cláudio olha para o aparelho mudo. Ela nunca o deixa terminar uma frase.

Raffaella desce correndo até a banca em frente ao prédio. Pega o // Messaggero e paga. Abre o jornal sem nem esperar o troco. Isso demonstra que está realmente transtornada. Procura rapidamente o caderno "Roma". Lá está. A mesma foto. Lê a manchete: "Os piratas do asfalto." A filha dela. A blitz, a Guarda Municipal, a perseguição. Os detidos pela polícia. O que Babi tem a ver com tudo isso? As linhas começam a dançar diante dos seus olhos. Acha que vai desmaiar.

Respira fundo. Pouco a pouco se recobra. O bastante para ler o resto. Ao vê-la tão pálida o jornaleiro fica preocupado.

— Tudo bem, senhora Gervasi? Más notícias? Raffaella se vira balançando a cabeça.

— Não, não. Não foi nada. — Afasta-se da banca. O que poderia dizer, afinal? E o que vai contar agora às amigas? Aos moradores do prédio? Aos Accado? Ao mundo?

— Nada demais, nada mesmo. Só que a minha filha é um dos piratas do asfalto. Não seria nada fácil esperar até a saída da escola.

A voz no interfone é quente e sensual, exatamente como o corpo ao qual pertence.

— Doutor Mancini, seu pai na linha um.

— Obrigado, senhorita. — Paolo aperta uma tecla.

— Alô, pai?

— Já leu o II Messaggero!

— Estou com a foto bem na minha frente.

— Leu a matéria?

-Li.

— O que achou?

— Não sei o que dizer.

— Receio que mais cedo ou mais tarde ele vai se encrencar de vez.

-Também acho.

— O que podemos fazer?

— Muito pouco, infelizmente.

— Pode ter uma conversa com ele, quando voltar para casa?

— Farei isso, prometo. Mesmo que seja só para deixar o senhor mais feliz. Mas não creio que vá adiantar.

— Obrigado, Paolo. — O pai desliga. Feliz? O que poderia torná-lo feliz?

Certamente nada semelhante a um artigo como aquele que falava a respeito de seu filho. Segura o jornal entre as mãos. Olha a foto. Puxa vida, como é bonito!

Parecido com ela. E a sombra de um sorriso aparece no seu rosto cansado, incapaz de cancelar aquele antigo sofrimento. Por um instante é sincero consigo mesmo.

— Sim, eu sei o que poderia me tornar novamente feliz.

A secretária de Paolo entra na sala com alguns papéis.

— Isso precisa da sua assinatura, doutor. — Ela deixa tudo na escrivaninha e fica esperando. Paolo tira a caneta de ouro do bolso interno do casaco. Presente de Manuela, a namorada. Mas percebe na mesma hora o perfume da secretária.

Alguma coisa provocante. Paolo escreve o próprio nome no fim de cada página, por extenso. Segura na mão a caneta de Manuela, mas pensa na secretária. No perfume dela, nos quadris inocentes que roçam nas costas dele. Mas talvez não, talvez não sejam tão inocentes assim.. A idéia daquela proximidade proposital começa a excitá-lo.

— Doutor, esse aqui no jornal não é o seu irmão?

— Pois é, ele mesmo.

A secretária fica mais um momento olhando para a foto.

— A moça na garupa é a namorada dele?

— Talvez. Não sei.

— O seu irmão é muito mais bonito pessoalmente. — Paolo acompanha com o olhar a secretária que sai. O jeito de andar e o que acaba de dizer não deixam dúvidas. É uma mulher, e como tal é esperta, ele pensa. Esfregou-se nele de propósito, tem certeza disso. A mesma certeza com que sabe que pode fazer o senhor Forte poupar um montão de euros com o estratagema que acaba de encontrar. Olha o jornal. Por um momento, imagina a si mesmo empinado na moto com a secretária atrás. Ela se segura aper-tando-o com as pernas grudadas nas dele, os braços em volta da cintura. Seria bonito. Fecha o // Messaggero. Paolo tem horror de motos. Será que algum dia uma foto dele sairia no jornal?

Certamente não seria dando um pinote com uma motocicleta, quanto a isso não há dúvidas. No máximo alguma coisa relacionada com finanças. A certa altura tem um mau presságio. Quase pode ver sua foto com a manchete: "Preso o consultor financeiro de conhecido homem de negócios." Volta aos papéis do senhor Forte.

Talvez seja melhor conferir mais uma vez se está tudo em ordem.

Na saída da escola, Pallina desce os degraus saltitando ao lado de Babi.

— Maravilha! Você deixou a Giacci realmente na merda!

— Sinto muito...

— Sente muito? Aquela bruxa asquerosa bem que merecia. . Acha mesmo que ela se enganou ao colocar a minha prova entre as notas altas? Fez de propósito, isso sim. Não me suporta porque estou sempre alegre, sempre com vontade de brincar, enquanto ela. . parece que vive num eterno velório.

— Sei, mas mesmo assim fico arrependida. Viu como ela olhou para mim? Agora me odeia, vai fazer de tudo para acabar comigo.

Pallina lhe dá uma palmada nas costas.

— Esquece! Não há nada que ela possa fazer. Mesmo que tente fazer de tudo para atrapalhar, uma boa aluna como você vai chegar às provas finais sem maiores problemas. Quem me dera eu ter a sua média, nem pode imaginar o

estrago que eu faria. . — Pallina tira da mochila um maço de Camel. Pega um e põe
entre os lábios. Examina o maço. Ainda faltam três antes daquele virado de cabeça
para baixo, o cigarro do desejo.
— Ué, não disse que ia parar?
— Isso mesmo. A partir de segunda-feira.
— Mas não era segunda-feira passada?
— Tudo bem. Parei de fumar na segunda e recomecei ontem. Babi balança a
cabeça e vê o carro da mãe estacionado do outro lado da rua.
— Você vem com a gente, Pallina?
— Não, estou esperando o Pollo, que vem me buscar. Talvez o Step
também venha. Por que você não fica? Pode dizer a sua mãe que vai almoçar na
minha casa.
Babi não pensou mais em Step desde de manhã. Aconteceram coisas demais.
Como é que se despediram naquela noite? Incoerente. É assim que ele a chamou.
Nem dá para acreditar. Ela não é nem um pouco incoerente.
— Obrigada, Pallina, mas prefiro ir para casa. E, além do mais, já disse, não
faço a menor questão de me encontrar com Step e pare de falar nisso, senão vamos
acabar brigando.
— Como quiser. Então às cinco, no Parnaso.. — Babi tenta rebater mas
Pallina é mais rápida. — Já sei, com a minha Vespa.
Babi sorri enquanto se afasta. Pallina tenta imaginar por que a amiga insiste
em fazer tanta resistência. Bem, mas isso é problema dela. Talvez esteja só fazendo
charme. Seja como for, Babi é legal demais. Uma garota que encosta a Giacci na
parede daquele jeito! Está na hora de espalhar a notícia. Pallina se aproxima de um
grupo de garotas mais novas. São do segundo ano.
-Já souberam do papelão da Giacci?
— Não, o que aconteceu?
— Estava a ponto de reprovar Sílvia Festa, uma garota da minha turma. Mas

ela tinha se confundido e deu para a Sílvia a nota de outra menina.

— É mesmo?

— Pois é, ainda bem que a Babi percebeu o erro.

— Quem, a Gervasi?

— Ela mesma.

Uma garota com o // Messaggero nas mãos se aproxima.

— Veja, Pallina, essa aqui não é a Babi?

— Pallina arranca o jornal das mãos da menina. Lê apressadamente a matéria. Olha para Babi. Já está perto do carro da mãe. Tenta chamá-la. Grita o mais alto que pode, mas o barulho do trânsito abafa sua voz. Tarde demais.

Babi levanta o assento para sentar no banco de trás.

— Oi, mãe. — Ela se debruça para dar um beijo em Raffaella. Um bofetão acerta em cheio o seu rosto.

— Ai! — Babi cai sentada no assento detrás. Passa a mão na bochecha dolorida, sem entender.

Daniela também entra no carro.

— Viram que barato? Babi saiu no jornal. .

Ela olha ao redor. Aquele silêncio. A cara de Raffaella. A mão de Babi que massageia a face avermelhada. Entende logo.

— Façam de conta que eu não disse nada. — Enquanto esperam por Giovanna, atrasada como de costume, Raffaella grita como uma alucinada. Babi tenta explicar toda a história. Daniela testemunha a favor da irmã. Raffaella fica ainda mais irritada. Pallina torna-se a principal indiciada. Mas não é possível abrir um processo, está fora da jurisdição.

Finalmente Giovanna chega e, com o "Desculpem" de praxe, senta no banco detrás. O carro sai. Fazem toda a viagem em silêncio. Giovanna acha aquilo pesado demais. Elas não podem estar sempre tão intratáveis.

— Pois é, desculpem, mas hoje não cheguei tão tarde assim, afinal. .

Daniela dá uma sonora risada. Babi consegue se segurar por mais alguns segundos, mas também acaba rindo. Até Raffaella cai na gargalhada.

Obviamente Giovanna não entende nada. Na verdade, fica até ofendida.

Acha que não apenas exageram, como também são cafonas brincando com ela

daquele jeito. Vai falar com os pais. A partir do dia seguinte, Giovanna decide, ou

vai para casa com a mãe, ou volta de ônibus.

Até que essa história toda serviu para alguma coisa: não terão mais de

esperar por Giovanna.

A velha bolsa preta de camurça bem apertada embaixo do braço. O casaco

de flanela cor de mostarda. Os cabelos cansados, assim como as suas passadas, são

curtos e repuxados, com resquícios de rae-chas. As meias opacas brindam-na com

alguns anos a mais, como se ela precisasse! E os velhos mocassins de salto médio e

ponta arranhada estão machucando. Mas isto não é nada comparado com o que

sente por dentro.

Seu coração deve estar usando sapatos de pelo menos dois números

menores. Giacci abre o portão envidraçado do velho prédio. As dobradiças rangem,

mas isso não é uma surpresa. Pára diante do elevador. Pressiona o botão. Giacci dá

uma olhada nas caixas do correio. Algumas estão sem nome. Uma que nem tem o

vidro está pendurada toda torta, exatamente como a casa de Nicolodi, seu dono.

São as coisas que acabam se parecendo com os homens, ou será que eles se tornam

pouco a pouco parecidos com elas? A Giacci não sabe. Entra no elevador.

Algumas inscrições estão entalhadas de qualquer jeito na madeira. O nome

de um amor passado. Mais acima, o símbolo de um partido político perfeitamente

gravado por um pretenso escultor. Embaixo, à direita, um órgão masculino mostra-

se um tanto imperfeito, pelo menos diante das suas lembranças esmaecidas.

Segundo andar. Tira da bolsa um molho de chaves. Enfia a mais comprida na

fechadura do meio. Ouve um ruído atrás da porta. É ele, o seu único amor. A razão

da vida dela.

— Pepito! — Um cachorrinho corre ao seu encontro latindo. Giacci se

curva. — Como vai, amorzinho? — O animal pula no seu colo abanando o rabo.

Ela começa a acariciar o animal. — E então, Pepito, nem pode imaginar o que

fizeram hoje com a sua mãezinha. — Giacci fecha a porta, deixa a bolsa de camurça

em cima de uma fria prateleira de mármore branco e tira o casaco.

— Uma garota toda metida ousou me corrigir, diante da turma inteira, onde

já se viu? E devia ouvir o tom dela! — Giacci vai para a cozinha. O bichinho a

acompanha aos pulos. Parece realmente interessado.

— Por causa de um erro bobo ela conseguiu me arruinar, está entendendo?

Fui humilhada diante de todas as alunas. — Ela abre uma velha torneira com o bico

de borracha amarelado pelo tempo. A água respinga irregular sobre um escorredor

de plástico branco de forma indefinida. Foi cortado à mão para caber dentro da pia.

— Ela tem tudo. Uma bonita casa, alguém que está preparando a sua

comida. Não precisa se preocupar com coisa alguma. Nem deve estar pensando

mais no que fez. Pois é, ela não se importa! -De uma prateleira cheia de copos

diferentes a Giacci tira um ao acaso e o enche de água. Até o vidro parece

testemunhar a passagem do tempo. Bebe e volta para a pequena sala. O

cachorrinho acompanha-a obediente.

— E nem lhe conto sobre as outras meninas. Todas na maior felicidade.

Riam satisfeitas pelas minhas costas, contentes com o meu engano.. — Giacci tira

de uma gaveta algumas provas e senta à mesa. Começa a corrigir.

— Não podia fazer uma coisa dessas. — E frisa várias vezes com o lápis

vermelho o erro de uma pobre inocente. — Não podia me ridicularizar diante de

todas. — O cãozinho pula numa velha poltrona de veludo bordô e enrosca-se na

macia almofada já acostumada com seu pequeno corpo.

— Já pensou? Com que cara vou enfrentar aquela turma agora? Cada vez

que der uma nota alguém poderá dizer: "A senhora tem certeza de ter anotado o

nome certo, professora?" E vão rir, sem dúvida nenhuma vão rir.. — O cachorrinho fecha os olhos. A pobre inocente talvez merecesse uma nota melhor.

A Giacci continua falando sozinha. Pepito adormece. Mais uma prova enfrenta o sacrifício.

Em dias mais serenos, poderia ter conseguido tranqüilamente pelo menos um seis.

Amanhã vai ser um dia duro na escola. Enquanto isso, naquela saleta, uma mulher sentada diante de uma velha toalha de plástico deu praticamente sozinha uma resposta a si mesma. São as pessoas que tornam os objetos que lhes pertencem parecidos com elas. E, por um momento, naquela casa tudo parece mais cinzento e velho. Até mesmo uma bonita Virgem pendurada na parede parece ficar maldosa.

Parnaso. Garotas lindas com os olhos perfeitamente maquiados, de longas pestanas e batons delicados, conversam sentadas às mesas aproveitando o sol daquela morna tarde de primavera.

— Droga, manchei a blusa! — Alguma moça ri. Outra, mais pessimista, verifica se sua camiseta também não sofreu o mesmo destino. A menina com a blusa manchada molha a ponta de um lenço de papel num copo de água. Esfrega com força a mancha de chocolate, espalhando-a. Naquele lugar, a camiseta cor de creme fica bege. A garota quase tem um ataque.

— E agora! Esses copos de água só pioram as coisas. Até parece que os garçons trazem de propósito, já esperando que você se emporcalhe. Faz favor! —

Ela pára o primeiro garçom de passagem. — Será que você tem um tira-manchas?

— A menina segura a blusa molhada com ambas as mãos mostrando a sujeira. O garçom não se contenta com uma olhada. Analisa a situação em detalhes. A camiseta, transparente onde ficou molhada, adere ao sutiã deixando entrever a

renda. O rapaz sorri.

— É para já, senhorita. — Profissional e mentiroso, bem que gostaria de lhe dar uma outra coisa, embora saiba, frustrado, que aquele botão solto aumentando o decote não foi certamente dedicado a ele. Nenhuma garota do Parnaso jamais sairia com um garçom.

Pallina, Sílvia Festa e mais algumas outras moças da Falconieri apóiam-se numa corrente entre duas pequenas colunas de mármore. Os elos rangem, sofridos, sob o peso delas.

— Lá vem ela. — Babi tem o rosto acalorado. Cumprimenta-as com um sorriso alegre, levemente cansado devido à caminhada. Pallina corre ao seu encontro.

— Oi. — As duas se beijam afetuosamente, com sinceridade. De forma bem diferente da maioria dos beijos trocados nas mesas do Parnaso.

— Estou cansada! Não pensei que ficasse tão longe!

— Veio a pé? — Sílvia Festa demonstra surpresa.

— Claro, estou sem Vespa. — Babi olha para Pallina. — E também estava com vontade de dar um passeio. Mas acho que exagerei, estou me sentindo um trapo. Só espero não precisar voltar do mesmo jeito, certo?

— Muito certo! Pega. — Pallina joga o chaveiro para a amiga. — A minha Vespa está ao seu dispor.

Babi observa o grande P de borracha azul.

— Alguma notícia sobre a minha?

— Pol o disse que ninguém sabe de nada. Deve ter sido recolhida pela polícia. Depois de algum tempo eles avisam.

— Já pensou se entrarem em contato com os meus pais? — Babi olha para o grupo de rapazes. Reconhece Pollo e alguns amigos de Step. Um sujeito com um tapa-olho na cara sorri para ela. Babi desvia o olhar.

Algumas motos param ali perto. Babi se vira esperançosa para os recém-chegados. O seu coração está a mil. Inutilmente. Alguns jovens anônimos, pelo menos para ela, espalham-se entre as mesas sorrindo.

— Estava esperando alguém? — O tom e a expressão de Pallina não

deixam
dúvidas. Pallina sabe.
— Não, ninguém. — Babi bota as chaves no bolso sem olhar para a amiga.
Seus olhos sinceros a entregariam.
— Pois é, parecia que você estava procurando alguém — insiste Pallina.
— Que nada. . Então tchau, meninas. — Uma despedida apressada. As faces
de Babi ficam coradas. E já não se trata apenas de cansaço. Pallina leva-a até a
Vespa. — Sabe como funciona? Babi sorri, destrava o guidom e liga o motor.
— O que vão fazer hoje à noite?
— O que é isso? Não me diga que está a fim de sair com a gente. .
— Não dê uma de engraçadinha. Só queria saber dos seus programas.
— Sei lá, ainda não decidimos nada. Se quiser, ligo mais tarde, ou peço que
te telefonem. — Pallina sorri maliciosa e, atrás daquele sorriso, de repente aparece
ele, Step. O olhar seguro, a pele bronzeada, o cabelo curto e as mãos marcadas por
sorrisos esfacelados, por narizes que um dia já foram perfeitos, mas que, agora,
estão quebrados. "Você parece o meu peixinho." A boca entreaberta. . Os olhos
fechados.. "Ora, mas então você é incoerente. . incoerente." Como um eco. Babi
tem um rompante de orgulho.
— Não precisa, era só curiosidade. A gente se vê amanhã na escola. Mesmo
assim, obrigada.
— Como quiser.. — A Vespa leva Babi embora veloz, antes de aquele
pequeno dique de orgulho seja destroçado pela violência de um mar ainda não
tempestuoso. Pallina tira o celular do bolso e sorri.
Babi guarda a Vespa de Pallina na garagem. Perfeito. O pai nunca vai
descobrir a diferença. Encosta-a ainda mais na parede, para ele não ter motivos de
queixa. Olha o relógio. Quinze para as sete. Droga! Sobe as escadas correndo. Abre
apressadamente a porta.
— Dani, mamãe já voltou?

— Ainda não.

— Que alívio! — Raffaella a botou de castigo, Babi tem de ficar em casa durante uma semana e sair da linha logo no primeiro dia seria realmente abusar demais. Daniela olha impaciente.

— Então, alguma novidade sobre a nossa Vespa?

— Nada. Deve estar com a polícia.

— Pra quê? Vão usar nas perseguições?

— Disseram que mais cedo ou mais tarde eles vão chamar para devolver. Só precisamos interceptar o telefonema antes do papai ou da mamãe. .

— Depende do horário.. E se ligarem amanhã de manhã?

— Estamos fritas. Por enquanto Pallina emprestou a Vespa dela. Guardei na garagem, assim quando papai voltar não vai perceber nada.

— Por falar em Pallina, ela ligou.

— Quando?

— Agora há pouco, logo antes de você chegar. Pediu para avisar que essa noite vão todos para o Le Vitrine. Disse que está esperando por você porque já descobriu tudo. Ela falou alguma coisa como o nome de um animal. Cachorrinho, bichinho... Peixinho! Isso mesmo, mandou lembranças para o peixinho. Sabe do que ela estava falando?

Babi se vira para Daniela. Sente-se perdida, descoberta, traída. Pallina sabe.

— Bobagem, só uma brincadeira.

Levaria tempo demais para explicar. E a humilhação seria difícil de suportar.

Por um momento, fica tomada de raiva e procura abrigo no quarto. Pode ver no pôr-do-sol pintado no vidro da janela a reprise da história. A boca de Step, seu sorriso arrogante, o relato para Pollo, a inevitável gargalhada, e aí tudo de novo para Pallina e sabe lá mais quem. Foi boba, deveria ter contado à sua melhor amiga.

Ela iria entender, iria consolá-la. Iria ficar do lado dela, como sempre. Babi olha para o pôster em cima do armário. E, de repente, fica tomada de ódio. Mas

é só por
um momento. Lentamente baixa as armas. "Casal lendário!" Orgulho, dignidade,
raiva e indignação escorregam como uma camisola de seda sem alças sobre o seu
corpo macio e dourado. E ela, finalmente livre, solta-se dando apenas um passo.
Nua de amor aproxima-se dele, daquela imagem.
Por um momento, parecem sorrir um para o outro. Abraçados na luz do
entardecer, próximos, ainda que diferentes. Ele de papel plastificado, ela cheia de
emoções reluzentes, finalmente claras e sinceras. Baixa timidamente os olhos e
descobre-se, sem querer, diante do espelho. Não se reconhece. De olhos tão
sorridentes, de pele tão luminosa. . Até o rosto parece diferente. Puxa os cabelos
para trás. É outra pessoa. Sorri feliz para quem ela nunca foi. Uma garota
apaixonada. E mais. Uma menina indecisa e preocupada por não saber o que vestir
aquela noite.
Mais tarde, depois que os pais renovaram a bronca antes de sair para mais
um jantar, Babi entra no quarto de Daniela.
— Dani, vou sair.
— Aonde vai? — Dani vai até a porta.
— Ao Le Vitrine. — Babi tira alguns suéteres da gaveta e abre o armário da
irmã. — Onde guardou a saia preta. . A nova?
— Essa eu não empresto, pode esquecer! Só falta você jogar a minha saia
nova fora também..
— Pára com isso! Aquilo foi um caso especial...
— E quem me garante que hoje à noite não vai acontecer a mesma coisa? Só
que no lugar do estrume pode ser lama! Não, não empresto. É a única que fica bem
em mim. Não posso, estou falando sério.
— Tudo bem, mas quando eu dou uma de cinturada e saio no jornal, aí bem
que você gosta de tirar onda com as suas amigas contando para todas que é minha
irmã. Mas não diz para elas que não empresta a saia, não é?
— Não tem nada a ver..

— Claro que tem! Afinal de contas, está me devendo.

— Está bem, então pegue.

— Agora não quero mais. .

— Vai ficar com ela de qualquer maneira.

— Não vou não!

— Não vai? E então eu ligo para mamãe avisando que você vai sair.

Babi se vira para a irmã, furiosa.

— O que é que você vai fazer?

— Isso mesmo que você ouviu.

— E vai ficar com as bochechas vermelhas como um pimentão..

Daniela faz uma careta engraçada e no fim as duas caem na gargalhada.

— Pega aí. — Daniela coloca a saia preta em cima da cama. — É toda sua.

Pode mergulhar no estrume com ela, se quiser.

Babi segura a saia com ambas as mãos e apóia-a na barriga. Começa a pensar

no que combinaria com ela. O telefone toca. Daniela vai atender.

No seu quarto, Babi aumenta o volume do rádio. A música invade a casa.

Daniela solta o fone.

— Só um momentinho, André. — E fecha a porta do corredor para

recomeçar a conversar tranqüilamente. Babi espalha de tudo pelo quarto, com o

armário aberto e as gavetas no chão. Roupas jogadas na cama. Indecisão. Vai para o

quarto da mãe. Abre o grande armário. Começa a procurar. Vez por outra se

lembra de alguma coisa. Será que vai combinar com a saia preta? Abre as gavetas.

Presta a maior atenção em onde põe as mãos. Tudo deve voltar ao devido lugar. As

mães sempre descobrem tudo, ou quase. Afinal Raffaella nem reparou na Vespa de

Pallina. As mães sempre sabem de tudo, mas se existe algo sobre o qual elas nada

entendem são aparelhos eletrônicos e scooters.

Nunca peça à sua mãe para comprar aquele jeans que você viu a sua amiga

usando. Ela sempre irá voltar com aqueles iguais ao da garota mais idiota da turma.

Sorri. O casaquinho azul de angorá? Quente demais. A blusa de seda? Muito

elegante. O casaco preto com o body por baixo? Lúgubre em excesso. O

body, no
entanto, não é nada mal. Um body por baixo da camiseta? Vale a pena tentar. Volta
a fechar as gavetas. Já vai voltar para o seu quarto. Mas esqueceu o suéter vermelho
na cama. Iriam descobrir. Guarda a roupa no devido lugar. Será que a mãe vai
reparar em alguma coisa? O entusiasmo leva a melhor sobre o medo.
— Não estou nem aí! — O castigo desaparece, desintegrando-se no espelho.
Babi olha para si mesma perplexa. Body por baixo da camiseta? Não, não combina
mesmo. A saia da Dani não tem nada a ver. Melhor assim. Coitada, afinal de contas
é realmente a única coisa que lhe cai bem. Decide que irão correr juntas, para Dani
emagrecer. Amanhã. Mas, e agora? O que vestir? Volta para o quarto. Pois é, o que
pode ser? Espera aí. Babi abre apressada a última gaveta. O macaquinho de jeans!
Essa é a roupa. Desbotado e amassado, justamente como a mãe detesta. Justamente
como ele vai adorar. Troca de roupa depressa. Veste a camisa de brim claro em-
purrando-a para dentro do short curto, depois levanta as alças. Joga-se na cama,
veste as meias curtas e grossas de lã e o tênis All Star que chegam ao tornozelo,
azuis como o elástico que encontra no banheiro. Penteia o cabelo prendendo-o
atrás. Dois brincos coloridos com forma de peixes dos Mares do Sul. A música está
a todo volume. Um traço preto alonga os seus olhos. O lápis cinzento dá um toque
de mistério para torná-los ainda mais bonitos. Os dentes brancos cheiram a menta.
Um brilho delicado encobre os lábios macios tornando-os ainda mais desejáveis. As
faces, naturalmente coradas, assumem sozinhas o matiz da perfeição.

Daniela continua no telefone. De repente, a música pára. A porta do corredor abre-se lentamente. Daniela adia a conversa.

— Puxa vida, você está linda!

Babi veste o casaquinho escuro de brim Levis.

— Acha mesmo?

— Demais! !

— Obrigada, Dani. . olha. . acontece que a sua saia preta me pareceu um pouco séria... — Dá um beijo na irmã e sai correndo.

Tira da garagem a Vespa de Pallina. Liga o motor, engata a primeira e desliza ladeira abaixo, escorregando no frescor da noite. O cheiro do Caronne francês mistura-se com os jasmins italianos numa delicada confraternização. Cumprimenta Fiore, o porteiro. Depois, segue em frente no trânsito. Sorri. O que Step vai achar?

Será que vai gostar? O que vai achar do macaquinho? E da maquiagem? E a camiseta? Será que vai reparar na cor dela, igual à dos seus olhos? O pequeno coração de Babi começa a bater depressa. Inutilmente preocupado. Mal sabe ela que muito em breve terá todas as respostas.

O Le Vitrine. Diante da porta, um sujeito grandalhão com um brinco na orelha esquerda e nariz achatado manda um grupo de pessoas esperar. Babi entra na fila. Ao lado dela, duas jovens com maquiagem pesada demais e leves capas de cetim estão acompanhadas por dois sujeitos com casacos de lã de camelo sintética.

Um dos dois tem na lapela um broche dourado em forma de saxofone, tão improvável quanto o fato de ele saber tocá-lo. O outro é traído pelos mocassins sem forro e com uma pequena franja de napa. O Marlboro na boca não vai salvá-lo.

Serão barrados na certa.

O leão-de-chácara olha para Babi.

— Você. — Ela passa na frente de moças de cabelo armado, de um casal certinho demais e de uns caipiras vindos de longe. Alguém se queixa, mas bem

baixinho. Babi sorri para o segurança e entra. Ele volta logo a cuidar do seu pequeno rebanho de ovelhas, de cara amarrada, carrancudo, franzindo a testa, pronto para acabar prontamente com qualquer rebeldia. Mas não é necessário.

Todos continuam esperando em silêncio, olhando uns para os outros com aquele meio sorriso que vale uma frase inteira: "A gente não vale porra nenhuma."

Duas enormes caixas de som trovejam do teto lançando urros cavernosos.

Rapazes e moças berram rindo no balcão tentando falar uns com os outros. Babi apóia-se no vidro. Olha para a grande pista abaixo dela. Todos dançam como alucinados. Nos cantos, até mesmo as pessoas mais calmas acabam sendo arrastadas pelo redemoinho. Ela adora o Le Vitrine. Você entra e fica vendo através da vidraça as pessoas que dançam lá embaixo e, se quiser, também pode descer e se jogar naquele empurra-empurra, sendo observada pelos outros, um pequeno show colorido. Algumas garotas agitam os braços, outra saltita alegremente brincando com uma amiga. Em seus pequenos tops colantes pretos e brancos, em seus shorts justos e curtinhos. E umbigos à mostra nos jeans desbotados, presos por lenços na cintura e levemente mais largos no calcanhar. A solitária no cubo, uma fera enjaulada e totalmente entregue, de olhos fechados, o rapaz todo arrumado em busca de uma companheira. Um pobre idiota com saudade do John Travolta, de faixa na cabeça e camisa larga aberta no peito. Um casal tenta dizer-se alguma coisa.

Talvez ele esteja propondo uma dança mais sensual a ser feita em casa, sozinhos, com música mais lenta. Ela ri. Talvez aceite. Nada, nem sombra de Pallina, de Pollo, dos outros amigos e principalmente dele, Step. Será que não vieram?

Impossível. Pallina avisaria. Babi tem uma estranha sensação. Algo que não

sabe definir. Está olhando para o lado errado. E como que guiada por uma mão divina, por um suave empurrão do destino, vira-se. Lá estão eles. Sentados no mesmo canto, juntos em volta de uma mesa afastada, perto da última vidraça bem no fundo do Le Vitrine. Estão todos lá: Pollo, Pallina, aquele cara do tapa-olho, mais alguns garotos de cabelos curtos e bíceps avantajados, acompanhados por garotas mais baixas e graciosas. Lá está Madalena com a amiga de rosto redondo. E, finalmente, está ele. Step está tomando uma cerveja e vez por outra olha para baixo.

Parece estar procurando alguém ou alguma coisa. O coração de Babi bate mais acelerado. Será que está procurando por ela? Pallina talvez tenha contado que ela viria. Volta a olhar para baixo. A pista já não parece tão nítida sob o vidro. Não, Pallina não pode ter contado. Lentamente, vira-se mais uma vez para observá-lo.

Sorri. Que coisa mais estranha. Ele é tão forte, com aquele ar de durão, com os cabelos quase raspados na nuca, o casaco fechado e aquela maneira dele de ficar sentado, tranqüilo, como se fosse o dono do mundo. E, mesmo assim, há nele alguma coisa doce e boa. Talvez o olhar. Step vira-se na direção dela. Babi recua espantada. Não quer ser vista, afasta-se da vidraça e mistura-se com a multidão. Vai até o fundo do local e dá algum dinheiro a um sujeito que devolve uma ficha amarela e a deixa passar. Desce rápida as escadas. Lá embaixo, a música é muito mais barulhenta. Pede um Bellini no balcão. Gosta do cocktail de pêssego. Step se

levantou. Está apoiado no vidro com ambas as mãos. Mexe a cabeça acompanhando o ritmo da música. Babi sorri. Dali ele não pode vê-la. Chega o Bellini e logo desaparece.

Sem ser percebida, Babi dá uma ampla volta por trás da pista até chegar bem embaixo da turma. Sente-se estranhamente eufórica. O Bellini está surtindo efeito.

A música toma conta dela. Fecha os olhos. Deixa-se levar. Sempre de olhos fechados atravessa a pista devagar, balançando a cabeça na cadência da música.

Feliz e um tanto bêbada no meio de pessoas desconhecidas. Seus cabelos esvoaçam. Sobe numa borda mais alta da pista. Começa a dançar de punhos fechados, ondeando os ombros. De boca fechada e com uma expressão sonhadora abre os olhos olhando para cima. Os olhares dos dois se cruzam através do vidro.

Step está lá, encarando-a. Por um instante, não a reconhece. Pallina também a vê.

Step vira-se para Pallina e pergunta alguma coisa. Debaixo do vidro, Babi não pode ouvir a pergunta mas imagina do que se trata. Pallina acena que sim. Step volta a olhar para baixo. Babi sorri para ele antes de baixar de novo os olhos e voltar à dançar, entregue à música.

Step se afasta rápido, sem importar-se com nada nem com ninguém. Pollo sacode a cabeça. Pallina pula em cima do seu homem e lhe dá um abraço apertado e um beijo na boca. O nanico na escada deixa Step passar sem cobrar nada. Em vez disso, o cumprimenta com todo o respeito. Step pára. Babi está bem diante dele.

Um idiota loiro com um corte de cabelo mais imbecil ainda zanza em volta dela demonstrando interesse pela mercadoria. Ao ver Step, se afasta do mesmo jeito com que apareceu, sumindo no vazio. Babi continua a dançar encarando Step nos

olhos e, no mesmo instante, ele se perde naquele azul. Dançam juntos, mudos e sorridentes. Respirando os olhares um do outro, os suspiros, os corações. Babi mexe-se em ondas. Step chega mais perto. Pode sentir o perfume dela. Ela levanta as mãos, leva-as ao rosto e dança atrás delas sorrindo. Rendição. Ele observa, encantado. É linda. Nunca viu olhos tão ingênuos. Aquela boca macia, de lábios delicados, aquela pele aveludada. Tudo parece frágil nela, embora perfeito. Os cabelos descem soltos sob a faixa, dançam alegres saltitando de um lado para o outro, emoldurando seu sorriso. Step segura a mão dela e a puxa para si. Acaricia seu rosto. Estão muito próximos. Step pára. Sente um estremecimento. Medo. Um pequeno movimento e, quem sabe, ela poderia fragmentar-se em mil pedaços como um frágil sonho de cristal. Finalmente, sorri e a leva embora, tirando-a daquela confusão, daquele mundo de pessoas desenfreadas, daqueles corpos que se agitam frenéticos e que parecem enlouquecer ao deixá-los passar. Step abre caminho entre aquele emaranhado de braços, protege-a contra arestas humanas, contra cotovelos que o ritmo torna perigosos, de pernas agitadas por uma alegria inocente. Lá em cima, atrás do vidro, felicidade e dor. Pallina vê Babi desaparecer com Step, finalmente perdendo as amarras, sendo sincera. Madalena vê Step desaparecer com a outra. Seu único crime: não amá-la, nunca a ter deixado acreditar nisso. E, enquanto os dois saem para a rua renovados de amor, Madá deixa-se cair num sofá ali por perto. Desiludida, sozinha, da mesma forma como sozinha se iludiu. Fica com um copo vazio entre as mãos e com algo mais difícil de preencher por

dentro.

Ela, um mero adubo daquela planta que, aos poucos, floresce sobre o túmulo de

um amor que murchou. Aquela planta rara à qual damos o nome de felicidade.

Lindos e feitos de brim, melhor do que qualquer anúncio de jeans. Na moto

azul escura como a noite confundem-se com a cidade, rindo. Falam de tudo e de

nada, sorrindo um para o outro nos retrovisores propositalmente virados para

dentro. Apoiada no ombro dele, ela se deixa levar, acariciada pelo vento e por

aquela nova força, a rendição. Rua Quattro Fontane, praça Santa Maria Maggiore.

Esquina à direita. Um pequeno pub. Um sujeito com cara de inglês na porta

reconhece Step. Deixa-os passar. Babi sorri. Com ele, consegue entrar em qualquer

lugar. É o seu salvo-conduto. O salvo-conduto para a felicidade. Está tão feliz que

nem repara quando pede uma cerveja vermelha, logo ela que detesta até as loiras,

tão sonhadora que partilha com ele um prato de massa, esquecida do pesadelo da

dieta. Como um rio que rompeu os diques, percebe estar falando de tudo, sem mais

segredos. Ele parece inteligente e forte, bonito e suave.

E ela, que só agora se deu conta disso, acha-se estúpida e cega. Ela que o

ofendeu, azeda e maldosa. Mas acaba se perdoando. Só estava com medo. Brincam

com os dardos. Ela acerta na borda do alvo. Vira-se feliz para ele.

— Já é alguma coisa, não acha?

Ele sorri. Acena que sim com a cabeça. Babi lança alegre outro dardo, e os

seus olhos não percebem que já acertou em cheio.

Mais uma vez raptada. Rua Cavour, La Pirâmide. Testaccio. A toda

velocidade, saboreando o vento fresco daquela noite do começo da primavera. Step

engata a terceira, depois a quarta. O sinal na esquina lampeja amarelo. Step segue

em frente. Ouve um repentino chiar de freios. Borracha queimada no

asfalto. Um

Jaguar Sovereign está chegando a toda da esquerda, tenta brecar. Tomado de

surpresa, Step também freia ficando parado bem no meio do cruzamento. O motor

apaga. Babi o abraça com força. Em seus olhos apavorados, os poderosos faróis do

carro que se aproxima.

O focinho da pantera selvagem rebela-se contra a violenta freada. O carro

derrapa. Babi fecha os olhos. Ouve o rugido do motor na reduzida, o perfeito ABS

que controla as rodas, o penoso ranger dos pneus. Então, não há mais nada. Abre

os olhos. O Jaguar está ali, a poucos centímetros de distância, imóvel. Babi respira

aliviada e solta o casaco de Step, apavorada.

Impassível, Step encara o motorista do carro.

— Aonde acha que vai chegar, correndo desse jeito, seu babaca? O homem,

um sujeito de uns trinta e cinco anos de cabelo encaracolado e perfeitamente

aparado, baixa o vidro elétrico.

— O que foi que você disse, garoto?

Step sorri descendo da moto. Conhece o tipo. Deve estar com uma mulher

no carro e não quer de jeito nenhum bancar o trouxa. Aproxima-se do Jaguar. Dito

e feito. Consegue ver através do vidro um par de pernas femininas ao lado do

babaca. Lindas mãos cruzadas sobre uma pequena bolsa preta apoiada num vestido

elegante. Tenta ver o rosto da mulher mas a luz de um poste reflete no vidro e

ofusca a visão. Garoto, não é? Agora você vai ver o que o garoto pode fazer. Step

abre a porta para o sujeito com a maior educação.

— Pode sair, babaca, assim vai ouvir melhor

O homem mal se mexe para descer. Step é obrigado a segurá-lo pela lapela

jogando-o diretamente contra a lateral do carro. O braço já se levanta para aplicar o

golpe.

— Não, Step! — Babi está de pé ao lado da moto. O olhar sentido e preocupado. Os braços caídos ao longo dos quadris. — Não faça isso!

Step afrouxa a presa. O sujeito logo se aproveita. Solto e covarde acerta-o com um soco na cara. A cabeça de Step é jogada para trás. Mas é só questão de um momento. Surpreso, leva a mão à boca. O lábio está sangrando.

— Seu filho da. . — Step cai em cima dele. O sujeito levanta os braços e encolhe a cabeça tentando se proteger, apavorado. Step segura-o pelos cabelos encaracolados, baixa-lhe a cabeça preparando-se para desferir uma joelhada quando de repente recebe outro golpe. Dessa vez, é diferente, muito pior, direto no coração. Um golpe duro, uma simples palavra. O seu nome.

— Stefano..

A mulher desceu do carro. Apoiou a bolsa no capô e ali está, de pé. Step olha para ela. Olha para a bolsa. Não reconhece o objeto. Sabe lá quem lhe deu de presente. Que pensamento mais estranho. Abre lentamente a mão. O sortudo de cabelos cacheados está solto. Step continua a encará-la em silêncio. Linda, como sempre. Um quase inaudível "Como vai?" sai dos lábios dela. O sujeito o empurra.

Step recua sem reagir. O cara entra no Jaguar e liga o motor.

— Vamos embora.

Step e a mulher trocam mais um último olhar. Entre aqueles olhos tão parecidos, uma estranha magia, uma longa história de amor e tristeza, sofrimento e passado. Finalmente ela entra no carro, bonita e elegante como quando apareceu.

Deixa-o ali, na rua, com os lábios sangrando e o coração em pedaços. Babi se aproxima.

Preocupada com aquela única ferida que pode ver, acaricia-lhe delicadamente o lábio com a mão. Step afasta-se em silêncio e sobe na moto. Espera ela sentar na garupa para arrancar com raiva. Dá um pulo para a frente, engata as marchas,

acelera. A moto avança veloz margeando o Tibre.

Sem pensar em nada Step começa a correr. Deixa para trás lembranças longínquas. Cento e trinta, cento e quarenta. Cada vez mais rápido. O ar frio parece rasgar o seu rosto e aquele pungente sofrimento parece dar-lhe algum alívio. Cento e cinqüenta, cento e sessenta. Cada vez mais rápido. Passa chispando entre dois carros próximos. Quase roça neles enquanto seus olhos en-treabertos olham para longe. Imagens felizes daquela mulher enchem sua mente confusa. Cento e setenta, cento e oitenta, uma pequena valeta e a moto quase voa através de um cruzamento.

O sinal acabou de ficar vermelho. Os carros à esquerda buzinam, freando quando mal começavam a se mexer. Vencidos por aquela moto prepotente, aquele foguete noturno fracamente iluminado, perigoso e veloz como uma bala pintada de azul.

Cento e noventa, duzentos. O vento assobia. A rua, com suas bordas indistintas, junta-se no meio. Mais um cruzamento. Uma luz distante. O verde desaparece.

Chega o amarelo. Step dobra-se em cima do pequeno botão à esquerda. A buzina grita na noite. Como o urro de um animal ferido que corre ao encontro da morte, como a sirene de uma ambulância, lancinante como o grito do ferido que carrega.

O sinal muda de novo. Vermelho.

Babi começa a bater frenética nas costas dele.

— Pare, pare.

No cruzamento, os carros já se mexem. De repente, Step parece acordar. A manivela do acelerador, na potência máxima, volta subitamente a zero. O motor ruge, violento, nas reduzidas. Quarta, terceira, segunda. Step aperta com força os freios de aço quase entortando-os. A moto treme na freada enquanto a

rotação
baixa com rapidez. As rodas deixam duas marcas retas e profundas no asfalto. Um
acre cheiro de queimado envolve os pistons fumegantes. Os carros passam
tranqüilos a alguns centímetros da roda dianteira da moto. Nada perceberam. Só
então Step lembra-se dela. Desmontou. Está ali, apoiada num muro à beira do
asfalto. Soluços abafados saem do peito de Babi, incontidos como as pequenas
lágrimas que riscam seu rosto pálido. Step não sabe o que fazer. Parado, em pé,
diante de Babi, de braços abertos, com receio até de tocar nela, temendo que
aqueles pequenos soluços se transformem de uma hora para outra num pranto
descontrolado. Tenta assim mesmo, mas a reação dela é inesperada. Babi afasta
com força a mão dele, as suas palavras saem quase aos berros, al-quebradas de
pranto. — Por quê? Por que você é assim? É louco? Acha certo sair correndo
daquele jeito?
Step não sabe o que responder. Fita aqueles grandes olhos úmidos, cheios de
lágrimas.
Como explicar? Como contar tudo aquilo que existe por trás daquela
fachada? Seu coração se aperta numa angústia silenciosa. Babi fica esperando. Seus
olhos azuis, sofridos e interrogativos, buscam nele uma resposta. Step sacode a
cabeça. Não posso, parece repetir a si mesmo. Não posso. Babi funga e, quase
recobrando as forças, volta ao ataque.
— Quem era aquela mulher? Por que você mudou tão de repente? Precisa
contar para mim, Step. O que houve entre vocês dois?
Essa última frase, esse grande engano, esse impossível mal-entendido parece
acertá-lo em cheio. O seu vigilante estado de alerta desaparece na mesma

hora. Suas

silenciosas defesas, constantes e sólidas, diariamente treinadas e postas à prova,

desmoronam de repente. O coração entrega-se, pela primeira vez tranqüilo. Sorri

para aquela menina ingênua.

— Quer saber quem é aquela mulher? — Babi faz que sim com a cabeça, fungando.

— É a minha mãe.

Dois anos antes.

Fechado no quarto, andando de um lado para o outro, Step tenta repassar a matéria de química. Apóia-se com as mãos na mesa. Dá uma lida nas anotações do caderno. Nada feito. Aquelas fórmulas não querem de jeito nenhum entrar na sua cabeça.

De repente, do último andar do prédio em frente, ouve-se Battisti cantar em alto e bom som: "Volto a ver a sua imagem, linda como sempre.. " Sorte dele. Ele não volta a ver coisa alguma e a química lhe dá arrepios. Então, percebendo que estão a fim de fazer com que engula o disco inteiro, levanta-se e abre a janela.

— Pô, cara, quer parar com esse barulho? O volume da música diminui devagar.

— Esses idiotas! — Step volta à mesa e tenta novamente concentrar-se na química.

— Stefano. . — Step se vira. A mãe está ali, diante dele. Veste uma pele marrom com nuances selvagens, claras e douradas. Embaixo, a saia bordô deixa ver as esplêndidas pernas envolvidas por leves meias que, esticadas e perfeitas, desaparecem num par de elegantes sapatos marrom escuro. — Vou sair, precisa de alguma coisa?

— Não, mamãe, obrigado.

— Muito bem, então nos vemos à noite. Se o papai telefonar, diga que fui entregar ao administrador os papéis. Ele já sabe do que se trata.

— Tudo bem.

A mãe se aproxima e lhe dá um suave beijo no rosto. Os caracóis formados por seus longos cabelos negros exalam uma carícia de perfume. Step acha que ela exagerou, mas decide não falar nada. E, ao vê-la sair, chega à conclusão de que foi melhor assim. Ela é perfeita. A mãe não pode errar. Nem mesmo na dose do perfume. Carrega embaixo do braço a bolsa que recebeu de presente dele e

do
irmão. Paolo entrou com quase todo o dinheiro, mas quem escolheu foi ele,
naquela loja na rua Cola di Rienzo onde já viu a mãe parar indecisa dúzias de vezes.
— Você é um verdadeiro especialista. — A mãe murmurou no ouvido de
Step quando pôs o presente debaixo do braço para ensaiar um engraçado desfile,
com direito a rebolado e tudo o mais. -O que acham?
Todos responderam rindo, mas, na verdade, ela só estava interessada na
opinião do "verdadeiro especialista".
— Você está linda, mamãe.
Step volta para o quarto. Ouve a porta da cozinha se fechar. Quando foi que
lhe deram aquela bolsa? Foi no Natal ou no aniversário? Acha que, nesse momento,
é melhor lembrar das fórmulas de química.
O tempo voa. Já são quase sete horas. Só faltam três páginas para terminar
de repassar a matéria. Acontece de novo. Battisti começa a cantar novamente na
janela do último andar do prédio em frente. Mais alto do que nunca. Insistente.
Gozador. Sem respeitar nada nem ninguém. Para ele que estuda, que não pode ir à
academia, isso é demais.
Step pega as chaves de casa e sai correndo, batendo a porta atrás de si.
Atravessa a rua e entra no portão do prédio em frente. O elevador está ocupado.
Sobe pelas escadas pulando os degraus de dois em dois. Já basta. Aquilo já é um
abuso. Nada tem contra Battisti, muito pelo contrário. Mas não precisa deixar o
som naquela altura! Chega ao último andar. A porta do elevador se abre justamente
naquela hora. Dela, sai um entregador com um embrulho nas mãos. O rapaz é mais
rápido do que Step. Verifica o nome na pequena placa de metal ao lado da porta e
toca a campainha. Step recupera o fôlego ao lado dele. O entregador olha para ele
curioso. Step devolve o olhar com um sorriso e só então repara no embrulho

que o
outro carrega. Há nele o nome Antonini. Devem ser os famosos canapés. Eles
também compram, todos os domingos. Há de todos os tipos. De salmão, de caviar,
de mariscos. A mãe adora.
-Quem é?
— Antonini. Os canapés que encomendou, senhor.
Step não pode deixar de sorrir. Vai ver que o cara, para se desculpar, vai até
oferecer um. A porta se abre. Aparece um rapaz de uns trinta anos. Está de short e
com uma camisa meio desabo-toada. O entregador está a ponto de concluir seu
trabalho quando o outro vê Step e se joga contra a porta na tentativa de fechá-la.
Step não vê razão na atitude do outro, mas reage instintivamente dando um passo
para a frente. Coloca um pé na abertura bloqueando a entrada. O entregador recua
para equilibrar a bandeja de papelão. Enquanto Step está ali, com o rosto encostado
na fria madeira escura, reconhece-a através da fresta da porta. A bolsa está
esquecida numa poltrona ao lado do casaco de pele. De repente, ele se lembra.
Aquele foi um presente de Natal dele e do irmão. E a raiva, o desespero, a vontade
de não estar ali, de não acreditar no que vê centuplicam suas forças. Escancara a
porta jogando o outro no chão. Entra na sala como uma fúria. E bem que gostaria
de ser cego para não ver a cena diante dele. A porta do quarto está aberta. Lá, entre
lençóis desarrumados, com uma expressão diferente, irreconhecível para ele que já
a viu mil vezes, está ela. Está acendendo um cigarro com ar inocente. Seus olhos se
encontram, e num só instante alguma coisa se quebra, apaga-se para sempre. Até
aquele último cordão umbilical é cortado e ambos, olhando-se, gritam em

silêncio,
chorando de desespero. Então ele se afasta e ela fica ali, na cama, consumindo-se
como aquele cigarro que acabou de acender. Queimando de amor por ele, de ódio
por si mesma, pelo outro, por toda aquela situação. Step volta lentamente para a
porta. Pára. Vê o entregador que o observa em silêncio, ainda parado no batente,
perto do elevador, segurando a bandeja com os canapés. Então, de repente, mãos
se pousam nos seus ombros.
— Ouça. . — É o outro cara. O que deveria ouvir? Não sente mais nada. Ri.
O jovem não entende. Fica olhando para ele, assustado. Step lhe acerta um soco
bem no meio da cara. E justamente naquela hora as palavras de Battisti, inocente
culpado daquela descoberta, ecoam pelo corredor, ou talvez ressoem somente na
cabeça de Step: "Desculpe se puder, senhor, e a ela também peço desculpas." Mas
desculpas por quê?
Giovanni Ambrosini leva as mãos ao rosto enchendo-as de sangue. Step
segura-o pela camisa e, rasgando-a, arranca o outro daquela casa suja de amor ilegal.
Golpeia-o várias vezes na cabeça. Giovanni tenta fugir, começa a descer as
escadas. Step vem logo atrás. Com um bem acertado pontapé empurra-o com
força, fazendo-o tropeçar. Giovanni Ambrosini rola pelas escadas. Mal chega a
parar e Step já está em cima dele. Enche-o de pontapés nas costas, nas pernas,
enquanto o outro tenta dolorosamente segurar o corrimão para se levantar, para
fugir. Está sendo massacrado. Step começa a puxar a cabeça do outro para que
largue o corrimão, mas enquanto suas mãos se enchem de cabelos, Giovanni
Ambrosini continua ali, segurando as barras de ferro, gritando apavorado.

As portas dos demais apartamentos se abrem. Step dá pontapés nas mãos do outro, que começam a sangrar. Mas, nada feito. Giovanni Ambrosini continua ali, agarrado ao corrimão, sabendo que essa é a sua única escapatória. E, então, Step faz aquilo. Puxa a perna e golpeia a cabeça do seu adversário por trás, com toda a força. Um pontapé violento e preciso. O rosto de Ambrosini estatela-se contra a barra de metal. Com um baque surdo. Ambos os ossos malares se quebram, dilacerando as maçãs do rosto. O sangue jorra. O maxilar se desloca. Um dente pula para longe, quicando no mármore. O corrimão começa a vibrar e o barulho metálico se afasta descendo pela escadaria junto com o último grito de Ambrosini que desmaia. Step foge correndo, passando rápido diante dos rostos terríveis dos moradores curiosos, batendo naqueles corpos moles que tentam inutilmente detê-lo. Vagueia pela cidade. Naquela noite, não volta para casa. Dorme na casa de Pollo. O amigo não faz perguntas. Ainda bem que o pai dele não está, de forma que podem partilhar a cama. Pollo sente que Step tem um sono agitado, percebe que sofre até sonhando. Mas, na manhã seguinte, faz de conta que nada aconteceu, embora um dos travesseiros esteja molhado de lágrimas. Tomam café sorrindo, falando de tudo e de nada, compartilham um cigarro. Mais tarde, Step vai ao colégio e consegue até arrancar um seis na prova de química. Mas, a partir daquele dia, sua vida muda. Ninguém jamais soube o motivo daquela transformação, mas nada foi como antes.

Alguma coisa má aninhou-se dentro dele. Uma fera, um animal terrível fez

o
seu covil dentro do coração de Stefano, pronto para sair a qualquer momento,
atacar com raiva e maldade, filho do sofrimento de um amor destruído. A partir daí
a vida em família torna-se impossível. Silêncios e olhares fugidios. Nunca mais um
sorriso, justamente com a pessoa que mais amara. Daí o processo. A condenação.
A mãe que não testemunha para defendê-lo. O pai que esbraveja. O irmão que não
entende. E ninguém que jamais desconfia de nada, ninguém sabe a não ser eles
dois. Guardiães forçados do terrível segredo. Os pais separam-se naquele mesmo
ano. Step vai então morar com Paolo. Ao chegar à nova casa, olha para fora da
janela do quarto. Só há um gramado tranqüilo. Começa a guardar suas coisas. Tira
da mochila alguns suéteres que coloca no fundo do armário. Depois é a vez de um
casaco de moletom. Ao ser puxado, o cheiro se desdobra entre as suas mãos. Por
um instante, parece quase que sua mãe está ali. Lembra a ocasião em que
emprestou aquele casaco para ela, quando correram juntos nas alamedas do parque.
Quando ele decidiu ir mais devagar só para ficarem juntos. E agora está nessa outra
casa, tão longe dela, em todos os sentidos. Aperta com força o moletom entre as
mãos e leva-o ao rosto. Ainda pode sentir o perfume e começa a chorar. Então,
como um idiota, pergunta a si mesmo se não teria sido melhor dizer-lhe que havia
exagerado.
Mais uma vez é noite.
A moto corre tranqüila na areia molhada. Pequenas ondas morrem
lentamente na praia. Vêm e vão, a respiração regular do mar profundo e escuro que

os observa de longe. A lua alta no céu ilumina a longa Feniglia. O areal perde-se ao
longe entre as moitas mais escuras dos morros. Step desliga os faróis. Continuam
correndo assim, envolvidos pela escuridão, sobre aquele tapete molhado e macio.
Ao chegar no meio da Feniglia, param. Continuam a pé, sozinhos, perdidos naquela
paz. Babi chega à beira da água. Tímidas ondas bordadas de prata arrebentam antes
de alcançar os seus All Star azuis. Uma onda mais imprevisível tenta pegá-la. Babi
recua depressa, evitando molhar o tênis. Acaba esbarrando em Step, cujos braços
fortes recebem-na em segurança. Ela não se desvencilha. Seu sorriso aparece na luz
noturna. Os olhos azuis, cheios de amor, o encaram com surpresa alegria. Ele se
aproxima lentamente e a beija, envolvendo Babi num abraço. Lábios quentes e
macios, e ao mesmo tempo frescos e salgados, acariciados pelo vento do mar. Step
passa a mão nos cabelos dela. Puxa-os para trás descobrindo o rosto. A face
pincelada de prata, um pequeno espelho daquela lua lá em cima, esboça um sorriso.
Mais um beijo. Nuvens vagarosas passeiam no céu noturno. Step e Babi estão agora
deitados na areia fria, abraçados. As mãos repletas de pequenos grãos procuram
uma à outra.
Mais um beijo. Então, Babi se afasta, apoiando-se em ambos os braços. Olha
para Step. Ele está embaixo dela. Aqueles olhos, agora tranqüilos, encaram-na
fixamente. A pele dele parece ser da mesma cor do ébano, lisa e delicada. Os
cabelos curtos não receiam sujar-se. Parece pertencer àquela praia, deitado ali, de
braços abertos, dono da areia e de tudo. Step, sorrindo, puxa-a para si, dono

dela

também, acolhendo-a com um beijo mais longo e intenso. Abraça-a bem apertado,

respirando o seu sabor macio. E ela relaxa, entregue àquela força e, nesse momento, percebe que, na verdade, nunca beijou ninguém.

Agora está sentado atrás dela, abraça-a, segurando-a entre as pernas. Como um encosto sólido. De vez em quando interrompe o fluxo dos seus pensamentos

beijando-a na nuca. .

— No que está pensando?

Babi se vira olhando para ele de lado.

— Sabia que você ia perguntar. — Ela volta a apoiar a cabeça no peito dele.

— Está vendo aquela casa lá no penhasco?

Step olha na direção para onde a mão dela aponta. Antes de perder-se na paisagem, pára um instante no pequeno indicador que também acha maravilhoso.

Sorri. Ele é o único dono dos seus pensamentos.

— Sim, estou vendo.

— É o meu sonho! Você nem pode imaginar como eu gostaria de morar naquela casa. Já pensou que vista deve ter? Uma janela sobre o mar. Uma sala onde

poderíamos ficar abraçados vendo o pôr-do-sol.

Step a aperta de novo. Babi fica mais um momento olhando para longe, sonhadora. Ele se aproxima encostando o rosto no dela. Ela, rindo divertida e

caprichosa, tenta afastá-lo brincando com a lua, fingindo querer fugir. Step segura o

rosto de Babi entre as mãos e ela, pálida como uma pérola, sorri prisioneira daquela

concha humana.

— Vamos cair na água?

— Deve estar brincando, com esse frio! E, além do mais, estou sem roupa de banho.

— Vamos lá, não está tão frio assim e para que um peixinho como você precisaria de roupa de banho?

Babi faz uma careta irritada e empurra-o para trás com ambas as mãos.

— Por falar nisso, contou para Pollo a história da outra noite, não foi?

Step se levanta e tenta abraçá-la.

— Está brincando?

— Então me explique como é que a Pallina ficou sabendo? O Pollo contou para ela!

— Juro, eu não falei nada. Talvez tenha falado enquanto dormia. .

— Então quer dizer que agora você deu para falar durante o sono. . e, de qualquer maneira, já te disse que não acredito nas suas promessas.

— Na verdade, às vezes, eu realmente falo dormindo, você mesma vai descobrir.

Step volta para a moto olhando para trás com ar maroto.

— Eu vou descobrir? Está brincando, não é? Babi se aproxima um tanto preocupada. Step ri. A frase surtiu o efeito desejado.

— Por quê? Essa noite não vamos dormir juntos? Afinal, só faltam algumas poucas horas para o amanhecer.

Babi olha o relógio, preocupada.

— Duas e meia. Droga, se os meus pais voltarem antes de mim estou frita. Rápido, preciso voltar para casa.

— Quer dizer que não vai dormir comigo?

— Está louco? Talvez não tenha entendido com quem você está falando e, além do mais, onde já se viu um peixinho dormindo com alguém?

Step liga o motor e mantém o freio dianteiro puxado enquanto acelera. A moto, obediente entre as suas pernas, faz um rodopio e pára diante de Babi. Ela monta na garupa. Step engata a primeira. Afastam-se suavemente, cada vez mais rápidos, deixando atrás de si a marca precisa dos pneus largos. Longe dali, na areia remexida por beijos inocentes, ficou um pequeno coração. Foi Babi quem desenhou às escondidas com o pequeno indicador do qual Step tanto gostou. Uma maldosa onda solitária cancela os contornos. Mas, com alguma imaginação ainda dá para ler aquele S e aquele B. Em algum lugar um cão late para a lua. A moto continua sua corrida apaixonada, desaparecendo na escuridão da noite. Uma onda mais determinada apaga o coração por completo. Mas ninguém jamais poderá apagar aquele momento das lembranças dos dois.

Em frente ao Le Vitrine, parada no meio da rua, naquela altura deserta, tudo que restou foi uma Vespa. Babi desce da moto, tira a trava da roda dianteira

e liga o
motor. Ela senta no selim e empurra o cavalete. Até parece que só então se lembra
dele.
— Tchauzinho — diz sorrindo com ternura. Step se aproxima.
— Também vou. Vou te escoltar até em casa.
Ao chegarem em Corso Francia, Step encosta na Vespa e apoia o pé direito
sob o farol da scooter, bem em cima da pequena placa. Acelera. A Vespa aumenta a
velocidade. Babi se vira para ele, surpresa.
— Estou com medo.
— Mantenha-se em linha reta. .
Babi volta a olhar para a frente segurando com firmeza o guidom. A Vespa
de Pallina é mais veloz do que a dela, mas nunca chegaria a uma velocidade
daquelas sozinha. Percorrem todo o Corso Francia e depois pegam a subida Jacini
até a praça. Quando já estão chegando ao condomínio, Step dá um último
empurrão na Vespa. Ele a solta. Pouco a pouco, a velocidade da scooter diminui.
Babi freia e se vira para ele. Está parado, erguido na moto, não muito longe. Step
fica olhando para ela por alguns momentos, sorri, engata a primeira e se afasta. Ela
o acompanha com o olhar até a Honda desaparecer atrás da curva. Ouve-o acelerar
cada vez mais. Uma seqüência rápida de marchas, canos de descarga que se afastam
rugindo a toda. Babi espera que o sonolento Fiore levante a cancela e segue em
frente pela subida do condomínio. Depois da curva, a amarga surpresa. Sua casa
está toda iluminada e a mãe está lá, debruçada na janela do quarto.
— Cláudio, lá vem ela!
Babi dá um sorriso de desespero. Não adianta. A mãe fecha a janela irritada.
Babi guarda a Vespa na garagem mal conseguindo passar entre a parede e o
Mercedes. Ao trancar a porta, pensa no bofetão daquela manhã. Leva
automaticamente a mão ao rosto. Tenta lembrar como doeu. Mas não fica muito
preocupada. Irá descobrir dali a pouco. Sobe as escadas devagar,

procurando adiar

ao máximo a, nessa altura inevitável, hora da verdade. A porta está aberta. Babi

entra na sala conformada. Condenada à guilhotina sem chances de indulto, como

uma Robespierre moderna, vestida de jeans, irá sofrer a pena capital. Fecha a porta.

Um tabefe acerta-a bem no meio do rosto.

— Ai! — Sempre do mesmo lado, pensa, massageando a bochecha.

— Direto para cama, mas antes entregue a seu pai a chave da Vespa!

Babi atravessa o corredor. Cláudio está ao lado da porta. Babi entrega o

chaveiro de Pallina. -Babi? Ela se vira, preocupada.

— Sim?

— O que quer dizer esse "P"?

O P de borracha do chaveiro de Pallina balança interrogativa-mente nas

mãos de Cláudio. Babi fica por um momento olhando, perplexa, e, estimulada pelo

bofetão que aguçou de repente a sua criatividade, improvisa.

— Ora, papai, não está lembrado? Você mesmo me deu esse apelido.

Quando eu era criança costumava me chamar de Puffina!

Cláudio parece um tanto indeciso, mas acaba sorrindo.

— Isso mesmo! Puffina. Nem me lembrava. — E logo fica sério novamente.

— E agora para a cama! Amanhã vai ter de explicar direitinho esta história. Não

gostei nem um pouco disso, Babi.

As portas dos quartos de dormir se fecham. Cláudio e Raffaella, agora mais

calmos, continuam falando daquela filha tranqüila e bem comportada que se tornou

rebelde e irreconhecível. Volta na calada da noite, participa de corridas de moto,

acaba até com uma foto nas páginas de um jornal. O que houve? O que aconteceu

com a Puffina de antigamente?

No quarto ao lado, Babi se despe e deita na cama. A face avermelhada

encontra alívio no frescor do travesseiro. Fica algum tempo assim, sonhando.

Parece que ainda pode ouvir o barulho das pequenas ondas e do vento que lhe

acaricia os cabelos e sentir aquele beijo ao mesmo tempo forte e delicado. Vira-se na cama. Pensa nele enquanto enfia as mãos sob o travesseiro, imaginando abraçá-lo. Pequenos grãos de areia entre os lençóis a fazem sorrir. No escuro do quarto ao lado, a resposta que os pais tanto procuravam desabrocha lentamente. Pois é, o que aconteceu com a Puffina que eles conheciam só pode ter sido isso. Está apaixonada.

Babi mal começa a subir as escadas da escola e Pallina quase desaba em cima dela. — E então? Como foi? Você sumiu..

— Está tudo bem, fomos para Ansedônia.

— Tão longe?

Babi faz que sim com a cabeça.

— E você deu para ele?

— Pallina!

— Bom, se foram até lá, devem ter descido até a praia!

— Foi.

— E não rolou nada?

— A gente se beijou.

— Uhuuu! — Pallina pula de alegria. — Puxa vida! Você conseguiu amarrar o cara mais cobiçado da cidade. — Mas só então ela percebe que Babi está um tanto deprimida. — O que foi?

— Nada.

— Vamos lá, nada de mentiras, desembucha logo. Confie na sua velha, sábia e fiel amiga. Você deu para ele, não deu?

— Já disse que não, ora essa! Só nos beijamos e foi maravilhoso. Mas. .

— Mas...?

— Mas não sei em que pé ficamos.. Pallina olha perplexa para a amiga.

— Mas nem tentou.. — Ela faz um gesto bastante sugestivo. Babi sacode a cabeça, bufando.

— Não.

— Então a coisa é séria mesmo.

— Como assim?

— Ele está mesmo a fim de você.

-Você acha?

— Claro. Ele sempre dorme com todas logo na primeira noite.

— Que bom. . Grande consolo!

— Quer a verdade, não é? Pois é, deveria estar contente. Não se preocupe,

se o seu problema é esse, só precisa esperar pelo segundo encontro, você vai ver!

Babi dá um empurrão na amiga.

— Sua boba. . Aliás já ia esquecendo, Pallina, apreenderam a sua Vespa. .

— A minha Vespa? — Pallina fica branca. — Quem foi?

— Os meus pais.

— Aquela simpatia de Raffaella! Qualquer dia desses preciso levar um papo

com ela. Sabe que outro dia ela até ficou toda empolgada?

— Minha mãe? E por causa de quem?

— Foi comigo! Ela me beijou enquanto eu dormia na sua cama achando que

era você!

— Fala sério!

-Verdade!

— Imagina só. . O meu pai pegou o seu chaveiro achando que era o meu.

— Não percebeu o "P"?

— Claro! Inventei que quando eu era pequena ele sempre me chamava de

Puffina.

— E ele acreditou?

— Agora só me chama assim.

— Coitado! O seu pai é um cara legal, mas é devagar demais. As duas entram

na sala ainda tagarelando. Uma é loira e esguia, a outra baixinha e morena. A

primeira é bonita e estudiosa, a segunda é engraçada e não pode ser considerada tão

boa aluna assim, mas possuem uma grande coisa em comum: a amizade. Mais tarde,

Babi fica ali, sonhando de olhos fixos no quadro-negro, sem ver os números

escritos, sem ouvir as palavras da professora. Pensa nele, naquilo que deve estar

fazendo naquele momento. Fica imaginando se está pensando nela. Tenta recriar a

imagem dele em sua mente, sorri com ternura, depois, parece preocupada, e,

finalmente, fica cheia de desejo. Ele pode ser qualquer coisa. As vezes é meigo e

carinhoso e aí, de repente, transforma-se num selvagem. Suspira e olha para o

quadro. Aquela equação algébrica É muito mais fácil de resolver.

Step acaba de se levantar. Entra no chuveiro e se deixa revigorar pelo jato

forte e decidido. Apoia as mãos na parede molhada e, enquanto a água tamborila

nas suas costas, começa a erguer o corpo alternando as pernas, levantando-se na

ponta dos pés, primeiro o direito e depois o esquerdo. Com a água escorrendo pelo

rosto volta a pensar nos olhos azuis de Babi. Grandes, límpidos e profundos. Sorri

e, apesar de estar de olhos fechados, pode vê-la perfeitamente. Está ali, inocente e

serena diante dele, com aquele cabelo selvagem no vento e o nariz reto. Pode ver o

olhar decidido, cheio de personalidade. Enxuga o corpo e volta a pensar naquilo

tudo que conversaram, no que ele lhe contou. Ela, a única e doce ouvinte, quase

desconhecida, silenciosa, disposta a ouvir sobre sua antiga dor, o seu amor traído, a

sua tristeza. Pergunta a si mesmo se foi loucura. Agora é tarde. Enquanto toma café

pensa na família de Babi. Na irmã. No pai de aspecto simpático e bonachão.

Naquela mãe de personalidade dura e decidida, de traços que lembram os de Babi,

embora um tanto esmaecidos pelo tempo. Será que ela também irá se tornar assim

com o passar dos anos? Muitas vezes, as mães não passam de projeções futuras das

garotas com que estamos saindo agora. Lembra-se de uma mãe melhor do que da

filha. Acaba o café sorrindo. Toca a campainha. Maria abre. É Pollo. Joga na mesa

o costumeiro embrulho, os sanduíches de salmão.

— E aí? Onde se meteu? Conseguiu? Não, acho que não. Imagina, com

aquele gênio, quando é que ela vai ficar com você? Nunca! E para onde foram,

afinal? Procurei por vocês em todos os cantos. Nem te conto a cara da Madá. Está

uma fera! Se conseguir botar as mãos na Babi, vai arrancar a pele dela!

A expressão de Step mostra que já não acha graça. Pois é, Madalena. Não

tinha pensado nisso. Não pensou em mais nada depois que saiu do Le Vitrine.

Decide que também não vale a pena se preocupar agora. Afinal de contas, jamais

fizeram nenhuma promessa.

— Pega aí. — Pollo tira do bolso um papelucho todo amarrotado e joga

para ele. — É o telefone dela. — Step agarra o bilhete depressa. — Consegui

ontem com a Pallina. Sabia que hoje você iria querer. .

Step enfia no bolso e sai da cozinha. Pollo vai atrás.

— Afinal, Step, vai dizer alguma coisa ou vai ficar nesse silêncio de merda?

Transou?

— Pollo, você tem de parar com esse tipo de perguntas. Já deveria saber que

sou um cavalheiro.

Pollo se joga na cama dando uma gargalhada.

— Um cavalheiro. . você? Não mete essa! Era só o que me faltava. Puta que

pariu. . Um cavalheiro.

Step balança a cabeça e, enquanto olha para o amigo, veste o jeans. Também

começa a rir. Quantas vezes seu comportamento não lembrava mais o de um

cavalo do que o de um cavalheiro! E, por um momento, gostaria de ter algo mais

para contar.

Nenhum garoto vende livros na saída da Falconieri. É uma escola chique

demais, e nem mesmo a última das alunas pensaria em comprar livros usados. Babi

desce os degraus olhando ao redor cheia de esperança. Grupos de rapazes esperam

no fim da escadaria em busca de novas presas ou de antigas conquistas. No entanto, nenhum deles é aquele que Babi procura. Ela dá mais uns passos. O barulho de uma moto veloz faz com que levante os olhos. O seu coração bate mais rápido. Inutilmente. Uma lata velha vermelha passa chispando entre os carros. Um jovem casal abraçado inclina-se ao mesmo tempo para a esquerda. Babi tem uma ponta de inveja. Ela entra no carro. A mãe ainda está furiosa devido ao dia anterior.

— Oi, mãe.

— Oi. — É a seca resposta de Raffaella. Babi não leva nenhum bofetão nesse dia, não há motivo. E quase lastima por isso.

Step e Pollo estão grudados na tela de arame. Acompanham à beira do gramado o treino do seu time. Ali perto Schello, Hook e mais alguns amigos dividem a paixão pelo Lazio. A torcida parece descontrolada, só pelo simples gosto de gritar. Discretamente, Step puxa a manga esquerda do casaco para dar uma olhada no relógio. Uma e meia. Ela deve ter acabado de sair. Quase pode vê-la no carro da mãe, em Corso Francia, voltando para casa. Mais linda do que um gol do Mancini. Pollo não tira os olhos dele.

— O que foi?

Pollo abre os braços.

— Nada, por quê?

— Qual é a sua? Está olhando o quê?

— Ué, desde quando é proibido olhar?

— Está parecendo uma bicha. . Vê se olha o jogo! Trouxe você até aqui e agora fica me zoando?

Step vira-se para o gramado. Alguns jogadores com coletes de treino sobre as camisas do time trocam passes rápidos enquanto um pobre coitado no meio tenta roubar a bola. Step se vira novamente para Pollo. Ele continua observando.

— De novo? Está se fazendo de desentendido, não é? — Step se joga em

cima do amigo. Segura a sua cabeça com ambas as mãos e sacode-a contra a rede

rindo. — É para lá que tem de olhar. — Empurra várias vezes. — Para lá, para lá!

Só de farra, Schello, Hook e todos os demais pulam em cima dos dois

causando a maior algazarra. Outros torcedores aproveitam para entrar na

brincadeira amontoando-se com eles contra a rede. Um cara, com um jornal

enrolado entre as mãos e um apito na boca, banca o policial dando pauladas na

cabeça de todo o mundo. Não demora para o grupo se desmanchar. Os torcedores

saem rindo para todas as direções. Step pega a moto. Pollo senta na garupa e saem

derrapando no cascalho. Step fica imaginando se Pollo entendeu o que ele estava

pensando antes.

— Que pena, Step..

— Pena por quê?

—Já está tarde, se não a gente podia buscar as garotas na escola. Step não

responde. Ouve Pollo rir atrás dele antes de receber um soco na cintura.

— E não tente bancar o espertinho comigo, entendeu? — Step dobra o

corpo para frente um tanto dolorido. Pois é, Pollo tinha entendido e, como se não

bastasse, também dá socos formidáveis.

A tarde passa lentamente para ambos, embora eles não percebam.

Babi tenta estudar. Fica folheando a agenda, mudando de estação no rádio,

abrindo e fechando a geladeira na eterna luta para não mandar a dieta para o

inferno. Acaba diante da televisão, assistindo a um programa infantil totalmente

idiota e comendo um pudim de chocolate, coisa que mais tarde a faz sentir ainda

mais culpada. Será que ele recebeu o número do celular dela? De qualquer maneira,

ali não há sinal. Babi só espera que ele também saiba o número de casa. Na dúvida,

sai correndo desesperada toda vez que o telefone toca. Mas quase sempre tudo que

lhe cabe é apenas anotar num papel o nome de alguma amiga da mãe. André

Palombi liga pelo menos três vezes para Daniela. Que inveja! O telefone toca de novo. Coração a mil. Passa correndo pelo corredor, levanta o fone, só pode ser Step. Que nada, é Palombi no seu quarto telefonema. Chama Daniela implorando que não demore. Injustiças do mundo. Quatro ligações para Daniela e nenhuma para ela. De uma coisa pode ter certeza, com todo esse corre-corre deve ter queimado pelo menos metade das calorias do pudim.

Step almoça em casa com o amigo. Na prática, Pollo quase esvazia a geladeira. Aprecia muito a comida de Maria. Ela fica toda feliz ao ver sua torta de maçã desaparecer diante do jovem hóspede. Step não compartilha da mesma felicidade, uma vez que mais tarde terá de ouvir as queixas de Paolo, já que na verdade a torta de maçã havia sido preparada para ele. Quando Maria vai embora, os dois descansam um pouco. Step relê as histórias em quadrinhos de Pazienza.

Contempla as revistas originais de que tem tanto orgulho. Acaba acordando Pollo para mostrá-las. Embora já tenha visto mais de cem vezes cada exemplar, o amigo finge admirá-las como se fosse a primeira. São realmente amigos do peito, tanto assim que Step não pode recusar-lhe um telefonema, mesmo conhecendo os hábitos de Pollo. Como era de se esperar, ele passa mais ou menos uma hora pendurado no aparelho. Seja qual for o lugar para onde vai, Pol o dá pelo menos um telefonema. Fica conversando horas, com qualquer um, mesmo quando não tem absolutamente nada a dizer. Agora então que arrumou uma namorada, ninguém mais segura. O seu sonho, confessa a Step, é roubar um celular.

— O meu irmão tem um de última geração. — É a resposta maliciosa de Step. Na escala de valores de Pollo, Paolo passa a merecer uma atenção toda

especial. Quem sabe não consiga tirar dele, além da torta de maçã, também o

celular. Chove. Babi e Daniela estão sentadas no sofá, perto dos pais. Assistem a um

filme divertido e familiar no Canal Um. O ambiente parece menos tenso.

Ouve-se um toque. Daniela pega o telefone sem fio que guarda na almofada

ao lado.

-Alô? — Olha para Babi impressionada. Não consegue acreditar no que está

ouvindo. — Vou passar para ela. — Dani se vira calmamente para a irmã. — É

para você, Babi.

É uma questão de segundo, um rápido olhar. Basta ver a expressão dela para

entender. É ele.

Daniela entrega o telefone para a irmã tentando se controlar diante dos pais.

Babi pega o aparelho delicadamente, quase com receio de tocar nele, de apertá-lo,

como se uma vibração a mais pudesse fazer cair a linha, fazer com que a ligação

desapareça para sempre. Leva o telefone lentamente até o rosto de faces coradas,

de lábios emocionados até naquele simples. .

— Alô?

— Oi, tudo bem? — A voz quente de Step bate diretamente no coração

dela. Babi olha ao redor aflita, com medo de alguém perceber o que está sentindo,

o coração a mil por hora, a felicidade que procura desesperadamente esconder.

— Muito bem, e você?

-Tudo o.k. Pode falar?

— Espere um momento, não estou ouvindo nada. — Ela se levanta do sofá

levando o telefone. Seu robe esvoaça. Mistérios da vida.

Diante dos pais certos telefones nunca funcionam direito. A mãe acompanha

com os olhos sua saída da sala e depois se vira desconfiada para Daniela.

— Quem era?

Daniela é rápida.

— Ah, era o Chicco Brandelli, um dos admiradores de Babi. Raffaella

observa a filha por mais alguns momentos mas logo em seguida se acalma e

volta a
prestar atenção no filme. Daniela também se vira para a televisão com um pequeno
suspiro. Tudo bem. Se a mãe tivesse continuado a olhar para ela por mais algum
tempo, ia desmoronar. Não é fácil agüentar aquele olhar, parece que sempre sabe
tudo. Dá os parabéns a si mesma por ter lembrado do Brandelli. O idiota, pelo
menos, serviu para alguma coisa. As luzes apagadas do seu quarto. Ela está
encostada no vidro molhado de chuva, com o telefone na mão.
— Alô, Step, é você?
— E quem mais poderia ser? Babi ri.
— Onde você está?
— Na chuva. Posso passar aí?
— Quem me dera. Os meus pais estão em casa.
— Venha você, então.
— Não posso. Estou de castigo. Quando voltei, ontem, eles já tinham
chegado. Estavam esperando por mim.
Step sorri e joga fora o cigarro.
— Quer dizer que é verdade! Ainda existem garotas que acabam ficando de
castigo..
— Pois é, e você acabou arrumando uma delas. — Babi fecha os olhos
horrorizada com a bomba que acabou de disparar. Espera pela resposta. Não dá
para voltar atrás. Mas não ouve nenhuma explosão. Volta a abrir os olhos devagar.
Do outro lado do vidro, na luz do poste, a chuva é mais visível. Está parando. —
Você ainda está aí?
— Claro. Estava tentando entender como é que alguém se sente ao cair na
armadilha de uma espertinha.
Babi mordisca o lábio, anda feliz e nervosa pelo quarto. Então é mesmo
verdade.
— Se eu fosse realmente esperta teria escolhido outro. . Step ri.
— Tudo bem, nada de brigas. Vamos tentar agüentar pelo menos um dia. O
que você vai fazer amanhã?
— Escola, deveres de casa e depois continuo sem poder sair.
— Tudo bem, posso ir visitar você.

— Não me parece a mais brilhante das idéias. .!

— Posso colocar a minha roupa de gala. Babi ri.

— Não é isso. A coisa é um pouco mais complexa. A que horas você vai acordar amanhã?

— Sei lá, às dez, onze. Quando o Pollo vier me acordar. Babi sacode a cabeça.

— E se ele não for?

— Meio-dia, uma...

— Consegue dar uma passada lá na escola?

— À uma? Acho que sim.

— Estou falando da hora da entrada. Silêncio.

— E a que horas isso seria?

— As oito e dez.

— Que idéia, essa de estudar logo que amanhece! Para fazermos o quê, então? — Sei lá, podemos fugir.. — Babi quase não acredita em seus próprios ouvidos. Fugir. Deve estar ficando doida.

— Que seja, vamos fazer essa loucura. As oito no seu colégio. Só espero acordar.

— Vai ser difícil, não é?

— Bastante.

;. Ficam um momento em silêncio, sem saber o que dizer como despedida.

— Bom, então tchau.

Step olha para fora. Parou de chover. As nuvens passam rápidas. Está feliz. Olha para o celular. Ela está do outro lado da linha naquele momento.

— Tchau, Babi.

Desligam. Step vira a cabeça para cima. Algumas estrelas apareceram no céu, tímidas e molhadas. Amanhã vai ser um dia lindo. Vai passar a manhã com ela.

Oito e dez. Deve ter ficado louco. Tenta lembrar da última vez em que acordou tão cedo. Não consegue. Sorri. Só três dias antes voltou para casa àquela hora. No escuro do seu quarto, com o telefone sem fio entre as mãos, Babi continua com os olhos fixos no vidro por mais algum tempo. Imagina-o na rua. Deve estar frio lá fora. Sente um arrepio por ele. Volta para a sala. Devolve o aparelho para a irmã e senta no sofá ao lado dela. Sem dar na vista Daniela

estuda o
rosto de Babi, curiosa. Gostaria de perguntar mil coisas. Deve contentar-se com
aqueles olhos que de repente olham para ela felizes. Babi se dedica mais uma vez à
televisão. Por um momento, aquele velho filme em preto e branco parece ter cores.
Não sabe absolutamente do que estão falando e voa longe, perdida em seus
pensamentos. De repente, volta à realidade. Olha ao redor, preocupada, mas
ninguém parece ter percebido nada. Amanhã, pela primeira vez, vai matar aula.
Paolo está sentado à mesa e folheia o jornal sem prestar muita atenção. Olha
ao redor. Estranho. Tinha dito a Maria para fazer torta de maçã. Deve ter
esquecido. Santa ingenuidade. Lembra-se de uma rosca que comprou para as
emergências. Decide que esse é o momento certo. Abre algumas gavetas.
Finalmente encontra. Escondeu o doce direitinho para livrá-lo da fúria faminta de
Step e seus amigos.
Enquanto corta um pedaço, Step entra na cozinha.
— Olá, irmão.
— Isso são horas? Vai acabar ficando o dia inteiro na cama e, se tudo correr
bem, vai à academia para depois cair na noite mais uma vez com Pollo e aquele
bando de imprestáveis. Realmente uma vida e tanto, a sua. .
— Maravilhosa. — Step enche uma xícara de café com leite. — De qualquer
maneira acontece que não estou voltando, estou de saída.
— Meu Deus, que horas são?
Paolo olha preocupado para o relógio. Sete e meia. Respira aliviado. Está
tudo sob controle. Mesmo assim há algo errado. Step nunca saiu a essa hora.
-Aonde vai?
— Ao colégio.
-Ah.. — Paolo parece achar normal. Mas, então, de repente se lembra de
que Step terminou o ensino médio no ano anterior. — O que você vai fazer por lá?
— Pô, que merda de interrogatório é esse? E ainda nem amanheceu direito.

.

— Faça o que bem quiser, desde que não se meta em encrencas. Mas, mudando de assunto, a Maria não devia ter preparado uma torta de maçã?

Step olha para o irmão com ar inocente.

— Torta de maçã? Não, acho que não.

— Tem certeza? Ou será que você e aquele bando de lobos famintos que se dizem seus amigos acabaram com ela?

— Paolo, pare de ofender os meus amigos. Não fica bem. Já me ouviu ofender os seus?

Paolo não responde. É verdade, ele não os ofende. E como poderia? Paolo não tem amigos. Vez por outra um colega de trabalho liga, ou algum antigo companheiro de faculdade, mas esses Step nunca poderia ofender. Já foram bastante castigados pela vida. Tristes, cinzentos, com uma aparência doentia.

— A gente se vê, mano. Até à noite.

Paolo fica contemplando a porta fechada. O irmão não se cansa de surpreendê-lo. Sabe lá o que vai fazer àquela hora da manhã. Toma um gole de leite e estica a mão para pegar o pedaço de rosca que deixou no prato. Desapareceu.

Com Step, a gente acaba sempre perdendo.

— Tchau, pai. — Babi e Daniela descem do Mercedes. Cláudio vê as filhas que se encaminham para a escola. Um último aceno de despedida antes de se afastar. Babi sobe mais alguns degraus e se vira. O Mercedes já está longe. Volta correndo e nessa mesma hora encontra Pallina.

— Oi, para onde está indo?

— Vou sair com Step.

— É mesmo? E aonde vão?

— Não faço idéia. Por aí. Antes de mais nada, vamos tomar café. Hoje estava nervosa demais para engolir qualquer coisa. Imagina só. É a primeira vez que mato aula. .

— Eu também fiquei nervosa na primeira vez. Mas agora. . Faço a assinatura da minha mãe melhor do que ela mesma!

Babi ri. A moto de Step pára rugindo perto da calçada.

— Vamos?

Babi se despede de Pallina com um beijo apressado e monta na garupa. Seu coração parece que vai explodir.

— Não se esqueça, Pallina. . Tente não tirar nenhuma nota baixa e tome nota das que forem chamadas.

— O.k., chefona!

— Não fale assim. Dá azar!

Pallina concorda com um movimento de cabeça. Babi olha ao redor preocupada com o fato de alguém poder vê-la. Finalmente abraça Step com força.

Está tudo resolvido. A moto dá um pulo para frente, fugindo da escola, das aulas entediantes, da Giacci, dos deveres e daquele toque do sinal que às vezes parece demorar uma eternidade.

Pallina olha com inveja para a amiga já distante. Fica feliz por ela. Sobe os degraus sem perceber que alguém está observando. Lá em cima, uma mão encarquilhada pelo tempo e pelo ódio, enfeitada com um velho anel que traz no centro uma pedra roxa tão dura como quem a possui, fecha uma cortina. Alguém viu tudo.

As meninas do terceiro B entram na sala preocupadas. A primeira aula é de italiano e a professora Giacci vai fazer uma sabatina.

É uma das matérias indispensáveis para as provas finais. As alunas tomam seus lugares cumprimentando-se. Mais uma garota chega correndo. A mesma atrasada de sempre. Conversam nervosas. De repente, um mudo e respeitoso silêncio. A Giacci chegou. Todas ficam de pé. A professora esquadrinha a turma.

— Sentadas, mocinhas.

Ela está estranhamente alegre essa manhã. Isso não cheira nada bem. Faz a chamada. As garotas respondem com um comedido "presente". Uma aluna cujo nome começa por C não compareceu à escola. Outra, na tentativa de quebrar um pouco o protocolo, entrega-se a um "estou aqui" não muito bem-sucedido. É repreendida na mesma hora pela Giacci, que a humilha diante de toda a turma.

Como de costume, Catinelli demonstra apreciar o humor sutil da professora. Piadas
tão sutis que a maioria das alunas nem percebe.
— Gervasi?
— Não veio — responde uma voz do fundo da sala. A Giacci marca
"ausente" na chamada e levanta vagarosamente os olhos.
— Lombardi.
— Sim, professora? — Pallina fica imediatamente de pé.
— Por que a Gervasi não veio hoje? Pallina está um tanto nervosa.
— Ora, não sei. Falei com ela ontem à noite no telefone, disse que não
estava passando muito bem. Talvez tenha piorado e achou melhor não vir hoje.
A Giacci aperta os olhos. Eles se tornam dois riscos impenetráveis. Pallina
sente um arrepio correr pela espinha.
— Obrigada, Lombardi. Pode sentar. — A Giacci continua com a chamada.
O seu olhar esbarra mais uma vez no de Pallina. Um sorriso zombeteiro aparece
nos lábios da professora. Pallina fica toda vermelha. Vira rapidamente o rosto,
envergonhada. Será que a megera sabe de alguma coisa? Na carteira cruza com uma
frase escrita com sua letra: "Pallina e Pollo forever." Ela sorri. Não, não pode ser.
— Marini.
— Presente!
Pallina fica mais tranqüila. Sabe lá onde Babi está naquele momento. Sem
dúvida nenhuma já tomou um bom café da manhã. Uma bela torta com creme no
Euclide e talvez um daqueles cappuccinos bem espumosos. Deseja mais do que
nunca estar no lugar dela, não com Step, é claro, com Pollo. Não é realmente o
belo que é bonito, mas sim o que nos agrada. Esse é o lema de Pallina. A Giacci
fecha a chamada e começa a dar aula. Explica a matéria com inesperado entusiasmo
e particular serenidade. Um raio de sol bate em suas mãos. Naquele dedo que
tamborila no quadro, o antigo anel brilha, vertendo uma luz violácea.

E eles se afastam dos ruídos da cidade que acaba de acordar com os lábios que ainda guardam o sabor de um cappuccino sem açúcar e a boca adoçada pelo chantilly da torta. Previsão bastante óbvia para aquela esticada até o grande Euclide da rua Flamínia, mais escondido e distante, onde é mais difícil encontrar algum conhecido. Rumam para a Flamínia, envolvidos pelo sol, enquanto gramados redondos pincelados de verde alcançam suaves as margens mais escuras dos bosques. Saem da estrada. As rodas fazem com que as altas espigas douradas se dobrem, para logo depois voltar a se erguer vigorosas e atrevidas. A moto pára ali, depois da colina, não muito longe de uma torre. Mais abaixo, à direita, um cão vigia tranqüilo algumas ovelhas sonolentas. Um pastor de jeans ouve um pequeno rádio cheio de estática fumando erva, a anos-luz dos seus colegas do presépio. Babi e Step se mudam para um lugar mais afastado. Sozinhos. Ela abre a bolsa e tira uma grande bandeira inglesa.

— Comprei em Portobello, quando estive em Londres. Vamos esticá-la.

Você já foi à Inglaterra?

— Não. Você gostou?

— Muito. Me diverti horrores. Fiquei um mês em Brighton e alguns dias em Londres.

Deitam-se na bandeira aquecidos pelo sol. Step ouve o relato londrino e de alguma outra viagem. Ela parece ter estado num monte de lugares e se lembra de tudo. Ele, no entanto, não muito interessado nessas aventuras do passado e nem um pouco acostumado a acordar tão cedo, não demora para cair no sono.

Quando Step volta a abrir os olhos não a encontra ao seu lado. Levanta-se olhando em volta, preocupado. Finalmente percebe que ela está mais abaixo, no declive do morro. Vê seus ombros macios. Está sentada no meio do trigo.

Ele a
chama, parece não ouvir. Ao chegar perto, descobre a razão. Babi está com os
fones do discman no ouvido. Ela se vira. Os seus olhos não são dos mais promissores. Volta a olhar para os pastos ao longe. Step senta ao lado dela.

Também fica algum tempo em silêncio. Mas Babi não agüenta e logo tira os fones.

— Isso é coisa que se faça? Adormecer enquanto estou falando? — Está realmente zangada. — É uma verdadeira falta de respeito!

— Não diga isso. Só prova que não dormi o suficiente.

Ela bufa e dá as costas de novo. Step não pode deixar de reparar como é bonita. Talvez ainda mais, quando está irritada. Mantém o rosto levantado e o
conjunto fica um tanto engraçado, o queixo, o nariz, a testa. Os seus cabelos iluminados pelo sol refletem os raios, parecem respirar o cheiro do trigo. Tem a
beleza de uma praia deserta, com um mar selvagem a emoldurar suas orlas distantes. Os cabelos, como ondas espumosas, encobrem, rebeldes, os traços de seu
rosto e ela deixa que esvoacem.

Step se curva e toca com a mão aquela beleza macia. Babi tenta se afastar.

— Me deixa!

— Não posso. É mais forte do que eu. Preciso te beijar.

— Me deixa, já disse. Estou ofendida.

Step se aproxima dos lábios de Babi.

-Juro que depois vou prestar atenção em tudo: na Inglaterra, em Londres, nas suas viagens, em tudo que você quiser.

— Devia ter feito isso antes!

Step aproveita para beijá-la de surpresa, pegando os seus lábios entreabertos,
despreparados. Mas Babi é mais rápida e fecha a boca, decidida. Começam uma luta
suave. Finalmente, ela se rende, entrega-se devagar ao beijo dele.

— Você é violento e não joga limpo.

Palavras murmuradas entre lábios próximos demais.

— É verdade.

Palavras que se misturam.

— Não gosto quando você faz assim.

— Não farei mais, prometo.

— Já disse que não acredito nas suas promessas.

— Então eu juro...

— Piorou! Imagine então os seus juramentos..

— Está bem, então juro por você.

Babi acerta um soco em Step. Ele brinca fingindo que sentiu o golpe e a abraça, mergulhando com ela entre as espigas macias. Lá em cima, o sol e o céu azul são os silenciosos espectadores. No alto do morro, uma bandeira inglesa abandonada. Mais para baixo, dois sorrisos renovados. Step fica brincando algum tempo com os botões da camiseta dela, mas pára por um instante, temeroso. Solta devagar um botão depois do outro, com delicadeza, como se um toque levemente mais rude pudesse quebrar o encanto daquele momento. Sua mão desliza para dentro, acariciando o abdômen, a pele quente e macia. Babi deixa e, beijando-o, abraça-o com mais força. Respirando aquele perfume, Step fecha os olhos. Pela primeira vez tudo parece diferente. Não tem pressa, está tranqüilo. Experimenta uma estranha sensação de paz. Sua mão aberta desliza sobre as costas, acompanha o suave declive até chegar à saia. Uma elevação, o começo de uma suave promessa.

Pára. Ali perto duas pequenas covinhas fazem-no sorrir, assim como o beijo dela um pouco mais apaixonado. Continua suavemente a acariciá-la. Volta atrás até aquele fraco elástico bordado. Detém-se no fecho, tentando desvendar o mistério de como aquilo funciona. Dois ganchos? Duas pequenas meias-luas que se encaixam uma na outra? Um alfinete? Demora algum tempo. Babi olha para ele, curiosa. Step está perdendo a paciência.

— Como é que essa merda abre? Babi sacode a cabeça.

— Por que você precisa ser sempre tão desbocado? Não gosto que fale

assim quando está comigo.

O mistério foi resolvido justamente nesse momento. Duas pequenas meias-luas separam-se puxadas por um elástico agora solto. A mão de Step corre pelas costas, até o pescoço, finalmente sem empecilhos.

— Desculpe. .

Step não pode acreditar em seus próprios ouvidos. Pediu desculpas.

Desculpas. Ouve de novo a palavra. Ele, Step, pediu desculpas. Mas é melhor não pensar no assunto, por isso entrega-se como que tomado por aquela nova conquista. Acaricia o seio, cobre o seu pescoço de beijos, passa a mão no outro seio para ali também reencontrar um frágil toque de paixão e desejo. Desliza então lentamente para baixo, para a barriga lisa e macia. A mão dela o detém. Step abre os olhos. Babi está diante dele, balançando a cabeça.

— Não.

— Não o quê?

— Aquilo. . — sorri para ele.

— E por quê? — Ele está longe de sorrir.

— Porque não!

— Como assim?

— Porque não, só isso!

— Algum motivo, como.. — Step dá um sorriso cheio de malícia.

— Não, seu bobo. . motivo nenhum. Quer dizer, eu não quero. Quando aprender a dizer menos palavrões, aí quem sabe. .

Step se vira de lado e começa a fazer flexões. Uma depois da outra, cada vez mais rápido, sem parar.

— Não acredito, não pode ser verdade. Descobri. — Ele sorri falando entre uma flexão e outra, levemente ofegante.

Babi prende de novo o sutiã e abotoa a camisa.

— O que foi que descobriu? E pare de fazer flexões enquanto conversamos. .

Step faz mais duas sobre uma mão só. Depois se apoia no cotovelo e olha para ela sorrindo.

— Você nunca esteve com ninguém.

— Se quer dizer que sou virgem, a resposta é sim. — É difícil pronunciar

aquela palavra. Babi se levanta. Limpa a saia com a mão. Algumas espigas quebradas caem no chão. — E agora me leve de volta para o colégio!

— O que foi? Ficou irritada? — Step segura os braços de Babi.

— Fiquei sim. A maneira como você age é muito irritante. Não estou acostumada a ser tratada desse jeito. Me solta. .

Ela se livra do abraço e sai correndo para a bandeira inglesa. Step vai atrás.

— Vamos lá, Babi. . Não queria te ofender. Desculpe, estou falando sério.

— O que foi que disse? Não ouvi direito.

— Claro que ouviu.

— Não, repita.

Step olha ao redor, chateado. Depois, encara Babi com firmeza.

— Desculpe. Está satisfeita? Entenda, fico feliz que não tenha transado com ninguém antes.

Babi se curva para pegar a bandeira inglesa e começa a dobrá-la.

— É mesmo? E por quê?

— Ora, porque. . porque sim. Fico contente, só isso.

— Será que é por que acha que vai ser o primeiro?

— Olhe aqui, eu pedi desculpas. Agora chega, não banque a difícil e pare com isso.

— Está certo. Trégua. — Ela lhe estende uma das pontas da bandeira. — Pegue, me ajuda a dobrá-la.

Eles se afastam. Esticam o pedaço de tecido e logo em seguida se aproximam novamente. Babi tira das mãos dele a outra ponta e dá-lhe um beijo.

— É que esse assunto me deixa irritada.

Voltam para a moto em silêncio. Babi sobe na garupa. Eles saem rumo à colina, deixando atrás de si espigas retorcidas e uma conversa inacabada. É o primeiro dia que passam juntos e Step já lhe pediu desculpas duas vezes. Nada mal, considerando o tipo de cara que ele é. Ela o abraça, feliz. Bem, nada mal mesmo.

Babi está tranqüila, agora, não pensa em mais nada. Não sabe que algum dia não muito distante terá de enfrentar com ele aquele assunto que tanto a irrita.

— Pare! — grita Babi apertando Step. A moto parece de repente ficar pregada no chão

— O que houve?

— Minha mãe.

Babi aponta para o Peugeot de Raffaella parado logo em frente, diante da escadaria da Falconieri. Só faltam alguns minutos para a uma e meia. Precisa arriscar. Beija Step na boca.

— Tchau, ligo para você de tarde. — Ela se afasta curvada, mantendo-se colada à fileira de carros estacionados. Ao chegar perto da escola, endireita o corpo lentamente. A mãe esta lá, a poucos metros de distância. Pode vê-la perfeitamente através dos vidros de outro carro parado. Está mexendo em alguma coisa apoiada no seu colo. Aí Raffaella levanta a mão esquerda e dá uma olhada nas unhas. Babi entende. A mãe está completando o serviço da manicure. Babi se encolhe atrás do carro dando mais uma olhada no relógio. Está quase na hora. Olha para a direita, na direção do fim da rua. Step desapareceu. O que deve estar pensando dela?

Precisa ligar para ele mais tarde. Mas se lembra de que não pode fazer isso. Não sabe o número do celular dele. E tampouco sabe onde ele mora. O sinal toca. As primeiras turmas aparecem em cima da escada. As meninas mais jovens começam a sair. Mais uma campainha. É a vez dos segundos e dos terceiros anos. Garotas mais velhas. Ao vê-la, uma delas demonstra surpresa. Babi leva um dedo aos lábios para que a outra fique calada. A jovem desvia o olhar. Estão todas acostumadas a segredos de todos os tipos. Finalmente é a vez da turma dela. A mãe continua sem prestar atenção, talvez lutando com uma unha quebrada. Está na hora de ir. Babi sai do esconderijo e mistura-se com as outras garotas. Cumprimenta algumas e, sem dar na vista, vigia o carro. Raffaella nada percebeu. Ela conseguiu.

— Babi! — Pallina corre ao seu encontro. As duas se abraçam.

— Novidades? Alguém desconfiou de alguma coisa? — Babi pergunta,

preocupada

— Tudo sob controle. Babi respira aliviada.

Pallina abre a mochila.

— Tome. Aqui estão os deveres de hoje. Também tomei nota das sabatinas.

Tudo certinho. Você podia até me contratar como sua secretária particular. E

então, gostou?

— Muito. — Babi guarda o papel na bolsa e sorri para a amiga.

— Deixa eu adivinhar. — Pallina olha para a amiga por um momento. —

Café da manhã no Euclide de Vigna Stelluti. Cappuccino e torta com chantilly.

— Chegou perto. Mesmas coisas mas no da Flamínia.

— Claro! Muito mais discreto. Devia ter pensado nisso. Depois, uma

esticada até Fregene e sexo selvagem na praia, certo?

— Errado! — Babi afasta-se sorrindo.

— Fregene ou o resto?

— Só vou dizer que numa das coisas você errou feio.

Babi entra no carro mentindo para a amiga e deixando-a ali, diante da escola,

cheia de curiosidade. Na verdade, Pallina errou em ambos os chutes.

— Oi, mãe.

— Oi. — Raffaella deixa-se beijar no rosto. A situação parece tranqüila. —

Como foi na escola?

— Tudo bem. Não fui chamada para nenhuma sabatina. Daniela também

chega. — Podemos ir. A Giovanna disse que a partir de hoje volta por conta

própria.

O Peugeot arranca. Aquela notícia deixou todas alegres. Não vão mais

precisar esperar por Giovanna. Enquanto estão paradas no sinal da praça Euclide,

Babi de repente percebe que há alguma coisa que a espeta. Sem que ninguém repare

enfia a mão dentro da camiseta. Presa no sutiã, há uma pequena espiga dourada.

Ela a puxa e guarda entre as páginas da agenda. Babi contempla aquela relíquia por

um momento. O pequeno grande segredo. Step acariciou o seu seio. Sorri e

justamente quando o sinal se abre, ela o vê. Step está parado num canto da praça.

Ri e desfralda uma bandeira inglesa, a bandeira dela. Quando foi que a

roubou?

Logo ela se lembra a coisa mais importante. Step é como Pollo, ele também rouba.

Não tinha pensado nisso antes. Está metida com um ladrão.

O primeiro "a" é gorducho demais, o segundo tem a perninha muito longa, e toda a escrita está meio achatada, excessivamente fina. Babi tenta mais uma vez imitar a assinatura da mãe, enchendo algumas folhas do caderno de matemática.

— O que acha, Dani? Esta aqui ficou parecida com a assinatura da mamãe?

Daniela dá uma olhada na última tentativa. Fica um tanto pensativa.

— O sobrenome da mamãe é mais comprido. Não sei direito, mas tem alguma coisa estranha. Talvez seja o "g" que está magro demais, você fez a barriga dele muito pequena. Mamãe sempre começa o sobrenome com um G bem maior.

Olha. — Ela abre a agenda e mostra à irmã uma assinatura verdadeira. — Está vendo? Babi examina-a por um momento comparando-a com a feita por ela.

— Não vejo diferença nenhuma. Você diz isso porque sabe que não foi a mamãe quem assinou isso aqui. — Babi volta mais tranqüila para o seu quarto.

— Como quiser. Continuo achando o "g" pequeno demais. E, de qualquer forma, não entendo por que fica pedindo a minha opinião se depois acaba sempre fazendo do seu jeito.

Babi fecha a porta.

Abre a agenda na página das justificações. Como motivo da falta escreve: "problemas de saúde". Afinal de contas, não deixa de ser verdade. Teria passado muito mal só de pensar em não fugir com Step. Agora só falta assinar. Volta a ficar séria. Faz mais uma tentativa numa folha solta. Sob dúzias de "Raffaella Gervasi".

A última assinatura sai melhor ainda. Perfeita. Quer dizer, poderia até falsificar cheques, comprar uma scooter SH 50. Não, isto já seria demais. Não precisa de dinheiro, só de uma justificação. Pega a caneta e enfrenta a tarefa, decidida.

Começa com o R e segue em frente, sem parar, deslizando a caneta com a maior naturalidade possível até aquele último pingo no "i". Depois, ainda tremendo graças à grande concentração e ao esforço de copiar, de escrever igualzinho à mãe, olha a assinatura. Melhor do que nunca. Saiu perfeita. Talvez apenas com uma pequena imprecisão no sobrenome. Compara com as demais assinaturas da mãe na agenda.

Nenhuma diferença visível. Nenhum traço impreciso. E há mais uma coisa a favor dela. A primeira aula é de matemática, com a professora Boi. Lentes espessas, um rosto largo sempre sorridente. Até daquela vez em que perdera as provas e pediu à turma para não contar nada à ninguém. Naquele dia, Pallina tinha certeza de ter tirado pelo menos sete. E devia ser por isso, no entender dela, que a professora perdera os testes. Havia sido de propósito, só para não lhe dar essa satisfação.

Pallina acredita piamente que todos os professores têm raiva dela e das suas notas.

Babi fecha a agenda. Está mais tranqüila. É a Boi quem vai conferir a assinatura, e na certa não vai reparar que é falsa. Começa a estudar, mas logo é tomada por uma sensação de inquietude. Olha ao redor, mas tudo parece normal. Continua fazendo os deveres. Se tivesse prestado mais atenção no horário agora saberia o motivo de sua preocupação. A segunda aula é da Giacci.

Mais tarde, depois de os pais de Babi saírem, Step vai buscá-la. Toda a galera está lá embaixo, esperando: Schello, Lucone, Dario e Glória, o Siciliano, Hook, Pollo e Pallina e mais uns rapazes num Golf com algumas garotas. Babi e Step

seguem de moto para Prima Porta, depois viram à direita em direção de Fiano.

Quando chegam, Babi está arrepiada de frio. O restaurante chama-se II Colonnello

e fica longe à beça. Babi não entende por que escolheram justamente aquele lugar

para jantar. São duas grandes salas em volta do forno a lenha, com as costumeiras

mesas. Talvez seja barato, pensa. Um jovem garçom chega para anotar os pedidos.

São quinze e todos mudam continuamente de idéia a não ser ela, que pediu logo

uma salada mista sem muito azeite. O coitado do garçom não sabe mais o que

fazer. De vez em quando tenta recapitu-lar as entradas para passar então aos pratos

principais, mas na hora dos acompanhamentos há sempre alguém que muda de

idéia. — Ó chefe, me vê uma massa fresca com molho de javali.

— Para mim também — diz logo outro, sendo logo acompanhado por mais

alguém, enquanto há quem decida mudar para polenta e salsichas, ou então uma

massa à carbonam. É a turma mais indecisa que Babi já viu na vida. E, para piorar,

Pollo não pára de tentar resumir todos os pedidos, tornando a coisa ainda mais

confusa. No fim, todos riem, achando graça. O pobre garçom se afasta,

transtornado. A única coisa certa é que deve trazer catorze cervejas médias e uma. .

o que foi que pediu a linda loirinha de olhos azuis? Ele confere o pedaço de papel

todo rabiscado e entra na cozinha lembrando-se também de que deve levar uma

Coca Light.

O jantar prossegue na maior confusão. Cada vez que chega algum prato,

desde o presunto até o queijo ou as torradas, acontece uma espécie de assalto,

todos caem em cima da travessa e não demora nada para a comida desaparecer.

Algumas garotas com os olhos maquiados demais riem achando a maior graça. Babi

olha para Pallina em busca de compreensão. Ela também, no entanto, parece

perfeitamente integrada no grupo. Chega a salada mista com pouco azeite. A

situação não é de fato das mais alegres. O Siciliano começa a falar. Conta a triste

história de um tal Francesco Costanzi que teve a infeliz idéia de se meter com uma

antiga namorada sua. E olha que a garota nem era mais namorada dele, pensa Babi.

Era apenas uma ex! Nem dá para acreditar. .

Mas todos ouvem atentos, e ninguém parece reparar nesse detalhe, o que

leva Babi a pensar que talvez ele esteja certo. A louca deve ser ela.

— E sabe então o que eu fiz? — O Siciliano engole um trago de cerveja. —

Fui com o Hook até a casa da Marina, que estava sozinha.

Na outra ponta da mesa, Hook, com o tapa-olho no rosto, sorri. Está no

centro das atenções e aproveita o momento de glória. O Siciliano continua:

— Mandei a garota ligar para aquele babaca de Costanzi. Ela perguntou se o

cara podia dar uma passada lá na casa dela e sabem o que o filho-da-puta fez?

Babi olha incrédula para o grupo. Parece que de fato não sabem. Decide

arriscar um palpite. -Ele foi. O Siciliano vira-se para ela. Parece um tanto irritado.

— Isso mesmo, Babi. O filho-da-puta foi mesmo!

Ela sorri, mas logo acaba cruzando com o olhar chateado de Step e —

amarra a cara. O Siciliano não repara e continua alegremente o seu relato.

— Agora é que vem a melhor parte da história. Quando ele chegou, a

Marina mandou o maluco subir. Mal ele entrou, o Hook e eu pulamos em cima e o

imobilizamos. Aí, vocês nem podem imaginar como a gente riu. Tiramos a roupa

dele e o amarramos na cadeira. Vocês deviam estar lá. O babaca estava pelado

como um verme. Depois, peguei uma faca na cozinha e enfiei entre as pernas dele.

O cara começou a gritar. Hook disse que era porque a faca estava gelada!

Aí, a

Marina entrou na sala e mandamos ela vestir umas paradas transparentes. Liguei o

som e ela começa a fazer um strip-tease. Aí, eu falei para o cara que se a gente

percebesse que ele estava gostando e o troço que ele carrega entre as pernas desse

algum sinal de vida, eu cortava o pau dele. E querem saber de uma coisa? A Marina

ficou de calcinha e sutiã, e o cara nem se mexeu, sacaram? A piroca parecia morta,

não estava nem aí.

Todos riem como loucos. Uma garota no fundo da mesa chega a engasgar.

Step também parece achar graça. Babi não consegue acreditar.

— Esperem, esperem.. — grita o Siciliano. — Ainda não acabou. Em certa

altura, ouvimos uma chave entrando na fechadura. Eram os pais da Marina! Eu e o

Hook saímos correndo e eles deram de cara com o maluco pelado na cadeira e a

Marina só de calcinha e sutiã. Juro, foi uma cena de se cagar todo de tanto rir, uma

parada sinistra. Só estando lá para ver!

— E o que os pais da Marina fizeram com o cara?

Babi olha para Pallina. Ela ainda tem a coragem de fazer uma pergunta

dessas! — Sei lá, não faço a mínima idéia. Nós saímos de fininho. Só sei que o

sujeito agora arrumou outra e tem alguns problemas para conseguir... Depois de

uma experiência dessas, parece que ficou bastante inibido. Quando vê uma mulher

tirando a roupa, o negócio dele não levanta mais como antes.

É o triunfo. Todos riem como alucinados. Então, sem aviso prévio,

acontece. Um pedaço de pão voa. Logo a seguir, tem início uma verdadeira batalha

com restos de bifes, batatas, cerveja. Jogam de tudo. As garotas são as primeiras a

abandonar o posto. Babi e Pallina afastam-se depressa, imitadas pelas demais. Os

meninos continuam arremessando as sobras de comida com força, cheios de

raiva,

não dando a mínima para as outras mesas, acertando nos clientes ao lado. O

apogeu acontece quando o garçom tenta detê-los. Leva um pedaço de pão caseiro

molhado bem no meio da cara. Ele é ovacionado. O garçom nunca foi tão

aclamado na vida dele. Depois, chega a hora de pagar. Pollo se oferece para juntar

o dinheiro. Step fica de braços dados com Babi e a leva para fora do restaurante.

Um após o outro, todos saem.

Babi tira a carteira do bolso.

— Quanto estou te devendo?

— Fala sério! Deixa para lá. — Step sorri.

-Obrigada.

— Não é a mim que precisa agradecer. Suba.

— A quem, então? Pollo estava juntando o dinheiro.

— Que nada! Aquilo foi só uma frase para disfarçar. Justamente naquela

hora Pollo sai do restaurante correndo e pula na moto.

— Vamos embora, galera!

Todos saem em disparada cantando os pneus. As motos se afastam rápidas,

com os faróis apagados. O garçom e mais outra pessoa saem correndo do

restaurante. Gritam tentando, inutilmente, tomar nota das placas.

O rugido das motos ecoa ensurdecedor pelos pequenos becos de Fiano. Um

depois do outro, dobrados sobre as motos a toda, aos berros, rindo e tocando as

buzinas, deixam para trás as ruelas da aldeia. Sempre chispando, pegam a Tiberina

envolvidos pelo frio da estrada, pelo verde molhado dos bosques próximos. Só

então ligam os faróis.

Pollo emparelha em Step.

— A comida não é nada mal nesse tal de Colonnello. .

— Não, é boa mesmo.

— De qualquer maneira, queriam que a gente pagasse quarenta euros por

pessoa. .

— Fez muito bem, então!

Pollo acelera e com uma risada debochada se afasta com Pallina. Babi

debruça-se para a frente.

— Quer dizer que saímos sem pagar?

— Por quê? O que isso tem demais?

— O que isso tem demais? Não percebe que podem ter nos denunciado, que podem ter anotado algumas placas?

— Não conseguem ver nem mesmo os números se estamos com os faróis apagados. Fazemos isso o tempo todo e nunca fomos pegos. Por isso, vê se não dá azar e vira essa boca para lá!

— Eu não dou azar. Só estou tentando fazer com que raciocine, apesar dessa tarefa me parecer bastante difícil. Não pensou no pessoal do restaurante? São pessoas que trabalham, que ficam o dia inteiro na cozinha suando em volta do fogão, que põem a mesa para você, que lhe servem a comida, que limpam, lavam os pratos e você nem liga.

— Claro que ligo. Não acabei de dizer que até gostei muito da comida deles?

Babi fica em silêncio. É inútil. Abandona-se no selim, recuando e afastando-se um pouco dele. A sua volta, a umidade dos bosques e o vento noturno dão-lhe arrepios. Mas não é só por isso. Está com um cara que não entende, que não pode entender. Olha para cima. É uma noite linda. As estrelas brilham ao longe. Pequenas nuvens transparentes acariciam a lua. Tudo seria maravilhoso, se somente. .

— Step. — Hook emparelha. — Quer apostar cinqüenta euros para ver quem chega primeiro até o centro numa roda só?

Step não precisa de incentivos.

— Feito! — Ele reduz um pouco a velocidade e acelera em seguida. A moto empina. Babi mal tem tempo de se segurar. De novo!

— Já não agüenta mais. Pelo menos, dessa vez, ela não está virada de cabeça para baixo!

— Step! Step! — grita acertando uma saraivada de golpes nas costas dele. — Pare com isso! Desça.

Step solta suavemente o acelerador. A moto volta a avançar com ambas as

rodas no chão. Hook continua mais um pouco, gritando vitória.

— O que deu em você? Ficou louca?

— Chega de pinotes, de brigas, de perseguições, não agüento mais, estou sendo clara? — Babi está gritando. — Quero uma vida normal, tranqüila. Com pessoas que andam de moto como todo o mundo. Não quero fugir dos restaurantes, prefiro pagar como todos. Não quero mais brigas. Não quero nem saber que um dos seus amigos botou uma faca no meio das pernas de alguém só porque o coitado ligou para a antiga namoradinha dele e não gostaria de saber nem mesmo se eu fosse a amiga dele! Eu odeio a violência, odeio os machões, odeio os prepotentes, odeio quem não sabe viver, não sabe falar, quem não sabe discutir, quem não tem o menor respeito pelos outros. Está me entendendo? Odeio!

Ficam um momento calados, deixando-se ninar pela velocidade constante da moto, pelo vento que pouco a pouco parece acalmá-la. Alguns momentos mais tarde, Step dá uma gargalhada.

— Qual é a graça?

— Sabe o que eu odeio de verdade?

— O quê?

— Perder cinqüenta euros.

Diante do posto da praça Euclide um grupo de rapazes e garotas está ouvindo um sujeito muito divertido. Poderia fazer sucesso em qualquer programa de humor na televisão. Mas, em vez disso, botou na cabeça que queria estudar Administração de Empresas, mesmo que diante dos professores sempre pareça ser mudo. Mais além, em frente ao Pandemonium, formou-se um grupo um pouco mais velho. Chega um BMW Z3. Uma morena de meias tão perfeitas quanto as pernas desce do carro. Usa um casaquinho preto e uma saia plissada de seda translúcida. O carro é azul claro e um publicitário não poderia imaginar

coisa
melhor. Quando o homem sai do carro, no entanto, a magia se desfaz. Tem poucos
cabelos na cabeça e uma barriguinha saliente. Nenhuma agência jamais o escolheria
como garoto-propaganda. Um pouco mais adiante, na altura da banca de jornais,
pára uma caminhonete. Dois policiais conferem sem muita convicção os
documentos de alguns garotos e logo em seguida vão embora.
Um carro passa veloz buzinando. Uma menina loira bota a cabeça para fora
gritando alguma coisa para alguém e logo desaparece subindo pela rua Siacci. Uma
morena entra no Coffee Shop para comprar cigarros.
Finalmente, um depois do outro, eles chegam. Acelerando os motores,
tocando as buzinas. Uns sobem com a moto na calçada, outros estacionam diante
das portas fechadas do bar Euclide. Babi desce da Honda de Step, puxa os cabelos
para trás com a mão. Na mesma hora, chega Pallina.
— Demais, não acha?
— O quê?
— Fugir daquele jeito, na noite, sem pagar. Nunca fiz nada parecido antes.
Puxa, achei o máximo. E, além do mais, achei todo o mundo hipersimpático.
— Eu não achei graça nenhuma.
— Bem, uma vez na vida..
— Não é questão de uma só vez e você sabe disso muito bem. Para eles é
normal. Você não está entendendo, Pallina. É como roubar. Jantando sem pagar, é
como se você roubasse.
— Grande coisa! Um prato de ravióli e uma cerveja. O assalto do século!
— Pallina, quando você não quer entender não adianta explicar, não é?
De repente, uma mão lhe dá dois toques não propriamente suaves no
ombro: é Madalena. Masca chiclete e encara Babi sorrindo.
— Olha aqui, é bom você sumir desta praça.
— E por quê?
— Porque eu estou dizendo.
— Este lugar não é seu, que eu saiba. E, portanto, não pode me mandar
embora.

— Acho que não me expliquei direito. É bom ir logo andando.

— Madalena dá mais um empurrão no ombro de Babi. — Estou sendo clara?

Babi suspira.

— O que você quer, afinal? Eu te conheço? Madalena levanta a voz. Fica vermelha.

— Vai conhecer depois que eu quebrar a sua cara. — Ela se aproxima e grita a um palmo do nariz: — Entendeu?

Babi faz uma careta de desprezo. Alguém ali perto já se virou para ver o que está acontecendo. Pouco a pouco o pessoal pára de conversar e se junta ao redor das duas garotas. Todos sabem o que vai acontecer. Babi também sabe. Procura afastar Madalena que está perto, perto demais.

— Vê se pára com isto. Não gosto de dar espetáculo em público.

— Não gosta, é? Então fique em casa. .

Madalena avança, ameaçadora. Babi estica os braços e põe as mãos nos ombros da outra para mantê-la afastada.

— Escute, eu já disse que não estou a fim de brigar..

— O que é isso? — Madalena olha a mão de Babi no seu ombro.

— Está botando as mãos e cima de mim? Tira logo esta pata daqui!

— E dá um golpe no braço de Babi com toda a força.

— Tudo bem, estou indo. Step?

Babi dá meia-volta, procurando Step. Mas justamente naquela hora sente uma ardência dolorosa no malar direito. Alguma coisa a acertou. Ela se vira.

Madalena está bem ali diante dela. Levanta os punhos fechados, ameaçadores, e sorri. Ela fora a responsável pelo soco. Babi leva a mão ao rosto ainda quente, dolorido. Madalena solta-lhe um pontapé na barriga. Babi recua. Madalena só acerta de raspão, mas, mesmo assim, a machuca. Babi lhe dá as costas para ir embora.

— Aonde pensa que está indo, sua putinha de merda?

Um pontapé por trás acerta Babi em cheio no traseiro empurrando-a para a frente. Babi consegue não perder o equilíbrio. Está com os olhos cheios de

lágrimas. Continua andando lentamente. Ouve as brincadeiras sem graça e a gritaria em volta, rostos que riem debochados, outros que a observam em silêncio, alguém que aponta para ela.

Algumas meninas olham, preocupadas. O barulho do trânsito serve como pano de fundo. Só então Babi vê Step. Está bem diante dela. Ouve subitamente alguém vindo de trás. É Madalena. Fecha os olhos e baixa levemente a cabeça. Ela vai acertá-la novamente. Sente-se puxar violentamente pelos cabelos, quase acaba sendo arrastada. Vira-se sobre si mesma para não cair. Acaba sendo forçada a correr cabisbaixa, puxada por Madalena, essa fúria aos berros que a enche de socos na cabeça, no pescoço, nas costas. O couro cabeludo parece estar a ponto de soltar-se e uma terrível lâmina de fogo penetra seu cérebro deixando-a quase louca. Tenta se livrar. Mas cada puxão, cada resistência, representa mais uma fisgada, mais uma dor lancinante. Então deixa-se levar, corre atrás dela. Babi leva as mãos para a frente, segurando o casaco de couro de Madá, puxando a garota com todas as forças, cada vez mais perto, cada vez mais rápida, sem ver para onde vai, sem entender. Então, todos ouvem um estrondo de ferragem, de metal que se espatifa no chão. De repente, está livre. Madalena chocou-se contra as scooters que estavam estacionadas na calçada, caiu arrastando consigo uma velha Free e uma SH 50. E agora está deitada ali embaixo, enquanto uma roda suja, com o aro enferrujado, continua girando, e um guidom a mantém presa sob o peso de um chassi. Babi sente a raiva subir de repente dentro de si como a maré, como uma enorme

onda
de ódio. Pode sentir o rosto acalorado, a respiração ofegante, as maçãs do rosto
doloridas, os cabelos desgrenhados, e só leva um momento para cair em cima de
Madalena. Começa a desferir golpes, chutando a outra menina como se fosse um
animal. Irreconhecível. Madalena tenta se levantar. Babi dobra-se em cima dela
dando-lhe uma saraivada de socos, espalhando golpes por todo o corpo de
Madalena, gritando, arranhando, puxando-a pelos cabelos, marcando seu pescoço
com longas linhas irregulares feitas de sangue. Então duas mãos vigorosas
levantam-na por trás. Babi está, de repente, chutando o vazio, na tentativa de se
livrar e voltar a atacar Madalena, mais uma vez morder, ferir. Ao ser retirada dali
um último pontapé, preciso, mas não muito proposital, acerta mais uma scooter.
Outra SH 50 desmorona devagar ao lado de Madalena, que a essa altura já está
esgotada.
— Minha scooter.. — queixa-se um inocente.
Enquanto a carregam dali, Babi observa a multidão. Já não estão rindo.
Olham para ela em silêncio. Abrem alas para Babi passar. Ela se deixa cair para trás,
abandonando-se nos braços de quem a carrega. E solta uma risada nervosa para o
céu. Lembra-se da jovem apagada sentada à cabeceira da mesa. Ri de novo, mais
ainda, mais alto, mas já não ouve os sons saindo de sua boca.
A brisa fresca acaricia o rosto de Babi. Ela fecha os olhos. O coração bate
com força em seu peito enquanto a cabeça roda. A respiração é irregular e ondas
violentas de raiva, ainda não aliviada, fazem o corpo estremecer. Alguma coisa
embaixo dela pára. Está na moto. Step ajuda-a a descer.
— Vem cá.
Estão na ponte de Corso Francia. Sobem os degraus. Aproximam-se do

chafariz. Step molha a bandana e passa-a no rosto dela.

— Melhor?

Babi acena que sim com a cabeça. Step senta no parapeito da ponte, com as pernas abertas penduradas no vazio. Fica olhando para ela, sorrindo.

— Quer dizer que você é aquela que odeia os violentos? Os brigões? Ainda bem! Se não tivessem tirado a Madalena das suas garras, a essa altura a pobre coitada estava morta.

Babi dá um passo na direção dele, mas logo começa a chorar. De repente, de forma incontrolável. É como se alguma coisa houvesse se quebrado, uma represa, uma barragem que liberta aquele rio de lágrimas e soluços. Continua olhando para ela, de braços abertos, sem saber o que fazer. Finalmente, ele abraça aqueles pequenos ombros trêmulos e macios.

— Vamos lá, pare com isso. Não foi culpa sua. Ela te provocou.

— Eu não queria bater nela, não queria machucar a Madalena. Sério. . Não era a minha intenção.

— Eu sei.

Step põe a mão embaixo do queixo de Babi. Recolhe uma pequena lágrima salgada, e levanta o rosto dela. Babi abre os olhos chorosos, fungando. Bate as pestanas rindo, ainda nervosa. Step aproxima-se lentamente de sua boca e a beija.

Parece ainda mais macia do que de costume, quente e submissa, levemente salgada.

E ela se entrega, procurando conforto naquele beijo, primeiro com doçura, depois com cada vez mais força, está tão desesperada que acaba escondendo-se no pescoço dele. E ele ampara o seu rosto molhado, a pele fresca, os pequenos soluços que nela se escondem.

— Já chega. — Ele a afasta. — Pare com isso. — Step sobe no parapeito. — Se não parar de chorar, vou me jogar lá embaixo. Estou falando sério... — Ele dá alguns passos inseguros na borda do parapeito. Abre os braços tentando se equilibrar. — Vai parar ou quer que eu me jogue.. ?

Vários metros mais abaixo está o rio tranqüilo e escuro, com a água que a noite pinta de preto, as margens cheias de moitas. Babi olha para ele preocupada, mas não pára de soluçar.

— Não faça isso, eu lhe peço.

— Então pare de chorar!

— Não consigo. .

— Então tchau. .

Step dá um pulo e se joga lá embaixo gritando. Babi corre para a borda do parapeito.

— Step! — Não dá para ver nada, só a lenta correnteza do rio que arrasta a água. — Buuu!

Step desponta debaixo do parapeito e segura-a rápido pela lapela do casaco. Babi grita.

— Acreditou, não foi? — Ele lhe dá um beijo.

— Era só o que me faltava. Já sabe como estou me sentindo e ainda me dá um susto desses?

— Fiz de propósito. Um belo susto é justamente aquilo de que você precisa. Acaba com qualquer coisa.

— Isso só funciona com soluço.

— E você não estava soluçando? Esqueça. Vem cá. — Step ajuda Babi a pular o parapeito. Ficam do lado de fora da ponte, suspensos no vazio em cima de uma espécie de cornija. Logo abaixo, o rio, mais ao longe, a Olímpica iluminada.

Envolvidos pela escuridão e pelo murmúrio da água beijam-se de novo. Com paixão e força, cheios de desejos. Ele levanta a camiseta dela e apalpa-lhe o seio, soltando o sutiã. Desabotoa a camisa e aperta a pele macia contra o seu peito.

Ficam lá, respirando o calor um do outro, ouvindo os seus corações, sentindo o contato da pele acariciada pelo vento fresco da noite.

Mais tarde, sentados no parapeito, olham o céu e as estrelas. Babi, agora mais calma e tranqüila, está deitada com a cabeça apoiada nas pernas de Step. Ele acaricia-lhe os cabelos. Em silêncio. Então, Babi vê uma pichação e

comenta.

— Você nunca faria uma coisa dessas comigo.

Step olha ao redor. Uma romântica latinha de tinta borrifou a frase de amor: "Minha gatinha, te amo."

— É verdade. Como você mesma diz, não sei escrever.

— Poderia pelo menos sugerir que alguém escrevesse para você. — Babi leva a cabeça para trás sorrindo-lhe de cabeça para baixo.

— É, pode ser. . mas, de qualquer maneira, escreveria alguma coisa mais parecida com isso, acho mais apropriado no seu caso. — Numa coluna bem na frente deles há outra pichação: "Cathia tem a segunda bunda mais linda da Europa." A palavra "segunda" foi acrescentada dentro de um pequeno parêntese.

Step sorri. — É uma pichação muito mais sincera. Ainda mais porque você é dona da primeira.

Babi desce do parapeito num pulo e dá um tapa em Step.

— Seu porco!

— O que é isso? Agora vai bater em mim também? Quer dizer que virou hábito. .

— Não gostei da brincadeira. .

— Tudo bem, vou parar. — Step tenta abraçá-la. Babi foge. -Não acredita? Prometo...

— Claro que sim. . senão vai levar uma surra!

— Alessandri?

— Presente.

— Bandini?

— Presente.

A Boi está fazendo a chamada. Na carteira, Babi dá mais uma conferida na justificação. Está preocupada. A assinatura já não lhe parece tão perfeita. A Boi pula um sobrenome. Uma aluna presente, e que faz questão de manter a própria identidade, levanta-se e salienta o erro. A Boi pede desculpas e recomeça a chamada a partir de onde errou. Babi fica mais calma. Com uma professora como esta pode ser que a justificação passe sem maiores problemas. Quando chega a hora, leva a

agenda até a mesa da professora, juntamente com as outras duas ausentes do dia anterior. Fica de pé, com o coração batendo forte no peito. Mas nada acontece.

Babi volta a sentar e acompanha o resto da aula aliviada. Um bilhete chega à sua carteira. Pallina sorri do lugar dela. Foi ela quem mandou. É um desenho. Uma garota está estirada no chão e outra está em cima dela fazendo pose de boxeadora.

Em cima, uma manchete chamativa: Babi III. Era uma paródia de Rocky. Uma seta aponta para a garota no chão com a legenda "Madalena" e, entre parênteses, "a panaca". Ao lado da outra menina, está a frase: "Babi, seus punhos são de pedra, seus músculos de aço. Quando ela chega a praça Euclide inteira estremece e logo as babacas fogem." Babi não pode deixar de sorrir.

Nessa mesma hora, o sinal toca. A Boi, depois de recolher penosamente o seu material, sai da sala. As jovens mal têm tempo de se levantar das carteiras antes da Giacci entrar na sala. Todas voltam silenciosamente aos seus lugares. A professora se dirige até a mesa. Babi tem a impressão de que, ao passar pela porta, a Giacci olha ao redor, como se estivesse procurando alguma coisa. E, quando repara justamente nela, parece de alguma forma aliviada e sorri. Enquanto senta, Babi fica pensando que aquilo não passa de uma mera impressão, que é melhor deixar de pensar no assunto, está ficando maníaca. Afinal de contas a Giacci não tem nada contra ela.

— Gervasi! — Babi se levanta. A professora olha para ela sorrindo. — Venha, aproxime-se Gervasi. — Babi sai da carteira. Impressão coisíssima nenhuma. Já foi sabatinada em história. É com ela mesma que a Giacci tem implicância. — E traga também a sua agenda.

A frase é uma fisgada no seu coração. Acha que vai desmaiar. É como se a

sala começasse a rodar à sua volta. Olha para Pallina. Ela também ficou branca.

Segurando a agenda, que agora parece queimar em suas mãos, Babi se aproxima da

mesa. Por que a professora está querendo a agenda dela? A consciência pesada

parece não ter nenhuma dúvida sobre o intuito da professora. De repente, percebe

uma fraca luz no fundo do túnel. Talvez a Giacci queira conferir novamente se a

advertência fora assinada. Agarra-se a esta esperança, a essa improvável ilusão.

Coloca a agenda na mesa.

A Giacci abre-a encarando Babi.

— A senhorita, ontem, não veio à escola, não é verdade? Até aquele último

fiapo de esperança se esvai.

— É verdade.

— Posso saber por quê?

— Não estava passando bem. — Agora Babi está sentindo-se muito mal. A

Giacci aproxima-se perigosamente da página das justificações. Encontra a última, a

incriminadora.

— E essa aqui seria a assinatura da sua mãe, não é? — A professora põe a

agenda bem na cara de Babi. A menina fica olhando para a sua tentativa de

falsificação. De repente, a assinatura lhe parece obviamente fajuta, incrivelmente

trêmula, escrachadamente forjada. O "sim" que sai da sua boca é tão fraquinho que

quase não dá para ouvir.

— Estranho. Falei agora há pouco com sua mãe pelo telefone e ela não sabia

nada a respeito de sua falta. Menos ainda dessa assinatura. Ela está vindo para cá

agora mesmo. Não parecia estar muito feliz. A senhorita está acabada nesta escola,

Gervasi. Será expulsa. Uma assinatura falsificada, quando apresentada às

autoridades competentes, como eu farei, resulta numa suspensão definitiva. É uma

pena, Gervasi, você podia até tirar uma boa nota na conclusão do curso.

Terá de
esperar mais um ano. Pegue.
Babi apanha a agenda, que agora parece incrivelmente leve. De uma hora
para a outra tudo lhe parece diferente, os seus movimentos, os seus passos. É como
se estivesse pairando no ar. Voltando à carteira pode sentir os olhares das colegas,
aquele estranho silêncio.
— Dessa vez, Gervasi, quem errou foi a senhorita!
Não entende com muita clareza o que acontece a seguir. Acaba num
aposento com bancos de madeira. Sua mãe grita. Logo chega a Giacci com a
diretora. Mandam-na sair. Continuam falando por um bom tempo enquanto espera
no corredor. Uma freira passa como um fantasma. Trocam um olhar sem sorrisos
nem cumprimentos. Mais tarde, a mãe sai. Leva-a embora puxando-a pelo braço.
Está muito zangada.
— Mãe, vão me expulsar?
— Não, amanhã de manhã você volta às aulas. Acho que encontramos uma
saída, mas antes preciso saber o que seu pai acha disso, se ele também concorda.
Que raio de solução pode ser, se a mãe também precisa da concordância do
pai? Depois do almoço, finalmente descobre. É apenas uma questão de dinheiro.
Terão de pagar. O bom das escolas particulares é que tudo pode ser resolvido
facilmente. O único verdadeiro problema é "quão" facilmente.
Daniela entra no quarto da irmã com o telefone sem fio.
— Atende aí, é para você. — Babi, cansada com toda aquela história, estava
dormindo.
— Alô?
— Oi, quer sair comigo? — É Step. Babi se senta melhor na cama. Está
completamente acordada.
— Queria muito, mas não posso.
— Vamos lá, podemos ir ao Parnaso, ou ao Pantheon. Vou te pagar um café
com chantilly na Tazza d'Oro. Já experimentou? É uma coisa do outro

mundo.

— Estou de castigo.

— De novo? Ainda não acabou?

— Acabou, mas hoje a minha professora descobriu o lance da assinatura falsificada e foi quase o fim do mundo. A velha não gosta de mim. Foi logo falar com a diretora. Ia ter de repetir o ano inteiro, mas a minha mãe conseguiu dar um jeito. — Como assim? Essa sua mãe.. Tem um gênio de cão.. mas sempre consegue o que quer.

— Não é bem assim. Ela precisou pagar.

— Quanto?

— Cinco mil euros. Em obras de caridade. . Step solta um assobio.

— Puta que pariu! Caridosas, essas irmãs. . — Segue-se um silêncio constrangido. — Alô, Babi?

— Estou aqui.

— Pensei que a linha tivesse caído.

— Não, estava pensando na Giacci, a professora. Tenho medo de que essa história não fique só nisso. Forcei a velha a reconhecer um erro diante da turma toda e agora quer se vingar de qualquer maneira.

— Não lhe bastam os cinco mil euros?

— Aquilo foi com a minha mãe.. é uma espécie de donativo. O que ela quer é uma desforra comigo. Que droga! Imagine que eu estava indo tão bem com as minhas notas que, para mim, as provas finais iam ser moleza!

— Quer dizer que não pode mesmo sair?

— Nem pensar! Se minha mãe ligar e não me encontrar em casa vai ser um verdadeiro deus-nos-acuda.

— Então vou passar aí. — Babi olha o relógio. São quase cinco horas. Raffaella só vai chegar muito mais tarde.

— Está bem. Vou te oferecer um chá.

— Que tal uma cerveja?

-Às cinco?

— Nada melhor do que uma cerveja às cinco da tarde e, além do mais, acontece que eu detesto os ingleses. — Ele desliga.

Babi pula da cama. Bota os sapatos.

— Dani, vou descer um momento até o mercadinho, precisa de alguma coisa?

— Não, obrigada. Step vem para cá?

— Volto logo.

Babi compra duas marcas de cerveja. Uma latinha de Heineken e outra de Peroni. Se fosse vinho, saberia melhor qual escolher. Mas de cerveja não entende nada. Volta correndo para casa e as coloca no freezer. Logo em seguida, toca o interfone.

— Alô?

— Babi, sou eu.

— Primeiro andar. — Ela aperta duas vezes a tecla do interfone e vai até a porta. Não pode deixar de dar uma olhada em si mesma no reflexo de um quadro.

Tudo certo. Abre a porta. Pode vê-lo subir pulando os degraus de dois em dois. Só pára ao chegar ao patamar, para abrir-se naquele sorriso de que ela tanto gosta.

— Oi. — Babi afasta-se da porta para deixá-lo passar. Ele entra para então tirar debaixo do casaco uma caixa.

— Para você. São biscoitos amanteigados ingleses. Comprei aqui perto, são uma delícia.

— Biscoitos amanteigados ingleses... Então gosta de algumas coisas inglesas..

— Para dizer a verdade nunca experimentei. Quem adora é o meu irmão.

Ele se amarra em tortas de maçã e coisas do tipo, por isso, devem ser realmente ótimos. Eu só gosto de salgados. Até no café da manhã prefiro um sanduíche, ou só umas torradas. Doces, quase nunca.

Ela sorri um tanto preocupada com as diferenças entre eles até nas coisas mais corriqueiras.

— Obrigada, vou experimentar logo.

Na verdade, está de regime, e aqueles pequenos retângulos amanteigados têm cem calorias cada. Step a acompanha, ele também levemente preocupado. Não comprou os biscoitos na rua, pegou em casa. Mas os seus receios logo se esvaem.

Afinal de contas está fazendo um favor a Paolo. Um pouco de dieta só pode lhe

fazer bem. Daniela sai do quarto sem motivo algum, só para vê-lo.

— Olá, Step.

— Oi — ele a cumprimenta sorrindo. Parece não ter dado a menor importância ao fato de ela saber o seu nome. Babi fulmina a irmã com o olhar.

Daniela entende logo o recado e, depois de fingir que está procurando alguma coisa, volta para o seu quarto. A água não demora a ferver. Babi pega uma caixa metálica pintada de rosa e, com uma colher, derrama pequenas folhas de chá no bule. Pouco a pouco um aroma delicado espalha-se pela cozinha.

Logo em seguida, vão para a sala. Ela segurando uma xícara de chá com cereja, ele com ambas as cervejas entre as pernas, resolvendo, assim, qualquer possível dúvida quanto à escolha. Babi pega um álbum de fotografias e começa a mostrar. Talvez seja a Heineken, ou então a Peroni, mas acontece que ele está realmente gostando. Presta atenção nas coloridas explicações que acompanham cada foto: uma viagem, uma festa, uma lembrança.

Dessa vez, não adormece. Um retrato depois do outro. Pode vê-la crescer, folheando aquelas páginas de cartolina. Ela com os primeiros dentinhos, ela apagando uma vela, pedalando, insegura, o primeiro triciclo. Ou então, já mais crescida, no carrossel com a irmã. No trenó com Papai Noel, no zoológico com um filhote de leão entre os braços. Vê o rosto dela que pouco a pouco se afina, o cabelo que se torna mais claro, o seio que aparece tímido. E, de repente, na outra página, ela é mulher. De roupa de banho e mãos na cintura, já não parece um garoto levado com cara emburrada. Um charmoso biquíni cobre o corpo dourado de uma linda jovem, de pernas lisas, já menos gorduchas e mais compridas. Os olhos claros mostram que sabe entender as coisas quando quer, que a sua

inocência
é apenas uma escolha. Sentada num pedalinho, os ombros morenos e magros,
talvez ainda salientes demais, aparecem entre mechas de cabelo esbranquiçadas pelo
mar. No fundo, banhistas fora de foco nem desconfiam de que foram
imortalizados.
A cada página que folheiam, ela parece assemelhar-se mais ao original, que
está agora sentado no sofá.
Com o interesse aguçado pelas explicações, Step acompanha as fotos,
beberica a segunda cerveja, faz algumas perguntas. Então, de repente, Babi lembra
do que está por vir. Tenta pular a página.
Step, achando graça nas mil desculpas dadas por ela, é mais rápido.
— Ah, não, agora quero ver.
Fingem uma luta só para se abraçarem e sentirem os corpos mais juntos.
Então ele, depois de ganhar a disputa, cai na gargalhada. Engraçada e careteira, com
os olhos vesgos, lá está ela bem no meio da página. Babi nunca gostou daquela
foto. — Estranho, é a que mais se parece como você é agora.. Babi banca a
ofendida e dá um soco em Step. Depois, guarda o álbum, pega a xícara, as duas
latas de cerveja vazias e volta à cozinha. Step, agora sozinho, dá uma olhada na sala.
Detém-se diante de alguns quadros de pintores para ele desconhecidos. Numa
ampla mesa de pernas curtas, bibelôs e cinzeiros de prata de vários tamanhos
poderiam, sem dúvida alguma, fazer a felicidade de seus amigos.
Babi lava a xícara e joga as latas de cerveja na lixeira embaixo da pia,
escondendo-as sob uma embalagem de leite vazia e vários pedaços de papel-toalha
amarrotados. Não pode deixar pistas. Quando volta para a sala, Step parece ter
desaparecido.
— Step? — Nenhuma resposta. Vai para o quarto. — Step?
Lá está ele, de pé perto da escrivaninha, folheando a agenda dela.
— Não é bonito ler as coisas dos outros sem permissão. — Babi arranca a

agenda das mãos de Step. Ele deixa. Já leu o que queria. Guarda na memória.

— Por quê? Escreveu alguma coisa que poderia me deixar zangado?

— Não é da sua conta.

— Vai me dizer que escreveu alguma coisa para aquele imbecil da BMW. .

— Não, aquilo foi só um rolo, uma ficada.

— Uma ficada — Step imita o tom de voz dela.

— Claro, nada parecido com o seu caso com aquela louca furiosa.

— De quem está falando? — Ele se faz de desentendido.

— Não banque o idiota, sabe muito bem de quem estou falando! Daquela morena boxeadora em quem dei uma boa lição ontem. Ou será que ela pulou em cima de mim só para se divertir um pouquinho?

Step ri e se aproxima. Beija Babi arrastando-a para a cama. Logo começa a levantar a camiseta dela.

— Pare com isso. Se os meus pais nos pegarem em casa já vai ser um bafafá.

Se nos pegarem no meu quarto, então, vai ser o fim do mundo.

— Você está certa. — Step segura Babi e a levanta com facilidade. Está acostumado com halteres bem mais pesados do que aquele corpo macio. — É melhor a gente sair logo daqui. — Sem dar tempo para que a menina diga qualquer coisa, mete-se no quarto dos pais dela e fecha a porta. Deita-a então na cama e, beijando-a na penumbra, toma lugar ao lado dela.

— Você é louco! Sabe disso, não sabe? — Babi sussurra no ouvido dele.

Step não responde. Um pequeno raio do último sol é filtrado pela veneziana e ilumina a boca dele. Ela vê aqueles dentes brancos e perfeitos sorrirem, entreabrindo-se antes de perder-se num beijo. Então, sem saber como, encontra-se nos braços de Step sem nada mais por cima de seu corpo. Sente o contato com a pele dele, as mãos que se apoderam suavemente do seu seio. Babi está de olhos fechados, os lábios macios abrem e fecham num ritmo constante que só muda bem de leve, de vez em quando, uma pequena fantasia entre os beijos. De

repente está
mais tranqüila, mais livre. A mão de Step toma silenciosamente conta do seu cinto.
Desata-o devagar. No escuro do quarto, Babi ouve o roçar do couro, o ruído
da fivela metálica. Está muito atenta, apesar de continuar a beijá-lo. Aquele quarto
parece suspenso no vazio. Só o monótono tique-taque de um despertador distante,
a respiração deles, próxima e agora ofegante de amor. Depois uma pequena
pressão, o cinto aperta sua cintura e o fecho se solta daquele terceiro buraco de
bordas escuras, o mais usado, o mais estragado, fruto de sua tão sacrificante dieta.
E, num piscar de olhos, suas Levis se abrem. Os botões prateados se soltam, livres
pelo toque daqueles dedos mágicos. Um depois do outro, perigosamente cada vez
mais para baixo. Ela prende a respiração e, de repente, alguma coisa acontece com
aqueles beijos encantados. Uma pequena mudança quase imperceptível. O
envolvente feitiço parece desaparecer. Embora continuem a se beijar é como se
entre eles existisse uma silenciosa expectativa. Step tenta perceber alguma coisa, um
leve sinal de desejo por parte dela. Mas Babi fica imóvel, não deixa transparecer
coisa alguma. Na verdade, ainda continua indecisa. Ninguém jamais chegou até esse
ponto. Sente os jeans abertos e a mão dele roçando em sua perna. Continua a beijá-
lo, sem querer pensar no assunto, sem saber ao certo o que fazer. Nessa altura, a
mão de Step decide arriscar. Mexe-se bem devagar, delicadamente, mas ela percebe
assim mesmo. Fecha os olhos, quase num suspiro. Os dedos de Step nos seus
quadris, sobre aquela bainha bordada de rosa, a sua calcinha. O elástico que se
afasta de leve da sua pele, mas que escapa da mão de Step para voltar

rápido ao seu lugar. Mais uma tentativa, mais decidida. A mão, sob os jeans, apodera-se dos seus quadris e ali, atrevida e dona absoluta, insinua-se para baixo do elástico. Desce bem no meio, acariciando sua barriga, cada vez mais, até as margens dos pêlos, até fronteiras inexploradas. Mas, então, algo acontece. Babi segura a mão dele. Step olha para ela na penumbra.

— O que foi?

— Shh! — Babi se levanta, apoiando-se no cotovelo, aguçando os ouvidos para fora do quarto, para a garagem atrás do pátio. Um barulho repentino, a conhecida marcha a ré, a aceleração antes de desligar o motor. — Minha mãe!

Rápido, mexa-se!

Levam apenas um instante para voltar mais ou menos ao normal. Babi puxa o cobertor da cama. Step acaba de enfiar a camisa. Batem na porta do quarto.

Ficam um momento imóveis. É Daniela.

— Babi, mamãe chegou. — Nem tem tempo de acabar a frase. A porta se escancara.

— Obrigada, Dani, já sei.

Babi sai arrastando Step atrás dela. Ele faz alguma resistência.

— Não, quero falar com ela, quero deixar tudo em pratos limpos de uma vez por todas! — Step está de novo com aquele sorriso abusado estampado na cara.

— Pare de brincar. Nem quero imaginar o que minha mãe poderia fazer se te encontrasse aqui. — Chegam na sala. — Rápido, saia por aqui, assim não vai cruzar com eles. — Babi faz estalar a fechadura da porta principal. Eles saem para o hall. O elevador leva diretamente para o pátio. Babi aperta o botão para chamá-lo. Trocam um beijo apressado.

— Quero marcar um encontro com Raffaella.

Babi o empurra para dentro do elevador.

— Suma!

Step aperta o botão marcado com um "T" e, com um sorriso, segue o conselho de Babi. Na mesma hora a outra porta, a que dá para o elevador de serviço, abre-se e Raffaella entra. Deixa alguns envelopes na mesa da cozinha e, então, quase num presságio, parece sentir alguma coisa no ar. Talvez o estalo da porta principal. — É você, Babi? — Raffaella corre para a sala. Babi ligou a televisão.

— Oi, mãe, estou vendo televisão. — Mas um leve rubor a denuncia.

Raffaella não precisa de mais do que aquilo. Debruça-se rápida na janela que dá para o pátio. O ruído de um motor que se afasta, folhas de hera que ainda se movem num canto. Tarde demais. Fecha a janela. Encontra Daniela no corredor.

— Alguém esteve aqui em casa?

— Não sei, mãe, fiquei o tempo todo estudando no meu quarto. Raffaella decide não insistir. Já sabe que com Daniela seria inútil. Vai para o quarto de Babi, olha ao redor. Não há nada de estranho. Tudo parece estar no devido lugar. Até a colcha da cama está perfeita. Mas também poderia ter sido esticada por alguém.

Sem dar na vista, passa então a mão sobre ela. Está fria. Ninguém deitou ali em cima. Ainda bem. Dá um suspiro aliviada e vai para o quarto dela. Tira o tailleur e pendura-o num cabide. Pega então um suéter de angorá e uma saia macia. Senta na cama para vesti-los. Está tranqüila, sem imaginar que pouco antes, ali mesmo, sua filha estava abraçada com aquele rapaz que ela detesta. Justamente onde agora ela está sentada, em cima daquela colcha ainda quente de jovens e inocentes emoções.

Mais tarde, Cláudio também volta para casa. Conversa com Babi sobre a justificação falsificada, os cinco mil euros gastos, o comportamento daqueles últimos dias. Depois, senta diante da tevê, finalmente tranqüilo, à espera do jantar.

Naquela mesma hora, porém, Raffaella o chama na cozinha.. Cláudio junta-se à
mulher sem demora.
— O que foi agora?
— Veja... — Raffaella aponta para as duas latas de cerveja que Step tomou.

— Cerveja, e daí?

— Estavam escondidas na lixeira, debaixo do papel-toalha.

— Grande coisa, vai ver que tomaram uma cerveja. Não vejo nada de errado

nisso. — O rapaz esteve aqui essa tarde. Tenho certeza..

— Que rapaz?

— Aquele que bateu no Accado, o que fez sua filha não ir para a escola.

Stefano Mancini, Step, o rapaz da Babi.

— O rapaz da Babi?

— Não está vendo como ela mudou? Será possível que você não percebe

nada... É tudo culpa dele. Corre de moto, assina justificações fajutas. . E reparou na

marca embaixo do olho? Acho até que deve estar batendo nela.

Cláudio fica sem palavras. Mais problemas. Será que o tal rapaz bate mesmo

em Babi? Precisa fazer alguma coisa, tomar uma atitude. Terá de enfrentá-lo, isso

mesmo, irá enfrentá-lo.

—Tome. — Raffaella entrega um pequeno pedaço de papel para o marido.

— O que é isso?

— A placa da moto do rapaz. Você liga para o nosso amigo Davoni, passa o

número, descobre o endereço e vai falar com ele.

Agora vai ter de fazer, não tem escapatória. Só lhe resta uma última

esperança.

— Tem certeza de que é esse número mesmo?

— Vi outro dia a moto parada diante da escola de Babi. Lembro

perfeitamente.

Cláudio guarda o papel na carteira.

— Não perca! — As palavras de Raffaella são mais uma ameaça do que um

conselho. Cláudio volta para a sala e deixa-se cair no sofá diante da televisão. Um

casal fala de sua vida privada diante de uma mulher um tanto masculinizada demais.

Como é que certas pessoas podem querer discutir os seus problemas na tevê, diante

de todo o mundo? É uma coisa que ele não faz nem na sua casa, sozinho, na

cozinha. E agora terá de falar com aquele rapaz. Vai apanhar também. Pensa no

Accado. Talvez acabe no mesmo quarto do hospital. Vão se fazer

companhia. Não
é um grande consolo. Afinal, não acha o Accado tão simpático assim. Cláudio puxa
a carteira e vai até o telefone. Stefano Mancini, Step. O rapaz já lhe custou cinco
mil euros e duas cervejas. Pega o papel com a placa da moto e disca o número do
amigo Davoni. E, enquanto espera que alguém atenda, pensa na mulher. Raffaella é
incrível. Viu apenas uma ou duas vezes a moto do sujeito e lembra perfeitamente
da placa. Ele já tem o Mercedes há mais de um ano e ainda não sabe o número de
cor. — Alô, Enrico?
-Sim?
— Olá, é Cláudio Gervasi.
— Oi, tudo bem?
— Tudo, e com você?
— Tudo certo... A que devo o prazer?
— Desculpe incomodá-lo, mas preciso de um pequeno favor. — Por um
momento, Cláudio chega a esperar que Enrico não seja, afinal, tão disponível.
— Sem problema! Pode falar.
É verdade, quando você não precisa de um favor, todos querem logo ajudar.
Ela não sabe dizer se aquele leve tamborilar na janela é sonho ou realidade.
Talvez seja o vento. Vira-se na cama. Ouve outra vez. Um pouco mais alto, preciso,
quase um sinal. Babi pula da cama. Aproxima-se da janela. Olha entre as pequenas
aberturas da veneziana. Iluminado pelos raios da lua cheia, lá está ele. Abre a janela
devagar, tentando fazer o menor barulho possível.
— Step, o que está fazendo? Como conseguiu chegar aqui?
— Fácil. Subi na mureta e me agarrei nos canos. Não perca tempo, vamos
embora.
— Para onde?
— Estão esperando por nós.
— Quem?
— A turma. Os meus amigos. Chega de conversa, vem logo! Se os seus pais

nos pegarem, aí sim é que o negócio vai feder de verdade.

— Espere, vou vestir alguma coisa.

280

— Não precisa, o lugar para onde vamos fica aqui perto.

— Mas não tenho nada por baixo da camisola. .

— Melhor assim.

— Seu bobo! Só um minuto. — Ela encosta a janela, senta na cama e se veste depressa. Sutiã, calcinha, um suéter, o jeans, o par de Nikes e volta para a janela. — Pronto, mas vamos sair pela porta.

— Que nada, é melhor descer por aqui mesmo.

— Você deve estar louco! Estou com medo. Se a gente escorregar, já era. Imagina só a gritaria se os meus pais acordarem comigo berrando e depois só ouvirem o barulho de um corpo caindo! Entra logo. . mas tome cuidado.

Babi guia Step pela escuridão da casa adormecida, entre pequenos passos sobre o tapete macio e maçanetas viradas devagar. Desliga o alarme, pega as chaves e rua! Um pequeno estalido da porta que se fecha atrás deles, puxada suavemente até o fim para não fazer barulho. Depois, descem a escada até o pátio, montam na moto e descem a ladeira com o motor desligado para ninguém ouvir. Fora do condomínio Step engata a segunda e acelera. Eles se afastam rápidos, em segurança, livres para ir a qualquer lugar juntos, livres dos adormecidos que se encontram sozinhos em suas camas.

— Para onde está me levando?

— Dá um tempo. Você vai ver. Só peço para que não faça nenhum barulho.

— Estão na rua Zandonai, ao lado da igreja. Entram por uma pequena cancela.

Percorrem uma trilha escura entre as moitas. — Aqui, passe por baixo.

Step levanta um pedaço de tela que foi cortada rente ao chão. Babi curva-se prestando atenção para não ficar presa. Logo em seguida estão caminhando no escuro sobre um gramado recém-cortado. O luar ilumina tudo ao redor. Estão

dentro de algum condomínio.

— Para onde estamos indo?

— Shhh. — Step faz sinal para ela não fazer barulho. Passam por cima de uma mureta. Babi ouve ruídos. Risadas ao longe. Step sorri para ela e segura a sua mão. Venceram algumas moitas e lá está ela. Azul e transparente na luz do luar, tranqüila, emoldurada pela noite. Uma grande piscina. Dentro dela, se encontra um grupo de garotos que nadam sem fazer barulho. Pequenas ondas transbordam, indo morrer no gramado que cercam aquele quadro azul. Ouve-se algo como uma estranha respiração, aquela água que vai e vem perdendo-se no vazio de uma pequena grade.

— Vem logo. — Algumas vozes os cumprimentam.

Babi reconhece os rostos molhados. É a turma de Step. Naquela altura já se lembra até de alguns nomes: o Siciliano, Hook, Bunny. É mais fácil do que nas apresentações normais onde todos se chamam Guido, Fábio, Francesco. Pollo e Pallina também estão lá e se aproximam da borda nadando.

— Pô, jurava que você não vinha. Perdi a aposta. Pollo puxa-a da borda.

— Viu, eu não disse? — Os dois riem.

Pallina tenta dar um caldo nele, mas não consegue. -.-. ?; — Agora você vai me pagar. — Pollo revida.

O casal se afasta jogando água um no outro e trocando beijos. Babi fica imaginando qual deve ter sido a aposta e começa a ter uma vaga idéia.

— Eu não trouxe biquíni, Step.

— Eu também não trouxe sunga. Estou de cueca, mas não importa. Quase todo o mundo está na mesma.

— Mas está muito frio. .

— Trouxe umas toalhas para depois, para você também. Não banque a fresca, vamos lá!

Step tira o casaco. Logo em seguida, suas roupas estão amontoadas no chão.

— Olha que vou te jogar na água de roupa e tudo. Sabe que sou bem capaz de fazer isso.

Babi fica olhando para ele. É a primeira vez que o vê despido. Pinceladas de luz lunar ressaltam mais ainda os seus músculos. Abdominais perfeitos, peitorais esculpidos, compactos. Ela tira o moletom. Bem que ele merece o apelido, pensa.

Nota Dez. Realmente o nome lhe cai como uma luva. Num piscar de olhos os dois estão na água. Nadam lado a lado. Ela estremece, sente um arrepio.

— Brrr, que frio!

— Já vai se esquentar. Cuidado para não mergulhar de olhos abertos. Está cheia de cloro. É a primeira piscina ao ar livre do bairro, sabia? Esta é uma espécie de inauguração. O verão está chegando. Ficou bem bonita, não acha?

— Muito bonita.

— Vem aqui.

Aproximam-se da borda. Há um monte de garrafas espalhadas.

— Tome um gole.

— Eu não bebo.

— Isso vai te esquentar. — Babi pega a garrafa e bebe no gargalo. Sente aquele líquido levemente ácido e forte descer pela garganta. É gostoso. Passa a garrafa para Step.

— Nada mal, gostei.

— Acredito, é champanhe. — Step toma um grande gole. Babi olha ao redor. Champanhe? Onde é que eles foram arrumar? Na certa devem ter roubado.

— Pegue. — Step devolve a garrafa. Ela decide esquecer o assunto e toma outro gole. Calcula errado e engole demais. Engasga e o champanhe, com todas as suas borbulhas, quase a sufoca, subindo pelo nariz. Começa a tossir. Step dá uma gargalhada. Espera que se recupere para então nadarem juntos até o outro lado.

Uma moita mais alta protege-o dos raios do luar. Só deixa filtrar alguns poucos reflexos de prata que logo se apagam nos seus cabelos molhados. Step olha para ela. É linda. Beija aqueles lábios frescos e logo já estão abraçados. Seus

corpos nus
roçam agora um no outro pela primeira vez. Envolvidos pela água fria, procuram
encontrar calor neles mesmos, conhecendo-se, emocionando-se, às vezes se
esquivando para não criar constrangimentos. Step separa-se dela, dá algumas
braçadas para o lado e logo volta com uma nova presa.
— Peguei uma cheia. — Outra garrafa. Estão cercados. Babi sorri e bebe,
dessa vez devagar, tomando cuidado para não engasgar. Parece-lhe quase melhor.
Depois, procura os lábios dele. Continuam a se beijar assim, espumantes, enquanto
ela tem a impressão de estar boiando sem saber por quê. Será o efeito normal da
água ou então será culpa do champanhe? Joga suavemente a cabeça para trás,
apóia-a na água e, por um momento, ela pára de rodar. Percebe e não percebe os
ruídos ao redor. Os ouvidos, lambidos por pequenas ondas, ficam um pouco
abaixo da água, e sons estranhos e aprazíveis chegam até ela deixando-a ainda mais
zonza. Step segura-a entre os braços, faz com que nade em volta dele puxando-a.
Ela abre os olhos. Breves ondulações acariciam suas faces e pequenos borrifos
atrevidos alcançam vez por outra sua boca. Fica com vontade de rir. Lá em cima,
nuvens prateadas movem-se lentas no azul infinito. Empurra o corpo para cima
para abraçar os ombros fortes de Step. Beija-o com paixão. Ele fixa o olhar nos
olhos de Babi. Afaga seus cabelos molhados com a mão e empurra-os para trás
descobrindo o rosto liso.
Step desce pela face até o queixo, passando pelo pescoço e indo mais para
baixo, sobre o seio bordado de água, arrepiado de frio e de emoções. Desce ainda
mais, onde naquela mesma tarde ele, e só ele, pela primeira vez atreveu-se a
acariciá-la. O abraço dela torna-se ainda mais apertado. Apóia o queixo no

ombro
dele e fica de olhos entreabertos mirando a distância. Uma garrafa meio vazia bóia
ali perto, oscilando para cima e para baixo. Ela pensa na mensagem escondida ali
dentro: "Socorro. Mas, por favor, não me salvem." Fecha os olhos e começa a
tremer, e não somente de frio. É tomada por mil emoções e, de repente, entende.
Sim, é ela mesma quem está naufragando.
— Babi, Babi. — Alguém a sacode com força chamando-a. Abre os olhos.
Daniela está parada ao lado da cama.
— Como é, não ouviu o despertador? Mexa-se, já estamos atrasadas e papai está quase pronto.
A irmã sai do quarto. Babi vira-se na cama. Pensa naquela noite, Step
entrando na casa dela às escondidas. A fuga de moto, o mergulho na piscina com
Pallina e os outros. O porre. Ele e ela dentro da água. O toque da mão dele. Talvez
tenha sido só imaginação. Passa os dedos pelos cabelos. Estão completamente
secos. Pena, foi um sonho, muito bonito mas apenas um sonho. Tira a mão
debaixo do cobertor e procura o rádio tateando. Finalmente o encontra e aperta um
botão para ligá-lo. Animada pela nova e alegre música do Simply Red, "Fake", Babi
sai da cama. Ainda está um tanto sonolenta e com uma leve dor de cabeça.
Aproxima-se da cadeira para se vestir. O uniforme está lá, mas não preparou o
resto da roupa. Engraçado, pensa, esqueci. É a primeira vez que isso acontece.
Talvez os pais estejam certos, Babi está realmente mudando. Vai acabar ficando
como a Pallina, que é tão destrambelhada que não se lembra de nada. Tudo bem,
isso quer dizer que elas irão se tornar ainda mais amigas. Abre a primeira gaveta.
Pega um sutiã. Então, enquanto remexe na roupa de baixo à procura de uma
calcinha, encontra uma agradável surpresa. Lá no fundo, escondido numa

pequena
sacola de plástico, está um conjunto molhado. Um leve cheiro de cloro espalha-se
pelo quarto. Não foi um sonho. Aquele é o conjunto que colocou na cadeira ontem
à noite, como de costume, só que ontem foi usado como biquíni. Sorri. De repente,
se lembra de ter ficado entre os braços dele. É verdade, ela mudou. Mudou mesmo.
Começa a se vestir. Já de uniforme, enquanto calça os sapatos, toma uma decisão.
Nunca mais vai permitir que ele chegue tão longe. Finalmente, mais tranqüila, olha-
se no espelho. O cabelo é o de todos os dias, os olhos os mesmos que maquiou
alguns dias antes. Até a boca continua a mesma. Penteia-se sorrindo, guarda a
escova e sai apressadamente do quarto para tomar café. Não sabe que muito em
breve mudará mais ainda. Tanto assim que ao passar diante daquele espelho nem
conseguirá reconhecer a si própria.
A Giacci desce para a sala de reunião. Cumprimenta algumas mães que
conhece e segue até o fundo do aposento. Um rapaz de casaco de couro e óculos
escuros está espichado numa poltrona de forma bastante inconveniente. Está com
uma perna em cima do braço do assento e, como se já não bastasse, fuma com ar
debochado. Mantém a cabeça inclinada para trás e solta, devagar, baforadas de
fumaça para cima. A Giacci pára.
— Poderia me dar licença? — O rapaz finge que não ouviu. A Giacci levanta
a voz. — Poderia me dar licença?
Step finalmente olha para ela.
— Sim?
— Não sabe ler? — pergunta, apontando para uma placa, bem visível na
parede, que proíbe fumar.

— Onde?

A Giacci acha melhor esquecer a placa.

— Aqui é proibido fumar.

— É mesmo? Não tinha reparado. — Step deixa o cigarro cair no chão, apagando-o com a sola do sapato. A Giacci está claramente irritada.

— O que o senhor está fazendo aqui?

— Estou esperando pela professora Giacci.

— — Sou eu. A que devo a honra da visita?

— Ah, é a senhora. Queira desculpar o cigarro.

Step se ajeita na poltrona. Por um momento, parece até mesmo sentir sinceramente pelo que aconteceu.

— Não precisa se desculpar. O que quer, afinal?

— Pois é, queria falar com a senhora a respeito de Babi Gervasi. A senhora não deveria tratá-la desse jeito. Entenda, professora, ela é uma moça muito sensível.

E, além do mais, os pais delas são uns verdadeiros chatos, a senhora sabe como é.

Por isso, se a senhora ficar de marcação com a Babi, eles acabam deixando-a de

castigo e quem entra pelo cano sou eu, que não posso mais sair com ela, e isso não

me deixa nem um pouco feliz, a senhora entende.

A Giacci quase tem um ataque. Como é que um boçal desses tem a ousadia de se dirigir a ela dessa forma?

— Não, não entendo nem um pouco, e o que entendo menos ainda é a razão da sua presença aqui. É um parente? Um irmão?

— Não, digamos que sou apenas um amigo.

De repente, a professora se lembra que já o viu. Pois é, da janela. O rapaz com quem Babi foi embora da escola. Falaram muito a respeito, ela e a mãe, pobre

mulher. Trata-se de um sujeito perigoso.

— O senhor não tem permissão para estar aqui. Queira sair logo, se não quiser que mande chamar a polícia.

Step se levanta e passa diante dela com um sorriso estampado no rosto.

— Vim aqui apenas para conversar. Queria encontrar uma solução com a senhora, mas vejo que é impossível.

A Giacci o encara com ar de superioridade. Não tem medo de um sujeito como aquele. Mesmo com todos aqueles seus músculos, continua sendo apenas um

moleque, um cabecinha de vento, pequeno, insignificante. Step se aproxima como
se fosse lhe contar um segredo.
— Vamos ver se entende essa palavra, professora. Mas preste atenção, pois
não vou repetir: Pepito. — A Giacci fica branca. Não quer acreditar no que ouviu.
— Vejo que apreciou a sutileza. Portanto, comporte-se direitinho, professora, e
então a senhora mesma vai ver que não haverá problemas. Na vida, tudo é apenas
uma questão de encontrar as palavras certas, não é mesmo? Lembre: Pepito.
Deixa-a assim, no meio da sala, pálida, ainda mais velha e acabada do que de
costume, com uma única esperança: que aquilo tudo não passe de uma grande
mentira. A Giacci fala com a diretora, pede licença para sair, corre para casa e,
quando chega, quase tem medo de entrar. Abre a porta. Nenhum barulho. Nada.
Entra em todos os cômodos gritando, chamando-o pelo nome, para então deixar-se
cair numa cadeira. Mais cansada e mais só do que em qualquer outro dia de sua
vida. O porteiro aparece na porta.
— Tudo bem, professora? Está tão pálida. Ouça, hoje vieram aqui dois
rapazes dizendo que a senhora pediu para passearem com Pepito. Eu deixei entrar.
Fiz bem, não é?
A Giacci olha para ele, mas é como se não o estivesse vendo. Depois, sem
ódio, conformada, cheia de tristeza e melancolia, concorda com um movimento de
cabeça. O porteiro se afasta. A Giacci mal consegue levantar para fechar a porta.
Longos dias de solidão esperam por ela na grande casa, sem os alegres latidos de
Pepito. Acha que, dessa vez, errou redondamente. Babi parecera-lhe uma jovem
orgulhosa e inteligente, talvez um pouco metida demais, mas não tão maldosa de

chegar a esse ponto. Vai para a cozinha preparar o jantar. Abre a geladeira. Perto da

sua salada está a comida já pronta de Pepito. Desata a chorar. Agora, está realmente

sozinha. Perdeu sem direito à apelação.

Naquela tarde, Paolo sai mais cedo do trabalho. Volta para casa animado e,

de repente, ouve um latido. Um cachorrinho de pêlo branco está abanando o rabo

e saltitando em cima do seu tapete persa. Diante do animal, Pollo segura uma

colher de pau.

— Pronto? Então vamos lá! — Pollo atira a colher sobre o sofá diante dele.

O cachorrinho não dá a menor bola, nem ao menos se interessa em saber onde foi

acabar aquele pedaço de pau. Em vez disso, recomeça a latir.

— Pô, por que ele não se mexe? Esse cachorro tem algo errado. Pegamos um bicho débil mental! A única coisa que ele sabe fazer é latir.

Numa poltrona, Step pára de ler o último exemplar do Dago.

— Esse aí não é um cão de caça acostumado a trazer presas para o dono, ele simplesmente não nasceu para isso...

Só então Step percebe a chegada do irmão. Paolo está parado na entrada, ainda segurando sua pasta.

— Oi, mano, tudo bem? Não ouvi você entrar. Como é que conseguiu chegar a essa hora, hoje?

— Terminei o trabalho mais cedo. O que esse bicho está fazendo na minha casa? — É uma novidade. Eu e Pollo decidimos ficar com ele. Gostou?

— Nem um pouco. Não quero animais aqui em casa. Olha aqui. — Paolo se aproxima do sofá. — Já está todo cheio de pêlos brancos.

— Não seja tão prepotente, maninho. Ele vai ficar na minha metade da casa.

— O quê?!

O cachorro abana o rabo e volta a latir.

— Está vendo? Para ele, não tem problema.

— Você já me acorda quando chega das suas noitadas, imagine então como vai ser agora, com esse bicho que late o tempo todo. Nem pensar!

Paolo sai da sala furioso.

— Pô, o teu irmão ficou bravo mesmo. — Pollo tem uma idéia e grita para ser ouvido no outro aposento. — Paolo, em troca dos duzentos euros que te devo... posso levar o cachorro embora comigo.

Step dá uma gargalhada e recomeça a ler o Dago. Paolo aparece na porta.

— Combinado. Afinal, nunca iria receber de volta aquele dinheiro mesmo.

Assim pelo menos me livro do cachorro. Aliás, Step, posso saber que fim levaram

os meus biscoitos amanteigados? Comprei outro dia uma lata para o café da manhã

e já desapareceram.

— Sei lá, talvez a Maria tenha comido. Eu não peguei, sabe muito bem que não gosto.

— Muito engraçado. Não sei como, mas qualquer coisa que acontece nessa casa sempre acaba sendo culpa da Maria. Melhor despedi-la, então, se só sabe dar

prejuízo. .

— Está brincando? — Pollo logo se mete na conversa. — A Maria é um verdadeiro monumento. Sem falar nas tortas de maçãs que ela faz. A do outro dia,

por exemplo. .

— Então foram vocês que comeram a minha torta de maçã. Eu tinha certeza!

Step olha para o relógio.

— Que merda, já é tarde. Preciso sair. Pollo também se levanta.

— Eu também tenho um compromisso.

Paolo fica sozinho na sala.

— E o cachorro?

Antes de sair, Pollo ainda tem tempo para dar uma resposta.

— Volto mais tarde.

— Não se esqueça, ou leva o bicho, ou vai pagar os duzentos euros!

Paolo dá uma olhada no animalzinho. Está bem no meio da sala e abana o rabo. Estranho que ainda não tenha mijado no tapete. Paolo abre a maleta e pega

mais uma caixa de biscoitos ingleses amanteigados. Onde pode esconder aquelas

preciosidades? Escolhe um pequeno armário, onde guarda os envelopes e as cartas.

Nessa casa, ninguém escreve, nunca. É difícil que alguém encontre. Guarda a caixa

de biscoitos sob um pacote ainda fechado de envelopes.

Quando se levanta, vê que o cãozinho está olhando para ele. Ficam assim, parados, por alguns momentos. Vai ver que Step e Pollo deixaram o bicho

em casa

de propósito. Existem cães que comem até trufas. Esse pode muito bem ser um

farejador de biscoitos. Sentindo-se um perfeito idiota, de repente Paolo já não está

tão certo quanto ao esconderijo.

Babi está atrás de Step, com o rosto colado na jaqueta dele, com o vento a brincar com a ponta dos seus cabelos.

— E então, como foi a escola hoje?

— Muito bem. Tivemos duas horas de folga. A Giacci não veio. Problemas familiares, ao que parece. Afinal, se com uma mulher daquelas até nós temos

problemas, imagine então a família. .

— A situação vai melhorar, você vai ver. Sinto alguma coisa no ar, uma espécie de presságio.

Babi não entende direito o sentido daquelas palavras e deixa o assunto morrer.

— Você tem certeza de que não faz mal à saúde?

— Absoluta. Quase todo o mundo tem. Já reparou no tamanho da minha?

Se fosse uma coisa ruim, eu teria morrido, não acha? A sua vai ser bem pequena.

Você não vai sentir nada.

— Não disse que vou fazer. Só disse que vou ver.

— Tudo bem, como quiser. Se não gostar, nada feito. — Step se abre num sorriso tranqüilizador. — É aqui. Chegamos.

Seguem andando por uma pequena alameda. O chão está coberto por uma fina camada de areia trazida pelo vento da praia próxima. Estão em Fregene, no

vilarejo dos pescadores. Por um momento, Babi pergunta a si mesma se ficou

louca. Minha nossa, estou a ponto de ser tatuada, pensa, preciso escolher um lugar

bem escondido, mas não demais. Imagine só se o meu pai descobre! Vai ficar

possesso. Minha mãe, nem se fala. Ela vive possessa!

— Está pensando em que parte do corpo vai fazer?

— Ainda não decidi nem se vou fazer.

— Vamos lá, gostou tanto da minha quando viu. E, além do mais, a Pallina também tem uma.

— Sei, mas isso não tem nada a ver. Ela fez a dela sozinha, com agulhas de costura e nanquim.

— Pois é, a sua vai ficar muito melhor. Com a agulha elétrica não dói, é mais rápido e até colorido... Maneiríssimo.

— Mas tem certeza de que eles esterilizam tudo?

— Claro, não precisa se preocupar.

— Não uso drogas, nunca transei com ninguém. Seria realmente o cúmulo do azar pegar AIDS por causa de uma tatuagem..

— É aqui.

Param diante de uma espécie de cabana. O vento agita os finos pedaços de madeira que sustentam o telhado de metal. Na janela há vidros coloridos. A porta, de madeira escura, parece ser feita de chocolate.

— Dá licença, John?

— Olá Step, faz favor.

Babi o segue. Repara logo num forte cheiro de álcool. Bom, pelo menos isso, agora só precisa ver se o tal cara também sabe usá-lo. John está sentado numa espécie de banquinho e mexe nos ombros de uma menina loira sentada de costas diante dele. Ouve-se o zumbido de um aparelho elétrico. Babi pensa que o ruído lembra o da broca do dentista. Só espera que não seja igualmente doloroso. A garota olha para frente, está sentindo dor, mas não quer demonstrar. Um garoto apoiado na parede pára de ler o Corriere dello Sport.

— Está doendo?

— Não.

— Vamos, admita que dói.

— Já disse que não.

O garoto volta a ler o jornal. Parece até que não gostou daquela história da tatuagem não doer.

— Pronto. — John afasta o aparelho e quase encosta o nariz no ombro da menina para examinar melhor o seu trabalho. — Perfeito!

A menina respira aliviada. Estica o pescoço para ver se também concorda com o entusiasmo de John. Babi e Step aproximam-se, curiosos. O garoto

fecha o
jornal e vai conferir o resultado. Todos se entreolham em silêncio. A garota olha ao
redor em busca de alguma aprovação.
— Ficou bonita, não é? — Uma borboleta multicolorida brilha, lívida, em
seu ombro. A pele está um tanto inchada. As cores, ainda frescas e misturadas com
o vermelho do sangue, parecem particularmente vivas.
— Linda — responde o garoto, que deve ser o namorado.
— Muito bonita. — Babi também decide mostrar o seu apoio.
— Aqui, fique com isso. — John bota um pedaço de gaze por cima da
tatuagem e o prende com esparadrapo. — Durante alguns dias, vai precisar limpar
todas as manhãs. Assim evitará qualquer infecção.
A menina cerra os dentes e respira fundo.
Quanto a isso não há dúvidas, pelo menos depois que termina o serviço,
John usa o álcool com fartura. O garoto puxa do bolso cinqüenta euros e paga pelo
serviço. Depois, sorri e abraça a menina recém-tatuada.
— Cuidado! Ainda está doendo...
— Desculpe, meu amor. — Ele passa os braços pela cintura dela e os dois saem daquela cabana-ateliê.
— E aí Step, deixa ver como vai a sua tattoo...
Step arregaça a manga direita do casaco. Uma águia com a língua vermelha flamejante aparece no seu musculoso antebraço. Step mexe a mão como um pianista. Seus tendões faíscam sob a pele, dando vida àquelas grandes asas.
— Realmente ficou linda. — John aprecia com orgulho o próprio trabalho.
— Mas está precisando de uns retoques. .
— Um dia desses, quem sabe. Mas, hoje, estamos aqui por causa dela.
— Então é essa gatinha que vai ganhar uma tatoo? Já tem uma idéia do que vai querer?
— Antes de mais nada eu gostaria de não sentir dor e depois.. imagino que aquele aparelho seja sempre esterelizado depois de cada trabalho, não é?
John tranqüiliza Babi. Desmonta o aparelho, limpa-o com álcool e substitui as agulhas bem na frente dela.
— Já escolheu o lugar?
— Bem, queria que não ficasse muito à vista. Se os meus pais descobrirem, serei uma menina morta.
Arrepende-se da frase. Talvez já seja uma menina morta de qualquer

maneira.

— Bom — John diz sorrindo -, já tatuei bundas e até cabeças. Um dia desses, chegou uma americana que quis uma tatoo entre as pernas, pois é, lá mesmo, já entendeu onde.. Só pude começar depois de raspar a bicha toda!

John dá uma gargalhada mostrando uns horríveis dentes amarelos. Babi olha preocupada. Santo Deus, é um maníaco!

— John... —A voz um tanto dura de Step chega-lhe pelas costas. John muda imediatamente de tom.

— Desculpe, Step. Então vamos ver. . Podia ser no pescoço, com os cabelos cobrindo, ou então no tornozelo, ou perto do osso da bacia.

— Taí, acho que perto do ossinho ficaria muito bem.

— Olhe aqui, pode escolher uma dessas. — John tira debaixo da mesa uma pesada pasta. Babi começa a folhear. Há caveiras, espadas, cruzes, pistolas, todos desenhos terríveis. John se levanta e acende um Marlboro. Já percebeu que aquilo vai ser uma coisa demorada. Step senta ao lado dela.

— Que tal essa? — Ele indica uma suástica nazista dentro de uma bandeira branca.

— Nem pensar!. .

— Não é nada mal. . E esse aqui? — Mostra uma grande serpente de cores arroxeadas e com a boca aberta a ponto de dar o bote. Babi nem responde. Continua folheando a pasta. Examina as figuras depressa, insatisfeita, quase sabendo que ali não irá encontrar nada que preste. Chega até a última página. Fecha o livro e olha para John.

— Não, não gostei de nada.

John dá uma tragada no cigarro e solta a fumaça bufando. Exatamente como já esperava.

— Que tal, então, inventar alguma coisa? Uma rosa? Babi sacode a cabeça.

— Uma outra flor qualquer?

-Acho que não. .

— Vê se ajuda, garota, senão vamos acabar passando a noite inteira aqui. Fique sabendo que às sete tenho outro compromisso.

— Sei lá. Queria alguma coisa diferente.

John começa a andar de um lado para o outro. De repente, pára.

— Certa vez, "fiz no ombro de um cara uma garrafa de Coca-Cola. Ficou ótimo. O que você acha?

— Eu nem gosto de Coca-Cola.

— Diga então alguma coisa de que gosta, Babi.

— Ora, eu só tomo iogurte. E não acharia graça nenhuma em ficar com um iogurte tatuado na bacia!

Acabam finalmente encontrando uma solução. Quem dá a idéia é Step. John concorda e Babi aceita com entusiasmo.

Step a distrai contando a verdadeira história de John, o chinês de olhos verdes. Todos o chamam assim e ele fica todo orgulhoso de seus ares de oriental.

Reforça a encenação cercando-se de tralhas chinesas. Na verdade, ele nasceu em Centocelle. Mora com uma mulher de Óstia com quem até teve um filho que chamou de Bruce, em homenagem ao seu ídolo. O nome verdadeiro da figura é Mário, e aprendeu a fazer tatuagens no Gabbio. E os seus olhos amendoados não são nada mais do que dois graus de miopia corrigidos por lentes baratas. Mário, ou melhor John, cai na gargalhada. Step paga os cinqüenta euros. Babi olha a tatuagem.

Está perfeita. Pouco mais tarde, já na moto, deixa o primeiro botão dos jeans aberto, afasta a gaze e dá mais uma olhada, feliz. Step percebe.

— Gostou?

— Demais!

Na pele macia de Babi, ainda inchada pelas agulhadas, uma pequena águia recém-nascida, idêntica à de Step, filha da mesma mão, aproveita o vento fresco do entardecer.

A campainha da porta toca. Paolo vai abrir. Diante dele está um senhor de aparência distinta.

— Boa-tarde, estou procurando Stefano Mancini. O meu nome é Cláudio Gervasi.

— Prazer, meu irmão não está.

— Pode me dizer quando ele volta?

— Não faço idéia, ele nunca me conta coisa alguma. Às vezes, nem volta

para o jantar, só chega em casa de madrugada. — Paolo observa aquele cavalheiro.

O que terá ele a ver com Step? Alguma enrascada, na certa. Sem dúvida, mais uma

história de brigas.

— Por favor, entre. Talvez ele volte logo, ou então telefone.

— Obrigado.

Cláudio entra na pequena sala. Paolo fecha a porta e não consegue mais

conter a curiosidade.

— Desculpe, mas será que eu posso ajudar?

— Não, não creio. Preciso falar com Stefano. Eu sou o pai da Babi.

— Entendo. — Paolo concorda com um sorriso formal. Na verdade, não

entendeu coisa nenhuma. Não faz a menor idéia de quem seja esta tal de Babi. É

uma garota, então, nada a ver com brigas. Encrencas ainda piores. — Queira me

desculpar um momento.

Paolo sai da sala. Cláudio, agora sozinho, olha ao redor. Aproxima-se de

alguns quadros pendurados na parede, depois, tira o maço de cigarros do bolso e

acende um. Há pelo menos uma vantagem nessa história. Agora, ele tem um

motivo para poder fumar à vontade. Que coisa mais estranha aquele rapaz ser o

irmão de Stefano, o mesmo Step que bateu no Accado. O rapaz lhe pareceu tão

certinho. Talvez a situação não seja tão desesperadora, afinal. Raffaella sempre

exagera. Talvez nem tivesse valido a pena ir até ali. Tudo aquilo não passa de

criancice, coisas que acabam se ajeitando sozinhas. Uma paixão juvenil. Tem

certeza de que Babi vai esquecer logo esse tal de Step. Olha ao redor à procura de

um cinzeiro. Vê um na mesinha ao lado do sofá. Aproxima-se para jogar a cinza.

— Cuidado. — Paolo está chegando com um pano nas mãos. — Desculpe,

mas o senhor está justamente em cima do xixi do cachorro.

Pepito, o cãozinho de pêlo branco e espesso, aparece num canto da sala.

Late feliz, como se alardeasse sua façanha.

Step e Babi param na garagem do prédio. A vaga do carro dos pais está desocupada.

— Eles ainda não voltaram. Quer subir?

— Claro, vamos lá.

Mas, só então Step se lembra do cachorro que deixou em casa com o irmão. Pega o celular.

— Espere um minuto, preciso antes ligar para o meu irmão. Talvez ele esteja precisando de alguma coisa.

Paolo atende.

— Alô?

— Oi, mano. Tudo bem? Pollo passou para buscar o cachorrinho?

— Não, aquele debilóide do seu amigo ainda não deu as caras. Vou esperar mais dez minutos. Se ele não aparecer, vou pôr o bicho no olho da rua.

— Não faça isso. Sabe muito bem que é feio maltratar os animais. Aliás, acho que seria melhor você levar o coitadinho para dar um passeio e fazer xixi.

— As necessidades desse bicho já foram satisfeitas. Muito obrigado!

— Puxa, você é precavido mesmo, mano. Por essa não esperava. .

— Você não entendeu. Ele já fez aqui, e molhou todo o tapete persa.

Em lugar de bancar o eficiente homem de negócios, Paolo prefere a imagem do pobre infeliz de pano na mão que limpa o xixi de um cachorro. Só para fazer com que Step se sinta culpado. Nada feito. Na outra ponta da linha, ele ouve uma sonora gargalhada.

— Não acredito!

— Pode acreditar. Ouça, há um senhor aqui esperando por você — Paolo se vira para a parede tentando abafar a voz. — É o pai da Babi. O que houve? Aconteceu alguma coisa?

Step olha para Babi, atônito.

— Está falando sério?

— Claro! Acha que vou brincar com uma coisa dessas? E então, o que aconteceu?

— Nada, depois eu conto. Deixa eu falar com ele. Paolo passa o fone para Cláudio.

— O senhor está com sorte. É o meu irmão, no telefone.

Ao pegar o aparelho, Cláudio pergunta a si mesmo se pode realmente chamar aquilo de sorte. Talvez fosse melhor não encontrá-lo. Tenta assumir um tom profundo e seguro.

— Alô?

— Boa-tarde, como vai o senhor?

— Muito bem, Stefano. Acho que precisamos ter uma conversa.

— Tudo bem. E sobre o que vamos conversar?

— É um assunto delicado.

— Não dá para falar pelo telefone?

— Prefiro tratar do assunto pessoalmente.

— Como achar melhor.

— Então, onde podemos nos encontrar?

— Não sei, escolha o lugar.

— Acredito que só vamos precisar de uns poucos minutos. Onde é que o senhor se encontra neste momento?

Step tem vontade de rir. Acha que, francamente, aquela não é uma boa hora para dizer onde está.

— Estou na casa de um amigo. Perto de Ponte Mílvio.

— Poderíamos nos encontrar diante da igreja de Santa Clara, sabe onde fica?

— Sei. Estarei esperando debaixo do carvalho. O senhor conhece? Tem uma espécie de pequeno jardim por lá.

— Sei. Digamos, então, dentro de uns quinze minutos?

— Perfeito. Pode passar de novo o meu irmão, por favor?

— Sem dúvida.

Cláudio devolve o aparelho.

— Quer falar com o senhor.

— Sim, Step, pode falar.

— Você não me envergonhou diante dele, não é, Paolo? Convidou-o a entrar direitinho? Olha lá, faço questão. É uma pessoa importante. Imagine que a filha dele comeu todos os seus biscoitos amanteigados...

— Para dizer a verdade.. — Paolo já estava falando sozinho. Step desligou.

Cláudio dirige-se à porta.

— Desculpe, preciso ir. Meus cumprimentos.

— Sim, claro. Deixe-me acompanhá-lo.

— Espero que possamos voltar a nos ver numa ocasião mais tranqüila.

— Sem dúvida.

Apertam as mãos. Paolo abre a porta. Nessa mesma hora, chega Pollo.

— E aí? Vim buscar o cachorro.

— Finalmente!

— Tenha um bom-dia, então.

— O mesmo para o senhor.

Pollo fica perplexo ao ver aquele cavalheiro indo embora.

— Quem é o cara?

— O pai de uma tal de Babi. Veio procurar Step. Sabe o que está acontecendo? Quem é Babi?

— É a garota do seu irmão. Pelo menos por enquanto. Cadê o bicho?

— Está na cozinha. Mas por que esse senhor queria falar com Step? Algum problema?

— Sei lá! — Pollo sorri ao ver o cachorro. — Vamos lá, Arnold, está na hora de a gente se mandar.

O animal recém-rebatizado corre ao redor de Pollo latindo. Há uma certa afinidade entre os dois, ou então o cãozinho prefere ser chamado assim e não de Pepito. Talvez a Giacci nunca o tenha compreendido. Vai ver que, na verdade, ele é um cachorro durão.

Paolo detém a dupla.

— Será que essa Babi ficou. . — Ele faz com a mão um gesto alargando a barriga que, aliás, já anda bastante dilatada por conta própria.

— Grávida? Nem pensar. Pelo que pude entender, Step não conseguiria embuchar essa menina nem se fosse o Espírito Santo.

— Tchau, Babi. Preciso ir! — Step segura-a entre os braços.

— Para onde? Não pode ficar mais um pouco?

— Não posso. Tenho um compromisso. Babi se desvencilha do abraço.

— Pois sim, já sei com quem vai se encontrar. Com aquela moreninha. Será que ela ainda não entendeu? Não ficou satisfeita com a surra que levou naquele dia?

Step ri e a abraça de novo.

— Mas do que você está falando?

Babi tenta resistir. Lutam por alguns instantes, mas logo Step a vence com facilidade e lhe dá um beijo. Babi finge que vai ficar com os lábios fechados. Mas acaba entregando-se àquela doce derrota. Entretanto, quando Step parece

entregue,

ela lhe dá uma mordida na língua.

— Ai!

— Conte logo com quem vai sair.

— Você nunca vai adivinhar.

— Tem certeza de que não é com a tal garota, é?

— É claro que tenho.

— E é alguém que eu conheço?

— Muito bem. Desculpe, mas antes de mais nada você deveria perguntar se é homem ou mulher.

Babi bufa, irritada.

— É homem ou mulher?

— Homem.

— Já estou mais tranqüila.

— Vou me encontrar com seu pai.

— Meu pai?

— Ele passou lá em casa procurando por mim. Quando liguei, ainda estava lá. Marcamos um encontro daqui a pouco na praça Giochi Delfici.

— E o que o meu pai quer com você?

— Não faço a mínima idéia! Mas assim que souber, ligo para te contar. Combinado?

Step a beija de maneira opressiva. Ela deixa, ainda aturdida e surpresa com a

notícia. Step liga a moto e se afasta depressa. Ela o vê desaparecer quando a moto

vira a esquina. Só então começa a subir as escadas. Em silêncio, verdadeiramente

preocupada. Tenta imaginar o encontro dos dois. Sobre o que irão falar? E onde?

O que poderá acontecer? E, pensando sobretudo no pai, espera que não acabem

brigando.

Quando Cláudio chega, Step já está esperando sentado na mureta, fumando um cigarro.

— Como vai?

— Boa-tarde, Stefano.

Apertam as mãos. Cláudio também acende um cigarro, para sentir-se mais à

vontade. Infelizmente, não tem lá muito sucesso. Esse rapaz é estranho. Fica ali

sorrindo em silêncio, encarando-o com aquele casaco escuro. É muito diferente do

irmão. Além disso, é muito mais forte. De repente, quando está a ponto de sentar

ao lado dele na mureta, uma lembrança passa de repente por sua cabeça. Esse rapaz

surrou o seu amigo Accado, quebrou-lhe o nariz. Agora está saindo com a sua filha.

É um sujeito perigoso. Preferiria mil vezes tratar com o irmão.

Cláudio permanece de pé. Step o observa, curioso.

— E então, o que há de bom para a gente conversar?

— Pois é, Stefano. De uns tempos para cá tem havido muitos problemas lá em casa.

— Nem lhe conto os problemas que eu enfrento todos os dias..

— Sim, posso imaginar, mas entenda, antes nós éramos uma família muito tranqüila. Babi e Daniela são boas meninas.

— É verdade. Babi é realmente uma moça direita. Escute aqui, Cláudio, não

seria melhor falarmos sem formalidade? Eu já não sou muito fã de conversas. E aí,

se ainda tiver esse lance de senhor para cá e senhor para lá, então fica realmente

impossível. Cláudio sorri.

— Claro. — No fundo o rapaz não é antipático. Pelo menos ainda não lhe encostou a mão. Step desce da mureta.

— Que tal se a gente for para algum outro lugar. Podemos sentar e tomar alguma coisa enquanto conversamos mais à vontade.

— Tudo bem. Aonde quer ir?

— Há um lugar de uns amigos meus aqui perto. É um ambiente tranqüilo,

vai se sentir em casa. Ninguém vai nos incomodar. -Step sobe na moto. — Siga-me.

Cláudio entra no carro. Está satisfeito. Sua missão está sendo mais fácil do

que esperava. Ainda bem. Acompanha Stefano até a Farnesina. Em Ponte Mílvio,

viram à direita. Cláudio tem todo o cuidado para não perder de vista aquele farol

vermelho que avança pelas ruas já escuras. Raffaella nunca lhe perdoaria por uma

coisa dessas. Logo em seguida, param numa ruela atrás da esplanada Clódio. Step

mostra a Cláudio uma vaga onde pode estacionar o carro enquanto ele deixa a

moto bem na frente do Four Green Fields. No subsolo reina a maior confusão.

Muitos rapazes estão sentados nos bancos diante do longo balcão. Nas paredes, um

monte de pôsteres e emblemas de cervejas dos mais variados países. Um sujeito

com óculos de aros finos e metálicos, com cabelos desgrenhados, mexe-se frenético

atrás do balcão preparando coquetéis de fruta e gim-tônicas.

— Fala, Antônio.

— E aí, Step, o que vai querer?

— Não sei, ainda não decidimos. O que você vai tomar? Enquanto dirigem-

se a uma mesa, Cláudio se lembra de que não comeu nada. Acha melhor ir devagar.

— Um martíni.

— Uma boa cerveja clara e um martíni.

Escolhem uma mesa no fundo do salão, afastada da balbúrdia. Quase

imediatamente chega uma linda garota de pele cor de ébano chamada Francesca.

Traz os pedidos e fica conversando com Step. Ele apresenta Cláudio, que

educadamente se levanta para apertar a mão da menina. Francesca fica encantada.

— É a primeira vez que uma pessoa assim aparece por aqui. -Ela segura a

mão de Cláudio por um pouco mais de tempo do que o necessário.

Ele fica um tanto sem jeito.

— Devo aceitar isso como um elogio?

— Claro! O senhor tem um ar muito educado. Estou fascinada. —

Francesca ri. Os longos cabelos negros dançam alegres diante dos seus

maravilhosos dentes brancos. Ela se afasta sensualmente, sabendo muito bem que

será observada. Cláudio decide não decepcioná-la. Step percebe.

— Lindo traseiro, não acha? É brasileira. As brasileiras têm bundas

fabulosas. Pelo menos é o que me disseram. Não sei por que ainda não fui ao

Brasil. Se são todas como Francesca... — Step engole rindo quase meia cerveja.

— Pois é, realmente uma moça muito bonita. — Cláudio toma o seu martíni

um tanto chateado por ter deixado transparecer tão facilmente sua admiração.

— Então, onde é que paramos? Ah, sim, dizíamos que Babi é realmente uma

boa moça. É a pura verdade.

— É, mas acontece que a Raffaella, minha mulher. .

— Já conheço. Tem um geniozinho danado, ao que parece.

— Realmente. — Cláudio acaba o martíni. Exatamente nessa mesma hora

Francesca passa novamente. Ajeita o cabelo e lança um olhar provocante para a

mesa deles.

— Você impressionou a garota, cara. Como é, vamos tomar mais alguma

coisa? — Step não deixa tempo para que Cláudio responda. — Antônio, mais uma

cerveja. E você, vai tomar o quê?

— Nada, obrigado, acho melhor parar por aqui..

— Deixa disso, vamos lá!

— Então vou tomar uma cerveja também.

— O.k., duas cervejas, umas azeitonas, uns salgadinhos, qualquer coisa que

dê para beliscar.

Não demora para os pedidos chegarem. Cláudio parece um tanto

decepcionado. Dessa vez, nada de Francesca. Quem veio servi-los foi um negro,

meio gorducho e de olhar manso. Step espera que o rapaz se afaste.

— Ele também é brasileiro, mas não é a mesma coisa, não é?

Sorriem. Cláudio experimenta a cerveja. Está boa, gelada. Stefano é

realmente simpático, talvez até mais simpático do que o irmão. Aliás, não há dúvida

quanto a isso. Dá mais um gole.

— Em resumo, como estava dizendo Stefano, a minha mulher está bastante

preocupada com Babi. Sabe como é, está no último ano da escola e não falta muito

para a formatura. .

— Sei. Também soube da professora, dos problemas que vocês tiveram. .

— Então já sabe..

— Pois é, mas tenho certeza de que tudo vai se resolver.

— Assim espero. . — Cláudio toma mais um gole de cerveja pensando nos

cinco mil euros que teve de pagar.

Step, por sua vez, pensa no cachorro da Giacci e nas tentativas de Pollo

para
ensinar-lhe a trazer as coisas de volta.
— Você vai ver, Cláudio, tudo vai acabar se encaixando. A Giacci vai parar de incomodar a Babi. Esse problema já não existe, eu garanto.
Cláudio tenta sorrir. Como explicar que, na verdade, o único problema sério de Babi é ele?
Nesse exato momento, um grupo de rapazes entra no bar. Dois deles avistam Step e vão ao encontro dele.
— E aí, Step? Onde foi que você se meteu? Nem sabe quanto a gente procurou por você. Ainda estamos esperando a revanche.
— Andei muito ocupado.
— Pode confessar, você ficou é com medo. .
— Deixa de ser mané! Acabamos com vocês e ainda tem a coragem de vir tirando onda?
— Calma, calma, não precisa ficar irritado. É que você desapareceu. Ganhou
aquela bolada e depois sumiu.
O outro rapaz também parece ter encontrado coragem para falar.
— E, além do mais, aquela última bola foi pura sorte.
— Podem agradecer a Deus por Pollo não estar aqui, senão apostaria tudo de novo. Sorte coisíssima nenhuma. Fizemos uma série de jogadas incríveis, uma
caçapa após a outra.
Os dois rapazes não se mostram muito convencidos.
-Tá bom. . — comentam com ar de gozação. Vão tomar alguma coisa no bar. Step os vê conversando. Os dois olham para ele e riem.
— Escute aqui, Cláudio, você joga sinuca?
— Houve um tempo em que era até bom nisso, mas já faz séculos que não dou uma tacada.
— Vamos lá, preciso da sua ajuda. Posso ganhar deles de olhos fechados. Você só tem de encostar nas bolas. Deixa que eu encaçapo.
— Mas, não viemos aqui para conversar?
— Podemos falar mais tarde. Está bem?
Talvez tudo ficasse mais fácil depois do jogo. Mas, e se eles perdessem? Cláudio preferia nem pensar naquilo. Step se aproxima dos dois rapazes.
— Está combinado. Antônio, faça o favor de abrir a mesa para nós. Vamos apostar logo aquele dinheiro.
— E com quem vai jogar, com aquele cara? — Um dos rapazes aponta para Cláudio.

— Por quê? Está com nojo dele?

— Por mim, tudo bem. Você é quem sabe..

— Claro, nem preciso dizer que se o Pollo estivesse aqui seria outra coisa. Se vocês quiserem, podemos até diminuir a aposta.

— Nada disso. Se for assim então não jogamos. Você vai acabar dizendo que perdeu porque não estava com o Pollo.

— Posso ganhar de vocês até sozinho.

— Vai, conta outra!

— Querem aumentar a aposta? Que tal duzentos euros? Topam? Mas numa só partida, porque estou com pressa.

Os dois se entreolham. Depois, observam o companheiro de Step. Cláudio, sentado no fundo da sala, brinca um tanto sem jeito com o maço de Marlboro em cima da mesa. Parece que era justamente o que faltava para convencê-los.

— O.k., combinado. Vamos logo. — Os rapazes pegam a caixa com as bolas. — Cláudio, já jogou sinuca do jeito americano? Um jogo só. Duzentos euros. Tudo ou nada.

— Não, Stefano, obrigado. Acho melhor a gente conversar.

— Vamos lá, é jogo rápido. Se a gente perder, fica por minha conta.

— O que vão fazer? Vão jogar sinuca? — É Francesca. Planta-se na frente de Cláudio, sorrindo com todo o seu entusiasmo brasileiro. — Andem logo. Também vou assistir e torcer por você. Só me faltam os pompons para eu dar uma de chefe de torcida.

Step observa Cláudio com curiosidade.

— E então?

— Apenas um único, está bem?

— Uhúúúú! Vamos acabar com eles! — Francesca fica alegremente de braços dados com eles e os três vão para a sala de sinuca.

As bolas já estão colocadas sobre o pano verde. Um dos dois rapazes tira o triângulo. O outro fica no fundo da mesa e com uma tacada decidida, começa o jogo. Bolas de todas as cores espalham-se, deslizando silenciosas. Algumas chocam-se com baques surdos, mas depois param devagar. O jogo prossegue, primeiro com bolas fáceis e comedidas, depois, com tacadas cada vez mais ousadas,

pretensiosas.

Step é o primeiro a encaçapar. Os outros acertam duas bolas, mais uma terceira de

pura sorte. Quando chega sua vez, Cláudio tenta uma jogada longa. Está fora de

forma. Faltou força e a bola nem chega perto da caçapa. Os dois jovens trocam um

olhar de divertida satisfação. Já contam com o dinheiro no bolso. Cláudio acende

um cigarro, Francesca serve-lhe um uísque. Cláudio repara que, como muitas

brasileiras, ela tem seios pequenos, mas firmes e empinados sob a camiseta escura.

Não demora para chegar novamente a sua vez. A segunda bola já sai melhor.

Cláudio acerta em cheio, dando o efeito certo para deixá-la na boca de uma das

caçapas centrais. É a bola quinze, e os dois rapazes deixaram-na para ele certos de

que erraria.

— Lindo! — Step dá uma palmada nas costas de Cláudio. -Grande jogada!

Cláudio olha para ele sorrindo, depois, toma mais um gole de uísque e

dobra-se em cima da mesa, concentrado. Acerta na bola branca um tanto de lado.

Ela desliza na borda, devagar como se recebesse uma carícia. Um empurrão

perfeito. Caçapa. Os dois rapazes já não parecem tão seguros, entreolham-se

preocupados. Francesca bate palmas.

— Muito bom! — Cláudio sorri. Molha o giz com a ponta da língua e passa-

o rapidamente no taco.

— Eu disse que era bom.. O problema é que já faz tanto tempo. .

Continuam a jogar. Step também encaçapa algumas, mas os outros dois têm

mais sorte. Depois de algumas jogadas, só lhes falta uma bola vermelha e a bola

um. Mas, agora, é a vez de Cláudio. Ainda há duas bolas listradas na mesa. Cláudio

apaga o cigarro. Pega o giz e, enquanto o passa na ponta do taco, estuda a situação.

Não é das melhores. A doze está bem perto da caçapa no fundo, mas a dez está quase no meio da mesa. Deveria dar uma tacada perfeita, parar por ali na volta e empurrá-la para a caçapa central esquerda. Nos bons tempos, talvez conseguisse, mas agora. . Quantos anos já se passaram desde então? Engole o último trago de uísque. Ao voltar para a mesa, seus olhos cruzam com os de Francesca. Pelo menos tantos quantos essa esplêndida criatura parece ter. Sente-se um tanto aéreo. Sorri para ela. Vê a pele cor de mel, aqueles olhos negros e o sorriso tão sensual. E, ao mesmo tempo, consegue ser doce. Calcula dezoito anos, talvez até menos. Santo Deus, pensa, poderia ser minha filha. O que diabo estou fazendo aqui? Vim falar com Stefano, o meu amigo, o meu chapa. Abre e fecha os olhos. Está sentindo os efeitos do álcool. Bom, afinal, se já está jogando, tanto faz acabar logo com aquilo.

Apoia a mão na mesa, encosta nela o taco e deixa-o deslizar entre polegar e indicador, ensaiando. Aí focaliza a bola branca. Está ali, friamente parada no meio da mesa. À espera da tacada. Respira fundo, solta o ar ruidosamente. Mais um ensaio e, depois, acerta em cheio. Com precisão, com a força certa. Borda lateral e em seguida, de raspão, a doze. Bem na caçapa. Perfeito. A bola branca começa então a subir de novo. Rápida, muito rápida. Assim não! Devagar, mais devagar!

Acertou-a com força demais. A bola branca ultrapassa a de número dez e pára bem além do meio da mesa, diante de Cláudio, irreverente e zombeteira. Os dois adversários olham um para o outro. Um deles levanta uma sobrancelha, o outro respira aliviado. Por um momento pensaram que iriam perder a aposta.

Sorriem.

Daquela posição é uma jogada quase impossível. Cláudio dá a volta na mesa.

Estuda as distâncias. Difícil. Só poderá encaçapá-la se ela ricochetear nas quatro

bordas. Fica ali, com as mãos apoiadas na mesa, pensando.

— Não se preocupe, tente. — Cláudio se vira. Step está atrás dele. Entendeu

muito bem seus pensamentos.

— Eu sei, mas quatro bordas...

— E daí? O máximo que pode acontecer é eles ganharem... Mas, se

conseguir, já pensou na cara de merda desses dois?

Cláudio e Step olham para os adversários. Eles pediram duas cervejas e já

estão comemorando a vitória.

— Pois é, no máximo a gente perde! — Nessa altura, Cláudio já está muito

alegre. Vai para o outro lado da mesa. Passa o giz no taco. Concentra-se e dispara.

A bola branca parece voar sobre o pano verde. Uma. Cláudio relembra as tardes

que passou jogando sinuca. Duas, os amigos de então, quando eram inseparáveis.

Três, as garotas e o dinheiro que não tinha, e, mesmo assim, que vidão ele tinha!

Quatro, a juventude que se foi, e agora Francesca com os seus dezessete anos.. e,

nesse exato momento, a bola branca acerta em cheio a dez. Por trás, com força,

segura, precisa. Um baque surdo. A bola quica em frente, dentro da caçapa do

meio. — No alvo!

— Uhúúúú! — Cláudio e Step se abraçam. — Pô, você mandou muito bem. Olha só onde a bola foi parar!

A bola branca está diante de uma amarela, a alguns poucos centímetros da caçapa do fundo. Cláudio mata-a sem maiores dificuldades.

— Ganhamos! — Cláudio abraça Francesca e até consegue levantá-la do chão. Assim, dançando abraçado com ela, acaba chocando-se com um dos adversários

— Sai da minha frente, seu velho de merda. — O cara dá um empurrão em Cláudio, que acaba caindo em cima da mesa. Francesca levanta-se depressa.

Cláudio, meio zonzo, demora mais. O sujeito segura-o pela lapela e o puxa com

força. — Deu uma de espertinho, não é?

— Estou fora de forma, já faz muito tempo que não jogo. . — Cláudio está apavorado. Fica ali, sem saber ao certo o que fazer

— É sério, já fazia muitos anos que não jogava.

— É mesmo? Ninguém diria, depois dessa última tacada.

— Foi pura sorte.

— Já chega, solte-o. — O cara faz de conta que não ouviu Step. — Já disse, solte-o. De repente, o garoto é puxado para trás. Cláudio está livre, dentro de um

casaco que deixou de ser apertado. Recupera o fôlego enquanto o outro acaba

encostado na parede. Step segura-o pela garganta.

— Será que não me ouve? Não estou a fim de brigar. Vamos lá, soltem logo os duzentos euros. Afinal, foram vocês que quiseram jogar.

O outro se aproxima com o dinheiro na mão.

— Você trapaceou. Esse cara joga mil vezes melhor do que o Pollo.

Step pega o dinheiro, conta e coloca no bolso.

— É verdade, mas não tenho culpa. . Nem eu sabia disso...

Ele dá dois tapinhas nas costas de Cláudio e os dois saem vencedores da sala

de jogos. Cláudio toma mais um uísque, dessa vez, para se recuperar do susto.

— Obrigado, Step. Puxa vida, achei que o sujeito ia quebrar a minha cara.

— Que nada, tudo encenação. O cara só está furioso! Pegue, aqui estão os seus cem euros.

— Deixa para lá, não posso aceitar!

— Claro que pode! Afinal você ganhou o jogo praticamente sozinho!

— Tudo bem, então vamos comemorar. Por minha conta! Mais tarde, considerando as condições de Cláudio, Step o acompanha até o carro.

—Tem certeza de que consegue chegar em casa sem problemas?

— Absoluta, pode deixar comigo.

— Olha, não me custa nada ir acompanhando você de moto.

— Não precisa, estou bem. Juro.

.—Tudo bem, como quiser. Foi um jogo e tanto, não foi?

— Fantástico! — Cláudio está a ponto de fechar a porta.

— Cláudio, espere! — É Francesca. — Como é? Vai embora assim, sem se despedir?

— Você está certa. Desculpe. Mas, naquela confusão.. Francesca se apoia no

carro e o beija na boca, com ternura e ingenuidade. Depois, olha para ele sorrindo.

— Então, tchau. Vê se não some. Venha me ver. Estou sempre por aqui.

— Pode deixar, tenha certeza de que vou passar por aqui. — Cláudio engata

a primeira e se afasta. Abre a janela. O ar fresco da noite é agradável. Coloca um

CD e acende um cigarro. Então, completamente bêbado, bate com força as mãos

no volante.

— Uau! Puta que pariu, que tacada! E que mulheraço... — De repente, sente

uma felicidade que não experimentava há muito tempo. Mas, ao se aproximar de

casa, volta a ficar tristonho. O que vai contar a Raffaella? Entra na garagem ainda

indeciso quanto à versão definitiva. A manobra, que já lhe cria alguma dificuldade

quando sóbrio, agora parece impossível. Ao descer do carro, dá uma olhada no

arranhão numa das portas do carro e na Vespa caída contra a parede.

— Pobre Puffina, amassei sua Vespa.

Finalmente, Cláudio sobe para o apartamento. Raffaella está esperando por

ele. É o pior interrogatório pelo qual já passou, pior do que nos filmes policiais.

Raffaella só sabe fazer o papel do tira mau. O outro, aquele que costuma bancar o

amigo, que oferece um copo de água e acende um cigarro, simplesmente não existe.

— Então, conte logo, como foi?

— Tudo bem, muito bem mesmo, aliás. Step é um bom rapaz, basicamente

uma pessoa de bem. Não precisamos nos preocupar.

— Não precisamos nos preocupar? Está esquecendo de que esse garoto

quebrou o nariz do Accado?

-Vai ver que ele provocou o Step. Sabe lá o que houve. E aliás, Raffaella, não

podemos esquecer que o Accado é um chato..

— Do que está falando? Disse para ele que deve deixar a nossa filha em

paz,
que não pode vê-la mais, nem buscá-la na escola?
— Para dizer a verdade, não chegamos até esse ponto.
— E do que falaram então? O que ficaram fazendo até agora? Já passa da meia-noite!
Cláudio desembucha.
— Jogamos sinuca. Imagine só, querida, demos uma lição em dois idiotas!
Consegui encaçapar as últimas duas bolas. Até ganhei cem euros. Maneiríssimo,
não acha?
— Maneiríssimo? Só podia esperar isso de um incapaz, de um débil mental como você. Está bêbado, cheira a cigarro e nem conseguiu botar aquele marginal
no seu devido lugar.
Raffaella sai da sala furiosa. Cláudio faz uma tentativa extrema para acalmá-
la.
— Raffaella, ouça!
— O que foi?
— Step disse que vai se formar.
Raffaella bate a porta e se tranca no quarto. Nem mesmo essa última mentira
ajudou. Puxa vida, ela deve estar uma verdadeira fera. Para ela, um diploma é tudo.
Afinal de contas, nunca perdoou o marido pelo fato de não se ter formado.
Finalmente, arrasado por essa última consideração e perturbado por todos os
acontecimentos daquela noite, arrasta-se até o banheiro. Levanta a tampa da privada e vomita. Mais tarde, enquanto tira a roupa, um pequeno pedaço de papel
cai do bolso do casaco. É o telefone de Francesca. A linda morena de cabelos
negros e pele cor de mel. Deve ter posto ali enquanto o beijava no carro. Dá mais
uma olhada. Lembra-se do filme Papillon. Steve McQueen, na cadeia, recebe a
mensagem de Dustin Hoffman e, para dar-lhe um sumiço, engole o bilhete.
Cláudio memoriza o número, mas prefere jogar o papel na privada. Se tentasse

engolir, iria, sem dúvida, vomitar de novo. Dá a descarga, apaga a luz, sai do

banheiro e enfia-se na cama. Fica assim, boiando entre os lençóis, ainda levemente

alterado, deixando-se levar por aquelas suaves tonteiras. Que noite gloriosa. Uma

tacada magnífica. Uma jogada de mestre. A cerveja, o uísque, Step, um grande

amigo. Ganharam duzentos paus. E Francesca? Dançaram juntos, apertou-a entre

os braços segurando seu corpo rijo. Lembra dos seus cabelos escuros, da pele cor

de mel, o terno beijo no carro, doce e sensual, perfumado. Fica excitado. Fica

pensando no papel encontrado no bolso. Claramente um convite. Está no papo.

Uma voltinha juntos. Amanhã vou ligar para ela. Espera aí, qual era mesmo o

número? Tenta lembrar. Mas adormece com uma sensação de desespero.

Esqueceu.

— E ganharam?! — Pollo não consegue acreditar.

— Tiramos deles duzentos euros limpinhos!

— Quer dizer, então, que o pai da Babi até que é um cara simpático?

— Maneiríssimo, um verdadeiro irmão! Só para você ter uma idéia, a Francesca se amarrou nele.

— Eu tinha a impressão de que ele era meio devagar, quase parando!

— Por quê? Quando esteve com ele?

— Quando passei na sua casa para buscar o cachorro.

-Ah, sim, já ia esquecendo. Por falar nisso, como está o Arnold?

— Ótimo! Você precisa ver, é um bicho realmente inteligente. Tenho certeza

de que daqui a pouco vai aprender a trazer de volta as coisas. Eu estava perto de

casa, atirei um pedaço de pau e ele foi buscar. Só que depois ficou brincando no

parque com uma cadelinha. Sai atrás de todas, o coitado, pelo visto a Giacci não

deixava nem o bicho transar!

Step pára diante do portão.

— Chegamos. Comporte-se, tente pelo menos dessa vez não arrumar encrenca.

— Por que, está querendo dizer que costumo arrumar encrenca?

— Sempre.

— Então é assim? Fique sabendo que só vim até aqui para te fazer um favor!

Sobem até o segundo andar. Babi está bancando a baby-sitter de Giulio, o filho dos Mariani, um menino de cinco anos de cabelos claros e pele rosada. Ela está esperando na entrada do apartamento.

— Oi. — Step a beija. Ela fica um tanto surpresa com a presença de Pollo.

Ele resmunga alguma coisa que deve ser um "oi" e logo senta no sofá ao lado do

garoto. Troca de canal em busca de algo melhor do que aqueles desenhos japoneses

idiotas. Giulio, é claro, começa na mesma hora a protestar. Pollo tenta convencê-lo.

— Fique quietinho que daqui a pouco é que vão começar os mais legais.

Logo, logo vão aparecer as tartarugas voadoras.

Giulio, coitadinho, acredita piamente. Também fica assistindo a uma mesa-redonda de futebol crente que uma nova sessão de desenhos está prestes a começar. Babi vai para a cozinha com Step.

— Posso saber por que carregou o Pollo até aqui?

— Ele que insistiu. O Pollo tem uma queda por crianças.

— Não parece! Mal chegou e já fez o garoto chorar.

— Digamos então que a minha intenção era ficar sozinho com você. — Step

a abraça. — Vou ser sincero como nunca fui na vida. Você consegue deixar à

mostra o que existe de melhor em mim. E, falando nisso, o que você acha de a

gente tirar a roupa?

Rindo, ele arrasta Babi para o primeiro quarto que encontra. Ela tenta resistir, mas acaba deixando-se convencer pelos beijos de Step. Não demora para

ambos se deitarem numa pequena cama.

— Ai!

Step bota a mão nas costas. Um tanque pontudo acertou-o em cheio no meio dos ombros. Babi dá uma risada. Step joga o brinquedo no tapete. Livra a

cama de algumas tralhas eletrônicas e monstros desmontáveis. Então, finalmente
tranqüilo, encosta a porta com o pé e dedica-se à sua brincadeira preferida. Acaricia
os cabelos de Babi enquanto a beija, a mão corre veloz sobre a camiseta, abrindo os
botões. Levanta o sutiã e beija aquela pele mais clara, suavemente mais macia e
rosada. Então, de repente, alguma coisa o espeta no pescoço.

— Ai! — Step leva rapidamente uma das mãos até o local atingido. Babi está
sorrindo no escuro, segurando um estranho boneco de orelhas pontudas. E aquele
sorriso tão sincero, aquele ar tão ingênuo, deixam nele uma marca ainda mais
profunda.

— Doeu!

— Não podemos ficar aqui, é o quarto do Giulio. Imagine só se ele decidir
entrar..

— Impossível. Pollo está com ele, e as minhas ordens foram categóricas.

Aquele pirralho terrível está praticamente acabado. Não vai conseguir se levantar
do sofá por nada nesse mundo.

Step mergulha novamente no seio de Babi. Ela acaricia seus cabelos,
deixando-se beijar.

— Giulio é um ótimo menino. O pirralho terrível aqui é você. Pollo está
comendo um sanduíche que encontrou na cozinha junto com uma cerveja gelada
quando o garoto se levanta do sofá.

— Onde pensa que está indo?

— Para o meu quarto.

— Nada disso. Não pode sair daqui.

— Quero ir para o meu quarto.

Giulio tenta ir embora, mas Pollo puxa o garoto pelo pequeno suéter
vermelho de lã arrastando-o para perto dele. Giulio bem que ensaia uma rebelião,
mas Pollo coloca o cotovelo na barriga dele, imobilizando o menino. Giulio
começa a choramingar.

— Me solta! Me solta!

— Pare com isso, os desenhos já vão começar.

— Não é verdade. — Giulio olha de novo para a tevê e, talvez graças a um close dado em um dos comentaristas, desata a chorar. Pollo solta a presa.

— Olha, quer experimentar? É uma delícia, é uma coisa que só os adultos tomam.

Giulio demonstra algum interesse. Segura com ambas as mãozinhas a lata de cerveja e dá um gole.

— Não gostei, é amargo.

— Então veja só o que o tio Pollo tem para você..

Logo em seguida, Giulio está sentado no chão, brincando feliz. Faz quicar os balõezinhos rosados que o tio Pollo lhe deu. Pollo observa satisfeito. Afinal de contas, é tão fácil fazer a felicidade de uma criança. Bastam duas ou três camisinhas.

De qualquer maneira, não iria precisar delas naquela noite. Nenhum barulho chega do quarto. Tudo indica que Step tampouco está precisando. Pollo começa a ficar entediado e decide dar alguns telefonemas.

Na penumbra daquele quarto cheio de brinquedos, Step acaricia os ombros e as costas de Babi. Deixa uma das mãos escorregar pelo braço dela, para então segurá-lo e levá-lo ao próprio rosto. Beija-o. Roça a pele macia com os lábios, percorrendo toda a sua extensão.

Babi está de olhos fechados, prisioneira daqueles suspiros. Step abre-lhe a mão delicadamente, beija a palma que depois coloca em cima do próprio peito nu, deixando-a entregue aos próprios pensamentos. Babi fica imóvel, repentinamente assustada. Santo Deus, só agora ela entendeu. Mas nunca vai conseguir. Nunca fez aquilo antes. É mais forte do que ela. Step continua a beijá-la carinhosamente no pescoço, atrás dos ouvidos, nos lábios. Enquanto as mãos dele, mais seguras e

tranqüilas, mais espertas, apoderam-se dela como ondas macias, deixando naquela
praia desconhecida um náufrago prazer.
Então, de uma hora para outra, levada por aquela correnteza, por aquela
brisa de paixão, ela também se mexe. Babi toma coragem. Deixa lentamente o lugar
onde ficou entregue a si mesma e começa a acariciá-lo. Step aperta o corpo dela
para lhe dar mais confiança, para acalmá-la. Babi deixa-se levar. Os dedos correm
velozes sobre a pele dele. Apalpa a barriga, os músculos definidos do abdômen.
Cada degrau é para ela um abismo, um precipício, um passo difícil de ser dado,
quase impossível. Mas precisa conseguir e, prendendo a respiração no quarto
escuro, de repente avança. Acaba então com os dedos sobre uma penugem macia.
Decide, então, ir mais além, abrir o botão, para ela o primeiro em todos os
sentidos. Nessa altura, sem saber por quê, pensa em Pallina, muito mais esperta que
ela, mais segura. Imagina a cara da amiga quando lhe contar. Sabe como é, cheguei
até ali mas não consegui, fiquei como uma estátua de gelo. Talvez precisasse desse
pensamento, deste último empurrão para tomar uma atitude. De repente, solta o
botão, aquele primeiro botão dourado que sai da casa com um ruído leve como um
sopro. No silêncio do quarto, o ruído chega nítido e claro até seus ouvidos.
Conseguiu. Quase respira aliviada. Agora tudo vai ser mais fácil. Sua mão, já mais
decidida, passa para o segundo e o terceiro botões e continua descendo, enquanto
as bordas dos jeans vão se soltando para ficar cada vez mais afastadas. Step separa-
se suavemente dela, deixa a cabeça cair para trás. Babi junta-se a ele novamente,
apressada, abrigando-se tímida naquele beijo, envergonhada por aquela

mínima
distância. Então, de repente, ouvem um barulho de portas batendo.
— O que está acontecendo?
E, como num passe de mágica, o encanto se vai. Babi tira a mão da calça de Step e se levanta na cama.
— O que foi isso?
— Como é que eu vou saber? Esqueça. — Step a puxa de novo para perto de si. Mais um estrondo. Alguma coisa que se quebra.
— Preciso ir ver o que é. Me solta! está parecendo que o mundo está acabando! — Babi pula da cama. Ajeita a saia, abotoa a camiseta e sai apressada.
Step deixa-se cair na cama com os braços abertos.
— Vai tomar no rabo, Pollo! — E fecha o jeans. Quando chega na sala, não acredita no que vê. — Que merda vocês estão fazendo aqui?
Estão todos lá. Bunny e Hook estão empenhados numa espécie de luta livre no tapete. Perto deles, há uma lâmpada quebrada. Schello está sentado com os pés
em cima do sofá e come um saco de batatas fritas enquanto assiste a Sex and the
City na televisão. Lucone está com o menino no colo e lhe passa um baseado.
— Olha só, Step. Saca a cara de tarado desse garoto.
Babi se joga furiosa em cima de Lucone, arranca o cigarro de maconha de suas mãos e o apaga num cinzeiro.
— Fora, para fora daqui, já!
Ao ouvir os gritos, Dario e mais outro saem da cozinha, cada um com uma lata de cerveja nas mãos. Também aparece o Siciliano com uma garota. As coisas
entre eles deviam estar pegando fogo. Step imagina que devem ter acabado de fazer
aquilo que ele e Babi nem chegaram a tentar. Sorte deles! Babi começa a empurrá-
los um depois do outro para fora.
— Sumam daqui.. . Todos para fora!
Achando a maior graça, todos se deixam empurrar gritando e criando ainda mais confusão. Step ajuda Babi.
— Vamos saindo, galera. — O último a ser empurrado é Pollo. -Com você, eu converso mais tarde.
— Mas eu só chamei o Lucone. Não tenho culpa se ele falou com o resto da

turma. — Cale a boca. — Step dá um pontapé na bunda do amigo e o joga para fora. Depois, ajuda Babi a dar uma geral na casa.

— Olha só a sujeira que aqueles vândalos fizeram. — Ela mostra a lâmpada quebrada e as manchas de cerveja no sofá. Batatas espalhadas por toda parte. Babi está prestes a chorar. Step não sabe o que dizer.

— Desculpe. Vou ajudar você a limpar tudo.

— Pode deixar. Prefiro cuidar disso sozinha.

— Ficou chateada comigo?

— Não, mas acho melhor você ir embora. Os pais do menino não vão demorar a chegar.

— Tem certeza de que não precisa de ajuda?

— Absoluta.

Trocam um beijo apressado. Babi fecha a porta. Step desce. Olha ao redor. Ninguém à vista. Monta na moto e liga o motor. Na mesma hora, a turma inteira aparece de trás de um carro. Na noite, ecoa o coro: "Ele gosta de ser babá, ele é a melhor babá do mundo!" com direito a aplausos e tudo mais. Step sobe na moto e logo começa a correr atrás de Pollo.

— Eu não tenho nada a ver com isto. Resolva com o Lucone, ele é o culpado!

— Se eu te pegar, você vai ver só!

— Não enche! Você nem estava conseguindo nada lá no quarto. Só estava se chateando!

Continuam correndo na rua, entre as risadas distantes dos outros e a curiosidade de alguns moradores insones.

Babi junta os cacos da lâmpada, joga na lixeira, passa a vassoura no chão e limpa o sofá. No fim, cansada, olha ao redor. Podia ser pior. Vou dizer que o lustre caiu enquanto brincava com Giulio. O menino, afinal, não vai poder negar. Está dormindo, completamente chapado.

Na manhã seguinte, Step acorda e vai à academia. Não vai malhar. Está procurando alguém. Finalmente encontra. Chama-se Giorgio.

É um garoto de quinze anos que tem uma admiração infinita por ele. Não é

o único. Os amigos de Giorgio também consideram Step uma espécie de Deus, um
mito, um ídolo. Sabem tudo sobre ele, conhecem suas histórias, seus casos, e
acabam alimentando ainda mais o que de alguma forma já se tornou uma lenda. É
um garoto de confiança. O único ao qual Step pode pedir um favor como aquele
sem correr o risco de cair no ridículo. Ainda mais porque onde acaba a admiração
começa o terror.

Mais tarde, Giorgio entra na Falconieri. Anda pelos corredores, rente aos
muros, sem dar na vista, para finalmente entrar na terceira B, a sala de Babi. A
Giacci está dando aula mas, estranhamente, não faz comentários. Babi fica sem
palavras. Fica olhando aquela vistosa dúzia de rosas vermelhas em cima da sua
carteira. Lê sorrindo o cartão que as acompanha.

Meus amigos são um desastre, mas prometo que essa noite, aqui em casa,
vamos jantar sozinhos. Um cara que nada teve a ver com a história.

A notícia logo toma conta da escola. Ninguém jamais se atreveu a fazer algo
parecido. Na saída, Babi desce as escadas segurando aquelas magníficas rosas
vermelhas nos braços. Elas não deixam mais dúvida alguma. Todos falam dela.

Daniela está orgulhosa da irmã. Raffaella fica ainda mais furiosa e Cláudio não tem
outra escolha a não ser acender outro cigarro.

Naquela tarde, Step está dando uma olhada numa coleção de charges do
Pazienza que acabara de comprar quando tocam à porta. É Pallina.

— Bom, já dei Uma de cupido, agora sou a mensageira. Qual será o meu
próximo papel?

Step ri. Ela entrega um embrulho e se despede. É um avental com florzinhas
cor-de-rosa e um bilhete.

Só aceito se você preparar o jantar e, principalmente, se fizer isso usando o meu presente.

P.S. Não precisa me buscar. Virei sozinha, mas não antes das oito pois preciso esperar

que os meus pais saiam!

Logo em seguida, Step passa no escritório do irmão.

— Paolo, essa noite preciso do apartamento só para mim.

— Mas eu já convidei a Manuela. .

— Pode marcar para outro dia. . Vamos lá, afinal, você pode ver a sua namorada quando quiser, e a Babi só vai aparecer hoje à noite..

— Babi? A filha do sujeito que passou lá em casa?

-Ela mesmo, por que

— Aquele senhor parecia zangado. Conversou com ele, afinal?

— Claro, fomos até jogar sinuca juntos. Ganhamos e tomamos um porre.

— Como é que é?

— Bom, na verdade, quem tomou um porre foi ele.

— Você o forçou a beber?

— Forcei nada! Bebeu porque quis. Mas deixa isso para lá. E então? Você vai sair e deixar o apartamento para mim essa noite?

Sem esperar a resposta, Step sai apressado do escritório. Está tão preso pelas tarefas que esperam por ele que nem percebe o sorriso da secretária de Paolo.

Já em casa, liga para Pollo. Intima o amigo a não aparecer, não telefonar e, principalmente, a não criar qualquer tipo de confusão.

— É bom você se lembrar disto, pois o que está em jogo é a sua cabeça. Aliás, pior ainda, a nossa amizade, e estou falando sério!

Depois, começa a preparar a lista das coisas de que vai precisar, corre até o supermercado perto de sua casa e compra tudo, até uma caixa daqueles biscoitos amanteigados ingleses de que o irmão tanto gosta. Afinal de contas, Paolo merece.

Não se pode negar que ele é uma boa pessoa. Tem lá suas manias, como o carro, o trabalho e, principalmente, Manuela. Nada, no entanto, que o tempo não possa resolver. Mas, enquanto volta para casa, pensa melhor. Não, Manuela não vai passar. Já estão juntos há seis anos e a coisa tem todo o jeito de que vai continuar firme e forte. A garota é, sem dúvida alguma, a maior cara-de-pau. Pelo que

soube,

ela até já teve alguns casos. Conseguiu enganar Paollo direitinho. A não ser o irmão,

Step não consegue imaginar quem poderia ficar interessado nela. Feia, antipática e,

ainda assim, metida a besta. Uma sabe-tudo. Não pode haver coisa pior. Coitado do

Paolo. Mas afinal, isso é problema dele. Se fosse o irmão, Step cantaria a secretária.

Depois dessa última consideração positiva, ele liga o rádio e vai para a cozinha lavar

a alface.

Às oito, está tudo pronto. Ouviu as últimas novidades do hit parade

americano, não usou o avental de Babi, mas, em compensação, deixou-o

estrategicamente em cima de uma cadeira para mentir na hora certa. Admira o

resultado do seu trabalho. Carpaccio com lascas de parmesão e rúcula. Salada mista

com abacate e uma salada de frutas regada a licor de cereja. Costumava comer essa

sobremesa quando era criança. Deixa passar as lembranças sabore-ando-as devagar.

Está tranqüilo, feliz. É a noite esperada, não quer que alguma coisa a perturbe. Dá

uma olhada na mesa satisfeito, ajeita um guardanapo. Saiu-se muito bem como

mestre-cuca, mas não sabe que as facas deveriam ficar do outro lado. Começa a

andar pela casa, nervoso. Lava as mãos. Senta no sofá. Fuma um cigarro, liga a tevê.

Escova os dentes. Oito e quinze. Há horas em que o tempo parece não querer

passar. Ela vai chegar dentro de quinze minutos, jantaremos juntos, conversaremos

com toda a calma. Ficaremos no sofá sem ninguém por perto para atrapalhar.

Depois, iremos para o meu quarto e. . Não, Babi nunca vai fazer isso. É cedo

demais. Mas, será mesmo? A palavra cedo não existe, para certas coisas.

Ficarão
algum tempo juntos e, quem sabe, talvez aconteça. Tenta lembrar de uma música
de Battisti. "Que sensação de leve loucura está colorindo a minha alma, o toca-
discos, as luzes baixas e então.. champanhe gelado e a aventura pode. ." Droga! Foi
isso mesmo que Step esqueceu. O champanhe! Fundamental! Step corre para a
cozinha, abre todas as gavetas. Nada feito. Só encontra um Pinot seco. Coloca no
freezer. Melhor do que nada. Naquela mesma hora o celular toca. É Babi.

— Não espere por mim. — A voz dela é áspera, irritada.

— Por quê? Está tudo pronto. Estou até usando o avental que você me deu.

— Step mente.

— A senhora Mariani ligou. Desapareceu um colar de ouro e brilhantes. Fui culpada por roubo. Nunca mais fale comigo.

Babi desliga. Alguns minutos depois, Step já está na casa de Pollo.

— Quem foi o filho-da-puta que fez isso? Só mesmo uns amigos de merda para aprontar uma dessas!

— Não fale assim, Step! Já rolou várias vezes de entrarmos na casa de
alguém e darmos sumiços nas coisas. Isso acontece praticamente em todas as festas.

— Eu sei, mas nunca na casa de uma das nossas garotas!

— A gente não estava na casa da Babi. .

— É verdade, mas quem acabou encrencada foi ela. Você precisa me ajudar
a fazer uma lista de quem estava lá. . — Step pega uma folha de papel e começa a
procurar freneticamente uma caneta. -Que diabo, nessa casa nunca se encontra uma
caneta quando se precisa dela...

— Não precisa. Eu sei quem pegou o colar.

— Quem foi?

Pollo diz o nome, o único que Step esperava não ouvir. Foi o Siciliano.

Step e sua moto cortam a noite. Não quis que Pollo o acompanhasse. O
assunto é entre ele e o Siciliano. Ninguém mais. Dessa vez, não se trata de meras
flexões. Agora, a história é mais complicada. O sorriso do Siciliano não promete

boa coisa.

— Olha, cara, não vim para brigar.

Um soco acerta Step bem no meio do rosto. Step cambaleia para trás. Por

essa, ele não esperava. Sacode a cabeça para se recobrar. O Siciliano pula em cima

dele. Step o detém com um violento pontapé. Aí, enquanto recupera o fôlego,

pensa no jantar que preparou, no avental florido e em quão diferente esperava que

aquela noite fosse. Uma noite tranqüila, em casa, com a sua garota entre os braços.

Nada disso. O Siciliano está ali, diante dele, em posição de combate. Com ambas as

mãos chama-o para a luta.

— Vem logo. O que você está esperando?

Step sacode a cabeça e respira fundo.

— Mas que merda, será possível que eu nunca consiga realizar os meus

sonhos?!

Na mesma hora, o Siciliano avança para cima dele. Dessa vez, Step está

preparado. Desvia-se rápido e acerta-o no rosto com um murro preciso e poderoso.

Sob os seus dedos, percebe o nariz que se amassa, a cartilagem já macia e castigada

que cede mais uma vez. As sobrancelhas que se juntam, doloridas. E vê aquele

rosto, aquela careta, o lábio inferior que saboreia o próprio sangue. Vê-o sorrir e na

mesma hora compreende que a coisa vai ficar complicada.

Babi está sentada no sofá. Olha a tevê sem prestar atenção. Beberica um chá

de ervas quando toca a campainha.

— Quem é?

— Sou eu.

Step está diante dela. De cabelos desgrenhados, camisa rasgada e com a

sobrancelha direita ainda sangrando.

— O que houve?

— Nada. Só recuperei isso. . — Ele levanta a mão direita. O colar de ouro da

sra. Mariani brilha na penumbra das escadas. -Será que agora pode vir

jantar
comigo?
Depois de devolver a jóia e, obviamente, perder o emprego de baby-sitter,
Babi deixa que Step a leve para a casa dele. Mas, quando abrem a porta, têm uma
surpresa desagradável. No meio da sala, sentada à mesa iluminada por uma
romântica vela, está Manuela. Paolo chega da cozinha logo em seguida. Traz a
salada de frutas preparada por Step e, como se não bastasse, veste o avental florido,
presente de Babi.
— Oi, Step. Desculpe, mas liguei várias vezes. . Como ninguém atendia,
decidimos voltar para casa. Ainda ficamos esperando algum tempo, mas já passava
das dez. Achamos que vocês não vinham mais e começamos a comer. Não foi,
Manuela?
Procura o apoio de Manuela, que concorda com um sorriso. Step olha para o
prato dela. Ainda há algumas sobras da salada de abacate.
— E dá para ver que acabaram com tudo. Como foi o jantar? Pelo menos
gostaram?
— Estava ótimo. — Manuela parece sincera. Mas, logo em seguida, fica
calada. Percebeu que essa era uma daquelas perguntas que não exigem resposta.
— Tudo bem, Paolo, então me empresta o carro. Vamos comer alguma
coisa fora.
— Para dizer a verdade..
— Nem mais uma palavra! Comeu tudo, acabou com a salada que levei a
tarde inteira para preparar, e ainda quer bancar o difícil?
Paolo tira as chaves do bolso e as entrega nas mãos dele com um tímido
pedido para que o irmão não corra. Step já está saindo.
— Por falar nisso, também comprei os biscoitos amanteigados de que você
tanto gosta. Se quiser comer de sobremesa, estão no armário da cozinha.
Paolo esboça um sorriso, mas, nessa altura, só consegue pensar no seu Golf
cinza metálico e no que irá acontecer com ele.
Step e Babi vão comer crepes nos arredores da Pirâmide. Depois, embora
incentivados pelas borbulhas de cerveja, descartam a possibilidade de voltar para

casa. Babi não gosta da idéia porque a presença de Paolo não a deixaria à vontade.

Step, xingando o irmão e aquela chata da Manuela, vira à esquerda rumo ao

Gianicolo. Param na esplanada perto dos jardins, entre os carros de vidros já

embaçados pelo amor, repletos de paixões proibidas e daquele incômodo prazer

consumado às pressas. Diante deles, ao longe, a cidade está adormecendo.

Mais perto, sentados num parapeito, alguns garotos partilham uma ilegal

baforada de momentânea alegria. Step mexe no rádio. Passa para a 92.7, a emissora

romântica. Espicha-se no banco e começa a beijá-la. Pouco a pouco, vai ficando em

cima dela. Apesar da dor do ombro contundido, do esterno machucado, do tronco

castigado pelos golpes do Siciliano. Aquele fresco desejo alivia os hematomas.

Beijos ardentes superam dificuldades mecânicas. O freio de mão torna-se

inconveniente, o ajuste do assento se transforma num estorvo. Step apalpa a pele

dela, macia e perfumada. A paixão torna a respiração de ambos irregular. Tenta

novamente baixar o assento. Nada feito, está travado. Então, enquanto com a mão

direita tenta virar a rodela para baixo, finca os pés no painel e empurra o corpo

com toda a força. Ouve-se um estalo, um ruído seco. O encosto solta-se de

repente, e, com ele, Babi e Step vão quase parar no banco traseiro, rindo, sem

pensar em nada, menos ainda em Paolo, na sua cara emburrada, no seu carro

metalizado. Cada um se apodera dos jeans do outro, quase como se aquilo fosse

uma competição, um desafio sexual. Num determinado momento, Babi pára,

envergonhada e um tanto sem jeito. Fecha os olhos e, finalmente, abraçando-o,

emociona-se com aquela doce vitória pessoal. Ao perceber que Step quer ir mais

longe, ela o detém.

— Pare. O que você está querendo?

— Achei que valia a pena tentar. Babi o afasta, meio brusca.

— Aqui no carro? A minha primeira vez tem de ser uma coisa maravilhosa, num lugar romântico, com perfume de flores, o luar..

— Quanto à lua, lá está ela. — Step abre o teto solar do carro. -Está vendo? Um pouco encoberta, mas quase cheia. E quanto ao resto... — Step respira fundo.

— Está cheio de flores, aqui em volta. O que lhe falta? Um lugar romântico? Pare com isso! Estamos até ouvindo 92.7.. Perfeito!

Babi começa a rir.

— Estava imaginando algo diferente. — Ela olha para o relógio. — É muito tarde. Se os meus pais voltarem e não me encontrarem em casa vou acabar ficando outra vez de castigo! Vamos embora. Mexa-se!

Puxam os jeans para cima. Tentam juntos colocar o encosto do banco de Babi no lugar. Nada feito. Voltam rindo, com o assento quebrado. Cada vez que Step acelera, Babi acaba deitada no chão. Ficam pensando em tudo aquilo que o irmão irá dizer. Que noite. . Com esse desfecho, então, acabou realmente numa tragicomédia. Leva Babi até em casa e lhe dá mais um beijo de despedida. Guia veloz pela noite saboreando aquela "romântica" abstinência e o perfume dos suspiros dela que ficou em suas mãos.

— Onde é que você se meteu? Já estou esperando há mais de uma hora, preciso levar a Manuela em casa.

Paolo já está um tanto nervoso. Imagine então como vai ficar quando souber do assento?

— Podia ter usado a moto. Afinal de contas, você já pega tudo o que é meu sem a menor cerimônia mesmo.

Paolo não acha graça e se fecha na sala com Manuela. Step vai para o quarto, tira a roupa e deita na cama. Apaga a luz. Está um caco. Ouvem-se vozes na sala.

Tenta escutar. Paolo e Manuela estão discutindo. A voz do irmão é repetitiva e
monótona.

— Conte a verdade. Quero saber a verdade.

— Eu já disse.

— Eu quero a verdade.

— Foi como eu te contei. Eu juro.

— Vou repetir pela última vez. Quero que me conte a verdade. Exijo a verdade.

— Juro que já contei tudo. — Manuela também parece bastante decidida.

No escuro do quarto, Step sacode a cabeça. Não sabe se são piores os murros do
Siciliano ou as discussões do irmão. O que será que Paolo está a fim de saber? De
qualquer maneira, Manuela nunca irá contar. De uma coisa, porém, Step tem
certeza. A única grande verdade é que Manuela voltará para casa deitada no assento
do carro. E, com esse pensamento na cabeça, Step adormece sorrindo.

Babi está no Mastino, em Fregene, com toda a sua turma. Estão festejando o
fim das provas. Acabaram de almoçar há algum tempo e foram passear na praia.

Algumas amigas brincam de pique-bandeira. Ela está sentada num pedalinho
conversando com Pallina. De repente, ele aparece. Aproxima-se com aquele sorriso
tão dele, de óculos escuros e casaco de couro. O coração de Babi bate mais forte.

Pallina percebe.

— Vai ter um troço?

Babi sorri e sai correndo ao encontro de Step. Vai embora com ele sem
perguntar como conseguiu encontrá-la nem para onde a está levando. Despediu-se
das amigas com um vago "tchau". Algumas delas param de brincar e acompanham-
na com o olhar. Invejosas e sonhadoras, morrendo de vontade de estar no lugar
dela. Abraçadas com Step, o Nota Dez. Então, a garota que está no centro

do
grupo, grita.
— Número. . sete
Duas meninas avançam rápidas na areia até parar uma na frente da outra. De
braços esticados, fitando-se nos olhos num sorridente desafio, ensaiam pequenas
fintas incitadas pelas colegas. De repente, o lenço branco suspenso no ar parece
tornar-se a única coisa capaz de chamar a atenção delas.
Ao chegar perto da moto, Babi olha para ele curiosa.
— Aonde vamos?
— É surpresa. — Step fica atrás dela, tira do bolso a bandana azul que lhe roubou e venda os seus olhos.
— Nada de truques. . Não quero que olhe. Ela ajeita o pano achando graça.
-Acho que já conheço esse lenço. . — Babi entrega um fone do seu discman para Step e os dois saem abraçados ao som das notas de Tiziano Ferro.
Mais tarde.. Babi aperta-se contra o corpo dele com a cabeça apoiada nos seus ombros e os olhos vendados pela bandana. Parece até que está voando. O
vento fresco acaricia seus cabelos e o cheiro das flores enche o ar. Há quanto
tempo já estão viajando? Tenta calcular a partir do CD que estão ouvindo. Chega à
conclusão de que estão na estrada há quase uma hora. E para onde Step irá levá-la?
— Falta muito?
— Estamos quase chegando. Continua de olhos vendados?
— Continuo.
Babi sorri e apóia-se mais uma vez nas costas de Step, apertan-do-o com
força. Apaixonada. Ele reduz suavemente a marcha e vira para a direita. Começa a
subir perguntando a si mesmo se ela entendeu.
— Chegamos. É aqui. Não, não tire a bandana. Espere por mim, eu já volto.
Babi tenta imaginar aonde Step a levou. A tarde já está no fim. Ouve um
barulho distante, abafado e repetitivo, mas não consegue entender do que se trata.
De repente percebe um ruído mais forte, como se alguém tivesse quebrado alguma

coisa.

— Voltei. — Step segura a mão dela.

— O que houve?

— Nada. Siga-me.

Um tanto receosa, Babi deixa-se levar. O vento está mais brando, o ar parece

ter ficado mais frio, mais úmido até. A perna dela bate em alguma coisa.

-Ai.

-Não foi nada.

— Como nada? A perna é minha, ora essa. Step dá uma risada.

:. — Você só sabe reclamar. Espere aqui. — Step se afasta por um

momento. A mão de Babi fica sozinha, suspensa no vazio.

— Não me deixe..

— Estou bem do seu lado.

Babi ouve um barulho contínuo, mecânico. Lembra pedaços de madeira

batendo uns nos outros. Uma veneziana que se levanta. Step tira carinhosamente a

bandana que lhe encobre os olhos e, de repente, ela pode ver tudo.

O mar resplandece ao entardecer diante dela. O sol quente e vermelho

parece sorrir. Está numa casa. Sai para a varanda na entrada. Embaixo, à direita,

espreguiça-se romântica a praia do primeiro beijo. Ao longe, as colinas preferidas, o

seu mar, os recifes conhecidos: Porto Ercole. Uma gaivota passa perto deles,

cumprimentando-a. Babi olha ao redor emocionada. Aquele mar de prata, as giestas

amarelas, as moitas verde escuro, aquela casa solitária no penhasco. A sua casa, a

casa dos seus sonhos. E ela está lá, com ele, e não está sonhando. Step a abraça.

— Feliz?

Ela acena que sim com a cabeça antes de abrir os olhos, molhados e

brilhantes de pequenas lágrimas transparentes, reluzentes de amor, lindos. Step olha

para ela, confuso.

— Alguma coisa errada?

— Estou com medo.

-Medo de quê?

— De nunca mais me sentir tão feliz assim na minha vida. Louca de amor, ela o beija de novo, sonhadora na magia do pôr-do-sol.

— Venha, vamos voltar para dentro.

Ficam andando por aquela casa estranha, abrindo portas que dão para aposentos desconhecidos, inventando a história de cada quarto, imaginando os donos que nem desconfiam da presença deles.

Levantam todas as venezianas, encontram um grande aparelho de som e o ligam. — A 92.7 pega aqui também.

Eles riem, percorrem a casa inteira abrindo gavetas, desvendando segredos, brincando juntos. Separados, chamam um ao outro para mostrar até a mais boba descoberta e tudo parece encantado, importante, incrível.

Step tira o pequeno isopor da moto e volta para dentro da casa. Logo em seguida, chama Babi. Ela entra no quarto. Uma grande janela dá para o mar. O sol parece agora piscar os olhos. Está desaparecendo atrás do horizonte, ao longe. O seu último gomo pinta de rosa nuvens macias e esparsas no céu. Seu reflexo quase adormecido corre ao longo de uma esteira dourada. Atravessa o mar para apagar-se nas paredes daquele quarto, entre os cabelos de Step e Babi, nos lençóis novos e perfumados da cama.

— Eu mesmo comprei. Gostou? — Babi não responde. Olha ao redor. Um buquê de rosas vermelhas repousa num vaso na mesinha-de-cabeceira. Step tenta levar na brincadeira. — Juro que não comprei no sinal fechado...

Ele abre o isopor.

-Surpresa!

Lá dentro, há gelo derretido e algumas pedras ainda boiando. Step pega a garrafa de champanhe e duas taças envolvidas em folhas de jornal.

— Para não quebrar nada — explica. Em seguida, tira um pequeno rádio do bolso do casaco.

— Não sabia se aqui haveria.

Liga o radinho, sintoniza na mesma freqüência do aparelho da casa e coloca-o ao lado da cama.

Um leve sussurro de uma música romântica se espalha pelo quarto.

-Tem realmente tudo a ver com esse momento. .

Step se aproxima, segura-a entre os braços e a beija. Babi acha aquele momento tão maravilhoso que esquece de tudo, dos seus propósitos, dos medos, dos escrúpulos. Deixa-o vagarosamente tirar a sua roupa, despindo-o ao mesmo tempo. Acaba ficando inteiramente nua nos braços de Step, pela primeira vez, enquanto uma luz mágica, refletindo-se no mar, ilumina timidamente seus corpos.

Uma jovem estrela curiosa brilha no céu. Então, entre ondas de carícias, com os sussurros do mar ao longe, o grito de uma alegre gaivota, o perfume das flores, acontece.

Step desliza delicadamente sobre ela. Babi abre os olhos terna-mente dominada. Step olha para ela. Não parece assustada. Step sorri para Babi, passa a mão nos seus cabelos, acalmando-a. Naquele momento, o pequeno rádio ao lado da cama e a casa inteira explodem ao som de Beautiful, mas nenhum dos dois parece se dar conta. Não sabem que aquela iria se tornar a "nossa música". Ela fecha os olhos segurando a respiração, repentinamente entregue àquela incrível emoção, àquela dor do amor, aquele tornar-se dele para sempre. Levanta o rosto para o céu, suspirando, agarrando-se aos ombros dele, abraçando-o com força. Finalmente, relaxa, delicadamente, mais tranqüila. Sua. Abre os olhos. Ele está ali, dentro dela.

O seu sorriso leve ondeia de amor, beijando-a repetidamente no rosto. Mas ela já se foi. A jovem de assustados olhos azuis, com tantas dúvidas e mil receios, desapareceu. Babi lembra a fascinação que desde pequena sentia pela história das borboletas. Aquele casulo, aquela pequena lagarta que assume as mais

variadas
cores e de repente aprende a voar. E, então, vê a si mesma novamente. Uma jovem
e delicada borboleta que acaba de nascer, entre os braços de Step. Sorri e o abraça,
fitando-o nos olhos. Em seguida, lhe dá um beijo suave, novo, apaixonado. Seu
primeiro beijo de mulher.
Mais tarde, deitados sobre os lençóis, Step acaricia os cabelos de Babi
enquanto ela o aperta junto a si, com a cabeça apoiada em seu peito.
— Não fui grande coisa, não é?
— Foi maravilhosa.
— Não, não tenho jeito. Precisa me ensinar.
— Foi perfeita. Venha. — Step pega a mão dela. Entre as flores dos lençóis,
uma pequena flor vermelha, recém-desabrochada, ressalta entre as demais, mais
pura e inocente do que todas.
Mais uma vez abraçados, estão na banheira. Bebericam champanhe e
tagarelam alegres. Inebriados de paixão, logo estão se amando novamente. Dessa
vez, sem medo, com mais arrebatamento, mais desejo. Mover as asas parece-lhe
agora mais bonito, mais fácil, já não tem medo de voar, compreende a beleza de ser
uma jovem borboleta. Pegam então os roupões que estão ao lado da banheira e
descem até o pequeno ancoradouro particular. Divertem-se inventando nomes que
possam combinar com aquelas duas iniciais bordadas em seus peitos. Depois de
competir na tentativa de encontrar os nomes mais estranhos, vão até as pedras.
Babi perde. Ele mergulha primeiro. Ficam nadando na água fresca e salgada,
à luz da lua, empurrados por pequenas ondas, abraçando-se, vez por outra jogando
água um no outro, afastando-se para em seguida juntarem-se novamente para
saborear aqueles lábios com sabor de champanhe marinho. Mais tarde,

sentados
numa pedra, envolvidos pelos roupões de Amarildo e Sigfrida, admiram,
sonhadores, as mil estrelas que brilham acima deles, a lua, a noite, o mar escuro e
tranqüilo.
— Isso é maravilhoso.
— Finalmente essa casa é sua.
— Você está louco?
— Completamente!
— Estou feliz. Nunca me senti tão bem na minha vida. E você?
— Eu? — Step a abraça com força. — Melhor do que nunca.
— A ponto de poder alcançar o céu?
— Não exatamente.
— Como assim?
— Estou a pelo menos três metros acima dele.
No dia seguinte, Babi acorda e enquanto o chuveiro tira de seus cabelos os
últimos resquícios da água salgada, volta a lembrar, emocionada, da noite anterior.
Toma café, dá um beijo na mãe e entra no carro com Daniela, pronta para ir
à escola como de costume. O pai pára no sinal sob a ponte de Corso Francia. Babi
ainda está sonolenta e meio aérea quando, de repente, a vê. Não acredita em seus
próprios olhos. Lá no alto, acima de todas as outras, na coluna branca da ponte,
uma pichação domina as demais, inapagável. Está lá, no mármore frio, tão azul
quanto os seus olhos, do jeito que ela sempre desejou. Seu coração começa a bater
acelerado. Por um momento, acha que todos podem ouvi-la, que todos podem ler
aquela frase, justamente como ela está fazendo agora. E, lá em cima, inalcançável,
onde só os amantes podem chegar, está escrito: "Eu e você.. três metros acima do
céu."

24 de dezembro.

Está acordado. Na verdade, nem chegou a dormir. O rádio está ligado. Ram Power. Viver ou lembrar? E o que há para lembrar? Está com dor de cabeça, os olhos doloridos. Vira-se na cama.

Alguns ruídos chegam da cozinha. O irmão está tomando café. Olha o relógio. Nove horas. Para onde será que Paolo está indo àquela hora, na véspera de Natal? Há pessoas que sempre têm alguma coisa a fazer, pensa, até mesmo nos feriados. Ouve a porta bater. Paolo saiu. Sente-se de alguma forma aliviado. Precisa estar só. Aí um estranho sofrimento toma conta dele. Passaria muito bem sem ele.

Está só. Fica ainda pior ao pensar nisso. Não está com fome, não está com sono, apatia total. Fica assim, deitado de bruços. Nem ele sabe por quanto tempo. Pouco a pouco, imagens mais felizes daquele quarto voltam à sua cabeça. As vezes em que, ao despertar, encontrou na mesinha-de-cabeceira os brincos de Babi, ou o relógio dela. Todas as vezes em que ficaram lá, abraçados, apaixonados, desejando um ao outro naquela cama. Sorri. Lembra dos pés gelados dela, os pequenos dedos frios que ela apoiava em suas pernas mais quentes, rindo. Depois de fazer amor, quando ficavam ali conversando, admirando a lua pela janela, a chuva ou as estrelas, igualmente felizes qualquer que fosse o tempo lá fora. Acariciando-lhe o cabelo sem se importar com o que estava acontecendo no resto do mundo, com as guerras, com os problemas dos homens, com os novos caminhos ou as pessoas em geral. Parece que ainda pode vê-la ir ao banheiro, e admirar mais uma vez,

apaixonado, aqueles sinais mais claros em sua pele, a mancha pálida de um biquíni
ou de um sutiã recém-tirado. Pode ouvi-la rir atrás daquela porta fechada, caminhar
daquele seu jeito engraçado, de cabelos soltos, correndo envergonhada para a cama,
pronta para mergulhar em cima dele, ainda molhada de água. A pele fresca após um
banho minucioso, ainda perfumada de amor e de paixão. Step vira-se mais uma vez
na cama. Olha para o teto. Quantas vezes já chegou, importuna, a hora de ir
embora, de levá-la para casa, quando então vestiam as roupas devagar, sentados
lado a lado, quem sabe trocando entre si alguma coisa que pertencia ao outro. Ou
então um beijo, um sorriso, ajeitando a saia, conversando enquanto calçam os
sapatos, deixando o rádio ligado por mais alguns momentos antes de partir. Onde
estará agora, e por quê? Sente um aperto no coração.

Nos dias de festa, a gente dá uma geral no quarto, sente-se mais alegre ou mais triste. Não sabe onde guardar alguns pensamentos.

— Dani, você ainda quer isso? Se não quiser, vou jogar fora. -Daniela olha para a irmã. Babi está na entrada do quarto, segurando um casaco azul.

— Pode deixar. Vou usar.

— Mas está todo descosturado.

— Mandarei consertar.

— Como quiser. — Babi deixa o casaco em cima da cama. Daniela a observa
enquanto sai do quarto. E pensar que já brigaram tanto por causa daquele casaco!

Nunca poderia imaginar que um dia Babi pensaria em jogá-lo fora. A irmã realmente mudou muito. Mas logo esquece o assunto e começa a embrulhar os
presentes.

Babi está acabando de dar uma limpeza no armário quando a mãe chega.

— Muito bem, estou vendo que se livrou de um monte de coisas.

— Pois é, isso tudo é para jogar fora. Nem a Dani quer. Raffaella pega algumas roupas que estão amontoadas sobre a mesa.

— Vou pôr tudo dentro de um saco para dar aos pobres. Devem vir buscar depois. Vamos sair juntas, mais tarde?

— Não sei, mãe. — Babi fica levemente corada.

— Como quiser, sem problema.

Raffaella sorri e sai do quarto. Babi abre algumas gavetas. Está feliz. De uns tempos para cá, está se dando muito bem com a mãe. Que coisa mais estranha, há apenas seis meses não paravam de brigar. Lembra do fim do processo, quando saiu do tribunal e a mãe veio para perto dela correndo.

— Ficou louca? Por que não contou o que realmente aconteceu? Por que não disse que aquele marginal bateu em Accado sem motivo algum?

— A meu ver, os fatos aconteceram do jeito que contei. Step é inocente.

Não tem nada a ver. O que vocês sabem da vida dele? Do que ele sentia naquele momento? Vocês não sabem justificar, não sabem perdoar. A única coisa que sabem fazer é julgar. Decidem a vida dos seus filhos na medida dos seus desejos, conforme as suas próprias idéias. Sem se importar minimamente com aquilo que nós pensamos. Para vocês, a vida é como um jogo, tudo aquilo que não conhecem é apenas uma carta incômoda que gostariam de não ter tirado do baralho. Não sabem o que fazer com ela, queima em suas mãos. Não se importam em saber por que alguém é violento, por que se droga, isso nem é com vocês, afinal não é seu filho, não tem nada a ver com vocês. Mas, dessa vez, mãe, a coisa tem muito a ver com você. Dessa vez, a sua filha se meteu com um cara cheio de problemas, um cara que não pensa só em ter um GTI 16 válvulas, um Daytona ou em passar as férias na Sardenha. Ele é um marginal violento, é verdade, mas talvez seja assim porque não consegue explicar muitas coisas, porque lhe disseram um monte

de
mentiras, porque esse é o único jeito de ele reagir.
— Mas o que é isso? Tudo o que você diz não passam de besteiras. . E não se importa com o que vão dizer? Que você é uma mentirosa, que mentiu descaradamente diante de todo o mundo?
— Não dou a mínima para os seus amigos, para o que eles pensam e para o seu julgamento. Só vivo escutando que eles são pessoas que se fizeram sozinhas,
gente que conseguiu chegar lá depois de muita luta. Mas chegar aonde? O que
conseguiram? Só dinheiro. Não falam com os filhos. Na verdade, não se importam
nem um pouco com aquilo que eles fazem, aliás, nem querem saber se eles têm
problemas, se eles sofrem. Não querem saber porra nenhuma da gente.
Raffaella dá um bofetão bem no meio da cara de Babi. Ela passa a mão na bochecha e sorri.
— Falei de propósito, está pensando o quê? Agora que me deu um bofetão ficou com a consciência tranqüila. Já pode voltar a tagarelar com as suas amigas
sentada à mesa de jogo. A sua filha foi criada conforme o figurino. Entendeu o que
está certo e o que está errado... Ela sabe que não fica bem dizer palavrões, que é
preciso ter bons modos. Mas será que você não está vendo a si própria? Não percebe que é ridícula, que é motivo de piada? Quer que eu vá à missa todos os
domingos, mas se por acaso eu levo o Evangelho a sério demais, então a coisa já
não é bem assim. Se eu amar muito os meus semelhantes, se convidar para ir até a
nossa casa alguém que não se levanta quando você chega, que não sabe se comportar direito à mesa, então você torce o nariz. Talvez fosse bom vocês inventarem umas igrejas só para vocês, com um Evangelho próprio no qual nem
todos ressuscitam. Só terão direito ao reino dos céus aqueles que jantam de gravata,
que não assinam com escrita infantil, aqueles cujos pais vocês conhecem, os de pele

bronzeada, dentes bem cuidados, os perfumados que freqüentam lugares badalados. Vocês não passam de uns palhaços!

Babi dá as costas. Raffaella fica olhando até ela sentar na moto atrás de Step e ir embora.

Quanto tempo já se passou, quantas coisas mudaram! Suspira enquanto abre mais uma gaveta.

"Coitada da minha mãe", Babi pensa. Fez com que comesse o pão que o diabo amassou. No fundo, Raffaella estava certa. Talvez só agora a filha se dê conta disto. Mas há outras coisas mais importantes na vida. Babi continua dando uma geral nas suas roupas. Entretanto, não consegue lembrar nada tão importante assim, talvez porque não queira mais pensar nelas, pois assim é mais fácil. Talvez porque, afinal, não haja lá muitas coisas realmente importantes. Quem sabe algum remorso, ou um sutiã que para ele foi motivo de riso.

— Você está muito sexy hoje.

Uma depois da outra voltam todas, implacáveis, melancólicas e tristes, longínquas. As lembranças. A festa dos seus dezoito anos, em Ansedônia. Dez da noite. De repente, o barulho das motos. Os convidados que olham da varanda.

Finalmente alguma coisa que vale a pena comentar. Step, Pollo e o resto da turma chegaram. Pulam das motos e entram na casa rindo, abusados e seguros, olhando ao redor, os amigos à cata de garotas comíveis, ele em busca dela.

Babi corre ao seu encontro, perdendo-se em seus braços, entre um suave "felicidades, meu amor" e um arrogante beijo na boca.

— Devagar, os meus pais podem ver. .

— Eu sei, fiz de propósito! Vem comigo, vamos embora. . Depois da torta e dos parabéns, depois do Rolex que ganhou de presente dos pais, vão embora juntos. Deixa-se levar pelos seus olhos alegres, pelas propostas divertidas, pela moto veloz. Ladeira abaixo, rumo ao mar noturno, envolvida pelo perfume

das
giestas, longe dos convidados inúteis, do olhar desdenhoso de Raffaella, dos olhos
tristes de Cláudio que teria gostado de dançar a valsa com a filha, como todos os
pais. Mas ela já se foi, está longe. Festeja a sua recém-adquirida maioridade
dançando nos beijos dele, nas notas das leves ondas salgadas, da romântica lua, do
seu jovem amor.
— Pegue, isso é para você. — No pescoço de Babi, brilha um colar de ouro
com pedras turquesas como os seus olhos felizes. Ela sorri e ele, beijando-a, até
consegue convencê-la. — Juro que não roubei.
Véspera do vestibular. Uma verdadeira piada. Em casa, ela repassa as
matérias. Inúmeras hipóteses, dicas clandestinas, como se todos soubessem qual
seria o assunto da redação. Telefonemas seguros, com a certeza de acertar na
mosca. Os cinqüenta anos da televisão, a nova obra do Manzoni que foi descoberta.
Vai cair Revolução Francesa, sem dúvida.
Há quem diga que recebeu a notícia da Austrália, onde saiu nos jornais do
dia anterior, outros cochicham que foi um professor, alguém da banca, há até quem
afirme ter sido informado por um médium. No dia seguinte, quando o futuro se
torna presente, descobrem que aquele professor não era, afinal, digno de tanta
confiança, que o médium era apenas um farsante, que a Austrália fica longe demais
para poder culpar alguém que more lá. E, mesmo assim, quando saíram os
resultados, a agradável surpresa.
Babi tirou a nota máxima. Correu para Step feliz, eufórica com a nota. Ele
riu, brincando com ela.
— Agora você realmente virou gente grande, uma mulher madura.. como
um pêssego prestes a cair do galho...
Tirou a roupa dela rindo, provocando-a, como se já soubesse, esperasse por
aquela nota. Fizeram o amor. Então, foi a vez dela de brincar com ele, sorrindo.

— Quem diria, hein? Você, que nem passou no vestibular, está aqui, beijando alguém que tirou a nota máxima. . Tem noção da sorte que tem?

Ele riu.

— Estou sabendo.. — E a abraçou em silêncio.

Algum tempo depois, Babi foi visitar a Giacci. No fundo, depois daquela confusão toda, a professora parecia até ter acabado gostando dela. Começou a tratá-la com carinhosa simpatia, talvez até com uma ponta de respeito. Naquele dia, quando foi vê-la, descobriu a razão.

O respeito não passava de medo. Medo de ficar sozinha, de nunca mais ter aquele seu único amigo e companheiro. Receio de não voltar a ver o cachorrinho, terror da solidão. Babi ficou sem palavras. Ouviu o rancoroso desabafo da professora, sua raiva, suas palavras maldosas. A Giacci estava bem diante dela, novamente com o seu Pepito nos braços. Aquela mulher idosa parecia ainda mais cansada, mais azeda, mais decepcionada com o mundo, com os jovens. Babi saiu de lá correndo, pedindo desculpas, sem mais saber quem era, com que estava tratando, qual seria a sua nota, a de verdade, aquela que realmente merecia.

Babi chega à janela e olha para fora. Algumas árvores de Natal acendem e apagam suas luzes nas varandas ao redor do prédio, nas salas elegantes do edifício em frente. É Natal. As pessoas precisam ser boas. Talvez fosse melhor ligar para ele. Mas já fui boazinha demais. Quantas vezes já o perdoei, inclusive no caso da Giacci? Lembra as mil discussões que já tiveram, a maneira diferente de eles verem as coisas, as brigas, o doce ato de fazer as pazes sempre esperando que tudo fosse melhorar. Mas não foi assim. Os eternos bate-bocas, dia após dia, com os pais em pé de guerra, telefonemas às escondidas, chamadas noturnas. A mãe que atende, Step que desliga. E o celular que não pega dentro de casa. . Ela de castigo

cada vez
mais constantemente. Aquela vez que Raffaella deu um jantar e forçou-a a ficar. Só
tinha convidado gente da alta sociedade, o filho de um conhecido deles muito rico.
Um bom partido, Raffaella o definira. Então, chegou Step. Daniela abriu a porta
sem pensar. Step entra jogando-a no chão.
— Desculpe, Dani. Não tem nada a ver contigo, você sabe! Segurou Babi
pelo braço e arrancou-a de lá entre os berros inúteis de Raffaella e a ainda mais
inútil tentativa do bom partido de detê-lo. O sujeito acabou estirado no chão, com
o lábio rasgado e sangrando. Ela adormeceu entre os braços de Step, chorando.
— Tudo ficou tão difícil. Só gostaria de sumir daqui, com você, sem problemas, longe dos meus pais, longe de todas essas encrencas, num lugar tranqüilo, fora do tempo.
Ele sorriu.
— Não se preocupe, sei muito bem para onde ir. Ninguém vai nos incomodar. Já estivemos lá, é só querer.
Babi olha para ele com os olhos cheio de esperança.
— Onde?
— Três metros acima do céu, onde moram os namorados. Mas, no dia seguinte, voltou para casa. E foi então que tudo começou, ou talvez acabou.
Babi matricula-se na Universidade e começa a freqüentar o curso de
Economia. Passa as tardes estudando. Agora já não se encontra com ele como
antes. Certa tarde estão juntos, tomando uma vitamina no Giovanni. Estão
conversando fora do bar quando, de repente, chegam dois sujeitos imensos. Step
nem tem tempo de se dar conta do que acontece ao seu redor. Eles caem
imediatamente em cima dele. Começam a lhe dar cabeçadas, mantendo Step preso
entre os dois, golpeando-o um de cada vez, num terrível revezamento de sangue.
Babi não pára de gritar. Ele consegue finalmente se livrar dos trogloditas. Os dois
desaparecem no trânsito, fugindo numa moto envenenada. Step fica no

chão,

atordoado. Só com a ajuda de Babi consegue se levantar. Com lenços de papel ela

tenta estancar o sangue que escorre do seu nariz, sujando toda a roupa dela. Mais

tarde, Step a leva para casa, calado, sem saber ao certo o que dizer. Resmunga

alguma coisa a respeito de uma briga antiga, de quando eles ainda não se

conheciam. Ela acredita, ou quer acreditar. Ao vê-la entrar em casa com a camiseta

suja de sangue Raffaella quase tem um troço.

— O que houve? Você se machucou, minha filha? Foi aquele marginal, não foi? Se continuar assim, vai acabar se dando mal, você sabe disso!

Ela foi para o quarto e trocou de roupa em silêncio. Para então ficar ali,

deitada na cama, sozinha. Concluiu que alguma coisa estava errada. Que algo teria

de mudar. Não iria ser fácil, não tão fácil quanto tirar uma camiseta e jogá-la na

pilha da roupa suja. Alguns dias depois, viu Step novamente. Tem mais um corte

no rosto. Levou alguns pontos na sobrancelha.

— O que aconteceu?

— Sabe como é, para não acordar Paolo entrei em casa sem acender a luz do

corredor. Bati numa quina. Nem pode imaginar a dor, foi uma coisa horrível!

Justamente como aquilo que ele fez. Soube da verdade por Pallina, pelo

telefone. Ele convocou os outros garotos a irem até o Zio d'America, em Talenti,

munidos de pedaços de paus e correntes. Foi uma briga colossal, uma verdadeira

vingança. Saiu até um artigo no jornal. Babi desligou. Não adianta conversar com

Step, ele vai continuar fazendo o que bem entende. É um cabeça-dura.

Ela já lhe disse mil vezes que odeia violência, pancadarias, os valentões.

Dá uma limpeza nas prateleiras, joga alguns cadernos no tapete, sem prestar muita atenção. Cadernos de anos passados, anotações antigas, livros velhos.

— O que quer fazer hoje à noite? Que tal as corridas de moto? Todo o mundo vai estar lá. .

— Você deve estar brincando, nem pensar! Nunca mais vou voltar para um lugar como aquele. Já pensou se eu encontrar aquela louca furiosa e tiver de lhe dar outra surra? Temos um convite para depois do jantar, se quiser ir comigo.

Step vestiu o casaco azul. Ficou o tempo todo sentado num sofá, olhando ao redor tentando encontrar alguma coisa interessante nas conversas que ouvia, sem obter sucesso, no entanto. Sempre detestou pessoas como aquelas. Sempre entrou como penetra nessas festas, arrebentou tudo, divertiu-se horrores roubando nos quartos com os outros, jogando objetos pela janela. Os outros. Sabe-se lá onde estariam àquela hora. Provavelmente na Estufa, empinando suas motos a cento e quarenta por hora, com os amigos que ficam torcendo, com Siga que toma nota das apostas, com as cinturadas, Ciccio e todos os outros. Que saco, essa festa. O seu olhar cruza com o de Babi. Ela está chateada, sabe muito bem o que passa pela cabeça dele.

Babi também consegue alcançar um livro que foi parar mais longe do que os outros. Então, se lembra de tudo, como se estivesse acontecendo naquele exato momento.

O interfone não pára de tocar. A dona da casa atravessa a sala correndo, a porta se abre e Pallina está ali, pálida, perturbada, prestes a cair em prantos.

É uma noite terrível. Melhor esquecer. Começa a juntar os livros que jogou no chão. Pega outros, colocando-os todos em cima da mesa, e, ao se curvar de novo, pode vê-la bem diante dos seus olhos. Clara e ressecada, de um amarelo esmaecido como o tempo que se foi. A pequena espiga que guardou nas páginas da agenda na primeira vez que matou aula com Step. Naquela manhã com o vento que anunciava o verão, com os beijos que tinham o gosto da pele perfumada

pelo sol.

O seu primeiro amor. Lembra-se do convencimento com que acreditava que nunca

mais poderia haver outro. Babi apanha a espiga, quase se esfarela entre os seus

dedos como antigos pensamentos, como sonhos impalpáveis e promessas efêmeras.

Step olha para a cafeteira no fogão. O café ainda não passa. Step aumenta a

chama. Algumas cinzas continuam ali perto, um último pedaço de uma folha

amarelada. Os seus amados desenhos, o traço inconfundível de Andréa Pazienza.

São originais. Roubou da redação daquela nova revista, a Zut, quando Andréa ainda

estava vivo e era colaborador deles. Certa noite, arrebentou o vidro de uma janela

com o cotovelo e subiu as escadas. Foi fácil, pegou aqueles lendários desenhos e

saiu correndo porta afora, desaparecendo na noite, feliz, com as charges do seu

ídolo nas mãos. Logo em seguida, Andréa morreu.

É junho. Uma foto de Andréa num jornal. A redação inteira aparece em

volta dele. A foto deve ter sido tirada logo depois do roubo. Step pega entre as

bocas do fogão o pedaço de papel. Qual teria sido a charge? Talvez aquela com o

rosto do Zanardi. Já não importa. Queimou todas naquela noite, após o

telefonema. Estava ali, olhando as cores que queimavam, os rostos dos seus heróis

que se enrugavam, lambidos pelas chamas, as frases míticas de poetas

desconhecidos que desapareciam em espirais de fumaça. Nesse momento, chegou o

irmão. — O que você está fazendo? Está dando uma de débil mental? Veja, vai

estragar o exaustor. .

Paolo tentou apagar as chamas altas demais, mas ele o deteve.

— O que deu em você, Step? Ficou maluco? Quem vai pagar, depois, sou eu. Pelo menos poderia fazer essas besteiras lá fora.

Step perdeu a cabeça. Jogou o irmão contra a parede, perto da janela.

Apertou a garganta de Paolo com as mãos, quase esganan-do-a. Paolo perdeu os
óculos que voaram longe e se quebraram. Só então Step recuperou a calma e soltou
o irmão. Paolo apanhou os óculos quebrados e saiu em silêncio, sem dar mais nem
uma única palavra. Step ficou pior ainda. Ouviu a porta de casa bater. Ficou ali,
com os olhos fixos nos desenhos que queimavam estragando a coifa da cozinha,
sofrendo como nunca sofrera antes. Mais sozinho do que nunca. Lembra uma
música do Battisti. "Encher de porrada um homem só porque foi grosseiro,
sabendo que o que dói não são bem as ofensas." É a pura verdade. E, no seu caso,
dói mais ainda. Aquele homem é o seu irmão. O café passa de repente,
borbulhando como se também tivesse algo a dizer. Step enche a xícara e traga de
uma só vez. Um sabor quente e amargo fica na boca, o mesmo das lembranças
abandonadas no seu coração.
Setembro. Os pais de Babi compraram-lhe uma passagem para Londres.
Combinaram com a mãe de Pallina. Querem afastá-las dos novos amigos perigosos.
Bastou pouco. Um plano simples e eficiente. Uma visita rápida a um amigo
da polícia. Passaportes novos. E duas pessoas embarcaram naquele avião para a
Inglaterra, mas as passagens, trocadas alguns dias antes, têm nomes diferentes:
Pollo e Pallina.
São quinze dias inesquecíveis para todos. Para os pais de Babi, que não
sabem de nada e estão felizes, finalmente tranqüilos. Para Pollo e Pallina, à solta em
Londres, nos pubs e nas discotecas, enviando a todos cartões comprados na Lyon
Book de Roma, cartões ingleses já assinados por Babi. E Step e ela, longe de todos,
naquela ilha grega, Astipaléia. Uma viagem épica. De moto até Bríndisi, depois o

navio, abraçados sob as estrelas, deitados no convés, em seus coloridos sacos de
dormir, cantando músicas em inglês com pessoas desconhecidas, para melhorar a
pronúncia, embora de forma não tão boa quanto estava nos planos dos pais. E os
moinhos brancos, as cabras, as pedras, a casa de frente para o mar. A pescaria ao
alvorecer, dormir de tarde, sair à noite, passear na praia. Donos do lugar, do tempo,
sozinhos, contando as estrelas, esquecendo os dias, telefonando mentiras.

Step beberica mais café. Parece ainda mais amargo. Começa a rir. Aquela vez
em que ela convidou os amigos dele para jantar. Uma tentativa de socialização.

Sentaram à mesa e até portaram-se razoavelmente bem, exatamente como Step
pedira. Mas não podia durar. Um depois do outro, levantaram-se levando os pratos,
enchendo a cara de cerveja, indo para a sala. Nunca convidar às quartas-feiras,
quando há jogos da Copa Itália. Só podia dar no que deu. O Roma perdeu, algum
torcedor do Lazio começou a implicar com os outros e a noite acabou em
pancadaria. Step precisou expulsar todo o mundo. Divergências, diferenças,
dificuldades. Tentou ir ao encontro dela. Festa de carnaval. Foram fantasiados de
Tom e Jerry e logo na mesma festa apareceram Pollo e o resto da turma. Um
simples acaso com requintes de escárnio? Ou mais simplesmente uma dica de
Pallina? Todos fizeram de conta que não o reconheciam. Cumprimentavam Babi, o
pequeno Jerry de olhos azuis, e ignoravam Tom, rindo toda vez que aquele bichano
mus-culoso passava por perto.

No dia seguinte, na praça, Pollo, Schello, Hook e mais um outro chegaram
perto dele com ar grave.

— Precisamos te contar uma coisa, Step. Ontem fomos a uma festa e

encontramos Babi.

Step se faz de desentendido.

— E daí?

— Sabe como é, ela estava fantasiada de rato e tinha um gatão que não parava de dar em cima dela. . Parecia até um porco. Grandalhão, com pinta de marrento. Se precisar de ajuda para dar uma lição no cara, é só pedir. É um problema sério, você sabe disso, tem uns gatos muito abusados por aí. .

Pollo não consegue terminar a frase. Step pula em cima dele segurando sua cabeça sob um dos braços e lhe dá socos na nuca de mão fechada. Entre as risadas dos outros, as risadas de Pollo, as suas próprias risadas. Amigos do peito! De repente, é vencido pela tristeza. Aquela noite. Por que foi à festa naquela noite, por que foi lá em vez de ir às corridas? Babi insistira muito. Quantas coisas fez por ela.

Talvez não acontecesse. Quem sabe.

O interfone toca sem parar. A dona da casa atravessa a sala correndo, abre a porta. Branca como um fantasma, tremendo, com o rosto desfigurado, Pallina aparece na entrada. De olhos tristes, reluzentes pelo pranto, carregados de sofrimento. Step se aproxima. Ela mal consegue segurar aquele primeiro soluço.

— Pollo morreu. — Ela então o abraça, procurando nele o que já não poderá encontrar em lugar algum. O amigo dele, o namorado dela, aquela gargalhada forte e cheia. Foram correndo até a Estufa, com Babi, com o carro que os pais acabam de lhe dar de presente. Os três, juntos dentro do automóvel, com aquele cheiro de novo que assume as cores de sofrimento e silêncio. Finalmente podem vê-lo. Luzes faiscando em volta daquele único lugar. A moto do amigo.

Uniformes odiados e viaturas da polícia em volta de Pollo, estirado no chão, já sem força para rir, para brincar, para implicar com os outros, para dizer besteiras.

Alguém mede alguma coisa com uma fita métrica. Mais alguém fica

olhando. Mas
ninguém pode medir tudo aquilo que se foi. Step dobra-se sobre ele em silêncio,
acaricia o rosto do amigo. Um gesto de amor que nunca tiveram durante aqueles
anos todos de amizade, que nunca se permitiram. Então, sussurra chorando.
— Vou sentir a sua falta. — E só Deus sabe como foi sincero.
O café acabou. De repente fica com vontade de ouvir as últimas notícias
esportivas do Corriere dello Sport lidas por aquele sujeito incômodo que atormenta
a empregada, que entra na sua casa acordando-o de manhã, que atrapalha a sua vida
criando mil confusões, rindo. Então, pergunta a si mesmo há quanto tempo não
come um sanduíche de salmão. Já faz muito tempo. Mas, estranhamente, não fica
com vontade de comer um, talvez porque, se quisesse, poderia tê-lo.
Babi dá mais uma olhada no presente que comprou para Pallina. Está ali, na
mesa, embrulhado num papel vermelho com uma fita dourada. Escolheu com todo
o cuidado, ela mesma gostaria de receber, aquele presente custou caro. Mas o
embrulho continua lá. Não ligou para ela, já não se falam há algum tempo. Muitas
coisas mudaram no seu relacionamento com Pallina. Já não é mais a mesma coisa,
as duas já não se entendem, não conseguem falar. Talvez seja porque depois que
terminaram o colégio tomaram caminhos diferentes. Ela economia, Pallina um
curso de artes gráficas. Ela sempre gostou de desenhar. Volta a lembrar todas as
mensagens que lhe mandava durante as aulas. Caricaturas, frases engraçadas,
comentários, retratos de amigos. Adivinha quem é essa aqui. Era tão boa que Babi
acertava quase sempre em cheio. Olhava para o desenho, levantava a cabeça e logo
a encontrava. A colega de queixo saliente, de orelhas quase que de abano,

com o
sorriso escancarado demais. E riam de longe, como colegas de escola, grandes
amigas. Qualquer coisa era um bom motivo para serem repreendidas, quase
orgulhosas daquela alegria, daqueles sorrisos nem um pouco reprimidos.
Então, houve aquela noite, e os dias que se seguiram, e o mês seguinte.
Silêncios sem fim, prantos. Pollo se foi e Pallina não consegue superar a sua falta.
Até que, certo dia, foi chamada pela mãe de Pallina. Saiu correndo para a casa da
amiga. Encontrou-a deitada na cama, vomitando. Engoliu meia garrafa de uísque e
um vidro inteiro de veneno de rato. Um suicídio de pobres, como Babi comenta
logo que ela volta a poder entender. Pallina deu uma gargalhada, para logo a seguir
cair em prantos, abraçando a amiga. A mãe deixou-as sozinhas, não sabendo ao
certo o que fazer. Babi acaricia sua cabeça.
— Pare com isso, Pallina, todos nós passamos por maus momentos, não há
quem pelo menos uma vez na vida não pense em acabar com tudo, fugir dessa
porcaria que nos cerca. Mas será que vale a pena esquecer os cornettos do Mondi, a
pizza do Baffetto, os sorvetes do Giovanni?
Pallina sorri, enxuga as lágrimas com o pulso, fungando.
— Eu também, uns tempos atrás, quando me separei daquele merda do
Marco, achei que ia morrer, que não conseguiria sobreviver, que não havia mais
motivos para seguir em frente. Mas acabei me recuperando, você me ajudou, me
levou para um montão de lugares, encontrei o Step. Claro, agora bem que gostaria
de acabar com ele e com aquela sua maneira de ser, mas, melhor assim, não acha?
Caem na gargalhada. Pallina ainda soluça um pouco, Babi passa para ela um
lenço de papel para limpar o nariz. Mas, a partir daquele dia, alguma coisa foi

mudando devagar, surgiu uma rachadura. As ligações tornaram-se cada vez mais raras e, mesmo nas poucas vezes em que se encontraram, não tinham muitas coisas para contar.

Talvez porque mostrar-se fracos demais a um amigo cria-nos, mais tarde, algumas dificuldades. Talvez porque costumamos achar a nossa dor única, inimaginável, como, aliás, qualquer outra coisa que nos diz respeito.

Ninguém pode amar como nós amamos, ninguém pode sofrer como nós sofremos. Aquela dor de barriga, justamente, "quem tem sou eu, e não você".

Talvez Pallina nunca lhe tivesse perdoado ter ido à festa com Step. Pois, se tivesse ido às corridas, Step nunca teria permitido que Pollo participasse. Step o teria salvo.

Step não deixaria que ele morresse. Step, o seu anjo da guarda. Babi olha para o presente. Talvez haja outras razões, mais ocultas, mais difíceis de serem entendidas.

Deveria chamá-la para vir até sua casa. Todos ficam mais bondosos no Natal.

— Babi! — É a voz de Raffaela. Irá ligar para Pallina mais tarde.

— O que foi, mãe?

— Veja só quem está aqui.

Alfredo está parado na porta.

— Oi.

Babi fica levemente corada. Nisso ela não mudou. Ao ir cumprimentá-lo, ela mesmo o percebe. Quanto a isso, aliás, talvez nunca venha a mudar. Alfredo tenta deixá-la à vontade.

— Está quente, aqui.

— Pois é.. — Babi concorda sorrindo. A mãe os deixa sozinhos.

— Gostaria de ir ver a exposição dos presépios na Piazza dei Popolo?

— Claro, espere só um minutinho. Vou pegar o casaco. Aqui está quente, mas lá fora deve estar bem frio...

Sorriem. Ele aperta uma das mãos de Babi. No olhar dela, surge um toque de cumplicidade. Ela vai para o quarto. Que coisa mais estranha, já moram há

tantos
anos naquele condomínio e nunca se conheceram direito.
— Sabe como é, estou estudando muito nesses últimos tempos. Estou preparando a tese do mestrado e me separei da minha namorada.
— Eu também.
— Está preparando a sua tese? — ele pergunta sorrindo.
— Não, deixei o meu namorado.
Na verdade, naquela altura Step ainda não sabia, mas ela já tinha tomado a decisão. Uma decisão difícil, feita de brigas, discussões, de problemas com os pais
e, quem sabe, também de Alfredo. Babi veste o sobretudo. Passa pelo corredor.
Naquela hora, o telefone toca. Babi fica um momento parada. Um toque, dois.
Raffaella atende.
— Alô?
Babi fica ao lado, com olhar interrogativo, preocupado, perguntando, muda, se a ligação é para ela. Raffaella sacode suavemente a cabeça e encobre o fone com
a mão. — É para mim.. Pode ir..
Babi se despede tranqüila, palavras vagas como o seu beijo.
— Não vou demorar.
Raffaella vê a filha sair, retribui com um sorriso os cumprimentos educados de Alfredo. A porta se fecha.
— Alô? Sinto muito mas Babi não está. Não, não sei quando vai voltar.
Step desliga. Pergunta a si mesmo se ela realmente saiu. Se iria contar para ele. Sozinho, naquele sofá, com suas lembranças, ao lado de um telefone mudo,
sem esperança. Dias felizes no passado, sorrisos, tardes de amor e de sol.
Lentamente, imagina-a perto dele, em seus braços, justamente naquele sofá, como
já aconteceu.
Ilusão de um momento, violentos instantes de paixão, agora solitária. Depois
disso, sente-se ainda mais só, vazio até de orgulho. Mais tarde, caminhando no
meio das pessoas, vê carros com casais felizes, no trânsito festivo, com os assentos
cheios de presentes. Sorri. Não é fácil dirigir quando ela te abraça, quando

quer
mudar de marcha sem saber como, quando você tem uma única mão para segurar o
volante e ao mesmo tempo amar.
Continua andando entre Papais Noel de mentira e cheiro de castanhas na
brasa, entre guardas do trânsito que apitam e pessoas carregadas de embrulhos.
Procurando os cabelos dela, o seu perfume. Confunde-a com outra moça que
caminha ligeira e é forçado a acalmar o próprio coração desiludido.
Rua de Vigna Stelluti, que já foi cheia de risos. Step a carrega nos braços
como uma menina, beijando-a diante de todos que ficam admirados com aquela
excentricidade. Então, entra no Euclide, apóia-a delicadamente no balcão e o
pessoal ouve-o pedir.
— Um chopinho para mim e um pedaço de torta de creme para a minha
garotinha. — Logo em seguida estão novamente na rua, com ela nos braços, entre
pessoas normais, diferentes. Um casal olha para eles. A jovem sorri, desejando que
um dia seu namorado seja assim, tão exagerado, louco. Isso a faz voltar a pensar no
namorado fracote, na dieta ainda por começar, na próxima segunda-feira.
Os pais de Babi, ao vê-la nos braços de Step, correm, preocupados, ao
encontro deles.
— Aconteceu alguma coisa? Você caiu da moto, se machucou?
— Nada disso, mãe. Estou ótima.
Cláudio e Raffaella ficam olhando enquanto eles se afastam, sem entender
nada. Pessoas que ficam o tempo todo querendo saber dos motivos e que, dessa
vez, terão de voltar para casa de mãos vazias.
Alguém esbarra nele. Nem percebe que é uma menina linda. Para qualquer
lugar que olhe, só vê lembranças. As camisetas iguais às que compraram, ele uma
tamanho GG, ela uma delicada M.
Verão. Concurso Garota Argentario, a boate da moda na época. Babi
participou de brincadeira. Ele levou a sério demais um comentário, totalmente

honesto, aliás, de um sujeito qualquer.

— Olha só a bunda fantástica daquela garota... Deu briga na mesma hora.

Sorri. Botaram-no para fora da discoteca. Não pôde ver Babi vencer.

Quantas vezes fez amor com a Garota Argentario! De noite, em Villa Glori, perto

do Monumento aos Heróis da Pátria, naquele banco escondido atrás de uma moita,

dominando a cidade. Os suspiros deles beijados pela lua. No carro, aquela vez que

a polícia interrompeu seus beijos furtivos e ela, chateada, teve de mostrar os documentos. Depois que se afastaram, Step brindou os guardas com um zombeteiro "Invejosos!".

A tela furada. Ajudá-la a passar por baixo, à noite, abraçá-la perto das

gaiolas, amar-se amedrontados naquele banco, entre rugidos de bichos ferozes e

chamados de pássaros ocultos. Eles, tão livres, naquele zoológico cheio de prisioneiros.

Dizem que quando você morre pode ver passar num momento diante dos

olhos os lances mais significativos da sua vida. Step procura então afastar todas

aquelas lembranças, aqueles pensamentos, aquele doce sofrimento. Mas, de repente,

compreende. Não adianta. Acabou.

Continua andando mais um pouco. Quase sem querer, acaba voltando para a

moto. Decide ir para a casa de Schello. Os amigos estão todos lá, festejando o

Natal. Os amigos. Quando a porta se abre, experimenta uma estranha sensação.

— E aí, Step! Caraça, já faz séculos que a gente não se vê. Feliz Natal.

Estamos brincando de cavalinhos. Conhece o jogo?

— Conheço, mas prefiro olhar. Tem uma cerveja? O Siciliano lhe passa uma

já aberta.

Sorriem um para o outro. O ranço é coisa do passado. Toma um gole e senta

num degrau. A televisão está ligada. Sobre um pano de fundo natalino concorrentes

de chapéus coloridos participam de alguma brincadeira idiota. Um apresentador

ainda mais idiota demora horrores para explicar a competição seguinte.

Perde o
interesse. De um aparelho de som escondido em algum lugar chega uma música. A
cerveja está gelada, mas lhe dá algum calor. Os amigos estão todos bem vestidos,
ou pelo menos se esforçaram para isso. Casacos azuis um tanto largos sobre os
jeans. É a elegância deles. Alguns estão até de terno, outros vestem calças de
veludo apertadas demais. De repente lembra do enterro de Pollo. Estavam todos lá,
e muitos outros. Com suas melhores roupas, todos muito sérios. Agora riem,
brincam, jogam fichas e papéis coloridos uns para os outros, arrotando, comendo
grandes fatias de panetone. Naquele dia, tinham os olhos cheios de lágrimas. Um
adeus a um amigo de verdade, um adeus sincero, comovido, do fundo do coração.
Parece que ainda pode vê-los naquela igreja, com os músculos sofridos, com suas
camisas justas demais, a expressão séria, acompanhando o sermão do padre, saindo
em silêncio. No fundo, garotas que mataram aula e que choram. Amigas de Pallina,
companheiras de noitadas, de saídas noturnas, de um chope no bar. Naquele dia,
todos sofreram de verdade. Cada lágrima foi verdadeira. Escondidos atrás dos Ray-
Ban, óculos espelhados ou escuros Persol, os olhos deles estavam úmidos diante
daquele "Tchau Pollo" feito de crisântemos rosados. Assinado
"Os amigos". Meu Deus, a falta que sinto dele. Por um momento, seu olhar
fica embaçado. Encontra um sorriso. Madalena. Está num canto, abraçada a um
sujeito que Step já viu várias vezes na academia. Sorri para ela e depois desvia o
olhar. Toma mais um gole de cerveja. Sente uma mortal falta de Pollo. Aquela vez

que fingiram ser guardadores de carros em frente ao Gilda e arrumaram uma
Ferrari com telefone e tudo mais. Ficaram a noite inteira rodando, falando com
todos, ligando para amigos nos Estados Unidos, para mulheres que acabavam de
conhecer, dizendo palavrões para pais ainda sonolentos. Quando foram levar de
volta o cachorro à Giacci. E Pollo que não queria devolver o bicho.
— Pô, acabei me apegando ao Arnold, cara. Esse bicho é muito maneiro.
Por que deveria entregar o cachorro àquela bruxa velha? Tenho certeza de que, se
pudesse escolher, o Arnold ficaria comigo. Puta merda, o coitado nunca se divertiu
tanto na vida, fode todos os dias, dorme comigo, come do bom e do melhor.
Poderia pedir mais?
— É verdade, mas ainda não conseguiu ensinar o bicho a trazer as coisas de volta. .
— Só ia precisar de mais uma semana, tenho certeza disso. Step ri e chama a
Giacci pelo interfone. Deixam o cachorro preso ao portão com uma corda.
Escondem-se ali perto, atrás de um carro. Vêem a Giacci sair correndo para libertar
o bicho e abraçá-lo. Começa a chorar, apertando-o junto a si.
— Puta que pariu, ela é mais feia do que o Merola — Pollo comenta. E, então, o inacreditável.
A Giacci tira do cão aquela coleira improvisada e a joga para longe. Arnold
pula e corre veloz, latindo como um doido. Logo em seguida, volta para a Giacci
com a corda na boca, abanando o rabo, orgulhoso daquela entrega perfeita. Pollo
não agüenta. Sai de trás do carro berrando de felicidade.
— Eu sabia! Porra, eu sabia! Ele conseguiu!
Ele quer pegar Arnold de volta. A Giacci grita, possessa, correndo na direção
dele, o cão continua olhando para aqueles dois estranhos amos. Step manda o
amigo sentar na moto puxando-o pelo braço. Então, saem em disparada, aos berros

como já fizeram mil vezes. De dia, de noite, com os faróis apagados, gritando até
perder o fôlego, abusados, donos do mundo, donos da vida. E a consciência disso
tudo o machuca ainda mais. Sentiam-se imortais, e não eram.

— E aí, como você está?

Step se vira. É Madá. Seu sorriso escondido atrás da borda de um copo cheio
de borbulhas, os seus cabelos tão elétricos quanto o seu olhar.

— Quer? — Step levanta a lata de cerveja.

— Ah — Madalena está um tanto decepcionada, mas procura esconder o
que sente -, o que você vai fazer de bom esta noite? Onde vai jantar? — Ela se
aproxima mais.

— Não sei, ainda não decidi.

— Por que não fica aqui, então? Estamos todos juntos. Como nos velhos
tempos.

Step a contempla por um momento. Quantas noites, quanta paixão. As
corridas com ela, o jardim, a janela, seu corpo fresco e quente ao mesmo tempo, as
músicas do Eros. O olhar provocante, o mesmo de agora. Step continua mais um
momento olhando para ela. Vê o rapaz no canto que o encara curioso, perturbado,
perguntando a si mesmo se deve intervir. Vê uma garota ainda mais distante, em
algum lugar da mesma cidade, num carro, numa festa, ao lado de mais alguém. Não
consegue entender como pode ser possível. Pois ela continua inteirinha ali, dentro
do seu coração. Step passa a mão no cabelo de Madá. Sacode a cabeça sorrindo. Ela
dá de ombros.

— É uma pena.

Madalena junta-se ao sujeito de olhar duro. Quando se vira, Step já se foi.

No degrau, há somente a lata de cerveja vazia. O barulho da festa encobre o estalo
da porta que se fecha. Agora está frio lá fora. Step fecha com cuidado o casaco

forrado com pele. Levanta a gola para proteger o pescoço e liga a moto, quase sem querer. Quando desliga o motor, está diante do condomínio de Babi. Fica ali, sentado na Honda, olhando as pessoas que passam apressadas, cheias de pacotes.

Um casal, de mãos dadas com um menino e uma menina, finge interesse por alguma coisa numa vitrine. Os presentes dos filhos já estão em casa, embrulhados.

O casal sorri achando que escolheu certo e vai embora, dando lugar para uma mãe com sua filha, ambas com o mesmo nariz, mas idades diferentes. Fiore sai da guarita, dá alguns passos diante da porteira e cumprimenta Step com um aceno da cabeça. Então, sem dizer uma palavra, volta ao calor do abrigo. Step fica imaginando se ele sabe de alguma coisa. Que besteira, claro que sabe! Os porteiros sempre sabem de tudo. Deve ter visto. Deve conhecer pessoalmente o que só lhe foi dito pelo telefone.

— Alô?

— Oi.

Ele fica um momento em silêncio, sem saber o que dizer, deixando o coração correr a mil. Já não bate tão apressado assim há mais de dois meses. Acaba soltando a mais banal das perguntas.

— Como vai?

E então mil outras, cheias de entusiasmo que pouco a pouco esmorece num mar de palavras inúteis. Frases feitas de notícias corriqueiras, de novidades já velhas, pelo menos para ele. Por que ligou? Ouve o inútil falatório repetindo a si mesmo a pergunta. Por que ligou? E, de repente, ele sabe.

— Step. . estou com outro.

Fica em silêncio, sentindo o golpe como nenhum outro que já recebera, ferido mais do que por mil socos, mil cabeçadas na cara, mil pontapés no estômago. Mais machucado do que por mordidas, arranhões e facadas.

Então, com
imenso esforço corre atrás da própria voz, encontra-a lá no fundo do coração e a
força a sair, controlada.
— Desejo que você seja feliz.
Mais nada. Silêncio. Aquele telefone mudo. Não pode ser. É um pesadelo.
Querer voltar no tempo e parar ali, logo antes de saber, sem mais viver, sem mais
seguir em frente. Parar num mágico, instável e terrível equilíbrio. Sozinho na cama,
prisioneiro de sua mente, de hipóteses, de idéias vagas e sem forma. Rostos de
pessoas vislumbradas, de possíveis amantes, aparecem e confundem-se, misturando
narizes, olhos, bocas e corpos. Imagina-a nos braços de outro. O rosto dela perto
do de alguém imaginário mas, infelizmente, real. E então a vê sorrir. Como deve ter
acontecido no primeiro encontro, no primeiro beijo. Imagina-a em casa,
arrumando-se nervosa antes de sair, experimentando roupas, combinando cores,
cheia de entusiasmo, de novidade. Sente o coração dela bater mais feliz ao ouvir o
interfone. Vê Babi sair do portão linda, como tantas vezes já esteve para ele. Ainda
mais bonita, pois não é mais para ele. Vê a menina entrar num carro na certa muito
caro, cumprimentar alegremente alguém com um beijo na face e ir embora,
conversando. Brilhantes e descolados, com um monte de coisas fáceis a se
contarem, cada um saboreando o perfume do outro e fantasias comuns. E, depois,
um jantar de cortesias, de olhares e sorrisos educados. Um jantar só para fazer
cena. Mais tarde, pode vê-los passear em algum lugar da cidade, longe dele, longe
da vida que já levaram juntos, longe das lembranças. Ela está agora afastando os
cabelos, daquele jeito que ele bem conhece, mas está com outro, e sorri enquanto

os lábios deles se aproximam.. Sofre mais do que nunca, para então perguntar a si
mesmo: se Deus existe, como pôde permitir uma coisa dessas? Por que não a
deteve? Por que naquele exato momento não lhe fez ver alguma coisa em mim,
alguma coisa maravilhosa, a lembrança mais linda, o brilho de um instante de amor?
Qualquer coisa, desde que pudesse evitar um futuro ligado àquele beijo que já foi
dado. Tarde demais.
Step sente um arrepio quente invadir todo o seu corpo, estremece. Então,
desce da moto e fica andando. Gosta de alguma coisa numa loja. Entra para
comprar. Ao sair, sente uma mão de gelo apertar o seu coração. Um Thema passa
rápido diante dele. Aquele breve momento é suficiente para que os seus olhares se
cruzem. É só um segundo, mas basta para que se contem tudo, para que sofram
horrivelmente, dessa vez novamente juntos. Babi está lá, atrás daquele vidro
elétrico. Ficam mais alguns instantes correndo atrás de velhas lembranças, com uma
renovada tristeza. Então, ela desaparece no condomínio. Por quê? Onde acabaram
todas as tardes, as noites clandestinas em que os pais estavam fora? E, agora, ao
lado dela há aquele cara. Quem será o filho-da-puta? O que é que ele tem a ver com
a vida dela? Com a nossa vida? Por quê? Senta na moto. Vai esperar por ele. Então,
se lembra de tudo aquilo que Babi não se cansava de dizer.
— Odeio os violentos, se você continuar a fazer o que quer, não podemos
continuar juntos, pode ter certeza disso.
— Tudo bem, vou mudar — resmungou.
E agora? Agora tudo mudou. Já não estão juntos. Não precisam mais se
esconder. Ele não precisa mais mudar. Pode ser ele mesmo, como e quando quiser.
Está livre, agora. Violento e sozinho. De novo. O Thema pára diante da

cancela.

Espera que se levante devagar e aí sai. Step liga a moto e engata a primeira. Desce

rápido do meio-fio e vai atrás do carro. O sujeito agora está só e guia depressa. Step

acelera. De qualquer maneira terá de parar no sinal. A rua Jacini está muito

movimentada, cheia de carros enfileirados. Como sempre. O Thema freia até parar.

Step sorri, encosta no carro. Está a ponto de desmontar quando compreende.

Adiantaria alguma coisa acertar a cara dele, ver o sangue jorrar, ouvir os seus

gemidos? Adiantaria lhe dar uns pontapés, arrebentar o carro, quebrar os vidros

com a cabeça dele? Isso, por acaso lhe devolveria os dias felizes passados com ela,

os seus olhos apaixonados, o seu entusiasmo? Faria, sem dúvida, com que dormisse

satisfeito aquela noite. Mas talvez nem isso. . Pois é, até parece que pode ouvi-la.

— Viu? Eu estava certa sobre você. Continua sendo um boçal, um violento!

Nunca vai mudar!

Então, sem olhar para dentro do carro, acelera. Segue em frente tranqüilo,

livre na moto, ágil no trânsito daquele dia de festa. Só, sem curiosidade, sem raiva.

Continua acelerando com o vento frio batendo no rosto, com o ar da noite

que lhe estufa o casaco.

Está vendo, Babi? Você não estava certa. Eu mudei. E, além do mais, é

Natal. Todos ficam mais bondosos no Natal.

Step entra em casa e já está atravessando a sala quando pára de repente.

Alguns ruídos chegam do aposento ao lado, ouve-se um alegre cantarolar. Abre a

porta da cozinha. Paolo está ali, de pé diante do fogão, mexendo em várias panelas.

— Ainda bem que você chegou. Pensei que não iria voltar! Está preparado

para essa ceia fabulosa?

Step senta à mesa. Não está muito a fim de brincar, mas ficou feliz. O irmão

esqueceu os problemas da noite anterior.

— O que está fazendo aqui? Não ia jantar com a Manuela?

— Compromisso adiado. Prefiro ficar com o meu irmão. Vamos combinar uma coisa, no entanto. Mesmo que a ceia seja uma porcaria, você vai deixar em paz os meus óculos.. — Paolo tira do bolso do casaco um par de óculos novos em folha. — Não vou mencionar quanto custaram pois você iria logo dizer que só penso em dinheiro. De qualquer maneira, é verdade, nessa época do ano os comerciantes metem realmente a mão, sem a menor cerimônia!

Paolo coloca sobre a mesa uma grande salada mista com lascas de parmesão e pedaços de cogumelos claros.

— Et voilà! Cozinha francesa!

Step repara que está usando um avental branco. O florido, presente de Babi, está pendurado ao lado da pia. Será que o irmão fez de propósito, pensando nele?

— Sem brincadeira, por que não foi jantar com a Manuela?

— Mas o que é isso, um interrogatório? É Natal, precisamos estar felizes. Vamos mudar de assunto que essa é uma história feia.

— Sinto muito. — Step pega uma lasca de parmesão e bota na boca.

— Tudo bem, mas tente não acabar com a minha salada. Que tal ir para a sala e pôr a mesa? As toalhas estão ali embaixo.

Step pega uma qualquer.

— Não, use a vermelha. Está limpa e é mais apropriada para o Natal. Por falar nisso, papai e mamãe telefonaram. . queriam lhe desejar boas festas. Poderia ligar para eles. .

— Já tentei. . só dava ocupado. — Step vai para a sala.

— Pode tentar de novo agora. . Ele acha melhor não responder.

— Como quiser. . Eu dei o recado. — Paolo queima o dedo ao conferir se a massa já está no ponto. Ele também decide não insistir.

Mais tarde, estão sentados um na frente do outro. Uma pequena árvore de Natal lampeja sobre um móvel ali perto. A televisão está ligada, mas sem som, apresentadores natalinos falam acompanhados pela música alegre do aparelho de CD. — Puxa, Paolo, essa massa está ótima. De verdade.

— Precisava de um pouco mais de sal.

— Para mim está muito boa assim mesmo. — Num piscar de olhos está

mais uma vez entregue às lembranças. Babi sempre botava mais uma pitada de sal
em tudo. Ele brincava com ela porque fazia isso sempre, com qualquer prato, antes
mesmo de provar.
— Pelo menos experimente, pode ser que já esteja até salgado demais.
-Você não entende, eu gosto é mesmo de botar o sal.. — Doce teimosia.
Não, não dá para entender. Como pôde acontecer? Como pôde acabar? Como é
que pode estar agora com outro? Revê o carro dirigido com mão firme. Imagina os
dois juntos, abraçados.
De uma coisa Step tem certeza. Aquele cara jamais poderá amá-la como ele a
amou. Não poderá adorá-la do mesmo jeito, não será capaz de perceber todos os
seus mínimos movimentos, os pequenos trejeitos do rosto dela. É como se só a ele
tivesse sido concedido ver, conhecer o verdadeiro sabor dos seus beijos, a
verdadeira cor dos seus olhos. Nenhum homem poderá jamais ver o que ele viu. E
aquele cara menos do que todos. A figura real, tosca, inútil, material. Imagina-o
assim, incapaz de amá-la, desejando apenas seu corpo, incapaz de vê-la de verdade,
de entendê-la, de respeitá-la. Não vai saber apreciar os seus doces caprichos. Não
vai amar a sua mão pequena, as unhas roídas, os pés meio gorduchos, a pequena
pinta um tanto escondida. Poderá até ver aquele pontinho preto, é verdade, mas
jamais amá-lo. Não do mesmo jeito. A tristeza toma conta dos seus olhos. Paolo
observa o irmão, preocupado.
— Está uma droga, não é? Se não quiser, jogue no lixo. Só espero que goste do resto.
Step levanta o rosto para o irmão e sacode a cabeça tentando sorrir.
— Não, mano, a massa está ótima.
— Quer falar a respeito?

— Não, é uma história triste.

— Pior do que a minha?

Step concorda com um movimento de cabeça. Sorriem um para o outro. Um olhar fraternal na verdadeira acepção da palavra, talvez somente agora, pela primeira vez. Então, de repente a campainha da porta. Um toque longo e decidido corta o ar trazendo consigo alegria e felicidade. Step corre para abrir.

— Oi, Step.

— Olá, Pallina. — Ele tenta disfarçar a decepção. — Quer entrar?

— Não, obrigada, só passei para desejar boas festas. Trouxe isso. — Ela lhe entrega um pequeno embrulho.

— Devo abrir agora?

Pallina concorda balançando a cabeça. Step vira o pacote entre as mãos para encontrar o melhor jeito. Desembrulha rápido. Uma moldura de madeira com o mais lindo presente que poderia desejar. Ele e Pollo na moto, abraçados, de cabelos curtos, de pernas para cima e a risada no vento. Uma fisgada no peito.

— É lindo, Pallina, obrigado.

— Nem pode imaginar como ele me faz falta.

— A mim também. — Só então repara na roupa de Pallina. Quantas vezes já viu aquela jaqueta de brim atrás da moto dele, quantas palmadas já deu nas suas costas, com amizade, com força, com alegria.

— Posso te pedir uma coisa, Step?

— O que você quiser.

— Me dá um abraço? — Step se aproxima receoso, abre os braços e a recebe. Pensa no amigo, em quanto ela estava apaixonada por ele. — Me aperte com força, com mais força, como ele costumava fazer. Sabe, ele sempre dizia. . que assim eu não ia conseguir fugir. Ficaria com ele para sempre. — Pallina apoia a cabeça no ombro de Step. — E, no entanto, quem foi embora foi ele. — Ela começa a chorar. — Não posso olhar para você sem me lembrar dele. Pollo adorava você. Dizia que só você o entendia, que vocês dois eram iguais.

Step olha para longe. A porta está levemente fora de foco. Ele aperta Pallina

com força, com mais força.

— Não é verdade, Pallina. Ele era muito melhor do que eu.

— É verdade sim. — Ela sorri fungando e, então, separa-se de Step. — Bom, agora vou voltar para casa.

— Quer que eu a leve?

— Não precisa, obrigada. O Dema está esperando lá embaixo.

— Dê um abraço nele por mim.

— Feliz Natal, Step.

— Feliz Natal.

Step a vê entrar no elevador. Pallina sorri mais uma vez, depois fecha a porta e aperta o botão "T". Enquanto desce, tira do casaco o maço de Camel Light.

Acende o último cigarro, aquele virado de cabeça para baixo. Mas fuma com tristeza, sem esperança. Sabe que o seu único desejo verdadeiro é irrealizável.

Step vai para o quarto e coloca a foto na mesinha-de-cabeceira. Ao voltar para a sala, encontra um embrulho ao lado do prato.

— O que é?

— O seu presente. Não sabia que no Natal a gente costuma dar presentes para as pessoas?

Step começa a desembrulhar o pacote. Paolo observa, sorrindo.

— Vi que queimou todos aqueles desenhos e achei que agora não tem mais nada para ler.

Step tira todo o papel. Tem quase vontade de rir. O meu nome é Tex. A história em quadrinhos que mais detesta.

— Se não gostar pode trocar.

— Nem pense nisto, Paolo. Obrigado. Esse eu realmente ainda não li.

Espere um momento, também tenho uma lembrança para você.

Logo em seguida volta do quarto com um estojo. Comprou de tarde, enquanto esperava diante do condomínio de Babi. Antes de vê-la. Melhor não lembrar.

— Pegue.

Paolo segura o estojo e o abre. Um par de óculos Ray-Ban Predator negros aparecem em suas mãos.

— São como os meus. Duríssimos, totalmente inquebráveis. Mesmo que alguém os jogue no chão. — Step sorri com ar zombe-teiro. — Por falar

nisso, não
dá para trocar.
Paolo experimenta. -Que tal?
— Ficaram ótimos. Puta que pariu, você até está parecendo um cara durão, um cara com quem é melhor não se meter.
Nesse exato momento, uma idéia se forma em sua mente de repente, clara, perfeita, divertida.
— Olha aqui, mano, tive uma idéia. E nem pense em dizer não como sempre. Hoje é Natal e não pode recusar!
O vento frio deixa os seus cabelos desgrenhados.
— Poderia ir mais devagar, Step?
— Mas só estou a oitenta.
— Na cidade não se deveria andar a mais de cinqüenta.
— Pare com isso. Sei muito bem que você se amarra. — Step acelera. Paolo segura-se nele com força. A moto corre veloz pelas ruas da cidade, atravessa
encruzilhadas, passa por sinais amarelos, silenciosa, ágil. Os dois irmãos estão em
cima dela, abraçados. A gravata de Paolo solta-se do casaco e desfralda alegre na
noite os seus losangos sérios. Mais acima, atrás dos novos óculos escuros, Paolo
olha assustado para a estrada, preparado para perceber qualquer perigo. Diante
dele, Step guia tranqüilo. O vento acaricia os seus Ray-Ban. Algumas pessoas
deixam apressadamente o carro em fila dupla na frente de uma igreja. Vão à missa.
Fé natalina, orações que o sabor do panetone tornam mais pesadas. Por um momento, até ele tem vontade de entrar, de pedir alguma coisa, de rezar.
Mas então fica pensando em que raio de interesse pode ter Deus por um
cara como ele. Nenhum. Deus é feliz. Ele tem as estrelas. Olha para o céu. Lá estão
elas, brilhando nítidas, imóveis, aos milhares. De repente, aquele azul parece-lhe
mais do que nunca longínquo, fora de alcance. Então, acelera enquanto o vento
castiga o seu rosto, enquanto os olhos começam lentamente a lacrimejar, e não

somente de frio. Percebe que Paolo se agarra com mais força.

— Devagar, Step. Estou com medo!

Eu também estou com medo, Paolo. Estou com medo dos dias que virão, de não conseguir agüentar sem aquilo que já não tenho, do que sobrará no vento.

Desacelera. Reduz suavemente as marchás.

Por um momento, quase lhe parece ouvir a risada de Pollo. Aquela risada alegre e espalhafatosa. O seu rosto, a sua voz amiga. — Porra, Step, estamos nos divertindo horrores, não acha? — E lavai cerveja, noite adentro, sempre juntos, sempre contentes, com vontade de viver, de brigar, com nem um único tostão furado no bolso, mas com sonhos para dar e vender. Então, acelera de novo. De repente, de uma hora para a outra. Paolo grita, enquanto a moto se levanta. Step continua assim, acelerando sobre uma roda só, empinando como nos velhos tempos, sorrindo para aquele maço de flores parado à beira da estrada.

Longe, bem longe dali, no sofá de uma casa elegante, dois corpos nus se acariciam.

— Você é linda — ela sorri, ainda um pouco envergonhada. — E isso? O que vem a ser isso?

Uma pontinha de constrangimento.

— Nada, apenas uma tatuagem.

— Uma águia, não é?

— Isso mesmo. — Então, uma amarga mentira. — Fiz com uma amiga minha. E, naquele momento, não há fogos de artifício no céu. Mas sim um sentimento de tristeza que toma conta do seu coração. E uma maldosa sina radiofônica parece persegui-la, quase puni-la. Beautiful. A música deles. Babi começa a chorar.

— Por que está chorando?

— Não sei.

Não encontra uma resposta. Talvez porque não haja uma.

Em outros lugares, há pessoas jogando e fazendo algazarra. Fichas coloridas são atiradas sobre o pano verde. Velhas vovós são levadas de volta para casa. Uma

jovem morena adormece romântica, abraçando o travesseiro. Sonha encontrar

aquele rapaz que viu passar.

A roda volta suavemente para o chão, do mesmo jeito com que se levantou, sem problemas.

Paolo pode respirar novamente. Step reduz a velocidade e sorri.

É verão. Ambos são ainda crianças. A mãe e o pai estão lá, felizes sob o

guarda-sol. Conversam espichados em duas espreguiçadeiras azuis, aquelas com o

nome do balneário. Step sai da água correndo para eles, de cabelos molhados e

gotas salgadas que lhe escorrem nos lábios.

— Mãe, estou com fome!

— Primeiro precisa tirar esse calção molhado, depois, ganha pizza.

A mãe o envolve numa grande toalha que mantém firme sobre os ombros

dele, sorrindo. Ele puxa o calção molhado e, com medo de ficar nu, veste rápido o

seco. Tenta não sujá-lo com a areia molhada e mais escura que ficou nos

tornozelos. Não consegue. Sorri mesmo assim. A mãe o beija. Tem lábios macios e

quentes, e um perfume de sol e creme. Step sai correndo feliz, segurando o seu

pedaço de pizza. Macio, ainda quente, com as bordas crocantes, justamente como

ele gosta.

Bem devagar a moto começa a virar. Está na hora de voltar para casa. Hora de recomeçar. Sem pensar demais.Com uma única pergunta. Será que algum dia voltará lá para cima, para aquele lugar difícil de alcançar, onde tudo parece mais bonito? E, na mesma hora em que formula a pergunta, infelizmente, já sabe a resposta.

http://groups-beta.google.com/group/digitalsource
http://groups-beta.google.com/group/Viciados_em_Livros